

LÍVIA MAYER

ESTRELAS
CADENTES

O CRISTAL DOS DESEJOS



PERIGOSAS NACIONAIS

LÍVIA MAYER

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ESTRELAS CADENTES O CRISTAL DOS DESEJOS

Primeira Edição: novembro de
2018



PERIGOSAS ACHERON

COPYRIGHT © 2018 LÍVIA
MAYER

Todos os direitos reservados

Coordenação Editorial e Revisão
Livia Mayer e Liliane Carla

Capa
Deisy Monteiro

Vetores
Pixabay

Nenhuma parte deste e-book pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de

informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de uma resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO



ESTRELAS CADENTES O CRISTAL DOS DESEJOS

COPYRIGHT © 2018 LÍVIA MAYER

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

[CAPÍTULO 57](#)

[CAPÍTULO 58](#)

[CAPÍTULO 59](#)

[CAPÍTULO 60](#)

[CAPÍTULO 61](#)

[CAPÍTULO 62](#)

[CAPÍTULO 63](#)

[CAPÍTULO 64](#)

[CAPÍTULO 65](#)

[CAPÍTULO 66](#)

[CAPÍTULO 67](#)

[CAPÍTULO 68](#)

[CAPÍTULO 69](#)

[CAPÍTULO 70](#)

[CAPÍTULO 71](#)

[CAPÍTULO 72](#)

[CAPÍTULO 73](#)

[CAPÍTULO 74](#)

[CAPÍTULO 75](#)

[CAPÍTULO 76](#)

[EPÍLOGO](#)

[RECADO DA AUTORA](#)

[AS ESTRELAS NOS GUIARÃO DE VOLTA](#)

[COPYRIGHT © 2018](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[SINOPSE](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SOBRE A AUTORA

OBRIGADA POR LER

PERIGOSAS ACHERON

DEDICATÓRIA



À todos que acreditam no amor e na
sua magia.

AGRADECIMENTOS



À Deus. Sou grata a Ele por ter me dado inspiração para escrever esta história e por ter me concedido graça para finalizá-la. Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À Liliane Carla, Thayná Moraes, Tágilla Tatielly, Ana Beatriz, Larissa Santana, Rafaela Cunha, Nilma Mata, Lidianne Rosa, Marcia de Oliveira por sempre me incentivarem a continuar escrevendo e por estarem comigo desde o início. Amo muito vocês!

À autora Deisy Monteiro por mais uma capa lindíssima. Muito obrigada por sua amizade e disponibilidade. Te colocar como rainha nesta história ainda é pouco pelo que sempre tem me ajudado.

À todas as minhas amigas lindas e leitoras do Wattpad, em especial à Ingrid Miranda, Sherlley — rainha poderosa —, Carol, Liandra, Raquel, Amanda, May, Anali, Renata, Fe Costa, Victória, e tantas outras que fizeram esse romance crescer. Amo vocês!

A você que está lendo este e-book. Obrigada por dar um voto de confiança à história que escrevi com todo o meu

coração. Estrelas Cadentes é uma história que mexeu muito com a minha cabeça, foi um desafio escrevê-la e uma satisfação enorme concluí-la.

Espero que esta história te envolva, mexa com seus sentimentos e toque o seu coração tanto quanto ela tocou o meu.

EPÍGRAFE



“O Amor Verdadeiro não é fácil,
mas devemos lutar por ele. Porque
quando você o encontra, ele nunca
poderá ser substituído.”

Once Upon A Time

PRÓLOGO

 **E**m uma era de reis e rainhas, príncipes e princesas, bruxas e fadas, amores e paixões, existia um reino chamado Sunset Valley que era governado por Frederick, um rei bom e justo. O filho primogênito do rei se chamava Luan, um príncipe valente e incrivelmente belo que estava predestinado a herdar o trono de seu pai. Desde cedo Luan foi treinado para ser um verdadeiro rei, mas esse não era bem o desejo do jovem príncipe.

Rainha Sherlley e seu rei Benjamin se apaixonaram, se casaram e tiveram uma filha que foi chamada de Clara. Alguns bons anos depois chegou a pequena Emanuely e todo o reino de Isla Vista se tornou em festa, mas nem todos contos terminam com finais felizes, às vezes um "Era uma vez" pode ser seguido por um momento triste e trágico; assim aconteceu com a bela jovem Sherlley que foi vítima de uma terrível maldição lançada por

uma bruxa.

Meredith era uma mulher linda, porém possessiva e capaz de conseguir tudo o que queria, e assim, conseguiu conquistar o coração do jovem e formoso rei Benjamin, se tornando a nova rainha de Isla Vista.

Quando o príncipe Luan nasceu, todo o reino se tornou em festa, era o sucessor do trono real. Num belo dia o rei Frederick e sua esposa, a rainha Deisy visitaram um reino vizinho, o reino de Isla Vista, onde conheceram o rei Benjamin e sua esposa Sherlley, ainda viva na época.

Príncipe Luan, e princesa Clara foram prometidos em casamento desde crianças. O acordo foi selado entre os dois reinos; quando o príncipe atingisse a maioridade ele se casaria com a princesa que era apenas um ano mais jovem.

O pequeno príncipe mui esperto, aproveitou enquanto seus pais se distraíram entre conversas, e beijou a pequena princesa. A menina ficou brava e ele, como não era uma criança que se podia chamar

PERIGOSAS NACIONAIS

de anjo, ficou encantado com a forma que tinha conseguido aborrecer a garotinha.

Luan adorava tirar as pessoas do sério.

Após a trágica morte da rainha Sherlley, Clara e Emanuely foram enviadas para um reino distante, graças à sua madrasta Meredith. Era uma espécie de convento onde Clara se preparou para ser uma boa esposa e rainha de seu futuro reino. A jovem princesa cuidou de sua irmãzinha e retornou ao seu reino natal, Isla Vista, quando já estava no tempo de se casar.

Rei Benjamin fazia tudo o que sua nova amada esposa o dizia. Ele parecia viver sob o encanto de Meredith, porque ficou anos longe de suas filhas e nem ele mesmo era capaz de explicar como conseguia ser tão capacho, digamos assim.

Os anos se passaram, o jovem príncipe Luan mandava e desmandava em todo o reino, e por causa de sua bela aparência e boa lábia, se aproveitava de todas as moças e até mesmo as da aldeia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um de seus passeios enquanto cavalgava, Luan ouviu gritos e pelo som não estava muito longe dali. Continuou cavalgando à procura de onde vinha o grito, quando chegou à beira de um penhasco avistou uma formosa jovem de cabelos loiros e olhos azuis como as águas cristalinas. Ele desceu do cavalo e não negou ajuda, estendeu-lhe a mão para que ela se apoiasse e pudesse voltar à superfície.

— Não consigo decidir se deixo você salvar minha vida ou se prefiro cair neste precipício. — disse a princesa.

— Está prestes a desabar penhasco abaixo e ainda ousa ser arrogante? Eu deveria deixar que morresse. — o príncipe mostrou seu jeito rude e sua bravura, ameaçando dar-lhe as costas.

— Espere! Tudo bem, será que pode me ajudar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

 **P**rincesa Clara acordou em seu quarto no castelo, sentindo a cabeça doer e tendo dificuldade para abrir os olhos devido à forte luz que invadia o ambiente através das grandes janelas.

Os cabelos louros como o sol num dia de verão estavam soltos e espalhados pelo travesseiro feito de penas de ganso. Esfregou as mãos no rosto tentando despertar, encarou o teto alto por alguns minutos colocando os pensamentos no lugar. Olhou ao redor e tudo era o mesmo que se lembrava, a cama de casal coberta por um dossel que combinava perfeitamente com os lençóis, os móveis coloniais, a penteadeira com um espelho em formato oval. Tudo estava em seu devido lugar não fosse o fato de ter um livro sobre a mesa de madeira no canto do cômodo, e sobre este livro, um pergaminho. Rapidamente a princesa levantou-se da cama, pegou o rolo de papel e abriu.

Era uma carta.

"Meu amor, eu sei que você não faz ideia de que estou escrevendo isso aqui, mas era algo que neste dia especial, eu precisava fazer. Depois do jantar ontem à noite, resolvi que era hora de escrever para você sobre tudo o que eu me lembro e sobre como as nossas vidas chegaram exatamente como estão agora. A data escolhida foi o aniversário de sua irmã. Emanuely ainda é muito pequena para entender essas coisas, mas você é uma moça inteligente e sei que compreenderá.

Assisti aquela cena como se não fosse algo real, como se fosse um sonho ou o pior dos pesadelos, como se eu não estivesse ali no chão vendo tudo aquilo com os olhos que Deus me deu. Sua mãe caiu ao meu lado sem que eu tivesse tempo de segurá-la, mas ainda estava acordada. Não houveram palavras trocadas, ela tentava dizer algo, mas não conseguia, não era forte o bastante e eu estava em choque, não conseguia nem abrir a boca. As lágrimas de desespero quase me cegaram, mas eu ainda podia ver o rosto de Sherlley, o rosto de minha amada esposa contorcendo-se de dor,

PERIGOSAS ACHERON

implorando por um ar que não chegava mais aos seus pulmões. Ela salvou a vida da nossa pequena bebê quando a maldição foi lançada, salvou a vida que nós dois tínhamos feito juntos. Você não estava lá, estava tendo aulas de piano. Graças ao bom Deus você não estava lá. Uma multidão formou-se rapidamente em volta de sua mãe e eu não vi o que aconteceu com a bruxa, ela não estava mais ali, não consegui identificar seu rosto. Ela desapareceu completamente. Tentaram me tirar de perto de Sherlley, mas eu não deixei que fizessem aquilo, até porque, ela usava suas últimas forças para segurar firme em um dos meus braços e tocar meu rosto com a outra mão. Eu carregava Emanuely em meus braços, e a queria ali. Quando os olhos de sua mãe se fecharam lentamente, como os de alguém que está cansado demais para lutar contra o sono, eu sabia que não se abririam mais. Diziam que eu precisava ser forte, porque iria superar. Superar o quê? Sempre me perguntava dentro da minha cabeça. Superar o amor da minha vida? Eu não queria superar e nem sabia como aquilo seria possível. Então fui me aconselhar com um sábio ancião do reino. Ele me disse que o luto é como uma mala que fica guardada no armário; alguns

dias você a pega e ela está cheia de coisas, pesada demais, tanto é que você sente que não consegue carregá-la, que é melhor desistir. Mas então, no dia seguinte ela está leve como uma pena, nada dentro, apenas coisas boas. E aquilo, segundo o ancião, era superar. Aquela fora a maior verdade que ouvi sobre o luto. Entretanto, não me impede mais de viver, não me faz mais querer desistir de tudo. E para mim, existiu sim um remédio que tornara tudo melhor. Minhas duas filhas. E isso me leva a outra lembrança importante... Eu me sentia bem como se tudo fosse ficar em paz, era tudo por sua causa e pela sua irmã. Você parecia tão pequena, mesmo já sendo uma mocinha de quinze anos, mas tão forte ao mesmo tempo, e eu sabia que não poderia deixar que nada te fizesse frágil e incapaz como eu estava me sentindo desde que minha esposa tinha sido tirada de mim. De nós. Você ainda menina ajudava a cuidar de sua irmã com a mesma doçura e delicadeza que sua mãe tinha. Eu sorri quando meus olhos avistaram você e sua irmã juntas, unidas, como sua mãe gostaria que fosse. Mais do que tudo isso, a certeza que eu tenho de ter vivido o amor verdadeiro com a pessoa certa e a sensação de amar e ser amado na

mesma medida. Essas sim são as coisas que me recordarei mais vezes agora, são o reflexo e a prova de que vivi uma vida boa ao lado de Sherlley e essa vida boa deixou frutos que jamais poderão ser apagados ou esquecidos. Frutos como sua irmã e você, minha filha."

Após ler a carta escrita por seu pai, Clara banuiu as lágrimas que desciam insistentemente por seu rosto. Chorava e sorria ao mesmo tempo.

Sentia muita saudade. A pequena Emanuely já estava acostumada a não ter a mãe por perto, afinal, ela nem sequer se lembrava da rainha Sherlley não fosse a bela pintura sobre a parede na sala do trono.

Clara caminhou a passos lentos, não queria fazer barulho e parecia ainda cedo. A barra de sua camisola longa arrastava pelo chão do castelo enquanto caminhava até o único lugar onde ainda parecia existir a presença de Sherlley.

A pintura sobre a tela fora criada pelo pintor oficial do rei. O rosto da rainha tão expressivo parecia ter ganhado vida naquele quadro. Os longos

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos acobreados emolduravam seu belo rosto. A pele alva como a neve. Os olhos azuis que se confundiam com tons de verdes, os olhos mais bonitos que todo o reino de Isla Vista já haviam apreciado.

Uma boa rainha que era o braço direito de seu amado esposo. Sherlley fora muito amada por seus súditos. As pessoas a adoravam e devotavam fidelidade e respeito aos governantes de Isla Vista. O mesmo já não era possível dizer quando a rainha Meredith assumiu o trono.

Rainha Sherlley havia deixado saudades.

Princesa Clara ficou ali admirando sua mãe. O talentoso pintor conseguira de forma louvável capturar a beleza daquela mulher. Clara sentia-se perto de sua mãe enquanto admirava seu rosto lindamente desenhado pelas mãos de um artista.

Automaticamente seus delicados dedos tocaram o colar sobre seu pescoço. O colar com o pingente de camafeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O único objeto que restou e pertencera à sua mãe.

Clara nunca tirava o colar do pescoço. Era como se estivesse carregando sua mãe consigo.

O que a princesa não sabia, era que aquele camafeu era mais do que uma simples joia.

Dentro dele escondia-se um segredo que ela não tinha conhecimento.

Apenas uma pessoa conhecia o que estava dentro dele.

Um cristal.

E não era qualquer cristal.

Era o cristal dos desejos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

 **E**ra manhã do aniversário de vinte e um anos do filho do rei Frederick. Durante a noite haveria uma grande festa em comemoração à maioridade do príncipe e todos do reino foram convidados, além de alguns nobres e familiares distantes.

O castelo estava a todo vapor, pessoas andavam de um lado para o outro apressadas, os empregados do castelo limpavam, organizavam e decoravam o grande salão de festas. O cozinheiro com a ajuda de alguns empregados preparava a comida e o bolo, o qual o rei deu instruções específicas de como deveria ser o resultado final. Rei Frederick, e seu filho Luan tomavam café da manhã sozinhos.

— Onde está a mamãe? — perguntou Luan com a boca cheia.

— Provando o vestido para a festa. E você o que irá vestir? Afinal é seu grande dia. — disse o rei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não será meu grande dia e sim uma festa ridícula. — Luan como sempre era mal-humorado logo de manhã. — Mas como meu querido pai está me obrigando e eu não posso ir à festa nu, o alfaiate preparou um traje para mim. — Completou com um sorriso falso no rosto.

— É o seu aniversário, meu filho, deveria estar feliz.

Rei Frederick olhou para seu primogênito, nunca entendeu porque Luan era sempre explosivo, diferente de seu irmão caçula Lincoln.

— Eu não gostei nada dessa sua ideia de fazer uma festa, majestade, aliás, eu acredito que quem deveria decidir se haverá uma festa ou não sou eu. — Luan falou repentinamente fazendo Frederick trincar o maxilar e balançar a cabeça negativamente enquanto encarava o filho.

— Apesar do motivo principal ser o seu aniversário, essa festa também é para você conhecer a sua pretendente.

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor quis dizer futura esposa, porque pelo que sei esse casamento está programado para acontecer desde que nasci.

Luan riu de forma debochada enquanto degustava um cacho de uvas.

A futura esposa do príncipe era uma jovem de vinte anos, muito bonita e treinada para ser uma boa esposa e rainha. Clara foi prometida ao príncipe Luan quando ainda era apenas uma menina. Os dois não se viam a anos, mas sabiam da existência do acordo selado por seus pais, que quando o príncipe atingisse a maioridade eles se casariam.

— Somos a família real, logo temos que fazer de tudo em nome do reino. Será que pode entender isso?

Frederick estava sentado à cabeceira da extensa mesa de madeira e Luan estava à sua esquerda revirando os olhos de forma impaciente.

— Não, eu não entendo. — Luan bufou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vossa Majestade não se preocupou a perguntar se é realmente isso o que eu quero, não é mesmo? — confrontou.

— Você vai se casar e ponto final. — O rei declarou batendo na mesa com força. — Enquanto eu viver terá que me respeitar e respeitar sua mãe também. Mal saiu das fraldas e acha que pode desacatar seu próprio pai?

Luan se levantou rudemente e foi em direção à saída do cômodo, dando as costas para seu pai, virando de frente novamente apenas para respondê-lo.

— Se eu mal saí das fraldas é sinal de que eu ainda não posso me casar.

Antes que o rei pudesse responder, uma das servas se apressou em perguntar:

— Não vai terminar de comer, alteza?

— Perdi a fome, obrigado. — Foi tudo o que ele disse antes de sair batendo os pés.

PERIGOSAS ACHERON

A relação pai e filho entre os dois não era uma das melhores, mas também não era uma das piores. Frederick amava o filho e Luan amava o pai e isso que importava, mesmo os dois tendo opiniões bem distintas.



— E então Clara, conte-me direito como foi isso? Foi salva por um desconhecido na floresta? — perguntou Miranda.

Era a melhor amiga de Clara, as duas estavam no castelo se arrumando para o baile do príncipe que seria muito em breve o marido da princesa.

— Sim, foi quase isso.

Clara arrumava o vestido em frente ao espelho, sua criada tinha sido dispensada enquanto Miranda lhe fazia companhia.

— E como ele era? Era um príncipe? Me diga, não estou aguentando de tanta curiosidade.

— Miranda. — Virou de frente para a amiga. —

Ele era... lindo. — Suspirou. — Mas um completo idiota também. Até os cavalos são mais educados.

— Hm, eu gostaria de tê-lo visto. Já que irá se casar, poderia ter me apresentado a esse tal príncipe misterioso. — disse em tom de brincadeira.

— Sim, amiga. Mas ele não era para você. — Sorriu. — Como estou?

— Uma princesa linda. O príncipe ficará caidinho de amores.

— Isso pouco importa.

Clara virou-se ficando de frente para a amiga.

— Eu não quero me casar, não assim de maneira forçada, sabe? Eu nem sei se irei gostar dele, quero me casar por amor.

— Eu te entendo, alteza. Mas talvez nem seja tão ruim assim, Clara.

— Diz isso porque namora com todo ser

PERIGOSAS ACHERON

humano que usa calças.

— Os seres humanos que usam calças são tudo de bom. — disse maliciosa.

— Credo! Não quero nem pensar.

Miranda riu pelo jeito que sua amiga ficou com o rosto corado.

Ouviram batidas na porta e ela logo se abriu. Era o rei Benjamin.

— Filha, está linda! Pronta para conhecer seu noivo? — perguntou segurando as mãos de sua primogênita.

— Bom, na verdade não... — ela fitou os olhos do pai tão azuis quanto os seus próprios. — Papai, vossa majestade sabe como eu sou contra tudo isso.

— Eu sei minha querida, mas você irá gostar de seu futuro marido. E você já está na idade de se casar, de construir a sua família e futuramente governar o seu reino. — Ele tocou o rosto bonito de

PERIGOSAS NACIONAIS

sua princesa. — Melhore essa carinha, gosto de ver você sorrindo, me lembra muito a sua mãe.

Os olhos intensamente azuis do rei admiraram a beleza de sua filha. Os cabelos estavam presos com uma trança formando um diadema. O vestido era lindo, azul claro com mangas compridas e com bordados que se estendiam por todo o corpete. A parte de baixo era de um tecido esvoaçante. Muito bonito.

A princesa abraçou seu pai, que lhe acolheu em seus braços, recebendo um beijo no alto de sua cabeça. Miranda tinha saído discretamente, deixando os dois à sós.

Logo foram interrompidos por rainha Meredith que adentrou o cômodo trazendo consigo o seu perfume forte e sedutor.

— Podemos ir? A carruagem já está à nossa espera.

— Sim, meu amor. — O rei assentiu e lhe deu a mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Está bonita, princesa. — Meredith falou para Clara arqueando a sobrancelha. — Espero que tenha ao menos a capacidade de agradar ao príncipe, seu futuro marido.

Clara respirou fundo para não lhe responder mal, apenas lhe lançou um sorriso falso enquanto caminhavam para fora do quarto.

A princesinha Emanuelly estava radiante com seu longo vestido cor-de-rosa que cintilava conforme a luz caía sobre o tecido delicado.

Já era noite praticamente quase na hora da festa e Luan se encontrava em seu quarto vestindo seu traje elegantemente bordado que o alfaiate do castelo tinha deixado mais cedo naquele dia. Suas vestes reais eram compostas por calça e o blazer azul-marinho com bordados dourados.

Já devidamente vestido, Luan foi até seu armário de onde tirou sua coroa, a qual ele ganhara de seu pai em seu aniversário de dezoito anos. Ela era linda, com detalhes precisamente desenhados e algumas safiras azuis. Ele ajeitou seus cabelos e a colocou, geralmente no dia-a-dia ele não a usava,

como aquele era um dia relativamente especial, ele usaria.

Ele se olhou no espelho e ouviu batidas na porta.

— Pode entrar. — disse ainda se olhando no espelho de corpo inteiro.

O príncipe ouviu a porta ser aberta e virou-se para olhar quem entrava.

— Para uma pessoa que não queria uma festa, você se arrumou até demais. — disse a rainha Deisy.

— Pretendo não terminar esta noite sozinho.

— Luan... Você se casará em breve e terá filhos, cuidará do reino. Não pode continuar com essa vida desregrada, filho. — a voz da rainha era doce e calma, assim como todo seu semblante sereno.

Luan apenas revirou os olhos.

— Como se sente prestes a conhecer a sua

princesa?

— Eu só espero que ela seja bonita. — O príncipe riu vendo sua mãe sorrir. — Eu não sei... — ajeitou pela última vez seu traje em frente ao espelho. — Eu realmente não acho certo meu pai me obrigar a se casar. Ainda mais com alguém que eu nem conheço.

— É uma linda donzela, tenho certeza disso.

Rainha Deisy sorriu admirando o filho, sentia-se orgulhosa por ver seu menino um homem crescido, e esperava que ele criasse juízo em sua cabecinha imatura.

— Está linda, mamãe. — Luan declarou, admirando o belo vestido de luxo que caía tão bem no corpo de sua mãe. O tecido nobre em tons de violeta com bordados bege.

— Obrigada. — Ela sorriu, seu sorriso calmo. — Crie juízo, criança. — disse tocando o rosto bonito de seu filho.

Ouviram novamente batidas na porta e autorizaram a entrada.

— A princesa Clara de Isla Vista e sua família chegaram. — Avisou uma das criadas oficiais do castelo.

Luan e sua mãe assentiram deixando o cômodo. Luan estava confiante como sempre foi, e mais ainda ansioso para ver sua futura esposa.

CAPÍTULO 3

 **N**o caminho para a grande festa, Clara estava ansiosa e ao mesmo tempo nervosa, e isso deixava sua madrasta Meredith irritada mais do que ela já estava.

— Tomara que ele goste de você.

— Ele irá gostar. — Benjamin sorriu olhando para a filha.

— Já estamos chegando? — princesa Emanuely perguntou olhando através janela da carruagem.

— Só mais um pouco e logo chegaremos. — respondeu o rei.

— Qual é o nome mesmo dele? — Clara perguntou olhando para seu pai.

Mas foi sua madrasta quem respondeu.

— Luan, dizem que ele é muito bonito.

— Beleza não é tudo. — Clara olhava pela janela enquanto tentava manter-se calma. As mãos inquietas remexiam-se impacientes sobre o colo.

— Talvez não, mas é importante. — disse a rainha.

O restante da viagem foi tranquila e silenciosa. Logo quando se deram conta, a carruagem já estava adentrando os grandes portões de ferro do castelo de Sunset Valley, e mais rápido ainda parando em frente às grandes portas de madeiras que estavam abertas. Puderam ver a grande iluminação e o movimento de dentro do castelo. As árvores frondosas com folhagens alaranjadas cercavam toda a extensa propriedade.

O lugar era perfeito.

Ao sair da carruagem, Clara ficou admirada, pois naquele momento o grande castelo do reino de Sunset Valley estava iluminado, o que completava a beleza espetacular do lugar durante a noite.

Enquanto caminhavam foram recebidos por um dos oficiais mais próximos do rei que estava parado em frente a porta.

— Eu estava os aguardando. — disse o homem inclinando o pescoço para reverenciar o rei, a rainha e a princesa. — Majestade, alteza, sejam bem-vindos.

Todos seguiram até o interior do castelo e ao entrar, ficaram ainda mais admirados, pois tudo era ainda mais bonito por dentro. As paredes de tijolos brancos, os quadros que nelas estavam expostos e os móveis de ouro combinavam em perfeita harmonia trazendo um ar de riqueza e poder que encantaria a qualquer pessoa.

Seguiram serviçal até o grande salão que estava lotado de pessoas, algumas conversavam, pareciam felizes, exceto Clara que não estava nem um pouco contente com a ideia de se casar, ainda mais com alguém por quem não nutria sentimento algum.

Enquanto isso, o príncipe Luan caminhava acompanhado de seus pais rumo ao salão.

— Espero que não seja grosseiro com a princesa. — Rainha Deisy o alertou.

— Não serei. — Luan respondeu com um sorriso que seria capaz de convencer qualquer

PERIGOSAS ACHERON

pessoa.

— Promete que irá se comportar?

— Não posso prometer nada, majestade. —
Ironizou fazendo sua mãe balançar a cabeça
negativamente.

— Você está bonito. — A rainha olhava seu
filho, orgulhosa por seu primogênito ser tão bonito,
o que era verdade.

Luan era dono de uma beleza totalmente natural.
Seus olhos castanhos como os de seu pai,
misteriosos e muitas vezes sem emoção. Bonitos
cabelos castanhos devidamente penteados sob a
coroa. Não houvera uma única mulher que Luan
não pudesse conquistar. Muitas vezes ele fora
comparado a um anjo, por sua beleza, mas também
fora comparado a um demônio, por ter
temperamento forte, que muitas vezes era
impiedoso e explosivo.

— Eu sei, mãe. Já disseste isso pelo menos
umas três vezes hoje.

— Eu gostaria que seu irmão estivesse aqui.

— A senhora sabe como Lincoln adora fugir das festas e dos compromissos oficiais. Ele não é como eu que estou sempre por perto, para a sua felicidade. — Gabou-se sorrindo.

Antes que a rainha Deisy pudesse responder, os guardas soaram os trompetes para a entrada da família real, trazendo todos os olhares em sua direção.

Princesa Clara estava com os olhos atentos no seu futuro marido. As palmas de suas mãos suavam de nervoso e ansiedade.

— Então é ele? — perguntou ao seu pai.

— Sim, é ele, o aniversariante. — respondeu Benjamin, com um pequeno sorriso no rosto.

Os olhos da pequena Emanuelyly brilhavam enquanto admirava o príncipe. Em sua mente infantil, os príncipes eram como seres perfeitos.

Inocente.

Luan após sua entrada cumprimentou alguns familiares mais próximos como seus primos das ilhas do Sul, além de alguns nobres, os quais seu

pai havia convidado. O jovem príncipe foi paquerado diversas vezes por princesas e até mesmo por sua prima mais próxima, no entanto, nenhuma delas havia lhe despertado desejo. Diversas vezes foi para a cama com uma ou outra, mas por todas serem iguais, boazinhas demais, enfim, eram chatas na sua opinião.

Quando finalmente Luan conseguiu se livrar das jovens e apenas respirar fundo e tomar uma bebida, ele avistou uma mulher devorando a mesa de doces, por um instante o príncipe viu-se sorrindo da cena, mas não em forma de zombaria, e sim por achar interessante tamanha situação.

O príncipe a observou por instantes e tomou a atitude de ir talvez conversar com a mulher, que lhe despertou uma curiosidade, afinal, ela era bonita.

Incrivelmente bonita e sexy.

— Pelo menos alguém está aproveitando a mesa de doces. — Luan comentou aproximando-se da mulher que olhava assustada. — Não estou brigando com vossa majestade, não tenha medo.

Ele sabia que ela era uma rainha, porque usava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma coroa e sua beleza era excepcional.

— Não estou com medo.

— Príncipe Luan. — Estendeu a mão para a mulher enquanto esperava que ela lhe estendesse a sua para que ele pudesse beija-la.

— Eu sei quem você é. — ela respondeu de maneira rude.

Seus olhos admiravam o belo rapaz de alto a baixo.

— Claro, mas eu não sei quem é vossa majestade.

— Meredith.

— Belo nome, igual a dona dele. — Luan falou com seu ar galanteador, fazendo a rainha franzir as sobancelhas.

— Está me paquerando, alteza?

— Não sei, — deu de ombros. — Está funcionando?

— Com certeza não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que pena, tinha planos de dormir acompanhado hoje. — Luan riu de seu próprio flerte, mas desta vez Meredith o encarou séria.

— Você nem me conhece, garoto. E se isso não for bastante o suficiente, posso dizer que sou sua quase futura sogra. — a rainha respondeu com um sorriso falso.

— O quê? Está me dizendo que é a mãe da princesa com quem irei me casar?

— Quase isso, rapaz. Sou a madrasta.

Luan analisou melhor o rosto da mulher, já que o corpo estava escondido no vestido luxuoso. Apenas o alto de seus seios ficava um pouco à mostra.

Eram bonitos, constatou.

— Então me conte sobre vossa majestade... — Luan tomou um gole de sua bebida enquanto esperava a resposta da mulher à sua frente.

E antes que Meredith pudesse responder algo, outra voz masculina surgiu ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Parece que está se entendendo com o meu futuro genro. — Rei Benjamin falou tentando ser simpático.

— Sim, claro. — Meredith sorriu. — Tenho que ter um bom relacionamento com o nosso futuro genro.

— Minha filha está ansiosa para conhecê-lo. — o rei falou para Luan.

— Ah, claro. — Ele assentiu. — Também estou ansioso para conhecê-la.

Caminharam em silêncio até o outro salão e então Luan pôde avistar sua futura esposa caminhando em sua direção. Então ele forçou as vistas para se certificar de que não estava tendo alucinações.

Era aquela sua noiva?

Ele não poderia mentir, a garota era linda e simpática, mas para ele, Meredith era quem havia lhe chamado a atenção com seus lábios bem delineados, seus longos cabelos negros presos no alto da cabeça, num penteado elegante; mas esses

pensamentos tinham que sumir, pois logo eles seriam relativamente parentes.

— É você?

Luan e Clara disseram juntos ao ficar frente a frente.

CAPÍTULO 4



— Eu nunca pude imaginar que a senhorita é minha futura noiva.

Luan estava literalmente de boca aberta.

Não era possível que a futura esposa do príncipe era a mesma donzela que ele resgatara dias atrás na floresta.

— Muito menos eu imaginaria isso.

Clara respondeu sem conseguir esconder o desânimo no tom de voz e na expressão em seu rosto bonito e levemente corado.

— Bom, acho que devo tirar-lhe para dançar. — Luan mantinha uma expressão nada contente, mas uma coisa ele não podia negar.

— Se não existe outra forma. — Clara deu de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros e Luan lhe estendeu a mão.

O príncipe olhava sua futura princesa, analisando suas expressões.

Ela era delicada e bonita.

Muito bonita.

— Então a princesa mandona, mimada e perdida na floresta é a minha noiva. — Luan soou totalmente irônico.

— Ora, ora. Eu era quem deveria estar surpresa com o meu noivo. Só ouvi falar coisas péssimas a seu respeito.

Clara encarava os intensos olhos castanhos de Luan, que a conduzia a passos lentos no grande salão do castelo onde todos os casais dançavam.

Ela tinha que admitir que ele era bonito.

Tão bonito quanto os jardins do castelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Garanto que disseram coisas boas também, vossa alteza que as ignorou. — Um sorrisinho safado surgiu em sua boca rosada.

— Vossa alteza é patético. Convencerei meu pai a desistir dessa ideia ridícula desse casamento.

— Ótimo, porque não pretendo passar o restante da minha vida olhando para o seu rosto.

Mentira.

Era claro que Luan não queria por vontade própria se prender a ninguém. No entanto, não seria sacrifício algum acordar todas as manhãs e olhar para Clara.

Ele podia até mesmo imaginar coisas proibidas. Se não refreasse seus pensamentos, o precioso no interior de suas calças começaria a dar sinais.

Começou a imaginar a princesa dormindo serenamente após uma noite intensa de obscenidades reais.

O precioso estava ficando animado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignorando todo e qualquer pensamento que envolvesse a princesa nua em sua cama, Luan apressou os passos de valsa, e assim, fazendo Clara segurar mais firme em seu ombro.

— Desse jeito irá me derrubar.

Clara controlou a língua, porque sua vontade era de chamá-lo de bruto.

— Eu sei perfeitamente como conduzir uma dama.

Malicioso? Imagina.

Clara revirou os olhos, controlando a vontade de chutar o precioso de seu futuro marido.

— Pode por favor não falar comigo?!

Em um movimento mais brusco, a princesa acabou se desequilibrando. Talvez por encarar os lábios rosados de seu prometido, imaginando como seria beijá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Clara nunca tinha sido beijada.

E era evidente que sentia curiosidade de sentir uns certos lábios contra os seus.

Quando seu corpo pendeu para trás, ameaçando cair, o príncipe foi rápido e a segurou.

— Sabe o que eu percebi agora? — Luan estava bem perto. Mais perto do que já havia estado nos últimos minutos. — Você tem olhos azuis.

— Bela observação, gênio. — A princesa murmurou escondendo um pequeno sorriso tímido.

— São bonitos. — Luan falou bem próximo, encarando as íris azuis como as águas claras.

Clara pôde sentir a respiração dele bem próximo aos seus lábios.

Ela gostou.

Clara encarava os lábios rosados de Luan enquanto ele fazia o mesmo com os dela. Quando

pareceram despertar do transe em que estavam, voltaram à posição inicial e continuaram a dança, dessa vez sem dizer nada.

— Bom, já que iremos nos casar, por que não me conta um pouco sobre você? — Luan quebrou o silêncio.

— Eu adoraria falar sobre mim, mas estou ficando cansada. Espero que vossa alteza não se importe se eu me sentar um pouco por alguns instantes.

— Tudo bem. — Luan assentiu.

Ele não estava conseguindo controlar sua vontade de beijar sua futura esposa.

E achava que levaria um fora ou um tapa se tentasse qualquer coisa com ela.

Clara se afastou e foi para perto de sua irmãzinha, que parecia sonolenta ao lado de seu pai.

Minutos depois, o príncipe caminhou até o

PERIGOSAS ACHERON

jardim do castelo observando o céu e pensando. Pensava em Clara, mas também pensava na madrasta da garota.

Meredith.

O maldito nome não sumia de sua mente. E mesmo que tentasse esquecer, a rainha havia chamado sua atenção de um jeito que nenhuma outra tinha conseguido antes. Ela era diferente, bonita, sensual, tinha um olhar misterioso e sexy.

Mas era a esposa do rei.

Do rei que muito em breve seria seu sogro.

Terrível coincidência.

Não que Luan quisesse algo a mais com Meredith, afinal, a última coisa que desejava era um escândalo na família real. Seu pai seria até mesmo capaz de deserdá-lo. Já bastava o casamento forçado que não demoraria muito para acontecer. Infelizmente.

Mas não podia mentir que Meredith tinha

mexido com ele. E, principalmente, com o seu precioso sob as calças que começava a querer ficar animado só de pensar no que os lábios vermelhos da rainha poderiam fazer em um ponto estratégico de seu corpo.

Luan estava nos lugares mais fundos de sua mente, a imaginação corria solta até que despertou de seus pensamentos obscenos com alguém tocando seu ombro. Quando virou-se, seus olhos contemplaram os de Meredith com um sorriso misterioso nos lábios.

— O que você quer? — Luan perguntou rudemente.

— Conversar.

— Mas eu não quero conversar. — Agora era ele quem se fazia de difícil.

— Há vinte minutos atrás você queria. — Meredith arqueou a sobrancelha numa expressão sugestiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

E terrivelmente tentadora.

— Tudo bem. Diga o que quer. — Luan suspirou impaciente.

— Garoto, você deveria saber com quem está lidando. — Seu tom era petulante.

— Ótimo, — Luan se aproximou a passos lentos, como uma fera sondando sua presa prestes a dar o bote. — Estou louco para saber.

— Então, quer brincar com magia, alteza? — a voz exalando luxúria.

— Isso está ficando mais interessante do que eu imaginava. — Luan sussurrou próximo ao ouvido da rainha.

Sem dizer nada, apenas deixando o sorriso malicioso falar por si só, Meredith usou um de seus truques para sair dali acompanhada de Luan sem que fossem notados.

Magia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora estavam em um dos quartos do castelo, conseguiram entrar sem serem vistos por ninguém. Estavam aos beijos enquanto Luan tentava arrancar o vestido de Meredith. O príncipe colocou as mãos em volta da cintura fina da rainha, deslizando até a parte baixa.

— Fiquei imaginando vossa majestade usando apenas a coroa e nada mais. — Luan declarou quando rompeu o beijo.

— Já fez amor com uma rainha? — Meredith perguntou logo após umedecer seus lábios carnudos.

Totalmente provocativa.

Luan balançou a cabeça e deu uma risada gostosa.

— Você é a minha primeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5



Após passar a noite com Luan, a rainha Meredith voltou para o salão do castelo onde acontecia a festa.

— Meredith, onde estava todo esse tempo? — Clara perguntou desconfiada.

— Ah... Eu... Eu estava conversando com algumas amigas que encontrei. — Sorriu com falsidade. — Mas nem sei por que estou lhe dando satisfações. Vamos embora agora mesmo! — falou de forma rude e Clara apenas suspirou.

A pequena Emanuelly já estava dormindo quando entraram na carruagem. Durante o caminho de volta à Isla Vista, Clara pensava enquanto olhava pela janela e observava a carruagem se distanciar do castelo. Não tinha visto Luan depois que ele deixou o salão onde acontecia a festa. Ela

imaginava que talvez ele tivesse arrumado alguém para passar a noite.

Era bem o feitio do príncipe, a fama de mulherengo espalhava-se pelos reinos vizinhos e talvez fosse por esse motivo que rei Frederick estivesse arranjando esse casamento para o filho.

Ao chegar em Isla Vista, Clara foi direto para seu quarto e jogou-se na cama. Tentou dormir, mas foi em vão, tentou ler, mas estava escuro demais. Estava sentindo-se triste, queria conversar com alguém. Nessas horas que sentia ainda mais a falta de sua mãe, poder abraçá-la, ouvir seus conselhos, receber seu carinho, olhar em seus olhos, mas já estava acostumada a ser um pouco solitária.

Já estava deitada, ainda sem conseguir dormir, pensando na vida quando ouviu batidas na porta e então a mesma se abriu.

— Ainda acordada, minha filha? — era o rei Benjamin quem estava ali.

— Estou sem sono. — respondeu erguendo-se.

— O que achou de seu noivo? — ele sentou-se na beirada da cama.

— Posso ser sincera e falar a verdade?

— É claro que sim. Conte-me a verdade.

O rei esperou que sua filha dissesse sua opinião sobre o futuro marido.

— Papai, eu não gostei dele. — suspirou. — Não combinamos em nada, eu não quero ser forçada a casar com um homem como ele...

— Mas o que o de tão ruim o príncipe fez para pensar assim, querida?

— Nada. — Ela suspirou e fechou os olhos. — Apenas não quero me casar dessa maneira, eu não sinto nada por ele.

— Filha, — Benjamin tocou o rosto de Clara, fazendo com que ela olhasse para ele. — Nem todas as pessoas se apaixonam à primeira vista.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não aconteceu com vocês, mas o amor ele vem com o tempo e com a convivência, você vai percebendo aos poucos.

Talvez seu pai estivesse certo, mas Luan era tão petulante. Clara não conseguia imaginar um casamento feliz ao lado dele.

— Vocês irão se conhecer melhor com o passar do tempo e então irão descobrir as afinidades que tem e o sentimento irá surgindo aos poucos. — O rei segurava as mãos de sua filha, observando seu desânimo aparente.

— Talvez você esteja certo. — Ela assentiu.

— Se quiser conversar com Meredith, ela poderá te aconselhar melhor, porque ela é mulher e ela é como se fosse...

— Não a compare com minha mãe, por favor, pai. — Clara o interrompeu.

— Eu não entendo o porquê de você não gostar de sua madrasta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque ela é uma bruxa, será que não vê isso, papai?

— Não fale assim, Meredith cuidou de você e de sua irmã.

— Tem certeza, pai? — Clara uniu as sobrancelhas, numa expressão indignada. — Minha irmã e eu fomos enviadas para longe por causa dela. Porque sua nova esposa não queria duas crianças atrapalhando. Ela só queria o senhor.

— Não diga isso. Meredith apenas queria que você tivesse um bom treinamento. Você futuramente será uma rainha, filha.

Clara amava seu pai. Amava muito, mas era impressionante como ele não conseguia enxergar o que estava bem diante de seus olhos.

Meredith não era boa.

Nunca foi.

PERIGOSAS ACHERON

Só mesmo Benjamin gostava dela.

Será que havia uma explicação para isso?

— Ben... — ouviram a voz da mulher. — Meu amor, você está aí? — Meredith adentrou o quarto e Clara fechou o rosto numa carranca.

— Estou aqui, Clara está sem sono e estávamos conversando. — Benjamin olhou para sua esposa que já estava com seu traje de dormir.

Apesar da camisola ser longa e de mangas compridas, era sensual. Pelo menos para Benjamin era.

— Hm, posso pedir que preparem um chá para você. — a rainha falou para Clara.

— Não precisa, obrigada.

— Então durma bem, minha filha. — O rei beijou a testa de sua primogênita e saiu acompanhado de sua esposa.

Clara deitou-se novamente em sua cama,

tocando a joia sob seu pescoço. Tinha quase certeza que se a rainha Sherlley ainda estivesse ali, ela a pouparia daquele casamento ridículo.

A princesa retirou o colar que era de sua mãe e ficou admirando o pingente em suas mãos. Era um camafeu de ouro em formato de cristal, dentro havia um brilho e era incrível. Clara possuía diversas joias, mas nenhuma delas tinha aquele brilho.

Era algo diferente, parecia mágico.

Com os pensamentos desordenados, colocou novamente o colar em seu pescoço, em seguida caminhou até o quarto de sua irmã e dormiu com a pequena princesa.

Era noite e Luan se encontrava em seu quarto lendo um livro que havia trazido da biblioteca de seu castelo. Alguém bateu à porta e ele disse "pode entrar".

— Oi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era seu pai, o rei Frederick.

— Oi. — respondeu fechando o livro.

— A festa foi boa. Gostou de sua noiva?

— Ela é até bonita. — Luan respondeu sem muito interesse.

— É uma bela jovem. Ela virá esses dias para a cerimônia de noivado. Você desapareceu ontem, o procurei por cada canto e não o encontrei. Deveria ter dado o anel de noivado a ela, onde estava?

Frederick conhecia o filho que tinha, era capaz de imaginar que ele tinha aprontado alguma coisa.

— Ah... Eu estava... — começou a gaguejar, pensando no que teria que inventar para convencer seu pai.

— Luan estava com os príncipes do Sul, conversando sobre coisas que os homens conversam, meu bem. — A rainha tinha acabado de entrar no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan respirou aliviado, pois sua mãe surgiu na hora certa com uma resposta, a qual não era verdade, mas o safou de que seu pai continuasse com suas perguntas.

— Exatamente. — Assentiu e sua mãe lançou lhe uma piscadela.

— Bom, vou me deitar. Você vem, querida? — o rei perguntou à esposa.

— Já estou indo. — Deisy sorriu quando recebeu de seu marido um beijo na testa.

Esperou que o rei saísse pela porta, fechando a mesma.

— Mãe, obrigado por me salvar. — Luan riu.

— Foi a última vez, vou logo avisando. Eu não quero nem imaginar onde você se meteu e muito menos com quem estava.

Deisy aproximou-se do filho, sentando ao lado dele na espaçosa cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Digamos que muito bem acompanhado. —
Luan abaixou a cabeça, sorrindo ao lembrar de tudo.

— Hm, meu filho está apaixonado?

— Não. — Luan ergueu o rosto e olhou para sua mãe.

Ele admirava muito a beleza de rainha Deisy. Seu rosto sempre sereno lhe transmitia paz. Para ele, ela sempre seria a mulher mais bonita de todos os reinos.

Seu rosto bonito e delicado combinava com sua personalidade que era doce, porém severa quando era preciso. Seus cabelos escuros estavam soltos emoldurando seu rosto.

— Nunca vou me apaixonar. — Declarou olhando para a rainha.

Luan sabia que a única mulher que ele iria amar para sempre era ela.

Sua mãe.

— Diz isso porque ainda não encontrou o amor

PERIGOSAS NACIONAIS

verdadeiro. — A rainha sorriu. — O amor é mágico e não apenas uma magia qualquer, e sim, a magia mais poderosa de todas.

— Se o amor de verdade fosse fácil, todos teríamos. — Luan fez uma careta.

Achava que toda essa coisa de amor era apenas uma lenda. O único amor que conhecia era o de sua família. Amava sua mãe e seu pai. Amava seu irmão também.

— Meu filho... — a rainha segurou as mãos dele. — Você tem de se perguntar, o quanto longe está disposto a ir. Você tem que se permitir que alguém desperte um sentimento bom aqui. — Tocou o lado esquerdo do peito do filho.

Luan queria rir, mas não ia debochar de sua mãe.

— Quando seu pai e eu nos casamos, eu não podia dizer que o amava completamente. Mas o amor foi construído a cada dia. O amor é construção, Luan.

PERIGOSAS ACHERON

O príncipe suspirou.

— Não sei, mamãe. Não sei.

— Você irá saber quando estiver amando, porque o amor verdadeiro nunca poderá ser substituído.

— Mãe, só porque acredita nessas coisas não faz isso ser verdade.

A rainha balançou a cabeça negativamente.

— Eu nunca poderia imaginar que depois de passar por doze horas de parto teria um filho tão cabeça-dura.

Os dois sorriram.

— Luan... Durma e descanse. — Deisy beijou o alto da cabeça do filho. — Amanhã será outro dia. Lembre-se que o amor aparece nos lugares mais inesperados.

A rainha olhava diretamente nos olhos dele

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto Luan sorria de forma leve. Deisy beijou o rosto de seu filho antes de deixar o quarto lhe desejando boa noite.

Luan ficou ali pensando. Deitou encarando o teto de seu quarto todo trabalhado com desenhos cuidadosamente esculpidos.

Nunca acreditou nessa coisa de amor e que as pessoas vivem felizes para sempre. Para ele isso era apenas questão de costume, as pessoas se acostumavam com a presença uma das outras, mas amor não.

Ele nunca tinha sentido isso.

Claro que amava sua família, apesar de terem seus desentendimentos, mas amor por uma mulher, não. Se envolvia com elas apenas para satisfazer seus desejos carnis, jamais pensou em ser um homem de uma só mulher e nem mesmo o casamento que seu pai lhe arranhou seria capaz de mudar seus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

 **L**uan acordou cedo naquela manhã ensolarada em Sunset Valley. Gostava de treinar bem cedo e sozinho. Ele desceu até a sala de jantar e tomou café-da-manhã como sempre fazia.

Havia se passado três dias desde o seu aniversário onde tinha conhecido sua futura esposa. O príncipe foi para a sala de treinamento e chegando lá teve uma surpresa.

Clara estava ali.

A jovem apreciava as diversas armas que lá estavam, passava a mão por elas e parecia que estava escolhendo uma. Luan ficou a observando enquanto ela admirava as armas até que ela parou em uma especial.

Arco e flecha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostou do meu arco? — Luan perguntou fazendo com que Clara virasse de frente para ele assustada.

— Sempre gostei de arco e flecha, mas não sei usar. — Ela estava um pouco tímida. — Desde quando estava aí?

— Tempo suficiente. — O príncipe aproximou-se. — Gosto de treinar cedo e sozinho.

Luan olhou para a garota que pareceu entender o recado.

— Já percebi que minha presença não é bem-vinda, mas quero deixar bem claro que só estou aqui porque não posso passar por cima das ordens de meu pai. — Ela olhava para ele. — Nossos pais determinaram que deveríamos nos conhecer melhor, para que eu pudesse me adaptar ao seu reino, então passarei alguns dias aqui.

— Interessante. — Luan pôs a mão no queixo como se estivesse pensando.

PERIGOSAS ACHERON

Totalmente irônico.

— O que são todos aqueles prêmios? — Clara falou apontando para o fundo da sala e Luan virou-se para olhar a grande estante de prêmios.

— Todos aqueles prêmios ali são meus. Sei manusear várias armas, mas tenho um certo talento com a espada. — Gabou-se.

— Pensei que sua arma fosse arco e flecha.

— Sim, é, mas sua arma não precisa ser exatamente a que você se sai melhor e sim, aquela que você se sente mais confortável. — Luan respondeu.

— Interessante. — Um pequeno sorriso tímido surgiu.

O restante do dia foi resumido em ficar com Luan e conhecer melhor o castelo, jantar e dormir. A criada da princesa tinha sido enviada para lhe fazer companhia e servi-la.

À noite, Clara revirou-se diversas vezes na cama, mas simplesmente não conseguia dormir. Quando já passava da meia-noite, levantou-se da cama e teve a ideia de ir ao jardim do castelo para quem sabe espairecer um pouco a mente e tomar ar fresco.

A princesa desceu as escadarias do castelo em passos cautelosos, afinal, o que o rei e a rainha pensariam se encontrassem a noiva de seu filho fora do quarto àquela hora? Por isso ser vista não era uma boa opção.

Ao chegar no jardim teve uma visão curiosa. Lá estava Luan deitado no chão do extenso gramado verde bem-cuidado. Se estava enxergando bem, ele estava sem camisa, perdido em seus pensamentos e observando o céu que estava especialmente muito estrelado naquela madrugada.

Clara aproximou-se de Luan que pareceu não perceber sua presença e se sentou ao lado dele.

— Por que está deitado aí uma hora dessas? — a

PERIGOSAS NACIONAIS

voz doce e delicada tirou Luan de seu transe, fazendo com que ele olhasse para ela.

— Pelo mesmo motivo que você, talvez. — o príncipe respondeu calmamente. — Eu não conseguia dormir, está muito quente hoje.

— Hm e no que você estava pensando?

— Coisas...

— As pessoas dizem que você é muito misterioso e bem, eu acho que elas estão certas. — Clara declarou, fazendo Luan sorrir.

— Mesmo? E o que mais falaram?

— Que você é bem bonito. — Ela disse, mas arrependeu-se como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— O que obviamente é verdade.

— Você é sempre tão convencido?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na maior parte do tempo sim. — Luan olhou para Clara e ficou por alguns instantes a admirando, quase que hipnotizado com os olhos dela que estavam mais brilhantes que antes.

— Você está bem? — Clara perguntou o analisando.

— Estou, apenas estou ficando com sono. Acho que vou me deitar.

O príncipe se levantou e Clara ficou sem palavras, ela tinha percebido que Luan era dono de um corpo atraente, mas sem camisa ele ficava uma coisa de outro mundo.

— Eu... Eu também acho que vou me deitar. — Ela ainda estava de boca aberta com a cena.

— Ei! Não baba que é feio. — Luan riu estendendo a mão para ajudar a princesa a levantar-se do gramado.

— Não estava babando. — Clara disse e ao mesmo tempo corou as bochechas.

PERIGOSAS ACHERON

— Hmm sei... E depois eu que sou misterioso.

A princesa acabou rindo e balançando a cabeça negativamente enquanto voltavam para o interior do castelo.

— Não tinha necessidade de me trazer até o meu quarto. — falou quando chegaram em frente à porta.

— Claro que tinha, e se vossa alteza resolve fugir ou sei lá... Aí como eu vou devolver você ao seu pai? E além do mais, o meu quarto é o da direita.

— Hm, incrível ter me oferecido o quarto ao lado ao seu.

— Não foi propositalmente. Apenas é o quarto de hóspedes, nem tudo gira em torno de você.

— Eu sei disso. Acho que vou entrar. — Clara abriu porta do quarto.

— Boa noite. — Luan virou as costas depois de

falar.

Passaram-se dois dias desde então, dois longos dias na opinião de Luan. Dois longos dias que Luan evitava Clara e não conseguia a encarar. Talvez fosse o medo de que a convivência o fizesse acostumar-se com sua companhia, o que deveria ser normal, afinal, se casariam em breve. No entanto, Luan não queria entregar-se aos seus sentimentos, se fechava para qualquer sentimento que pudesse surgir por ela ou por qualquer outra mulher.

Luan evitava olhar para Clara, mas era quase impossível, havia algo naquela donzela que obrigava a olhar para ela, algo que nem mesmo ele compreendia. A cada dia que passava, mais Luan e Clara se aproximavam e isso incomodava o príncipe de tal forma que se tornara insuportável.

Durante a tarde do dia anterior, Luan caminhava pelo jardim do castelo, quando se deparou com uma cena, Clara estava sentada debaixo de uma árvore com sua criada penteando os cabelos da princesa. O príncipe sorriu por alguns instantes e então resolveu aproximar-se dela, pedindo que a criada os deixasse

à sós.

O rapaz a surpreendeu chegando por trás da princesa e assim, deixando um beijo entre seu pescoço e o ombro; o motivo que o levou a tal gesto nem ele mesmo conhecia. Clara ficou surpresa e ao mesmo tempo repreendeu a atitude do príncipe. Depois daquela cena, a única coisa que Luan fez foi ir para o quarto e manter-se lá até a manhã seguinte.

E assim, pela manhã, Luan estava em seu quarto pensando e repensando o beijo. Intrigado com aquilo, ele estava com raiva de si mesmo e resolveu que precisava descontar em algo, então resolveu ir até a sala de treinamento.

Antes mesmo de sair, Luan pediu que um dos serviçais lhe trouxesse o café-da-manhã, visto que na noite anterior ele não teve coragem de descer para jantar e acabar encarando Clara. Quando o príncipe saiu do quarto, esbarrou com quem menos queria esbarrar, ela mesmo. A princesa.

— Oi. — Clara o saudou timidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi. — Luan respondeu sem muita emoção.

— Hm... Por que não foi jantar ontem?

— Estava me sentindo mal. — mentiu.

— Ah, eu est... — Clara foi interrompida por Luan.

— Mesmo esta conversa sendo muito interessante... — Luan ironizou. — Eu tenho coisas para fazer e acho que vossa alteza também, então acho que não temos mais nada para conversar agora.

— Sim nós temos, como o fato de vossa alteza estar me evitando. E eu estou aqui no seu castelo não sei nem por qual motivo. — Clara respondeu em tom autoritário.

— Quer saber? Sim, eu estou te evitando, mas não porque eu quero, mas porque eu preciso. — Luan inquiriu no mesmo tom.

— E por que precisa?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não lhe devo satisfações, princesa.

— Você é completamente ridículo, ontem quis me beijar e hoje me trata como se eu fosse um objeto qualquer.

— Possivelmente. — Luan disse sério. O maxilar travado. Logo deu-lhe as costas.

— Aonde você vai?

— Beber. — Ele virou-se antes de continuar. — E quem sabe transar com alguém. É, transar, é disso que eu preciso.

CAPÍTULO 7



As palavras ferem mais do que ações.

As últimas palavras de Luan antes de sair, machucaram Clara de uma forma estranha e confusa, como se alguém tivesse lhe dado um soco de realidade. Talvez por ele ter sido curto e grosso com ela, ou talvez porque suas palavras mostraram uma realidade de Luan que ela não conhecia.

Clara voltou ao seu quarto como hóspede ali no castelo e passou o restante do dia lá, pensando e sentindo-se totalmente idiota. Tinha sentimentos confusos em relação a Luan. As horas passaram e ele não voltava, isso incomodava Clara o suficiente para deixá-la ansiosa.

Quando a noite já havia caído, a princesa

resolveu dormir, mas isso não durou muito tempo, pois quando ela fechou os olhos, ouviu um barulho de algo caindo e quebrando no chão vindo do quarto de Luan. Sem pensar duas vezes, Clara levantou-se e foi ao quarto do príncipe.

Chegando lá, empurrou a porta que estava entreaberta, com cuidado ela entrou no cômodo que estava escuro, tendo como a única fonte de luz a lua, mas ainda era possível ver Luan sentado na ponta da cama e uma garrafa de bebida no chão.

— Você está bêbado? — Clara perguntou temendo aproximar-se.

— Não. — Luan murmurou. — Eu disse que ia beber, mas não bebi.

— Disse também que ia... Transar. — Clara perguntou timidamente, porém sentiu uma curiosidade enorme em saber.

Na verdade, era melhor nem saber.

— Por que se importa? — o príncipe encarou a garota sob as sombras do quarto pouco iluminado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, você é minha noiva, esqueci. Desculpe, eu disse sem pensar.

— Ah, sei.

— Eu sou um idiota.

— Me diga uma novidade. — Clara respondeu sinceramente fazendo Luan sorrir.

— Me desculpe.

— Não quero sua desculpa.

— Então tudo bem. Você deveria voltar ao seu quarto e dormir.

Clara assentiu e deu as costas, caminhando em direção à porta.

— Clara...

Luan chamou e ela ficou parada.

— Obrigado por se importar comigo. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

estava com ninguém.

Luan levantou-se e foi caminhando até sua futura esposa. Ela estava parada feito uma estátua olhando para ele enquanto se aproximava. Quando a distância entre os corpos era tão pequena a ponto de suas respirações se misturarem, Luan, com uma das mãos segurou o rosto da princesa e com a outra segurou a cintura fina sob a camisola.

Os lábios tocaram-se de maneira suave testando a familiaridade. A língua de Luan pediu passagem e desta vez Clara não se afastou, pelo contrário, entregou-se ao beijo que foi calmo e necessitado ao mesmo tempo; como se os dois estivessem esperando muito tempo por aquilo.

E talvez estivessem.

O sabor do beijo era bom.

Para Clara tinha sabor de descoberta, de algo novo. Para Luan tinha sabor de desejo. Para ambos o sabor era de lar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois separaram-se quando o ar os faltou, mas sem desgrudar o olhar um do outro.

— Desta vez você não recuou. — Luan afirmou observando sob a pouca luz o rosto levemente corado.

— Porque eu não queria recuar. — Ela respondeu com toda sinceridade que existia em si.

— Dorme aqui comigo?

— Na mesma cama? — a princesa franziu a testa, totalmente confusa.

— Não estou vendo outra cama aqui. — Luan lançou lhe um sorriso malicioso.

— É lógico que não! — Clara riu de um jeito irônico. — Você só pode estar bêbado, ou é louco da cabeça.

Luan gargalhou assistindo sua futura esposa deixando o quarto ligeiramente tímida e aborrecida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na manhã seguinte, rei Frederick convocou seu filho para ir à biblioteca, mas não disse o motivo. Como Luan não tinha muita escolha, ele foi. Chegando lá, a porta estava fechada, mas podia ver pela brecha fechadura. O príncipe deu três batidas na porta e logo recebeu um "entre". Luan entrou e viu seu pai sentado olhando alguns papéis parecendo concentrado.

— Sente-se. — Frederick pediu sinalizando para que o filho sentasse na cadeira em frente à sua mesa.

— Vamos direto ao ponto. Por que me chamou aqui? — Luan perguntou sentando-se de frente para seu pai.

— Hoje à noite você dará o anel de noivado à princesa Clara, o rei e a rainha virão para o jantar e marcaremos a data do casamento. Vocês precisam se casar o mais breve possível.

— Por que acha isso?

Luan estava indignado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ora, porque você está muito rebelde, meu filho e quem sabe controlar um homem melhor que ninguém? Uma esposa, é claro. — Frederick falou sorridente. — Além do mais, você já é maior de idade e todo homem precisa de uma mulher ao seu lado.

— Eu sabia que isso tinha a ver com o reino. — Estalou a língua. — O reino precisa de aliados.

— Digamos que será um efeito colateral. Um bom casamento traz um bom aliado, o que é bom para o reino. — O rei mexeu em sua barba grisalha.

— E ruim para mim.

— Nem sempre. Sua noiva é uma bela donzela e ela pode fazê-lo feliz. E você pode fazê-la feliz também.

— Pai, não é tão fácil assim, para se casar tem que estar apaixonado.

— Pura ladainha. — Frederick balançou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça. — Quando me casei com sua mãe eu não a amava, mas a apreciava. Deisy era muito bonita e continua até hoje.

O rei deixou escapar um sorriso ao mencionar a esposa.

— Depois com o passar do tempo e a convivência percebi como ela era inteligente e leal. Fui descobrindo todas as qualidades de sua mãe e passei a amá-la, o que não foi difícil. — Sorriu. — O amor vem com o tempo, filho.

— Talvez, mas não quero isso para mim. Aliás, eu não quero me casar, nem com ela e nem com ninguém.

— Você não tem escolha, Luan. Vai fazer o que estou mandando.

A vontade de Luan era sair quebrando tudo o que visse pela frente, no entanto, apenas fechou o punho e saiu resmungando porta afora.

Ele não tinha escolha.

Ter o coração partido por um príncipe nunca esteve em sua lista de metas a serem cumpridas, mas para a infelicidade de Clara, aconteceu.

Os dias que estava passando no castelo de Sunset Valley a fizeram ficar mais próxima de Luan e assim, conseqüentemente, passou a nutrir sentimentos confusos pelo jovem príncipe; por mais que tentasse evitar.

Clara estava confusa e desnorteada, não sabia o que fazer ou o que pensar, mas tinha um único objetivo: sair do castelo. Sabia que ficaria noiva do príncipe naquela noite e assim, se comprometeria de forma oficial como ela não queria. Seria praticamente impossível fugir visto a quantidade de guardas do lado de fora da propriedade.

A solução foi esconder-se.

Passou o dia todo na biblioteca repleta de livros. Clara amava ler.

— O que aconteceu? — apressou-se a perguntar

quando viu Luan de braços cruzados à sua frente.

— O que aconteceu pergunto eu. Onde esteve?

— Passei o dia aqui lendo.

— Eu a encontrei. — Luan respondeu quando ouviu a voz de sua mãe preocupada.

Não tinha jeito, ela não tinha para onde fugir.

Mais tarde todos já estavam devidamente arrumados para o jantar de noivado do príncipe e da princesa. O rei Benjamin e a rainha Meredith haviam acabado de chegar na carruagem real. Princesa Emanuelly tinha ficado desta vez em Isla Vista com sua criada.

O rei e a rainha foram recebidos pelo próprio rei Frederick e direcionados à uma sala onde sentaram para conversar antes do jantar. Deisy logo foi chamar sua futura nora.

— Clara, seu pai e sua madrasta chegaram. — Anunciou após entrar no quarto onde a princesa

terminava de se arrumar.

— Estou pronta. — Sorriu timidamente e caminhou na companhia da futura sogra.

Luan não tinha onde enfiar a cara, estava um tanto envergonhado na presença de seu futuro sogro. O rei jamais poderia imaginar que seu futuro genro fora para a cama com Meredith. A rainha por sua vez, não estava dando confiança a Luan, estava agindo como se nada estivesse acontecido entre eles e Luan até mesmo evitava olhar para ela.

O jantar corria bem, Clara observou Luan por uns instantes tentando ao máximo entender o príncipe. Ela estava confusa em relação às atitudes de seu futuro marido, afinal, na noite anterior ele a tinha beijado, e de uma hora para a outra queria que ela passasse a noite com ele.

Seus pensamentos foram pausados quando percebeu que Luan estava olhando para ela. Clara ficou corada e ajeitou alguns fios de cabelo que cismavam em cair sobre seus olhos.

Frederick, Deisy, Benjamin e Meredith conversavam, mas Luan e nem Clara pareciam prestar atenção. Passou-se um tempo, os empregados serviram a sobremesa. O príncipe parecia entediado e mexia em seu prato com desdém.

— Luan, onde está o anel? — perguntou o rei e seu filho assustou-se saindo de seu transe.

— Mas... Já? — soou preocupado.

— Está na hora, meu filho.

CAPÍTULO 8


Príncipe Luan buscou o anel que daria para sua noiva. Era um anel digno de uma princesa, uma joia muito valiosa com uma pedra de diamante ao centro que às vezes parecia branca e outras vezes furta-cor. Suas laterais eram cravejadas com pequenos diamantes e a fina joia era toda feita de puro ouro.

Luan abriu a caixa que trazia dentro o anel que era de família, seu pai havia dado aquele mesmo anel à sua mãe quando ficaram noivos. O príncipe na verdade não sabia muito bem o que dizer ou fazer, apenas sabia que deveria pedir a mão da princesa ao rei Benjamin, o que seria praticamente irônico visto a forma como tudo estava acontecendo até aquele momento.

Luan não estava prestes a ficar noivo por sua livre e espontânea vontade, mas sim, graças a seu pai e seu futuro sogro que firmaram tal contrato em

PERIGOSAS ACHERON

que seus filhos se casariam quando o príncipe atingisse a maioridade.

Luan era bom com as palavras e soube usá-las muito bem em seu pedido ao rei. Este por sua vez, obviamente com todo o prazer concedeu a sua benção para que o príncipe se casasse em breve com sua primogênita. Clara estava um tanto incomodada assim como Luan também, mas até fingiram muito bem.

— Lembro-me dos milhões de pretendentes que apareceram querendo a mão de Clara, lembro-me também de meu marido mandando todos irem embora.

Meredith falava como se fosse uma boa madrasta, conseguia convencer a qualquer pessoa. Apenas não conseguia enganar Luan e muito menos Clara.

— Vossa alteza tem sorte. — Rainha Meredith completou, soando totalmente falsa.

— Devo concordar com minha esposa, Luan

PERIGOSAS NACIONAIS

tem sorte e por isso sugiro que reconheça isto e trate minha filha da melhor forma possível. — disse o rei Benjamin.

— Eu reconheço. — Luan respondeu de maneira firme.

— Sabia que Clara fala três idiomas? — Meredith inquiriu.

— Luan fala cinco. — Retrucou Deisy.

— Certo, mas Clara é uma ótima musicista. — Foi a vez de rei Benjamin encher a filha de elogios.

Luan e Clara na verdade não estavam entendendo o porquê daquela disputa para dizer quem era melhor ou tinha mais instrução e aquilo já estava incomodando a ambos.

— Também não é pra tanto, apenas toco piano e flauta. — A princesa respondeu.

Luan teve pensamentos sugestivos quando imaginou Clara tocando flauta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, você toca piano e canta divinamente, acredito até que um dia desses você deveria tocar ou até mesmo cantar para o seu noivo, aposto que ele ficaria encantado. — Rei Benjamin comentou com um sorriso.

— Seria bom. — Luan sorriu sem mostrar os dentes, apenas queria que aquela noite terminasse o mais rápido possível.

Que os céus tenham piedade!

— Clara também é uma ótima dançarina, mas isso vossa alteza já deve ter percebido no último baile quando dançaram juntos. — mais uma vez rei Benjamin estava expondo os talentos da filha.

— Não exagere papai, mas sim eu já fiz aulas de dança.

— Clara é uma ótima parceira para a dança e para a vida. — Meredith estava mesmo querendo se passar por boazinha e tal atitude fez Clara revirar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho argumentos para discordar. —
Luan sorriu olhando para sua noiva.

De repente houve um silêncio, que logo fora interrompido quando as grandes portas de madeira do castelo foram abertas e então um homem entrou, fazendo com que o rei Frederick e a rainha Deisy sorrissem.

— Vejo que cheguei a tempo do noivado de meu irmão.

Com um sorriso, Lincoln aproximou-se para cumprimentar a todos. Lincoln esteve fora durante algum tempo, era mais aventureiro do que seu irmão mais velho Luan. Quando o príncipe caçula adentrou o castelo, todos os olhares voltaram-se ao jovem, principalmente os olhos de Meredith. O jovem príncipe foi apresentado ao rei Benjamin, a rainha e à princesa, sua futura cunhada.

Ficaram algum tempo conversando, mas as horas estavam avançando e logo Benjamin voltou ao seu reino com sua esposa e sua filha e então, Lincoln pôde matar a saudade de seus familiares.

PERIGOSAS ACHERON

— Fico feliz que meu irmão tenha ficado noivo.
— Enquanto estava em seu quarto tirando as botas de seus pés, Lincoln conversava com Luan.

— Eu ficaria feliz se fosse eu quem estivesse escolhido a noiva, aliás, talvez se tudo isso estivesse acontecendo daqui a alguns anos. — Luan confessou.

— Mas é uma bela princesa, com todo o respeito, Luan, mas sua noiva é muito bonita.

— Ela é sim, ao menos isso eu tenho o direito, não é mesmo? Já que o nosso pai arranhou esse casamento para mim. Logo será sua vez de se casar, mas ao menos você já tem a sua escolhida, não é?

— É, digamos que sim. — Lincoln suspirou.

— E como está Larissa? Conte-me como foi essa viagem à Rose Valley.

— Se eu disser que a viagem foi maravilhosa você irá rir. — Ele mesmo riu de seu comentário.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Larissa está bem e não queria que eu retornasse ao nosso reino, por conta disso tivemos uma discussão.

— E romperam? — Luan perguntou.

— Não, nós fizemos as pazes e está tudo bem.

— Que bom.

— Mas conte-me o que eu perdi durante esse tempo em que fiquei fora?

— Ah, não muita coisa... Eu fiz algo que só agora me dou conta de como foi muito errado.

— Matou alguém? — os olhos azuis de Lincoln estreitaram-se enquanto analisava o irmão mais velho.

— Não, é claro que não. Você viu a rainha, madrastra da minha noiva, não viu? — Luan perguntou e o irmão confirmou balançando a cabeça. — Então... No dia do meu aniversário, que foi o mesmo dia em que conheci a Clara, eu passei a noite com a madrastra dela. — Confessou.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, foi isso? — Lincoln riu.

— Por que está rindo?

— Porque eu já ouvi falar a respeito dela, normal. — O irmão mais novo ainda ria.

— Sério? — Luan ficou surpreso com a afirmação de seu irmão.

— Sim. O olhar daquela mulher foi o suficiente para perceber que não vale nada.

— Deu pra perceber, realmente tenho até pena do marido dela. — disse Luan.

— Seu futuro sogro, você quer dizer. — Lincoln comentou rindo, debochando do irmão.

— Não precisa me lembrar isso. — Ele riu. — Clara seria capaz de me matar se soubesse.

— Nosso pai o mataria antes, imagina o filho preferido do rei Frederick tendo um caso com a

PERIGOSAS NACIONAIS

esposa de um outro rei.

— Não diga que sou o preferido, você é o queridinho do papai. — Luan soou ciumento.

— Não tenho certeza sobre isso. — Lincoln sorriu. — Bom, tomarei banho e depois irei dormir, a viagem foi cansativa.

— Boa noite, descanse. — Luan falou saindo do quarto de seu irmão, indo até seu próprio quarto.

Após o banho, Lincoln deitou-se em sua cama e a imagem daquela garota que conhecera horas atrás não saía de sua cabeça. Quando Lincoln adentrou o castelo de sua família, seus olhos fixaram na noiva de seu irmão e aquilo seria errado demais, mas seus pensamentos não deixavam a imagem dela sair de sua mente. Poderia julgar até que foi amor à primeira vista.

Afastou os pensamentos, porque tinha plena certeza que aquilo não daria certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

s dias passaram rapidamente e iniciaram os preparativos para o casamento do príncipe Luan com a princesa Clara, embora ambos não estivessem animados para que esse dia chegasse.

Numa tarde ensolarada, os príncipes Luan e Lincoln visitaram o reino de Benjamin, Isla Vista. Luan foi até o castelo de sua noiva para tratar com seu sogro assuntos sobre o casamento e levou seu irmão como companhia.

Lincoln estava mais do que animado para esse encontro, afinal poderia aproximar-se da princesa, futura esposa de seu irmão, a qual não saía mais de seus pensamentos desde que seus olhos encontraram os dela pela primeira vez.

Rei Benjamin chamou Luan em sua sala para que pudessem tratar de alguns assuntos finais sobre o casamento. Meredith estava na suíte real

PERIGOSAS ACHERON

recebendo massagem de uma das criadas do reino. Emanuelly estava estudando e Clara estava no jardim, adorava ficar ouvindo o canto dos pássaros, estava sentada debaixo de uma macieira e parecia distraída ali.

— Posso? — Lincoln perguntou ao aproximar-se fazendo menção de sentar-se ao seu lado.

— Sim. — Ela sorriu.

— Então... O casamento está se aproximando. — O príncipe comentou e Clara assentiu. — Vossa alteza não parece muito animada.

— E não estou mesmo. — Sorriu de canto e olhou para o futuro cunhado.

Lincoln não parecia com seu irmão mais velho. Era louro de olhos azuis, e seu maxilar proeminente. Diferente de Luan com seus cabelos castanhos e olhos da mesma cor.

— Por que não desiste? Imagino como deve ser doloroso casar-se por pura obrigação, a não ser que vossa alteza ame meu irmão.

Lincoln estava jogando verde para colher

maduro.

Clara ficou pensativa a respeito daquilo. Estava a poucos dias de seu casamento, fato este que a assustava cada vez mais só em pensar. Ela e o noivo criaram um vínculo quando a princesa passou alguns dias com ele em seu reino e até mesmo se beijaram; beijo este que Clara sempre recordava, era a melhor lembrança que tinha de seu noivo.

A noite também que o viu sem camisa deitado no gramado do castelo ainda estava em sua mente.

Mas e o amor? Onde estava?

Era claro que esse sentimento poderia surgir com o tempo e somente ele seria capaz de dizer se um dia amaria seu marido. No entanto, naquele momento, se pudesse escolher entre se casar ou não, a segunda opção seria válida.

— Eu não amo seu irmão, ele também não me ama, talvez seja questão de tempo. — Clara tocou o anel em seu dedo. O anel que pertencera à rainha Deisy e agora era seu.

Péssima ideia.

Deisy e Frederick pareciam tão apaixonados. Clara se recordava de tê-los visto trocando olhares cúmplices. Palavras de amor jorravam de seus olhos e de cada sorriso sincero que lançavam um ao outro.

Era o mesmo que ela recordava de quando sua mãe ainda estava entre eles. Era o mesmo olhar que Sherlley e Benjamin trocavam. Olhar de amor e cumplicidade.

Se perguntava se algum dia Luan olharia para ela daquele jeito. Com a mesma ternura e o mesmo carinho.

— Realmente, para alguns o amor vem com o tempo, para outros ele vem mais depressa do que podemos imaginar. — Lincoln respondeu olhando no fundo dos olhos de Clara e ela também o encarava.

Seu coração começou a bater de forma descompassada, pois estavam a uma distância mínima sentados lado a lado.

Lincoln e Luan não eram parecidos fisicamente e também eram totalmente diferentes quanto à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

personalidade. O mais novo tinha doçura nas palavras, mas seu olhar era intimidador como o do irmão, nisso eram idênticos.

Lincoln estava sempre viajando, despreocupado com os assuntos de Sunset Valley, enquanto Luan estava sempre perto de seus pais. Mais uma coisa em que não eram parecidos.

O príncipe e a princesa ficaram mais algum tempo conversando e Clara descobriu que Lincoln era bem-humorado, estava fazendo-a rir contando as aventuras que tinha vivenciado em Rose Valley, onde morava sua namorada Larissa. Clara estava sorrindo como não acontecia há dias e aquilo a fazia bem, alguém que lhe arrancava sorrisos e não lágrimas de frustração e decepção.

Príncipe Lincoln e princesa Clara passaram longos minutos conversando no jardim, enquanto Luan estava conversando com seu futuro sogro.

— Vamos dar um passeio? — Lincoln sugeriu.

— Isso não seria um pouco perigoso? — Clara estava incerta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — O príncipe sorriu.

— Acha perigoso sairmos do castelo e ainda assim ousa sorrir? — perguntou ela franzindo a testa.

— Vamos princesa, é apenas um passeio.

— E se me reconhecerem? Eu acho melhor não, e o seu irmão está lá dentro com o meu pai.

— Não vão te reconhecer, vem comigo.

Lincoln segurou na mão de Clara e ela apenas olhou as mãos entrelaçadas quando desceram até os estábulos em silêncio e escolheram os cavalos. Lincoln terminou de selar o cavalo escolhido e logo em seguida montou no mesmo.

— Quer ajuda? — disse brincalhão vendo a princesa com um pouco de dificuldade.

— Eu consigo. — Clara respondeu e no mesmo instante pegou impulso e subiu no cavalo.

A donzela sorriu e olhou para Lincoln, que logo deu partida. Usaram uma saída secreta do castelo, assim se livrariam de olhares curiosos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estavam no meio da floresta, onde Clara havia dito que havia um caminho para a cidade.

A floresta estava silenciosa e fria e como o caminho era pouco iluminado, pois as árvores em ambos os lados do caminho barravam a maior parte da luz. Durante o caminho nenhum dos dois se propôs a falar algo, sendo assim, a única coisa que se podia ouvir era o som dos cascos dos cavalos esmagando as folhas no chão.

— Por que me chamou para sair do castelo? — Clara quebrou o silêncio.

— Porque eu gosto da sua companhia, Clara. — Lincoln sorriu para a cunhada que instantaneamente corou as bochechas.

— Eu acho melhor voltarmos, meu pai pode ficar preocupado e também tem o Luan...

O príncipe louro puxou as rédeas do cavalo para que o animal parasse e Clara parou o dela também.

— O que foi? — ela perguntou sem entender, porque o príncipe à sua frente parecia tão concentrado nela.

PERIGOSAS ACHERON

— Você acredita em amor à primeira vista?

— Eu acho que não, mas por quê? — Clara sorriu.

— Porque eu ia dizer que vossa alteza é muito linda e eu estou completamente apaixonado. — Ele suspirou. — Eu estou muito a fim de te agarrar aqui mesmo, mas lógico que não vou fazer isso, porque eu respeito a noiva do meu irmão. — Desabafou.

— É sério isso? — Clara perguntou embora não estivesse tão surpresa, era óbvio a aproximação que os dois tiveram naquela tarde e ela também gostava de estar na companhia dele.

Lincoln era diferente de Luan, tinha a personalidade doce e aquilo mexia com seus sentimentos.

— Estou apenas sendo sincero.

— Lincoln, eu simplesmente não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada, eu apenas queria que soubesse, porque eu não estou conseguindo mais esconder isso, eu penso em você o tempo inteiro

PERIGOSAS NACIONAIS

desde que vi você pela primeira vez. Se isso não é estar apaixonado, então eu não sei mais o que é.

Clara engoliu em seco.

Seu futuro cunhado tinha acabado de se declarar e ela não fazia ideia do que dizer. Se fosse a um tempo atrás, se Lincoln tivesse aparecido antes, talvez agora ela poderia estar noiva dele e não de Luan, porque ao menos ele mostrava ser sincero. Já Luan, Clara não sabia mais o que pensar a respeito dele.

— Eu quero voltar para o castelo.

Foram as únicas palavras que a princesa disse e então o príncipe assentiu e voltaram ao castelo de Isla Vista.

Quando chegaram, estavam sorrindo de uma coisa qualquer que Lincoln tinha comentado, mas logo o riso cessou quando deram de cara com Luan.

O irmão mais velho estava bastante sério de braços cruzados e pela expressão em seu rosto, não havia gostado de nada do que tinha acabado de presenciar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso saber o que está acontecendo aqui?

— Não está acontecendo nada, Luan. — Clara respondeu-lhe.

— E por que estavam tão animados e sorridentes? Qual foi a piada que eu perdi?

Luan mostrava-se inteiramente incomodado por ver que sua noiva e seu irmão estavam tão próximos.

Clara julgou a atitude dele como ciúmes e por um instante, até cogitou a ideia de que Luan estivesse apaixonando por ela, afinal, ninguém sente ciúmes de alguém que não goste ou não se importe.

— Não era nada demais, Luan. — Lincoln respondeu.

— Me deem licença, preciso de um banho. — Clara saiu dali indo em direção à entrada do grande castelo de sua família.

Foi a passos saltitantes até o andar de cima onde ficava seu quarto e caiu na cama sorrindo. Pensou nas palavras de Lincoln e em como ele havia se

declarado para ela minutos atrás, em como seu olhar era apaixonado encarando os olhos dela. E agora, acabara de presenciar uma cena de ciúmes de seu noivo. Era óbvio que ele estava com ciúmes e ela estava adorando aquilo.

— Vamos embora. — Luan falou para seu irmão que apenas assentiu.

Antes que pudessem despedir-se, o rei estava saindo ali em frente ao jardim.

— Fiquem para o jantar. Minha esposa e eu teremos prazer em recebê-los. — disse Benjamin e Luan e nem Lincoln questionaram o convite.

CAPÍTULO 10

 **A**pós o banho, Clara desceu para o jantar e ficou surpresa quando avistou seu noivo e seu cunhado à mesa.

O jantar foi tranquilo, conversaram um pouco, mas logo despediram-se. Luan e seu irmão montaram em seus cavalos para voltar à Sunset Valley.

— Acho que a rainha gostaria que você ficasse lá no castelo, pela forma como ela olhava para você... — Lincoln comentou rindo enquanto iam cavalgando pela estrada.

— Não duvido nada, mas eu não quero arrumar sarna para me coçar. De repente o rei descobre, imagine a confusão... Melhor evitar. — Luan respondeu sério.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com certeza. Mas conte-me, sente algo por sua noiva? — Lincoln arriscou-se a perguntar.

— Por que pergunta isso?

— Por nada, mas irão se casar e está tão próximo... Como se sente em relação a ela?

— Eu não sei, eu acho que não sinto nada.

— Ao menos se beijaram? Eu vejo que estão muito distantes, mesmo quando estão perto.

— Nos beijamos uma única vez.

— Por que não tenta conquistá-la?

— Ei, devo lembra-lo que quem o ensinou a conquistar sua primeira namorada fui eu. — Luan gabou-se.

— Lembro-me perfeitamente deste dia desastroso. — O mais novo sorriu. — Afinal, a garota era uma maluca e nem me recordo do porquê de ter me interessado por ela, ela nem era tão bonita

PERIGOSAS ACHERON

assim.

— Ela tinha um belo par de seios para a idade.
— Luan sorriu.

— Talvez fosse por isso, não lembro.

Em Isla Vista, Clara estava deitada em sua cama envolvida em um completo tédio, perdida em pensamentos inquietos. Ela se desvencilhou de seus pensamentos e sentou-se na cama olhando para a janela, só então se dando conta do temporal que estava se formando lá fora.

O céu estava completamente escuro, coberto por nuvens negras, sinal de que não demoraria muito para a tempestade se aproximar. Pensou que Lincoln e Luan poderiam ser pegos pela forte chuva no meio do caminho, afinal ainda não era tempo o suficiente para que estivessem em Sunset Valley.

Os clarões dos relâmpagos iluminavam todo o cômodo e aquilo estava a assustando. A porta do quarto se abriu, era sua irmãzinha e estava

assustada. Clara abraçou Emanuely confortando a menina com a história que os trovões eram apenas porque estavam arrumando o céu, e aquele era o som quando arrastavam os móveis.

Benjamin foi até o quarto ver como suas filhas estavam antes de dormir.

Um dos guardas do castelo chamou pelo rei que prontamente o atendeu. Clara ficou com os ouvidos praticamente colados na porta tentando ouvir o que era e então, ouviu vozes conhecidas.

Luan e Lincoln estavam ali.

Pediram abrigo ao rei Benjamin, porque demorariam muito para voltar ao seu reino, a tempestade pegou os irmãos de surpresa no meio do caminho.

Alguns minutos passaram até Clara ter certeza que sua irmã estava de fato dormindo. A princesa saiu de seu quarto na ponta dos pés, foi quando passou pelo corredor e viu a porta do quarto de hóspedes fechada, mas ficou acompanhando tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

pela brecha da porta.

Luan estava sem camisa, pois sua roupa estava completamente encharcada pela chuva. Clara ocasionalmente erguia suas sobrancelhas e sorria quando alguém tocou seu ombro por trás, fazendo com que ela pulasse com o susto.

— Perdeu alguma coisa aí dentro, princesa?

A voz de Meredith apesar de baixa, era intimidante.

— Me assustou. — O coração de Clara parecia querer sair pela boca a qualquer instante.

— O que estava fazendo? Espionando o príncipe? — a rainha disse em tom provocativo.

— Não! Eu só estava... Passando por aqui, estava indo tomar um pouco de água. — Mentiu.

— Hm, sei. Posso contar a seu pai que você estava olhando seu noivo. Princesas devem se casar virgens, não sabia disso?

PERIGOSAS ACHERON

A voz de Meredith era completamente irritante.

— Pode por favor não opinar na minha vida? — ela estava irritada.

A rainha segurou o pulso da enteada.

— Olha como fala comigo, garota! — ela apertava seu pulso com força. — Acho bom que me respeite porque você não sabe do que sou capaz.

— Isso é uma ameaça? — Clara não se intimidou. — Pois saiba que eu não tenho medo de você! Eu não sei como meu pai consegue ser casado com você, e não sei o que você fez para que ele não perceba como realmente é. — Clara estava perdendo o controle, mas ainda assim estava falando de forma normal, sem levantar a voz.

— Engula suas palavras, sua pirralha. Eu acho bom você voltar para o seu quarto e dormir, antes que eu perca a paciência.

— Eu vou, mas não é porque você está dizendo, vou porque prefiro ficar sozinha do que olhar para

esse seu rosto...

— Rosto de quê? — Meredith arqueou as sobancelhas esperando a resposta.

— Falsa.

Clara soltou seu pulso das mãos asquerosas de Meredith e saiu dali indo trancar-se em seu quarto.

O rei àquela altura já estava completamente apagado em seu sono, logo Meredith aproveitou-se para ir até o quarto onde Luan estava. Ele ainda estava terminando de trocar de roupa, colocava as roupas que os empregados do castelo lhe entregaram a mando do rei.

O príncipe estava deitado de barriga para cima, com as duas mãos apoiadas embaixo do travesseiro, como se estivesse pensando e realmente ele estava.

Pensou em levantar e ver se Clara já estava dormindo, mas achou melhor não, pois de repente o rei poderia estar acordado e pensar que ele estava querendo abusar da filha dele. A porta se abriu e Luan levantou a cabeça para olhar melhor quem

PERIGOSAS NACIONAIS

estava ali, no entanto não foi muito difícil reconhecer quando o perfume forte e a fragrância provocadoramente marcante dominaram o ambiente, não restava dúvidas de quem acabara de entrar.

— Meredith? O que faz aqui? — Luan perguntou sentando-se na cama.

— Vim verificar se está confortável, alteza. — Ela respondeu caminhando até ele.

— Vossa majestade é maluca? Se o rei a descobre aqui estaremos mais do que encrencados.

— Shhh, você deveria relaxar. Meu marido está dormindo... Um sono profundo.

A rainha pôs as mãos sobre o peitoral do príncipe para que se deitasse, mas Luan a encarava com certo receio.

— Não, eu não quero.

— Está me rejeitando, príncipe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meredith falou próximo ao ouvido de Luan, em seguida mordeu de leve a orelha dele. Luan fechou os olhos tentando resistir às provocações daquela mulher.

— Meredith, por favor... Me deixe dormir. Foi apenas uma noite, eu vou me casar com a sua enteada... — Luan tentava resistir.

— Não adianta tentar se fazer de difícil e bancar o bom moço, porque eu sei que você quer. — Ela pôs as mãos por debaixo da roupa dele.

Luan começou a arrepiar-se e mordeu o próprio lábio inferior, respirando fundo e levantando-se da cama, jogando Meredith no chão, porque anteriormente ela estava praticamente sentada sobre ele.

— Vossa majestade pode sair por favor?! Eu não quero mais nada com você! — Luan alterou o tom de sua voz, mas no segundo seguinte arrependeu-se.

— Irá se arrepender, alteza. Vai ter troco, ou eu não me chamo Meredith Legrand.

PERIGOSAS ACHERON

O ódio estava estampado nos olhos amendoados da rainha.

Quando Meredith saiu do quarto, Luan ficou pensativo quanto às palavras proferidas pela rainha, mas preferiu acreditar que ela não faria mal algum a ele.

Luan não sabia do que aquela mulher era capaz.

Abriu a porta do quarto devagar, saiu andando na ponta dos pés, foi até o quarto de Clara e ela parecia estar em um sono profundo e tranquilo. Ficou a admirando por alguns instantes, no entanto, ela se mexeu e Luan saiu para que sua noiva não pudesse ver que ele estava ali, caso acordasse.

A noite fora mal dormida para Luan, conseguiu pregar os olhos na parte da manhã, o que não durou muito tempo. Lincoln o acordou entrando no quarto.

— Luan, acorde! Precisamos voltar. — disse tocando o braço do irmão mais velho.

Luan murmurou algo, mas levantou-se.

Minutos depois, estavam na sala de jantar onde estava sendo servido o café-da-manhã. Havia uma mesa posta com diversas frutas, pães e sucos. Tudo parecia normal não fosse o fato de Meredith resolver ela mesma servir o café. Clara pôde ver quando a madrastra colocou algo diferente na xícara que seria para Luan.

Ela não tinha dúvidas, Meredith tinha posto algo ali e com certeza não era um bom sinal.

Clara aproveitou enquanto sua madrastra servia o café para Benjamin, e então num gesto bem rápido trocou a xícara de Luan com a sua. Ela era uma boa pessoa, não colocaria a bebida envenenada para Meredith, embora parecesse mais justo; se alguém deveria provar do próprio veneno, que fosse sua madrastra. Entretanto, o caráter e a bondade da princesa não permitiram cometer tal ato.

Clara preferiu ficar com a xícara de café envenenado, mas tomaria cuidado, poderia dar uma desculpa qualquer e assim, livrar-se da bebida

quente.

Todos conversavam enquanto comiam e bebiam, mas foi em um momento de descuido que Clara esqueceu-se completamente do café suspeito levando a xícara aos lábios, só então se dando conta do que havia feito quando era tarde demais.

Aos poucos a visão foi ficando turva e tudo parecia confuso e embaçado, as vozes começaram a se distorcer e então veio a escuridão.

— Clara! Minha filha! — o rei gritou e viu sua primogênita cair nos braços de Luan que estava sentado ao lado dela.

— Oh! Pobre Clara! O que será que aconteceu? Ela parecia tão bem e saudável. — Meredith fazia-se de desentendida. — Deve ser a ansiedade com o casamento aproximando.

— Clara, pode me ouvir?

Luan tocou o rosto de sua noiva que estava frio. A ausência de expressões confirmava ainda mais

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela não estava bem. O príncipe aproximou os dedos sobre as narinas de sua noiva e logo após tocou-lhe o pescoço.

— Ela está sem pulsação, precisamos fazer alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

 **B**enjamin e Lincoln ajudaram Luan a levar Clara para o quarto e a colocaram deitada sobre a cama.

— Minha filha, fale comigo. — O rei tocava os cabelos louros da filha. — Eu já perdi sua mãe, não posso perdê-la também. — Dizia baixo.

O rei, por mais que parecesse tranquilo, estava desesperado pela ausência de vida no corpo de sua primogênita.

Ele não aguentaria mais uma perda.

Por que Clara estava tão bem numa hora e na outra já não estava mais?

— Eu vou buscar ajuda, tem que haver alguma forma dela acordar. — disse Lincoln já se

preparando para deixar o quarto.

Rei Benjamin olhou sua filha mais uma vez antes de sair pela porta, ficando apenas Luan e as duas servas da princesa no quarto.

— Ela está adormecida, como num sono profundo. — Uma das servas falou, inclinando o corpo para tocar o rosto sem expressão da princesa.

— O que precisamos fazer para que ela retorne à consciência? — príncipe Luan apressou-se a perguntar.

— Eu não sei. Pobre princesa. — A outra serva lamentou. — Parece tão fraquinha.

Rainha Meredith adentrou bruscamente o quarto de sua enteada e ordenou que as servas deixassem o cômodo imediatamente. Sem dizer nada, apenas curvando-se para reverenciar a rainha, as moças saíram.

— Isso é culpa sua! — Luan apontou para sua noiva adormecida sobre a cama. — Eu tenho certeza.

— É mais esperto do que eu pensava, rapaz.

A rainha analisava o belo príncipe e agora podia perceber que ele era bem mais inteligente do que ela pensava que pudesse ser.

— Qual o seu plano? Atingir minha noiva porque me recusei a deitar-se com você novamente? Uma vingança? — Luan começava a alterar-se.

— Digamos que o plano deu errado, de certa forma. O feitiço era para você, mas a sua princesinha o salvou quando tomou o chá envenenado que era para vossa alteza. — Meredith riu com escárnio. — Isso é tão romântico, não é? Me dá ânsia.

— Você é uma bruxa por trás de tudo isso. — Luan a olhava com desprezo e raiva.

Meredith era muito bonita, ele não podia negar. A rainha estava usando um vestido vermelho — que era sua cor favorita — com detalhes dourados. As muitas joias e adornos em ouro completavam

sua aparência imponente de rainha. Os cabelos negros presos, como era costume das mulheres casadas, os lábios cheios e avermelhados destilavam puro veneno a cada palavra.

— Não cuspa no prato que você já comeu, alteza. E se abrir essa linda boquinha que você tem, nem queira saber o que serei capaz de fazer. — Meredith o ameaçou e saiu do quarto batendo a porta atrás de si.

Luan arrependeu-se por ter ido para a cama com a esposa de seu futuro sogro. Porque agora tinha certeza que ela era mais perigosa do que ele poderia imaginar. Saber que Clara havia tomado o veneno, que na verdade era para ele, o fez nutrir um sentimento bom por ela. Não estava em seus planos apaixonar-se, no entanto, por mais que ele relutasse, aos poucos seus sentimentos por ela estavam crescendo.

Luan passou os dedos com cuidado pelo rosto de Clara, afastando os cabelos louros. Por mais que estivesse desacordada, suas expressões eram serenas. Luan acariciou o rosto delicado de sua

noiva e sorriu.

Se pensasse pelo lado bom, se sua noiva viesse à óbito, Luan estaria livre do casamento contra sua vontade. Por outro lado, sua noiva havia salvo sua vida. Era justo que ele ao menos desejasse que ela estivesse bem e com vida, ainda que aquilo trouxesse as consequências indesejadas.

Mas se o príncipe parasse para pensar e colocasse a mão na consciência, seria pecado desejar a morte de sua noiva. A garota nunca havia lhe feito mal algum, pelo contrário.

E se fosse seu pai, rei Frederick no lugar de rei Benjamin?

Se fosse seu pai lamentando sua morte ou a morte de seu irmão?

Rei Benjamin já havia sofrido a perda de sua amada esposa Sherlley anos atrás. Imagine a dor daquele homem que ficou viúvo ainda jovem e com duas filhas.

Luan olhava para o rosto pálido daquela que

PERIGOSAS ACHERON

seria sua futura esposa. Sua beleza o agradava. Seu rosto calmo e delicado, agora mais pálido que o normal. Os lábios sem cor alguma, parecia um defunto. Só de pensar, um arrepio percorreu sua espinha.

Luan observou o colar sobre o pescoço de Clara, uma joia muito bonita em formato de cristal. Claramente a peça era feito de ouro, e se não estava enganado, era um camafeu com detalhes vazados que podia ver seu interior brilhante, como se algo estivesse ali dentro.

Tornando a observar o rosto de sua noiva, Luan admirava os cílios espessos da princesa, a boca pequena bem desenhada como se tivesse sido esculpida por um dos mais talentosos artistas.

— Você precisa voltar. — disse baixo.

Sem que pudesse controlar seus instintos, Luan fechou os olhos aproximando o rosto e deixou um beijo casto nos lábios de sua noiva.

Quando os lábios de Luan se afastaram de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara, ela acordou como alguém que desperta aos poucos depois de muitas horas de sono. Ou como alguém que acaba de acordar após um afogamento.

— Deu certo! Você voltou! — Luan parecia animado, diferente de Clara.

A princesa ainda confusa tossiu.

— Deixe-me ficar sozinha, por favor. — pediu.

— Mas você está bem? Sente algo?

— Luan, eu estou bem. Apenas quero ficar sozinha, pode fazer isso, por favor?

— Por quê? O que eu fiz?

O príncipe estava confuso. Depois do beijo Clara voltou à vida. Aquilo era incrível, não era?

— Me dê licença. — Ela permaneceu firme e Luan levantou-se, estava ajoelhado ao lado da cama.

— Se precisar de algo, pode me chamar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou precisar, obrigada.

Luan assentiu e saiu do quarto sem entender absolutamente nada.

O príncipe avisou o rei que Clara estava bem e consciente. Benjamin ficou um pouco fazendo companhia para a filha. A princesa não contou a ninguém do que sabia sobre Meredith ter a envenenado, na verdade tentado envenenar Luan.

No entanto, o que também ninguém sabia, era que quando Clara estava adormecida, podia ouvir tudo o que falavam. Sendo assim, ouviu a conversa entre Luan e Meredith, quando ele disse: "Qual o seu plano? Atingir Clara porque me recusei a deitar-se com você novamente? Uma vingança?"

Recusei a deitar-se com você novamente.

As palavras ecoavam em sua cabeça, lhe causando uma dor terrível. Luan havia lhe traído com sua madrasta, seu pai era um tolo no qual Meredith estava passando para trás. Ela só

precisava de tempo e de provas para desmascarar a madrasta malvada.

— Vim verificar se você está bem.

Lincoln adentrou o quarto, Clara estava perto da janela olhando tudo o que acontecia no lado de fora do castelo, e na verdade não acontecia nada, tudo estava calmo. Estava acompanhada de suas servas.

— Oi. — Ela sorriu de leve.

— Luan e eu estamos voltando para o nosso reino, mas logo retornaremos para saber como está.

— disse o príncipe aproximando-se.

— Obrigada por preocupar-se.

— Posso te dar um abraço? — Lincoln pediu e ela não negou.

Lincoln e Clara abraçaram-se por alguns minutos, as mãos dele deslizavam pelas costas da futura cunhada, fazendo um carinho delicado enquanto Clara mantinha os olhos fechados.

Nenhum dos dois percebeu quando Luan estava adentrando o cômodo para despedir-se de Clara, mas ficou parado na porta quando viu seu irmão e sua noiva abraçados. O príncipe engoliu em seco e apenas deu as costas, não deixou que notassem sua presença.

— Melhor você ir. — Clara falou desfazendo o abraço.

— Eu vou. — Assentiu. — Fique bem. — Deixou um beijo no alto de sua testa e saiu.

Quando Clara avistou pela janela, Luan e seu irmão saindo à cavalo pelos portões do palácio, buscou um pedaço de papel e uma pena. Escreveu um pequeno bilhete e entregou ao pombo-correio.

— Vá e entregue à Miranda.

CAPÍTULO 12



— Que história louca, sua madrasta colocou veneno na xícara que era para o seu noivo e vossa alteza acabou trocando e tomando o veneno? Foi isso?

— Sim, Miranda. E acabei adormecendo na mesma hora, mas ainda conseguia ouvir tudo o que falavam... Luan e Meredith têm um caso.

— Oh! Eu imagino como deve estar se sentindo. O que irá fazer quanto a isso? Pobre rei Benjamin. Contará a seu pai?

A princesa e sua melhor amiga estavam conversando na biblioteca do castelo em Isla Vista.

— Não, ao menos não por enquanto.

— E irá se casar com Luan? — Miranda questionou franzindo a testa.

— Não sei, mas tentarei adiar o casamento. — Clara respondeu ainda incerta.

— E como conseguirá isso?

— Fingirei estar doente, assim ganharei tempo.

— Ótima ideia, princesa. Conte comigo para ajudá-la.

— Obrigada, amiga, nem sei o que seria de mim se não tivesse você. — Clara a abraçou.

— Amigas são para essas coisas. — a jovem sorriu. — Agora preciso ir ajudar minha avó. Fique bem e tome cuidado com Meredith. Qualquer problema, sabe onde me encontrar.

— Obrigada. Tomarei cuidado, fique tranquila.

Miranda morava com sua avó na vila de Isla Vista. A avó da moça era cozinheira e confeitadeira, dona de uma taberna, uma pequena loja no primeiro andar de sua casa, o que era bastante comum na

vila. Os comerciantes tinham suas lojas e oficinas na região.

Luan e seu irmão Lincoln estavam em seus cavalos no caminho de volta à Sunset Valley.

— Meredith é mais perigosa do que eu pensava.
— comentou o noivo de Clara.

— Acho melhor ficar longe dela.

— Ficarei, mas temo que ela possa fazer mal à Clara por minha causa, já bastou tentar me envenenar. O lado bom é que o casamento está se aproximando e Clara ficará mais segura estando próxima a mim. — Luan falou e seu irmão o olhou incrédulo.

— Está apaixonado por ela ou é impressão minha?

— Apenas aceitei o fato de que terei que me casar com ela. Ainda que algo ruim tivesse acontecido à Clara, nosso pai encontraria logo uma outra moça para se casar comigo, tenho certeza

PERIGOSAS NACIONAIS

disso. — Luan cavalgava prestando atenção no caminho à frente. — Agora estamos noivos terei que aceitar mesmo contra a minha vontade.

— Fico surpreso, nunca vi meu irmão apaixonado. — Lincoln caçoou do irmão.

— E não estou! Apenas aceito melhor o fato de não poder fazer nada para impedir esse casamento, a palavra de um rei não pode voltar atrás. — Suspirou. — Papai não me livrará deste compromisso, cabe a mim aceitar tão somente. — Luan respondeu e Lincoln ficou pensativo.

Nenhum dos dois príncipes comentou sobre o ocorrido em Isla Vista. Jamais contariam à Frederick e Deisy sobre Meredith.

Alguns dias se passaram e Clara fingia estar doente. Com a ajuda de suas servas, usou algumas compressas de água quente para colocar em sua testa, assim pareceria que estava ardendo em febre. Fez também algumas manchas em seu rosto e parecia de fato estar doente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha filha, ficou doente logo agora que seu casamento está tão próximo! — lamentou rei Benjamin.

— Oh, papai! Não poderei me casar, não nesse estado, mal consigo levantar-me desta cama.

— Não diga nada, meu bem. Descanse. Mande preparar uma sopa que lhe fará sentir-se melhor, está bem? — ele acariciava o rosto dela. — E o médico virá amanhã.

— Sinto falta da mamãe, queria muito que ela estivesse aqui. — Clara entristeceu-se.

— Eu também, sua mãe teria orgulho de você. — Sorriu. — Fique bem, eu amo você. — O rei beijou-lhe a testa.

— Também o amo, papai.

— Majestade, posso servir o jantar? — uma das empregadas do castelo perguntou aparecendo na porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas sirva o jantar de minha filha aqui no quarto.

Quando o rei deu às costas, a serva virou-se para a princesa.

— Se o rei descobre que estou lhe ajudando com esta mentira, terei sérios problemas. — Confessou a mulher.

— Fique tranquila, não deixarei nenhum mal lhe acontecer.

Na manhã seguinte, Clara recebeu a visita de seu noivo, o príncipe Luan.

— Como está se sentindo? Parece tão doente. — perguntou abaixando-se próximo a cama.

O rosto da princesa tinha marcas vermelhas e os olhos cercados por olheiras, mas nada daquilo era real, era apenas para que o casamento fosse adiado.

— Nada bem, mas estou ainda pior por saber toda a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que está falando? — Luan estava confuso.

— Você e Meredith. — Estava séria procurando algum vestígio de verdade nos olhos do noivo. — Eu já sei de tudo.

As palavras de Clara acertaram Luan de tal forma como uma flecha acerta o alvo. E pior, ela estava certa, por mais que Luan não quisesse admitir, ele estava completamente arrependido.

— Clara, deixe-me explicar...

— Explicar? — franziu a testa. — Luan, você traiu a confiança de meu pai, se envolveu com aquela descarada pelas minhas costas. Acha que ainda tem o direito de explicar o quê?

O coração do príncipe batia de forma assustadoramente rápida.

— Eu sei que errei, eu confesso e estou arrependido do que fiz. — Engoliu em seco. —

Todos cometemos erros, eu não sou diferente de ninguém, por mais que eu seja um príncipe, eu cometo erros como qualquer outra pessoa.

Ele estava desesperado.

— Eu também cometi um erro muito grande, — os lindos olhos azuis analisavam os castanhos. — Foi quando deixei que me beijasse. Eu nunca havia sido beijada por ninguém e vossa alteza fez isso para que? Para depois atirar meus sentimentos na lama.

— Não! Eu juro que não. — Apressou-se a defender-se. — No início eu não estava me importando, mas depois eu comecei a me importar, eu me importo com você sim. — Luan segurou uma das mãos de Clara, mas ela afastou.

— Não precisa vir me visitar mais, eu não quero te ver, não quero ficar perto de você porque estou muito magoada.

— Tudo bem, tem todo o direito de estar assim, mas imploro por seu perdão. — Luan ajoelhou-se

ao lado da cama. — Prometa que nunca contará a ninguém o que aconteceu. Peço misericórdia.

— Não posso prometer nada. — Clara mantinha-se serena, mas por dentro estava explodindo de alegria por ver a expressão desesperada do noivo.

O príncipe estava claramente desesperado. A possibilidade de seu pai e sua mãe descobrirem que tinha passado uma noite com a madrasta de sua noiva era assustadoramente palpável. Luan não queria imaginar o que poderia acontecer-lo. Não descartava a possibilidade de rei Frederick expulsá-lo de Sunset Valley e conceder o trono ao seu irmão mais novo, Lincoln. Por outro lado, tinha a certeza que rainha Deisy não deixaria um escândalo estourar na família.

Ainda assim ele tinha medo.

Muito medo.

Mais ainda do que Meredith poderia fazer contra ele e contra Clara.

— Eu faço o que quiser. Só por favor, mantenha esse segredo. — Luan segurava as mãos de sua noiva, pedindo com todas suas forças. — Eu imploro por sua misericórdia. Poderei fazer o que quiser.

Clara sentiu uma pontinha de pena de seu noivo. No entanto, quando lembrava do que ele havia feito, toda a misericórdia e bondade que existia dentro de si se esvaía.

— Vá embora. — Ordenou.

Luan apenas assentiu e saiu em silêncio. Quando o príncipe foi embora, Clara permitiu-se chorar. Deixou que sua tristeza transbordasse através de suas lágrimas, queria que sua vida fosse diferente.

A escuridão predominava, mas Clara tinha plena consciência de que estava num lugar que se parecia com um castelo abandonado. Ela não sabia como havia chegado até ali ou onde exatamente estava, muito menos o que estava fazendo naquele local,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas continuava andando pelo que parecia ser um extenso corredor, longo até demais.

Não enxergava quase nada, por isso, andava próxima a uma das paredes, tateando o concreto para que pudesse sentir aonde poderia andar sem esbarrar em obstáculos. No entanto, ela não teve que desviar de nada, era como se o local estivesse completamente vazio e abandonado há anos.

Tinha os pés descalços, sabia disso porque podia sentir o chão molhado onde pisava, e além disso, o único som que se distinguia de seus pés agitando a água quando ela andava, era o de gotas pingando em algum lugar próximo dali.

Clara não sabia exatamente o porquê, mas estava desesperada de medo.

Talvez fosse a escuridão ou o ambiente desconhecido, mas o que quer que fosse, a assustava muito. Seu coração batia acelerado, sua respiração estava ofegante e ela olhava para os lados como se estivesse sendo perseguida. Se tivesse que opinar, diria que estava louca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Andou mais alguns centímetros e suas mãos alcançaram uma porta de madeira, não pensou duas vezes, segurou firme na maçaneta e a girou, abrindo-a e sentindo que o volume de água em que afundava os pés havia aumentado consideravelmente. Terminou de empurrar a porta aos poucos adentrando o local com um certo receio, mas assim que a porta se abriu por completo, o coração de Clara quase parou com a cena que viu.

Aquele era um banheiro e o local era pouco iluminado por luzes de velas, o que tornava tudo ainda mais assustador. No canto esquerdo havia uma banheira velha toda arranhada, mas aquilo não era assustador perto do que tinha dentro dela.

Estava cheia de sangue e um corpo boiava tranquilamente pelo fluído de cor vermelho escuro.

Não era qualquer corpo.

Era o corpo de Luan.

Clara pôde reconhecer pelo rosto que ficava para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

 **N**aquele momento, Clara já sabia que aquilo só podia ser um pesadelo, mas era tão real que doía.

Perdida em ilusões, ela quase deixou passar o último detalhe perturbador. Uma mensagem escrita na parede atrás da banheira em grandes letras vermelhas como o sangue em que o corpo de Luan boiava.

"Parabéns por ter feito isso."

A princesa acordou erguendo-se da cama num susto completamente desesperado. Entretanto, também não demorou a se dar conta de que havia acabado de acordar de um pesadelo terrível, e, conseqüentemente, preocupou-se com Luan.

Achava melhor até mesmo afastar-se de seu noivo, pois temia que Meredith pudesse lhe fazer

PERIGOSAS ACHERON

algum mal, afinal, eles tinham passado uma noite juntos e Luan parecia não querer mais.

No entanto, embora estivesse preocupada com Luan, Clara ainda estava magoada com ele e como poderia se casar com alguém que havia levado sua madrastra para a cama?

Dava nojo só de pensar, quanto mais imaginar.

A princesa mantinha seu plano de fingir estar doente, mas sabia que não duraria muito, afinal, um dia a tal enfermidade teria que ir embora. Enquanto isso, ganhava tempo para que o casamento fosse adiado.

Luan estava em seu quarto no castelo, tentava entender como Clara tinha ficado sabendo da única noite que ele tinha passado com Meredith. Caso sua noiva decidisse contar ao rei, seria uma grande vergonha perante ele e também perante seus pais. Era assustador pensar que o rei Frederick poderia lhe expulsar do reino.

Começou a pensar em inúmeras possibilidades e

se Clara almejava livrar-se do casamento com ele, aquela seria a grande oportunidade. Entretanto, Luan já não sabia mais se queria casar-se ou não, mas o que ele começava a ter certeza, era que já não estava mais apático em relação à sua noiva. O abraço que Clara e Lincoln compartilharam, mexeu com o príncipe de tal forma, causando-lhe ciúmes. Resolveu não tocar no assunto com seu irmão, porém ficaria mais atento quanto a proximidade dos dois.

Alguns dias depois, Clara estava na biblioteca em seu castelo, observava através da janela os pássaros que faziam ninhos nas árvores e estava distraída quando foi surpreendida por alguém chegando por trás e com as duas mãos fechando seus olhos.

— Hmm deixe-me ver se adivinho quem seja...
— Ela disse sorrindo. — Lincoln?

— Como sabia? — o príncipe sorriu tirando as mãos dos olhos dela e virando de frente.

— Não sei, apenas percebi que era você.

— Hmm. Vim ver como está. Sente-se melhor?

— Sim.

— Eu trouxe um presente.

— Um presente para mim? — Clara franziu as sobrancelhas.

— Sim, venha comigo.

Os dois desceram as escadas do castelo, Clara apressada e curiosa. Os cabelos soltos balançando conforme o movimento. Quando chegaram ao lado de fora, passaram pelo pátio e chegaram no jardim onde a surpresa estava.

— Oh! Deus do céu!

Clara foi surpreendida.

— Gostou? — Lincoln perguntou sorridente.

— Muito! Ele é lindo!

A princesa aproximou-se do belo animal. Os pelos brancos como as nuvens naquele momento sob o céu de Isla Vista.

Um unicórnio.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Mas eu não posso aceitar.

Clara murchou o sorriso encarando o príncipe.

— E por que não? — Lincoln deu um passo à frente.

— Não é certo isso, eu sou noiva de seu irmão.

— Clara, é apenas um presente e irei ficar magoado caso não aceite.

— Eu não sei...

A princesa lembrou-se que Luan tinha feito bem pior, não merecia que ela tivesse algum tipo de

consideração por ele.

— Tudo bem.

Lincoln sorriu e aproximou-se ainda mais da futura cunhada.

— Posso lhe dar um abraço? — pediu e ela assentiu.

Clara sentia o toque de Lincoln em sua cintura a envolvendo, fechou os olhos e sentiu-se acolhida. Sua mente dizendo que aquilo era errado, ao mesmo tempo que pensava na traição de seu noivo.

Lincoln foi quem desfez o abraço e encarou o par de olhos azuis à sua frente. Aos poucos aproximou-se mais e juntou seus lábios aos dela, dando pequenos beijos em sua boca que não parecia disposta a recebê-lo.

Clara afastou-se bruscamente empurrando Lincoln. Em sua mente, ela deveria se valorizar ou talvez até mesmo vingar-se, mas não queria usar Lincoln como seu plano de vingança. E também,

pensando justamente, o príncipe estava completamente errado traindo seu próprio irmão.

O que era aquilo? Um bando de traidores?

Será que ninguém conseguia mais ser fiel?

— Desculpe, não deveríamos. — disse Lincoln, sentindo que a pele delicada da princesa tinha um perfume suavemente doce.

— Não, não deveríamos mesmo. Você não deveria. — Concordou.

Aquilo foi tão errado, o pouco de sanidade que tinha dentro de si fez com que ela afastasse o cunhado à tempo, antes que estivessem envolvidos em um beijo de verdade, como quando seu noivo lhe beijou.

— Me desculpe. — Uma das mãos de Lincoln subiu até os cabelos da princesa, mas ela afastou-se. — Eu não tive a intenção de confundi-la.

— Eu também não tive a intenção de lhe dar

esperanças, não podemos continuar com isso. — disse firme. — Sou noiva de seu irmão, portanto, pare com essas visitas.

— Tudo bem. — Lincoln assentiu. — Mas saiba que se quiser, eu estou disposto a enfrentar até mesmo meu irmão. Case-se comigo e não com ele.

— Lincoln... Eu não posso. — Negou com a cabeça. — Por mais que Luan tenha me magoado, já firmamos compromisso e devo honrar minha palavra.

Clara tinha caráter e isso ninguém seria capaz de tirar-lhe.

— Pois então, termine tudo antes que se casem. Sente algo por mim?

— Eu estou tão confusa, preciso de um tempo.

E de fato estava.

Clara encontrava-se dividida. Eram dois príncipes muito bonitos. Um demonstrava mais

carinho e atenção enquanto o outro era mais rude, embora tivesse mostrado não passar de um garoto assustado quando implorou por misericórdia.

— Tudo bem, mas mantereí minhas esperanças.
— Lincoln aproximou-se beijando a testa da princesa. — Fique bem, voltarei em breve para lhe visitar.

— Não volte, por favor.

O príncipe assentiu e deu as costas. Montou em seu cavalo saindo do castelo.

Ao chegar em Sunset Valley, Lincoln encontrou seu irmão pensativo na sala das armas.

— Luan... — chamou e o mais velho olhou para ele. — és meu irmão e sempre fomos amigos, sempre te respeitei muito porque você é meu irmão mais velho... — sentia que precisava falar logo. — Eu preciso te contar uma coisa que está me sufocando.

— Diga. — Luan assentiu e Lincoln respirou

fundo antes de falar.

— Estou apaixonado pela Clara.

Lincoln não teve tempo de dizer mais nenhuma palavra, apenas sentiu o punho de Luan acertando seu rosto.

— Não tem vergonha na cara? Como ousa vir aqui e dizer que está apaixonado pela minha noiva, como se isso fosse a coisa mais simples e normal?
— Luan estava indignado.

— Luan, essas coisas não conseguimos controlar... Aconteceu, eu me apaixonei por ela desde a primeira vez que a vi.

Lincoln estava sendo sincero.

— CALA A BOCA! — Luan gritou. — Você não tem esse direito! Se você encostar um dedo nela, eu juro que acabo com você. — Ameaçou segurando o mais novo pela camisa.

— Mas você nem ao menos gosta dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já mandei calar essa sua boca! — Luan ralhou. — Irei me casar muito em breve, você querendo ou não.

Luan estava segurando seu irmão pela camisa, a ponto de enforca-lo.

— O que está acontecendo aqui?

Rei Frederick tinha acabado de chegar onde seus dois filhos estavam discutindo. Os guardas apressaram-se para chamar o rei.

— Este traidor! — Luan apontou para o irmão.

— O que você fez, Lincoln? — perguntou o rei.

— Nada, pai. Apenas fui sincero com meu irmão e...

— Ele está apaixonado pela minha noiva! — Luan quase gritou apertando novamente seus dedos no pescoço de Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — o rei estava chocado. — Mas, meu filho, você tem a sua namorada. Luan se casará em breve, depois será sua vez.

— Mas ele quer a minha noiva, disse que está apaixonado por ela. — Luan riu com ironia.

— Isso é verdade? — Frederick perguntou e o filho caçula assentiu.

Rainha Deisy tinha acabado de chegar e estava claramente assustada.

— O que está acontecendo?

Frederick explicou e sua esposa ficou tão chocada quanto seu marido.

— Oh céus! O que devo fazer com vocês dois?
— o rei balançou a cabeça negativamente.

— O expulse daqui. — Luan sugeriu.

— Larga ele, Luan. Desse jeito irá matar seu próprio irmão. — Deisy tentava manter-se calma,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas estava sendo difícil.

Luan obedeceu e o soltou. Sua vontade era bater tanto em Lincoln até que seu rosto estivesse completamente desfigurado.

— Não, pai. Eu prometo que se Clara escolher casar-se com Luan, eu a deixarei em paz. — Lincoln estava ofegante.

— Como é? - Luan franziu as sobrancelhas. — Ela sabe de seus sentimentos?

O mais novo apenas assentiu e Luan quis partir para cima dele outra vez, sendo agora impedido por seu pai.

— Não podem ficar brigando como dois búfalos, se resolvam conversando como pessoas civilizadas. — Declarou o rei. — Luan, venha comigo. — Ordenou.

Rainha Deisy balançou a cabeça negativamente enquanto olhava para seu filho caçula.

PERIGOSAS ACHERON

Rei Frederick conversou com seu filho primogênito, fazendo-o prometer que não avançaria novamente para cima de Lincoln. Luan prometeu com a condição que seu irmão ficasse longe de Clara, caso contrário, não manteria sua promessa.

Após conversar com os filhos, Frederick adentrou o quarto e sorriu quando avistou sua esposa o esperando. Deisy estava linda. Os cabelos escuros estavam soltos emoldurando o rosto formoso. A rainha estava usando suas joias de esmeraldas, pulseiras, brincos e anéis. Ela sorriu para o marido quando ele se aproximou.

Estava coberta apenas pelos lençóis de seda.

Rei Frederick sentou à beira da cama.

— Conversou com eles?

— Sim. Eu pensava que tínhamos criado dois príncipes, mas pelo visto são dois asnos.

— Não fale assim, querido. — A rainha aproximou-se ajudando o marido a se despir. —

Fico pensando onde foi que erramos.

— Você não errou, querida. — O rei sorriu. — Foi perfeita em todo tempo. Eu que errei quando não os corriji... Deveriam ter apanhado.

Deisy nunca foi à favor da violência, mas agora acreditava que umas boas palmadas poderiam ter corrigido os filhos.

— Está tenso. — A rainha iniciou uma massagem nos ombros do marido. — O que posso fazer para que meu marido relaxe um pouco?

Frederick sorriu e trocaram um olhar cúmplice antes de ele beijar sua esposa.

A mulher mais bonita de todo o reino. A única mulher que ocupava seus pensamentos. A mulher que esteve ao seu lado em mais de vinte anos de casamento. A mulher que lhe era fiel em todos os sentidos. A mulher que era amada por seus súditos. A mulher que ele não trocaria por nenhuma outra.

Somente a morte poderia os separar e Frederick

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desejava que ela estivesse longe. Muito longe.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

 Em Sunset Valley, Luan e Lincoln não estavam se falando há dias, evitavam até mesmo ficar muito tempo no mesmo ambiente, como por exemplo, na hora das refeições em família. Para ambos tinha sido uma tortura passar praticamente o dia todo na biblioteca lendo sobre o código de conduta do reino. Uma espécie de castigo imposto pela rainha.

Era noite e Luan estava tocando piano quando sua mãe apareceu admirando o filho primogênito.

— Gosto tanto de te ver tocar. — A rainha Deisy comentou sentando ao lado do filho. — Que música bonita.

— Gostou? Eu estava compondo, mas não tenho certeza se ficou boa. — respondeu Luan.

— Toque um pouco mais, tenho certeza que é

PERIGOSAS ACHERON

ótima. — A rainha sorriu. Tinha muito orgulho de seus dois filhos.

Luan tocou um pouco mais para sua mãe antes que ela fosse dormir desejando-lhe boa noite.

Em Isla Vista, Clara tinha pedido seu pai para que deixasse Miranda passar aquela noite no castelo. A princesa tinha dispensado suas servas, estava no quarto sentada numa poltrona enquanto sua melhor amiga escovava seus cabelos.

— Vossa alteza tem sorte, dois príncipes lindíssimos brigando por sua causa.

Clara sorriu brevemente balançando a cabeça em negativa.

— Miranda, eu não sou um troféu o qual o "vencedor" ganhará. — Suspirou.

— Eu sei que não, mas no seu lugar, aproveitaria a oportunidade e ficaria com os dois. Se bem que a senhorita já andou beijando os dois irmãos, não é mesmo? — a amiga da princesa

comentou cheia de malícia na voz.

— Eu não beijei o Lincoln, eu o afastei.

— Ah, sei.

— É verdade.

A noite estava agradável em Isla Vista, do lado de fora, a temperatura amena e o céu estava completamente estrelado. Clara já podia sentir-se com saudades antecipadas de seu quarto, seu castelo e seu reino. Dali a poucos dias estaria de mudança para Sunset Valley porque estaria se casando, convivendo com outras pessoas e tendo outra rotina.

Sentia medo. Medo do que estava por vir. Se ao menos sua mãe estivesse ali.

Tocou o colar sentindo a pedra gélida no interior do camafeu. Se rainha Sherlley estivesse ali talvez as coisas poderiam ser diferentes.

As paredes do quarto em tons de verde-água. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pintura dos pequenos ramos de flores e os pássaros minuciosamente pintados pelas mãos de um artista. Seu quarto tinha muito de sua personalidade. Seria triste deixar toda uma vida para trás, mas fazia parte da idade. Estava, mesmo que contra sua vontade, na hora de permitir-se viver aquela mudança.

Ultimamente a princesa pensava bastante em seu noivo, em como seria o casamento. Como seria acasalar com ele. Pensamentos impróprios. Sentia medo.

— Meu casamento é daqui a poucos dias e eu estou morrendo de medo. — Confessou.

— Medo de que, alteza? Seu noivo tem se mostrado preocupado e carinhoso com a senhorita, acho que ele será bom um bom marido, e se não for, ainda tem a opção de ficar com o irmão dele. — Miranda comentou rindo.

— Sei que Luan aparenta estar mesmo gostando de mim, acho que esse é o meu medo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou entendendo, — a amiga largou a escova para olhar melhor o rosto da princesa. — Explique melhor.

— Miranda, o que acontece quando um homem e uma mulher ficam sozinhos?

Clara sentiu o rosto corar.

— O quê? — ela não se conteve e riu. — Clara, não é possível que é tão ingênua e não sabe ou ao menos não imagina.

— É lógico que eu sei o que acontece, mas quero saber como é, o que eu tenho que fazer... Essas coisas.

— Ai, amiga... — Miranda ria e quase não aguentava falar. — Olha, seu futuro marido é um homem experiente, ele saberá muito bem lhe ajudar. — Dizia ela ainda rindo.

— Desse jeito eu não vou lhe contar mais nada, você só ri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, Clara. Mas não fique com medo não, o príncipe sabe que vossa alteza é uma donzela e ele será cuidadoso.

— Assim espero. — Suspirou.

A princesa não queria ter sentimentos por Luan, no entanto, tinha que se conformar e o melhor a se fazer era aceitar seu casamento com o príncipe. Talvez eles pudessem realmente serem felizes juntos algum dia.

Na manhã seguinte, Luan cantarolava enquanto caminhava pelo castelo, indo para a sala de treinamento.

— Parece alegre, filho. — disse o rei Frederick.

— E estou, pai. Sonhei com minha noiva.

— Que notícia ótima! O casamento está se aproximando e parece que tem alguém feliz. — O rei ficou satisfeito por ver que seu filho estava animado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora me sinto pronto para dar esse passo à frente, não vou deixar nada e nem ninguém estragar a minha felicidade.

— Refere-se à seu irmão, não é mesmo?

— Sim, ele anda passando dos limites, queria confundir a Clara. Ele só pode ter batido com a cabeça. E por falar nisso, onde ele está? Não o vi desde que acordei.

— Viajou, foi novamente à Rose Valley.

— Aposto que foi se consolar nos braços de Larissa.

— Luan, vocês precisam fazer as pazes, sempre foram amigos e não podem continuar assim sem se falar. — O rei falou tocando o ombro do filho.

— Eu sei, mas o que meu irmão fez foi uma atitude de muito mal caráter. Imagine se fosse ao contrário, eu interessado na namorada dele... era bem capaz que quisesse me matar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não diga isso, meu filho. Lincoln terá que aceitar o seu casamento, logo ele também poderá se casar. Não tenho certeza se faço gosto que ele se case com aquela moça, ela vive num reino tão distante, ela terá que vir morar aqui ou não duvido nada que Lincoln queira mudar-se para lá.

— Tomara que ele vá mesmo morar bem longe e não volte. — Luan falou e seu pai balançou a cabeça negativamente.

Lincoln viajava rumo à Rose Valley, estava disposto a resolver sua situação com Larissa de uma vez por todas. A viagem foi longa e quando ele chegou, já estava anoitecendo.

— Lincoln, meu amor! — a garota correu para abraçá-lo. — Que bom que veio, eu estava com muita saudade.

O príncipe engoliu em seco e pensou na melhor forma de dizer o que tinha ido fazer ali.

— Larissa, nós precisamos conversar. — disse desfazendo o abraço.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também preciso falar com você, preciso lhe contar uma coisa.

— Então fala.

— Meu amor, nós teremos um filho. Eu estou grávida.

Lincoln ficou paralisado como se todos seus sentidos estivessem desligados.

"Nós teremos um filho".

A frase martelava em sua cabeça e ao mesmo tempo mil coisas passavam por sua mente, fazendo com que o jovem príncipe desistisse do real objetivo de sua ida ali: terminar o namoro.

— Amor, você está me ouvindo?

Larissa sacudiu o braço de seu amado, fazendo com que ele saísse do transe em que estava.

— Oi. — respondeu focando o olhar em direção

ao ventre da garota.

— Você está bem? Eu sei que não estava nos planos um bebê agora, mas minhas regras de mulher já não vêm a mais de um mês, tenho plena certeza de que estou esperando um filho seu. — Larissa estava radiante porque teria um filho do homem que amava. — Disse que tinha algo a me dizer, o que era?

— Nada, não era nada importante. — Lincoln deu um meio sorriso.

Agora o príncipe já não poderia mais seguir com o que planejava.

Sentia-se petrificado.

O que iria fazer agora com um bebê?

Pelo amor de Deus! Ele não estava preparado para ser pai.

— Achei que ficaria feliz em saber sobre a criança.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou. — disse sem esboçar qualquer tipo de emoção.

— Eu fiquei assustada, mas agora penso em como será bom um filho nosso.

Coitada.

Larissa sorriu e o beijou, no entanto, Lincoln ainda estava apático quanto àquela situação.

— Venha, deve estar cansado da viagem. — a namorada segurou a mão do príncipe, conduzindo-o para dentro da casa.

— Seu pai e sua mãe estão? — ele perguntou e ela assentiu. — Contou para eles sobre a gravidez?

— Minha mãe já sabe, mas esperei você para contarmos juntos ao meu pai.

Pronto, aquela seria definitivamente uma batalha que estavam prestes a travar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha quem chegou! — o pai de Larissa pareceu animado quando avistou o jovem príncipe.

— Como vai? — Lincoln deu um meio sorriso, mas por dentro estava se borrando de medo.

— Bem, obrigado.

Larissa não era de uma família real, entretanto, tinham boas condições de vida. A jovem e o príncipe se conheceram numa das viagens dele e logo iniciaram o compromisso. Estavam juntos aproximadamente um ano e a garota conhecia a família de Lincoln, mas já fazia algum tempo que não visitava o reino de Sunset Valley.

Após o jantar, Lincoln e Larissa teriam que contar ao pai da garota que ele seria avô.

— Papai, nós temos uma coisa para contar. — disse a garota segurando as mãos do príncipe que estava nervoso. Trocaram um olhar incerto e então, tomando coragem, confessou. — Estou esperando um filho.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — o homem rechonchudo arregalou os olhos. — Vocês não têm vergonha?

O homem falou bravamente e Lincoln não tinha onde esconder o rosto de tanta vergonha que sentia.

— Querido, acalme-se. — disse a esposa.

— Me acalmar? — riu com escárnio. — Eu não criei Larissa para vir um príncipezinho desvirtuar minha filha. Pois pegue suas roupas e dê o fora daqui ainda esta noite.

CAPÍTULO 15

 Larissa teve que arrumar suas roupas, objetos pessoais e partir para Sunset Valley com Lincoln. Sua mãe tentou convencer o pai para que a deixasse ficar, mas ele estava decidido, então a garota despediu-se de sua mãe e foi embora com o príncipe.

Embarcaram em um navio naquela noite e Larissa não parava de chorar nem por um segundo. Lincoln apenas acariciava os cabelos dela, que estava com a cabeça repousando no ombro dele enquanto as lágrimas percorriam seu rosto.

— Não fique assim, chorar não irá resolver nada. Vai ficar tudo bem. — disse enquanto a garota apenas soluçava.

— Agora eu só tenho você. — Choramingou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln pensava em mil coisas, agora teria que se casar com Larissa, eles teriam um filho e suas vidas mudariam completamente, ou ao menos seus planos mudariam.

Chegaram à Sunset Valley no dia seguinte, quase no horário do almoço. Lincoln estava receoso, pois acabara de adentrar o castelo acompanhado de sua namorada e de suas malas.

O príncipe pediu que algumas servas cuidassem da garota enquanto ele conversava com seus pais.

A primeira reação do rei foi ficar bravo. Lincoln encolheu o corpo preparando-se para as pancadas que esperava receber de seu pai. Por pura sorte elas não vieram. Acreditava que tinha alguma influência de sua mãe, porque a rainha Deisy estava ao lado do marido, fazendo de tudo para que ele não ficasse nervoso.

— Eu não sei mais o que fazer com você e seu irmão. — Rei Frederick andava de um lado para o outro enquanto seu filho caçula estava de cabeça baixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando penso que estão criando juízo acontece isso. — A rainha comentou. — Céus, eu serei avó!

— Pai, mãe, eu sei que isso não estava nos planos, que Luan irá se casar daqui a pouco, mas aconteceu...

O príncipe estava ainda digerindo todas as informações. Ainda não estava conformado com a realidade que aos poucos o atingia.

— Sei que agora nada do que eu disser reverterá essa situação. — o rei o interrompeu. — Mas se você foi homem para fazer esse filho, terá que ser homem para assumir a criança e também a mãe do bebê. — Frederick olhou para sua esposa e ela concordou com um menear de cabeça. — Não diremos a ninguém sobre a criança por enquanto até que se casem. Marcaremos a data do casamento logo depois que seu irmão se casar.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln assentiu, teria que concordar com seu pai, pois não havia argumentos que o favorecessem.

Antes do jantar, o rei e a rainha não perguntaram nada, apenas receberam bem a futura nora.

— Seja bem-vinda a nosso reino, Larissa. — Deisy lhe abraçou.

— Muito obrigada, majestade. — A garota sorriu tímida.

Os empregados puseram as malas da nova moradora do castelo no quarto de hóspedes. Larissa ficou confusa, porque achava que dividiria o mesmo quarto com Lincoln. No entanto, o príncipe trancou-se em seu próprio quarto sem ao menos lhe dar explicações.

À noite, durante o jantar, rei Frederick contou ao filho primogênito que Larissa estava grávida e teria que morar ali no castelo com eles já que o pai da garota havia mandado a filha embora de casa. Luan ficou boquiaberto, mas ao mesmo tempo um

sentimento de alívio o preencheu. Agora que Larissa iria morar no castelo, Lincoln não teria a ousadia de continuar correndo atrás de Clara e que por sinal, dentro de dois dias estaria também de mudança para Sunset Valley.

Rei Frederick, e rainha Deisy não questionaram quanto a gravidez e muito menos quanto à estadia da futura nora no castelo. Somente quando foram se deitar conversaram a respeito.

Luan estava ansioso para rever sua noiva, ironicamente a tempos atrás estava louco para que o casamento pudesse ser desfeito, entretanto, agora não via a hora que acontecesse logo.

Já Lincoln, estava deitado em seu quarto pensando. Quando a porta se abriu ligeiramente e ele levantou o rosto para ver quem era, percebeu que Larissa já estava em trajes de dormir e caminhou até ele sentando na beirada da cama.

— O que aconteceu? Sente algo? — perguntou analisando a mulher à sua frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, apenas estou sem sono, posso ficar aqui com você?

— Tudo bem, deite-se aqui. — o príncipe deu espaço para que ela se deitasse perto dele.

Larissa acomodou-se deitando a cabeça no peitoral do namorado enquanto Lincoln carinhosamente alisava o braço dela. Depois de um bom tempo em silêncio, Larissa beijou o rosto do amado e suas mãos começaram a percorrer seu corpo.

— Sinto saudades. — A garota falou próximo ao ouvido dele, em seguida beijando seus lábios.

O beijo foi quente de ambas as partes, até que Lincoln o desfez. O jovem príncipe levantou-se da cama e respirou fundo, passando as mãos por seus cabelos louros.

— Tudo bem, eu já entendi que não quer passar a noite comigo, eu vou dormir no quarto de hóspedes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lari, não é isso... — ele segurou a garota pelo braço.

— É isso sim, eu não sou tão ingênua quanto pensa, eu sei que se casará comigo apenas porque estou a esperar um filho seu.

Os olhos verdes de Larissa que se confundiam com azul estavam lacrimejando.

— Também não é assim, eu apenas ainda estou abalado com a notícia, fui pego de surpresa. — O príncipe riu de nervoso. — Queria o quê?

— Tudo bem, mas da última vez que estivemos juntos, você parecia tão apaixonado por mim, agora já não tenho mais tanta certeza. — Seus olhos analisavam os dele, azuis intensos como o mar de Rose Valley. — Ainda sente algo por mim?

Era claro que tudo havia mudado para Lincoln desde que conheceu Clara, seus sentimentos por Larissa não eram mais os mesmos e ele obviamente não estava conseguindo esconder isso dela.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln engoliu em seco antes de responder à pergunta e respirou fundo.

— Eu tenho sentimentos por você, me desculpe se demonstrei o contrário.

— Ótimo, então me leve para a cama agora. Eu amo tanto você. — A garota tirou a camisola pela cabeça, jogando o tecido num canto qualquer, ficando completamente nua para ele.

Lincoln mais uma vez engoliu em seco visualizando o corpo da namorada. Aproximou-se, beijou seus lábios e a conduziu até a cama.

— Não tem problema por causa do bebê? — perguntou apoiando as mãos na cama para que não colocasse o peso de seu corpo sobre ela.

— Não, não tem. Está tudo bem.

Larissa sorriu e Lincoln fez o mesmo antes de voltar a beijá-la.

Em Isla Vista, Clara estava lendo um livro,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando a vela que estava sobre a mesa de cabeceira apagou sozinha. A princesa achou estranho, pois não havia qualquer vento ali que pudesse ser capaz de apagar aquela vela. Achou um tanto esquisito, mas resolveu não ficar pensando a respeito para que sua mente não criasse qualquer tipo de imaginação.

Estava ansiosa e ao mesmo tempo com medo, porque dali a dois dias estaria se casando, e conseqüentemente mudando-se para outro reino. Ela levantou-se de sua cama e abriu o armário; lá estava seu vestido de noiva. Poderia ter escolhido o mais belo modelo ou o mais valioso, entretanto, escolheu se casar com o mesmo vestido que sua mãe tinha usado quando se casou com o rei Benjamin. O vestido tinha passado por algumas reformas e ajustes, e para ela, estava perfeito.

Olhou-se em frente ao espelho de corpo inteiro sorrindo e suspirou. Se pudesse mudar algo, desejaria que sua mãe estivesse ali no lugar de Meredith, de onde na verdade ela nunca deveria ter deixado de estar.

PERIGOSAS ACHERON

Na manhã seguinte, Larissa acordou nos braços de Lincoln e sorriu, ele ainda dormia e a mão esquerda do príncipe repousava sobre a barriga dela. Imaginou se o filho deles seria um menino ou uma menina, com quem seria parecido, quais nomes colocariam... Coisas que toda mulher grávida pensa.

Os dias passaram vagarosamente e Luan estava mais do ansioso porque finalmente era o dia de seu casamento. Não via a hora de ter sua noiva em seus braços e fazê-la sentir-se uma mulher de verdade, sendo amada por ele.

O castelo estava a todo vapor, pessoas decorando cada canto, várias flores de diversas enfeitavam o lugar deixando tudo ainda mais bonito. Um enorme bolo estava preparado para a festa, seu formato era de um castelo, tudo feito minuciosamente detalhado com pequenas flores e anjos por todos os andares.

Em Isla Vista, Clara tinha passado os últimos dias na companhia de Jasper, seu unicórnio. Agora estava acompanhada de sua melhor amiga Miranda,

que estava sempre presente em todos os momentos e não poderia ser diferente agora que a princesa estava prestes a se casar.

— Vou sentir tanto a sua falta.

— Oh, Miranda, eu também.

— Nada de chorar, princesa. Você está linda. Nem acredito que se casará antes de mim. — disse sorrindo.

— Eu também não. — Sorriu. — Você ainda encontrará o seu príncipe.

— Estou esperando mesmo, por enquanto só vieram os sapos.

As duas sorriam enquanto a pequena Emanuely corria de um lado para o outro com seu vestido lilás de tecido esvoaçante.

— Vai ficar tonta e cair. — Clara a repreendeu.

— Clarinha. — A menina aproximou-se da

irmã. — Agora que irá se casar com o príncipe, ainda irá gostar de mim?

A pequena princesa era a coisa mais fofa do mundo.

— Ora, de onde tirou isso? — Clara sorriu tocando os cabelos de sua irmãzinha tão louros quanto os seus. — Você sempre será meu amor. E poderá ir me visitar, está bem?

A menina assentiu sorridente.

— Nunca deixarei de gostar de você, meu amor. Nunca mesmo. — Tocou o nariz da pequena antes de compartilharem um abraço.

Miranda pediu que Clara desse uma voltinha enquanto Emanuely aplaudia toda contente.

Os cabelos de Clara estavam presos com uma bonita tiara completando o penteado, o vestido era armado e de tecido delicado. A cauda era longa e tinham pequenos detalhes que deixava tudo ainda mais bonito. Um laço no final das costas era o

toque final de delicadeza e elegância.

Apesar de toda a insegurança, Clara sentia-se bonita e ansiosa.

— Está tão linda, filha. — Rei Benjamin disse, interrompendo o momento das meninas. — Vamos meu amor, a carruagem está à nossa espera.

Princesa Clara sorriu para seu pai que lhe estendia a mão, pronto para levá-la à uma nova etapa.

Um novo capítulo de sua vida.

CAPÍTULO 16


Conforme a carruagem se distanciava do reino de Isla Vista, Clara começava a sentir saudades. Estavam sendo escoltados pelos oficiais do rei Benjamin em seus cavalos. Todo o reino estava em festa seguindo o cortejo. As ruas de Isla Vista estavam enfeitadas, as pessoas dançavam enquanto saudavam a família real.

Todos pareciam felizes, menos a noiva.

Meredith olhava em seu pequeno espelho verificando se estava bem. Os olhos e lábios bem maquiados destacavam a beleza madura da rainha. A mulher não fora capaz de elogiar a enteada nenhuma vez. Achava que Clara estava uma noiva bonita, mas não gostava dela, portanto, não faria elogios à garota. Meredith achava que a enteada era muito esperta e isso em nada a agradava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para Clara, num ponto seria bom ficar longe de Meredith, já não suportava mais olhar na cara da madrasta. Por outro lado, temia que a rainha pudesse fazer algum mal ao rei ou à pequena Emanuely.

Em Sunset Valley, Luan terminava de se vestir, estava em frente ao espelho enquanto seu servo arrumava seu traje elegante. O terno azul-marinho com bordados prateados na lapela combinava perfeitamente com a camisa.

Luan significa "poderoso como um leão", e de fato, era assim que ele se sentia.

Admirava seu reflexo no espelho enquanto colocava sua coroa e sentia-se bem, ao mesmo tempo ansioso quando ouviu batidas na porta e autorizou que entrasse.

Era seu irmão.

O príncipe ficou sério e o silêncio dominou o ambiente por alguns instantes antes que um dos dois dissesse algo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luan, eu quero fazer as pazes. — Iniciou Lincoln. — É o seu casamento e quero te pedir desculpas por tudo o que aconteceu entre nós.

O caçula da família estava sendo sincero.

— Por tudo o que aconteceu por causa da sua falta de vergonha, não é mesmo? — Luan foi rude.

— Eu vim em paz, vim me desculpar. Acredito que ninguém é culpado por se apaixonar. Aconteceu... Me apaixonei pela Clara, não foi culpa minha.

Lincoln encolheu os ombros enquanto esperava uma resposta do irmão.

— Foi sim! — Luan trincou o maxilar. — Não deveria ter alimentado qualquer tipo de sentimento por minha noiva sabendo que eu me casaria com ela.

— Vejo que não irá me perdoar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei se posso fazer isso, eu só quero que você fique longe da minha mulher, agora você tem Larissa e logo terá o filho de vocês.

— Eu sei disso, você deve estar soltando rojões por dentro, não é? — Lincoln aproximou-se. — Fazendo as vontades de nosso pai, o casamento que ele arranjou para você agora não será mais algo forçado porque parece que está apaixonado. — Riu com ironia. — Parabéns, Luan, você sempre consegue tudo o que quer.

— E você sempre quis ser melhor do que eu, mas não conseguiu. — Luan estava enfurecido. — Eu sempre fui o que não prestava, mas ao menos nunca engravidei ninguém e jamais teria a ousadia de me interessar por sua noiva. — Luan rebateu.

— Não se esqueça que eu sei muito bem quem meu querido irmão levou para a cama na noite de seu aniversário. — Lincoln sorriu perversamente.

— Se abrir essa boca grande, — Luan caminhava para mais perto do irmão. — Não responderei pelos meus atos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escuta aqui, — àquela altura, o servo do príncipe já havia deixado o quarto. — Eu deveria partir sua cara ao meio e te deixar casar com o olho roxo.

— Vem para cima se você é homem.

Luan o incentivou e Lincoln já estava prestes a partir para cima de seu irmão mais velho quando foram bruscamente interrompidos.

— Parem com isso agora mesmo! — rainha Deisy disse apartando os filhos. — Hoje é um dia de festa, deveriam estar se confraternizando e não brigando como dois animais.

Os dois príncipes abaixaram as cabeças como duas crianças que levam bronca da mãe depois de terem aprontado.

— Façam as pazes agora mesmo! — ordenou. Luan e Lincoln olharam-se com receio. — Andem! Ou terei que amarra-los barriga com barriga?

PERIGOSAS ACHERON

Os irmãos se aproximaram e apertaram as mãos.

— Você me paga. — Luan falou baixo próximo ao ouvido de Lincoln.

— Isso, agora um abraço de irmãos. — Rainha Deisy mandou vendo os filhos revirarem os olhos. — Ou querem que eu chame o pai de vocês?

Os irmãos se abraçaram mesmo contra a vontade. Luan logo se afastou dizendo que ia amarrotar seu traje.

Lincoln deixou o quarto com um bico enorme no rosto, parecendo uma tromba de elefante.

— Está tão bonito, meu filho. — A rainha sorriu e em troca recebeu outro sorriso de seu primogênito.

— Pelo menos doze horas de parto serviram para alguma coisa. — o príncipe deu de ombros.

— Copiando a fala da mamãe. — Deisy segurou as duas mãos de Luan, toda orgulhosa por poder

ver seu filho se casar. — Parece que há poucos dias eu estava te amamentando. — Sorriu. — E agora meu menino já vai se casar.

— Agora está na hora de mamar em outro...

— O que é isso, garoto?! — a rainha fez uma careta, não conseguindo esconder o riso.

Ficou tímida, claro.

— Desculpe, mamãe. — Sorriu. — Está tão bonita.

A rainha Deisy tinha escolhido um vestido na cor malva muito elegante à altura do casamento. Seus cabelos escuros e brilhantes estavam presos como de costume, sua coroa de pedras preciosas arrematavam o penteado. As joias lhe conferiam o ar de poder, luxo, soberania e plenitude.

Ficaram um tempo abraçados, Luan queria até mesmo rir, porque não parecia que iria continuar morando no mesmo castelo. Para sua mãe, era como se ele fosse viver em outro mundo, como se

aquilo fosse possível.

Rainha Deisy abençoou seu filho, Luan se recompôs, tomou um pouco de água, ajeitou sua roupa e saiu em direção aonde aconteceria a cerimônia e a festa de seu casamento.

Estavam presentes outros príncipes do Sul e do Norte, princesas, duques e duquesas, mas quem Luan procurava ainda não tinha chegado. A noiva.

Aproveitou para tomar um pouco de vinho, as pessoas que se amontoavam ali estavam vestidas em seus trajes elegantes de festa e conversavam entre si. O noivo recebeu os cumprimentos de seus convidados.

Os guardas soaram os trompetes anunciando a chegada da família real de Isla Vista.

Luan sentiu seu coração acelerar quando seus olhos fixaram em sua noiva que chegava acompanhada do pai, da madrasta e da irmã.

O caminho até seu noivo foi lento. Por mais que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a noiva estivesse nervosa, mantinha seus olhos nele. Em seu futuro marido.

Clara estava sendo conduzida por seu pai, que embora estivesse orgulhoso e feliz ao ver sua filha se casar, um sentimento nostálgico crescia dentro de si. Lembrou-se de seu casamento com Sherlley, o quanto estavam felizes, o quanto esperaram por aquele dia. A lua de mel, o nascimento da primeira filha do casal, fruto do amor verdadeiro.

Depois veio o casamento com Meredith, também era feliz ao lado dela, mas nada se comparava a vida feliz que viveu ao lado de sua amada e saudosa Sherlley.

Quando chegaram de frente para o príncipe, rei Benjamin o cumprimentou com um aperto de mãos.

— Cuide de minha filha, estou lhe entregando o meu bem mais precioso. — disse o rei.

Luan olhava nos olhos de seu sogro, tão azuis quanto os da filha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu cuidarei, majestade. Farei de sua filha a mulher mais feliz de todo o reino. — Luan foi firme ao falar e rei Benjamin sorriu aprovando a resposta do genro.

Luan e Clara deram as mãos trocando olhares e pequenos sorrisos.

A cerimônia foi breve, entretanto não deixou de ser emocionante. Rei Frederick, e a rainha Deisy também estavam felizes ao ver a felicidade do filho. Luan estava sorrindo quase o tempo todo e aquilo era a prova evidente de seu contentamento.

Lincoln e Larissa também estavam próximos e a garota sorriu durante a cerimônia tocando a própria barriga.

Ao final da cerimônia na capela do castelo de Sunset Valley, os noivos se beijaram brevemente e foram aplaudidos por todos os convidados presentes ali. E então, receberam os cumprimentos antes que pudessem ir para a festa de comemoração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luan, você não me disse nada que a namorada de seu irmão viria. — Clara comentou enquanto caminhavam rumo ao salão onde estava o bolo e as pessoas já se amontoavam.

— Ela está morando aqui.

— Por quê?

— Larissa está esperando um filho de Lincoln, o pai expulsou a garota de casa, por isso ela teve que vir morar aqui.

— Oh, céus! Pobre menina. — Clara comoveu-se.

— Viu só, meu irmão só queria se aproveitar de você e lhe engravidar também.

— Que horror! — a princesa apertou a mão no braço do marido, fazendo Luan rir.

Os recém-casados foram reverenciados ao entrarem no grande salão onde acontecia a festa e Luan chamou sua esposa para a primeira valsa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É engraçado estar dançando com você agora.
— Clara falou olhando nos olhos de Luan.

— Por quê?

— Porque no dia de seu aniversário, nos conhecemos e tivemos totalmente antipatia um pelo outro. E agora estamos aqui dançando novamente, mas agora casados.

— E isso é ótimo, não? — Luan sorriu admirando sua bela esposa sorrir também. — Podemos dançar todas as vezes que vossa alteza quiser. — Sussurrou próximo ao ouvido dela.

Clara sentiu um arrepio percorrer seu corpo, sentindo que Luan lhe provocava.

Estava morrendo de medo do que aconteceria quando a festa terminasse.

Estava morrendo de medo de conhecer o precioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rei Frederick chamou Luan e o príncipe seguiu seu pai até a sala do rei.

— Filho, sei que não gosta de ouvir meus conselhos, mas como pai e como rei de Sunset Valley, eu preciso o aconselhar.

Luan remexeu-se na cadeira, temeroso do que estava por vir.

— Nunca esconda nada de sua mulher. — Iniciou o rei. — Seja fiel e a respeite acima de tudo. Honre com sua palavra, não minta e não faça sua esposa sofrer.

Luan engoliu em seco e assentiu calado.

— Era apenas isso. Será que pode cumprir? — o rei sorriu de canto, vendo seu filho um pouco nervoso.

Luan estava de fato nervoso porque achava que seu pai pudesse ter descoberto algo que não deveria. Algo como "você dormiu com a rainha Meredith".

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Graças aos céus eram apenas conselhos de pai para filho.

Luan ficou de pé e abraçou seu pai, agradecendo pelos conselhos e prometendo comportar-se.

Frederick significa "o que governa com paz". Rei Frederick fazia jus ao seu nome. Seu povo era amado por ele e por sua esposa. O reino de Sunset Valley era definitivamente um reino de paz e alegria.

Quando o príncipe voltou ao grande salão, encontrou sua esposa conversando com sua melhor amiga Miranda. Luan pediu licença, conduzindo Clara pela cintura.

— Meu amor, vamos posar para o pintor que fará o nosso quadro oficial. — Luan chamou e Clara sorriu, pela forma que ele se referiu a ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

 **L**uan e Clara estavam entediados enquanto ficavam numa pose bonita para que o artista transferisse a imagem dos recém-casados para a tela. Após posar para o pintor, os noivos continuaram aproveitando a festa.

Meredith avistou Larissa de longe, não a conhecia, porém, seu semblante era familiar.

— Ben, quem é aquela mocinha ali perto da mesa de doces? — perguntou ao marido.

— Parece que é a noiva de Lincoln, se chama Larissa — o rei respondeu e imediatamente lembranças vieram à cabeça de Meredith, lhe causando perturbações.

— Eu quero ir embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas por quê? Deveríamos ficar um pouco mais, é o casamento de nossa...

— Sua filha. Eu não tenho filhos, eu não posso ter filhos. Sabe disso. — Irritou-se.

— Tudo bem, me desculpe. Vou me despedir de Clara.

Rei Benjamin caminhou até onde sua filha estava juntamente com Luan.

— Filha, Meredith e eu já estamos indo.

— Por quê? Fique um pouco mais, papai.

— Eu não sei, Meredith de repente quis ir embora. Irá visitar seu pai quando puder, não vai?

Clara apenas assentiu.

— Eu amo você, minha filha. Seja feliz.

— Eu também o amo, papai. — A princesa sorriu e o abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

— Cuide bem de minha menina. — O rei falou para Luan e ele assentiu, o cumprimentando o rei.

— Espero que aquela megera não esteja aprontando nada. Tenho dó de meu pai e de minha irmã com ela naquele castelo tão grande. — Clara estava visivelmente preocupada.

— Eles ficarão bem. — Luan a abraçou de lado.

O caminho de volta à Isla Vista seria silencioso não fosse o fato de Emanuely estar tagarelando sobre a festa, dizendo que gostaria de ter ficado mais tempo com a irmã. Meredith não pronunciou nenhuma palavra sequer, e o rei preferiu também não perguntar nada a respeito. A rainha gostava um pouquinho da filha caçula de seu marido.

Na festa, Clara e Luan recebiam felicitações e presentes, estavam sorridentes quando Larissa foi conhecer a esposa de seu cunhado.

— Já que Lincoln não nos apresentou, então eu mesma me apresento. Larissa. — falou curvando-se

perante a princesa.

— Muito prazer em conhecê-la.

Clara sorriu e as duas ficaram conversando como se fossem duas amigas que se conheciam há bastante tempo.

Lincoln lançava olhares preocupados para as duas, entretanto não ousou aproximar-se de ambas. Luan vez ou outra olhava o irmão e quando o outro olhava em sua direção, ele desviava.

O bolo tinha sido cortado e a festa continuava acontecendo, aos poucos os convidados iam se despedindo.

No castelo em Isla Vista, Meredith estava em seu quarto que dividia com seu marido. A rainha observava algo dentro de uma caixa de madeira. Pegou o objeto apertando em suas mãos e levando até seu peito, como se uma dor forte estivesse a consumindo. Ouviu os passos de Benjamin se aproximar e rapidamente guardou o objeto na caixa escondendo novamente no alto do armário.

— Você está bem, querida? — o rei lhe perguntou e ela assentiu com um meio sorriso.

Meredith olhou para o marido. Benjamin era tudo o que ela queria há anos atrás. Formoso, forte, carinhoso e podia lhe oferecer tudo o que quisesse. Aproximou-se do rei, seu marido, e o abraçou.

Rei Benjamin estava um pouco confuso, porém não questionou. Acolheu a esposa em seus braços, acariciando seus longos cabelos macios. Sentiu quando as lágrimas de Meredith molharam sua camisa.

— O que está acontecendo? — perguntou baixo, afagando os cabelos da mulher.

— Não é nada. — Murmurou.

Benjamin sabia que Clara e Meredith não tinham um bom relacionamento, portanto, o casamento de sua filha não era o motivo do choro de Meredith. Dificilmente o rei via sua esposa chorando. Se parasse para analisar, talvez só havia

PERIGOSAS NACIONAIS

presenciado tal ato uma única vez; anos atrás um pouco depois de terem se casado. Para ele, Meredith era uma mulher forte, empoderada e reservada quanto aos seus sentimentos.

— Vem, vamos deitar, você parece cansada. — Beijou a testa da esposa esperando que ela se acalmasse.

Em Sunset Valley, antes mesmo que todos os convidados tivessem ido embora, Luan chamou Clara em um canto reservado.

— Eu quero te levar em um lugar. — O príncipe falou para sua esposa enquanto caminhavam para o jardim do castelo.

— Onde? — perguntou animada.

— Saberá quando chegarmos. Venha, suba aqui. — Luan falou para que ela montasse em seu cavalo.

— Vossa alteza e seus mistérios. — Clara disse risonha quando recebeu um beijo rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Garanto que irá gostar.

A princesa estava curiosa e ansiosa para descobrir onde seu marido a levaria. Luan puxou as rédeas do cavalo saindo do castelo.

Luan e Clara cavalgaram por alguns minutos até que finalmente chegassem ao local onde ele planejava levar sua esposa.

— Que lugar lindo! — Clara ficou abismada enquanto seu marido lhe ajudada descer do cavalo bonito.

— É o meu lugar favorito desde minha infância.
— Luan sorriu quando as boas lembranças passaram por sua mente.

Clara olhava tudo ao redor, estavam num lugar um pouco afastado do castelo, mas ainda estavam em Sunset Valley, à beira de um precipício; o oceano abaixo dele estendia-se por toda a costa e parecia não ter fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan sentou-se ali admirando a paisagem bem conhecida por ele. O príncipe ofereceu a mão ajudando a princesa sentar-se à sua frente. Clara encostou o corpo contra o peito do marido, os braços dele a envolveram enquanto o silêncio predominava. Apenas o som das ondas batendo sobre as pedras era o que podia se ouvir.

A noite já havia caído sobre eles e o céu completamente estrelado revelava-se acima de suas cabeças.

— Sempre gostei de vir aqui para pensar. —
Luan falou quebrando o silêncio.

— É um ótimo lugar.

Clara falou observando as estrelas e curiosamente uma delas brilhava mais do que todas as outras, era como se estivesse piscando para chamar atenção.

A brisa fresca balançava os cabelos de ambos e um sentimento de paz dominou os recém-casados.

PERIGOSAS ACHERON

Para Clara, era uma sensação nova. Sentia-se estranhamente segura ali com Luan. Ela virou o rosto encarando os olhos de seu marido e dois sorrisos surgiram em ambos os lábios. Luan segurou o rosto da esposa com as duas mãos; seus olhos se encontraram e revezavam entre os lábios e os olhos, estavam a uma distância mínima, até que não houve mais distância quando os lábios se encontraram num beijo calmo, sem pressa alguma como se pudessem fazer aquilo durante toda a noite.

E realmente poderiam.

Luan puxou mais o corpo de Clara para perto do seu enquanto suas bocas se encontravam em perfeita sintonia. O príncipe sentiu o corpo de sua princesa amolecer em seus braços e a segurou com firmeza. O beijo terminou com outros pequenos beijos e sorrisos, foi quando sentiram pequenos pingos de chuva e que aos poucos foram aumentando. Levantaram rapidamente e correram sorrindo até o cavalo.

Luan retirou o blazer que vestia e pôs sobre os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos de Clara, assim estaria protegida da chuva. Luan sorriu tomando os lábios de sua mulher num beijo carinhoso e lento, como se tivessem todo o tempo do mundo. As mãos dele estavam em volta da cintura dela segurando-a com firmeza envolvendo o corpo magro enquanto as mãos dela estavam ao redor do pescoço dele.

— Seu beijo é tão bom. — Clara sussurrou depois que seus lábios se separaram.

— Eu posso te beijar novamente e depois de novo e de novo... — Luan falou fazendo-a sorrir e já pronto para beijá-la mais uma vez antes de voltar para o castelo.

Voltaram depressa, mas no meio do caminho a chuva já havia cessado. Chegaram sorridentes adentrando o castelo e foram para o quarto.

— Bem-vinda alteza, este é o seu novo quarto... o nosso. — o príncipe disse sorrindo e Clara fez o mesmo. — Fique à vontade, vou tirar essa roupa molhada.

PERIGOSAS ACHERON

Luan deixou Clara à sós, dando-lhe privacidade.

A decoração do quarto do príncipe era predominantemente em tons de azul e Clara julgou que aquela devia ser a cor favorita dele.

A princesa pensava milhares de coisas enquanto dispensava suas servas. Não tinha costume de banhar-se sozinha, no entanto, naquele momento, tudo o que queria era ficar só.

A banheira com pétalas de flores estava preparada. Banhou-se e perfumou-se, vestiu uma de suas camisolas longas e quando voltou ao quarto, Luan já estava a esperando. Seu marido estava sem camisa e usava apenas a calça de seu pijama. Luan sorriu e Clara foi até ele sentando ao seu lado na cama. O marido aproximou-se e beijou seus lábios, afastando os cabelos loiros e macios, deixando o pescoço livre para que ele pudesse se aproveitar mais.

Clara sentiu o próprio corpo esquentar a cada toque de seu marido e também aproveitou para passar as mãos sobre o peitoral dele. Os dois

buscavam por ar no intervalo de cada beijo e quando Luan ameaçou tirar a camisola dela, Clara o interrompeu.

— Luan, eu... — sentia as pernas bambas como dois gravetos. — Eu ainda não sinto que estou preparada.

CAPÍTULO 18

 Luan ficou um tanto frustrado. O que havia de errado para que Clara não quisesse consumir o casamento?

— Quer que eu vá dormir no outro quarto? — ele perguntou um pouco inseguro.

Não seria capaz de tentar qualquer coisa contra a vontade de sua esposa.

— Não, fique aqui. Me desculpe por isso. — Clara respondeu tímida.

A princesa estava receosa. Ainda precisava acostumar-se com a ideia de que agora era uma mulher casada. E acostumar-se ainda mais com as consequências e obrigações que implicavam um casamento.

— Tudo bem.

Luan suspirou e sorriu, teria que ter calma e paciência. O príncipe queria mostrar à sua mulher que ele era um bom partido. Muito melhor que seu irmão Lincoln. E, para isso, teria que agir com cautela até que Clara se sentisse preparada para viverem de fato como marido e mulher.

Luan beijou o rosto da esposa, aconchegando-se ao seu lado na cama.

Clara entrelaçou sua mão à do marido, sentindo o corpo dele próximo ao seu. Ela apenas tinha que acostumar-se com a nova rotina.

Luan entendia que Clara sentia receio de se entregar e ele iria respeitar o tempo dela. Isso fazia o príncipe apaixonar-se ainda mais por ela, porque Clara era diferente de todas as outras com quem esteve antes. Sua pureza e inocência faziam com que Luan tivesse ainda mais a certeza de que havia se casado com a pessoa certa; alguém que estava inclusa em seu futuro e que seria a mãe de seus herdeiros.

Clara demorou um tempo considerável para pegar no sono e com Luan não foi diferente; a princesa deitou de lado com Luan logo por trás, seu braço direito repousando sobre o ventre da esposa.

— O que está fazendo, querida? — Rei Frederick perguntou ao ver sua esposa com o ouvido colado na porta do quarto de Luan e Clara.

— Shhhh! — rainha Deisy fez sinal para o marido falar baixo. — Estou tentando ouvir se estão se entendendo.

— E o que ouviu? — questionou.

— Absolutamente nada. — Riu. — Acho que estão dormindo.

— Venha, vamos nos deitar também, deixe os pombinhos. — O rei sorriu segurando na mão de sua esposa, levando-a para o quarto.

Pela manhã, Clara acordou com a luz do sol invadindo o quarto. Virou para o lado e não viu o

Luan, mas no segundo seguinte a porta se abriu. Clara ergueu o corpo sentando-se para observar quem estava adentrando o cômodo. Era Luan e ele trazia consigo uma grande bandeja com o café-da-manhã.

Ele sorriu quando viu que ela estava acordada.

— Bom dia.

— Bom dia, marido. — Clara disse apenas para ver o quanto mais o sorriso no rosto de Luan poderia se alargar com uma simples palavra.

— Trouxe o seu café-da-manhã, dispensei as servas porque minha esposa merece ser um pouco mimada por mim.

Clara não precisava saber que o marido quase deixou a bandeja cheia de comidas cair enquanto carregava a para dentro do quarto. Estava acostumado a ser sempre servido, então, a falta de prática era normal. No entanto, o príncipe queria agradar a esposa. Queria que Clara pudesse ver o quanto ele estava se esforçando para ser uma boa

pessoa, se redimindo e mostrando como ele poderia ser bom.

Bom em todos os sentidos da palavra.

Luan aproximou-se colocando a bandeja de frente à esposa. O príncipe apoiou os joelhos sobre a cama, inclinando-se para frente para que seus lábios tocassem os de Clara e deixassem um beijo lento e carinhoso de bom dia.

Após o beijo, Clara sorriu e aquele sorriso era o que aquecia Luan por dentro naquele momento, estava decidido que esperaria o tempo dela para que se tornassem de fato marido e mulher. Se concentraria em deixar sua esposa feliz.

Agora que estavam casados e não podiam reverter a situação, Luan almejava um casamento feliz como o de seus pais.

Os recém-casados tomaram o café-da-manhã juntos, depois Clara foi se trocar; suas servas já aguardavam a princesa para cuidarem de seu banho aromático.

Luan já estava devidamente vestido e foi conversar com seu pai. Quando Clara saiu do quarto após o banho, mal teve tempo de pôr seus pés para fora do cômodo, Lincoln puxou-lhe em direção à uma outra sala, trancando a porta em seguida.

— Ficou louco? O que quer comigo? perguntou apreensiva, temendo a resposta do cunhado.

— Eu sei que você e meu irmão não consumaram o casamento. — disse o jovem príncipe.

— Como sabe disso? — franziu a testa.

— Eu ouvi Luan falando com meu pai.

— Ah e agora fica ouvindo a conversa dos outros por trás da porta? — Clara estava indignada. — Lincoln, não tem nada a ver com a minha vida íntima. O que meu marido e eu fizemos ou deixarmos de fazer só diz respeito a nós e a mais ninguém. — ela irritou-se.

— Clara, você vai ficar se enganando até quando? Meu irmão só quer se aproveitar de você, porque é uma donzela, diferente das outras que ele já levou para a cama. Luan só quer o que você ainda não deu a ele, depois irá lhe desprezar justamente como fez com todas as outras.

Lincoln mal terminou de dizer e Clara acertou-lhe um tapa em seu rosto bonito.

Minutos depois Luan encontrou Clara chorando no quarto e rapidamente aproximou-se dela, tocando seu rosto enxugando lhe as lágrimas.

— O que aconteceu? — estava realmente preocupado.

— Não é nada. — Fungou.

— Ninguém chora sem motivos. Confie em mim, o que houve?

Luan passava as mãos pelos braços da esposa num gesto de carinho.

— Luan, se casou comigo apenas para se aproveitar? — perguntou com os olhos azuis-claros cheios de lágrimas.

— Não, é claro que não. De onde tirou isso?

— Esqueça.

— Venha aqui.

O príncipe fez sinal e a esposa se levantou da cama.

— Eu gosto de você, gosto muito do jeito que você é, está bem? — Luan segurava as mãos da mulher à sua frente, perdendo-se nos olhos dela.

Estava louco para mergulhar naquele mar azul que eram os olhos de Clara.

— Eu também gosto de você. — Sorriu e ele a abraçou.

As horas avançaram e durante o almoço, Clara

PERIGOSAS ACHERON

evitava até mesmo olhar para Lincoln. A princesa estava sentada à esquerda de Luan e à sua frente estava Larissa com Lincoln ao lado.

— Larissa, minha querida, nem tocou na comida, há algo de errado? — rainha Deisy perguntou.

— Apenas estou sem fome, majestade. — respondeu desanimada.

— Mas precisa comer, alimentar bem a criança que espera. — a futura sogra disse com carinho.

— Já falei isso para ela. — Lincoln deu de ombros.

— Não estou me sentindo bem, com licença. — Larissa levantou-se indo em direção ao quarto.

A futura esposa de Lincoln estava sentindo-se enjoada e triste. Deitou um pouco até que estivesse melhor.

Após o almoço, Clara bateu na porta do quarto e

PERIGOSAS ACHERON

Larissa autorizou que ela entrasse.

— Eu não quero incomodar, mas vim ver se está se sentindo bem.

— Estou melhor, foi apenas um enjoo. —
Larissa respondeu sentando na cama.

— Quer dar um passeio comigo? Irei encontrar-me com uma amiga.

— Tudo bem, vou falar com Lincoln.

— Ótimo, estarei lhe esperando no jardim.

Depois de Clara ter saído, Larissa foi falar com seu amado.

— Amor, se importa que eu saia um instante para um passeio? Clara me convidou.

— Você pode ir onde desejar, não é uma prisioneira neste castelo, Larissa. Eu também estou de saída, se quiser passear um pouco, faça e não precisa ficar perguntando minha opinião ou me

pedindo autorização.

Larissa engoliu em seco, observando a forma fria como ele falava. Aquele não parecia o mesmo Lincoln bem-humorado e apaixonado de antes. Claramente a garota tinha percebido que o comportamento do príncipe havia mudado desde que ficou sabendo sobre a gravidez.

Lincoln não queria o filho deles.

E aquilo era injusto, não era?

Larissa pensava no quanto foi ingênua, tinha perdido sua virtude com Lincoln e agora estava começando a se arrepender.

A garota encontrou Clara no jardim. Foram até a carruagem que as aguardava e conversaram durante o caminho.

— Está gostando de Sunset Valley? — Clara perguntou, percebendo o desânimo da estrangeira.

— Ainda não sei, não fui a lugar algum, só

PERIGOSAS ACHERON

agora estou saindo.

— Vejo que está desanimada, algum problema?

— Lincoln. — Larissa respondeu prontamente. — Tenho notado que ele está tão distante de mim desde que cheguei aqui. Só passamos uma noite juntos e tenho certeza que ele não me ama... — reprimiu o choro que estava querendo chegar. — e ainda estou aqui apenas por causa da criança que estou a esperar. Não tenho para onde ir.

Larissa estava angustiada e Clara sentiu compaixão pela garota. Sabia que Lincoln desprezava Larissa porque ele queria ficar com ela. Com Clara. Larissa jamais poderia saber que Lincoln tinha sentimentos pela esposa do próprio irmão. Não era previsível o que poderia acontecer se o assunto viesse à tona e Clara também não queria contar a Luan que seu irmão ainda a procurava.

Logo chegaram à vila de Isla Vista, onde as casas eram praticamente todas iguais. Sobrados com fachadas de pedras, onde no primeiro andar

funcionavam pequenas lojas e oficinas. E ali, numa daquelas casinhas, estava Miranda trabalhando com sua avó na pequena loja da família, chamada de Doces Sonhos.

— Clara! — a bonita jovem abriu um sorriso enorme quando viu quem chegava. — Oh, vossa alteza deveria estar com seu marido, estão em lua de mel... O que veio fazer aqui?

— Não exagere, amiga. Apenas vim trazer Larissa para conhecer a loja e passear um pouco. — respondeu sorrindo.

As três ficaram conversando e Miranda estava mais do que ansiosa para saber como havia sido a primeira noite de sua melhor amiga com o marido.

— Não foi. — respondeu simplesmente.

— O quê? Clara, está me dizendo que dormiram juntos na mesma cama sem fazer nada? — as outras duas riram pela forma como Miranda falava.

— Não, não fizemos. Eu não sei o que fazer,

estou com medo. — A princesa confessou fazendo a amiga gargalhar.

— Alteza, deixe de ser tola. Garanto que depois da primeira vez irá querer todo dia e toda hora. — Miranda falou ainda rindo. — Estou mentindo, garota?

— Ela está certa, Clara. - Larissa concordou.

— Vocês são duas assanhadas. — Clara sorriu negando com a cabeça.

Precisava criar coragem para entregar-se ao marido. Tocou o colar sob o pescoço, pensando no que faria.

CAPÍTULO 19



A tarde foi muito divertida para Clara, Larissa e Miranda. A princesa e a futura esposa de Lincoln se despediram de Miranda, deixando Isla Vista e quando chegaram ao castelo em Sunset Valley, já estava anoitecendo.

Após o banho, Clara encontrou Luan na sala de treinamento. A princesa chegou por trás do marido abraçando sua cintura.

— Finalmente chegou. — O príncipe sorriu virando de frente para a esposa, beijando seus lábios em seguida.

— Está treinando. Acho que vossa alteza ainda me deve uma aula de arco e flecha. — Clara sorriu.

Ela estava disposta a fazer seu casamento com Luan dar certo. Já que não teria para onde fugir, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor era tentar se entender com seu marido, deixando que ele a conquistasse aos poucos antes que de fato entregasse seu coração.

— Não seja por isso, podemos começar quando quiser. — Luan sorriu torto e deixou um beijo na testa da esposa.

— Alteza, com licença. O jantar será servido. — Avisou uma das empregadas do castelo.

— Estamos indo. — Luan respondeu e saiu de mãos dadas com Clara.

O jantar ocorreu bem, conversaram sobre os assuntos do reino, até que a conversa se desviou fazendo com que Lincoln suspirasse pesadamente.

— Lincoln, meu filho, amanhã marcaremos a data de seu casamento com Larissa. — disse o rei.

— Querida, mandaremos avisar sua mãe e seu pai. — Deisy falou olhando para a futura nora, que assentiu não muito contente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rei e a rainha ainda não tinham tanta certeza sobre a garota que futuramente se casaria com o caçula do reino. Larissa era plebeia, mas não era por isso que temiam o casamento. Era claro que uma princesa estaria muito mais bem preparada para casar-se com um príncipe. No entanto, Larissa parecia ser uma boa moça, tanto quanto Clara.

A esposa de Luan sentia uma enorme compaixão por Larissa, agradecia mentalmente por nunca ter se entregado a nenhum homem, pois imaginava o quanto deveria ser ruim estar na situação em que Larissa se encontrava. Grávida e com o futuro pai de seu filho a menosprezando.

As horas já estavam avançadas, a noite estava fria e chovia bastante em Sunset Valley. Nem parecia que durante o dia estava ensolarado. Luan estava na sala de música, tocava piano e cantava baixo quase como um sussurro.

Clara caminhou até ele, o cômodo estava quase completamente escuro, apenas a luz da lua que entrava pela janela era a única fonte de luminosidade.

PERIGOSAS ACHERON

A princesa caminhou até ele e Luan sorriu percebendo sua presença.

— Essa música é tão linda, é a mais linda que já ouvi em toda a minha vida. — Clara falou parando ao lado do marido.

— Que bom que gostou. Eu compus. — Sorriu. — Minha esposa tem sido minha inspiração.

Luan deixou o piano de lado e voltou sua atenção para os olhos azuis brilhantes bem à sua frente. O príncipe levantou-se, inclinou-se para frente, baixando o rosto até que seus lábios tocassem os de Clara, iniciando um beijo lento que não durou muito, porque ele próprio o interrompeu.

— Eu estou completamente apaixonado por você, Clara.

Luan disse baixo, ainda com os olhos fechados, mas os abriu lentamente para ver a reação que a esposa teria. Porém foi impossível ver alguma coisa que fosse além do sorriso grande que se abriu no

rosto dela.

— Completamente? — Clara perguntou, a voz num fino sussurro.

— Sim, completamente.

E mais uma vez os lábios procuraram um pelo outro, os dois se perderam em um beijo mais intenso, com os corpos aproximando-se em busca de calor e as mãos de Luan deslizando para explorar cada pequeno centímetro das coxas de Clara por baixo da camisola enquanto a mulher envolvia seus braços no pescoço do marido.

— Luan... — Clara partiu o beijo. — Tenho tanto medo de me apaixonar. — Confessou, embora soubesse que já sentia algo pelo marido.

— Eu prometo cumprir a minha palavra. — Luan disse baixo, como se fosse uma promessa apenas para ambos. — Eu quero te fazer feliz, quero que sinta prazer comigo. — Mais palavras sussurradas.

Promessas que cabiam somente aos dois.

— Me leve para a nossa cama, — Clara pediu.
— Quero ser sua inteiramente. — Sussurrou ao ouvido do marido.

— Tem certeza? — ele perguntou olhando nos olhos dela.

— Nunca tive tanta certeza de algo como tenho agora.

Os olhos azuis de Clara buscaram pelos castanhos de Luan, como se fossem o céu e a terra se encontrando.

Luan segurou Clara em seus braços, ansioso para conhecer mais a mulher à sua frente. Clara entrelaçou as pernas ao redor da cintura do marido, assim ficando mais fácil para que ele a carregasse até o quarto.

Luan foi com cuidado e a colocou deitada sobre a cama deles. Nunca antes nenhuma mulher tinha se deitado com o príncipe em sua cama. Aquela

seria a estreia de Luan fazendo amor em sua cama.

Com sua esposa.

Com a mulher que ele estava se apaixonando.

Com a mulher que dominava seus pensamentos mais obscenos.

Tirou a camisa que usava e antes mesmo que voltasse a beijá-la, Clara sentou-se na cama ficando de frente para Luan.

— Por favor, vá com calma. — pediu insegura.

— Confie em mim. — Luan entrelaçou suas mãos às da esposa. — Quero que essa seja a noite mais especial de sua vida. — Luan sussurrou e Clara sorriu.

— Eu me guardei para o casamento, para você.
— disse com um pequeno sorriso, onde as pequenas lágrimas deslizavam.

Luan acariciou a pele delicada de sua mulher,
PERIGOSAS ACHERON

contornando as maçãs de seu rosto levemente coradas.

— Eu sei e é um presente.

O príncipe juntou seus lábios num beijo casto antes de abraçar o corpo pequeno de sua princesa. Um abraço demorado e carinhoso no qual podiam sentir ambos os corações batendo aceleradamente.

E então, Luan tornou a olhar para a sua mulher, a mulher que ele estava prestes a tomá-la como sua.

Clara usava uma camisola longa branca levemente transparente, com mangas compridas e detalhes rendados no busto. Luan lhe ajudou a tirar seu traje de dormir, passando o tecido delicado acima da cabeça e tirando em seguida. Observou a pele branca sem nenhum tecido que a cobrisse e gostou do que viu. O corpo delicado com curvas discretas. Deitou sua princesa na cama e seus lábios foram de encontro ao pescoço, passando pelo maxilar e depois encontrando os lábios finos e delicados.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma das mãos do príncipe se apoiava na cama enquanto a outra percorria a curva da cintura de Clara, indo até os quadris. Luan começou a distribuir pequenos beijos pelo corpo de sua mulher, beijando e acariciando seus seios. Beijou a barriga alva com algumas pintinhas amarronzadas, que para Luan, era sensual. Foi descendo como se pudesse beijar cada centímetro do corpo de sua mulher; descobrindo cada pequeno detalhe.

Clara se arrepiava a cada toque de seu marido, a cada carícia. Nunca desejou tanto alguém como desejava Luan naquele momento, desejava que ele a fizesse ser uma mulher completa, e ele faria com todo carinho. Já estava fazendo.

Luan beijou a parte interna das coxas de sua princesa, com todo cuidado tirou a roupa debaixo que ainda cobria sua esposa, admirando o que ela tinha entre as pernas. Ficou satisfeito com o que viu, tanto que não conseguiu esconder o sorriso. Cuidadosamente beijou as pétalas rosadas, mantendo seu olhar com o dela. Clara sorriu timidamente sentindo seu corpo inteiro ser tomado por sensações jamais sentidas antes.

PERIGOSAS ACHERON

Luan beijou mais uma vez o meio das pernas de Clara, onde a pele adquiria um tom de rosa-claro. Enquanto sua língua deslizava sobre ela, suas mãos eram firmes subindo e descendo pelos quadris de sua mulher.

Agora podia dizer que Clara era sua mulher.

A princesa sentia prazer antes mesmo que de fato consumassem o ato sexual.

Luan voltou a beijar o pescoço da princesa e mordeu levemente o lóbulo de sua orelha, fazendo Clara sussurrar algo inaudível.

Quando sentiu que ela estava preparada, Luan terminou de se despir tirando a calça que usava, revelando seu precioso tão temido por sua esposa.

Por mais que o quarto estivesse escuro, era possível ver os contornos de sua silhueta. Clara mordeu o próprio lábio inferior ao ver o que Luan iria fazer.

Primeiro usou os dedos para que Clara fosse se

PERIGOSAS ACHERON

acostumando, porque ele sabia que seria dolorido para ela. Luan sorriu quando viu a reação de sua princesa.

O príncipe deixou mais um beijo nos lábios de sua mulher e depois se acomodou melhor entre as pernas dela, foi com toda cautela colocando devagar sobre a entrada dela, olhando-a para ver qual era sua reação.

— Luan... Tira, está doendo. — sua voz era mínima, mas o marido conseguiu ouvir.

— Vai doer um pouco, mas depois vai ser bom. — disse acariciando o rosto de sua mulher.

Concentrou em beija-la para que relaxasse. Quanto mais à vontade ela estivesse, menos doloroso seria.

Luan tentou pela segunda vez, tendo cuidado para não machucá-la.

Clara estava de olhos fechados e soltou um gemido abafado no mesmo instante que sentiu ele a

PERIGOSAS NACIONAIS

penetrando. Sentiu uma agonia dolorosa, como se ele estivesse rasgando-a ao meio. Luan queria ser mais rápido, entretanto, não o fez. Respirou fundo mordendo o próprio lábio e aos poucos, foi deslizando para dentro dela.

Clara segurava firme o lençol da cama e pensou que não iria aguentar quando ele se lançou mais fundo. Luan aproximou-se mais e agora estavam se beijando com fervor enquanto ele movia seu corpo contra o dela.

— Tão gostosa, alteza.

Luan sussurrou enquanto passava o rosto pelo pescoço de sua mulher, provocando a pele delicada dela com a barba um pouco crescida.

— Luan...

Clara já beirava a insanidade enquanto seus corpos pulsavam na mesma sintonia como se estivessem declarando o quanto esperaram por aquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O prazer correndo em suas veias.

Estava sendo especial para ela.

Para ambos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

 **L**uan movimentou-se lentamente, de forma que provocava a ambos e sabia que Clara não aguentaria aquilo por muito tempo, muito menos ele que tanto ansiava por aquele momento.

Clara gemeu baixo no ouvido de Luan, e as mãos abraçavam as costas, apreciando a textura de sua pele. Luan foi mais rápido, lançando-se contra ela, mas ainda com cuidado. Sentiu quando Clara se contraiu ao seu redor, curvando-se na cama como se algo estivesse a atravessando. O rosto corado e os olhos desfocados.

Luan a penetrou mais duas vezes sentindo que Clara havia atingido seu limite. Não demorou muito para seu corpo relaxar enquanto ele atingia o ápice e se derramava dentro dela.

Deitou ao lado de Clara, tão ofegante quanto
PERIGOSAS ACHERON

ela. Luan abraçou o corpo pequeno, sentindo-a tremular. Algumas lágrimas desciam pelos olhos dela e Luan, carinhosamente, as enxugou tocando com seu polegar, em seguida beijando seu rosto.

— Está tudo bem? — perguntou enquanto Clara fechava os olhos com as sensações ainda passando por seu corpo.

— Está. — Sorriu e virou o rosto para olhá-lo.

Os olhos castanhos de Luan tinham um brilho incrível e seus lábios se curvaram em um sorriso satisfeito. Clara sentiu a mão do marido encostando-se à sua, fazendo os dedos se entrelaçarem e sorrisos surgindo no rosto de ambos. Ele a conduziu para que ela se aproximasse ainda mais e deitasse a cabeça sobre o peitoral dele.

Clara ainda sentia seu coração batendo aceleradamente enquanto passava sua mão pelo abdômen de Luan, apreciando a sensação de senti-lo. Fechou os olhos ainda sentindo seu marido acariciar seus cabelos enquanto a respiração de ambos se normalizava.

— Luan... — ela se afastou, agora deitando no travesseiro ao lado dele, mergulhando em seus olhos castanhos. — Permita-me ser a única.

Clara tinha medo de que seu marido pudesse buscar outras pessoas. Que ele continuasse tendo a mesma vida desregrada que sempre teve.

— Você é. — Luan segurou as mãos de sua princesa como se estivesse fazendo uma promessa. — És linda, alteza, exatamente assim. — o príncipe sorriu e selou seus lábios aos da mulher, fazendo com que qualquer pensamento fosse embora. — Não irei procurar por outra mulher, porque devo honrar a minha palavra.

Clara sorriu. Estava sentindo que podia confiar em seu marido.

— Eu quero te confessar uma coisa. — Luan falou enquanto mais uma vez suas mãos se entrelaçavam. — Nos conhecemos ainda crianças, lembra-se disto? — perguntou, mas Clara não deu resposta e ele continuou. — Eu me apaixonei por

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela menina de cabelos louros, olhos azuis e sorriso bonito.

Clara estava surpresa.

— E incrivelmente eu te encontrei na floresta, lembra? — falou e ela assentiu. — Mas eu não fazia ideia de quem você era. Me lembro que deixei você perto de seu castelo e voltei aqui para o reino. Quando fomos apresentados no baile de meu aniversário, eu achei uma grande coincidência que fosse você, mas ainda não sabia que era você aquela menina que eu conheci quando criança. — Luan sorriu acariciando o rosto de Clara. — Foi então quando me dei conta de que minha mãe havia dito que o amor aparece nos lugares mais inesperados.

Clara concordou com o que sua sogra tinha dito ao filho. A princesa era romântica, tinha medo que seu marido quisesse apenas lhe usar, usar seu corpo e logo depois fosse procurar outras mulheres. No entanto, sentia sinceridade nas palavras de Luan. Sentia que podiam construir um amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tive a certeza de que estaria me casando com a mulher certa, quando você tomou a bebida envenenada em meu lugar e quando eu lhe beijei e você voltou.

Clara queria rir da forma como Luan estava sendo romântico. Nunca poderia imaginar que aquele príncipe ignorante na floresta pudesse ser romântico. Mas ela estava adorando aquilo. Adotando o lado emotivo do príncipe que ela não conhecia.

A noite parecia não ter fim para os recém-casados. A conversa continuava a fluir, a chuva caía ao lado de fora do castelo e os dois permaneciam abraçados na cama.

— Você gostou? — Luan perguntou acariciando os cabelos louros brilhantes.

— Do quê?

— De fazer amor comigo. — Sussurrou, deixando a esposa tímida e arrepiada.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisaréi de uma semana para me recuperar. Acho que não consigo andar. — Clara respondeu sem esconder o sorriso.

— Dramática. — Riu e beijou o rosto dela.

— Eu gostei, Luan. Gostei muito.

Clara ficou vermelha com aquela confissão.

— Das outras vezes será melhor, irá se acostumar. Gostou dele?

— Para, Luan! Estou tímida. — respondeu entre risos sem conseguir encarar o rosto do marido.

— Não fique, apenas quero saber se é do seu agrado. Somos casados e eu quero que sinta prazer comigo, está bem? — Luan estava sendo sincero e Clara assentiu sorrindo.

— Eu gostei. É... Grande. — Confessou constrangida vendo Luan gargalhar.

— Melhor assim, não? — ele riu e ela sentiu o

rosto corar. — Tão linda assim toda tímida.

Em poucos minutos adormeceram.

Pela manhã, Clara acordou, virou-se para o lado e não encontrou Luan. Havia uma rosa e junto dela um pergaminho.

"Nem as mais belas rosas são tão lindas e delicadas como minha esposa.

Bom dia minha princesa!"

Clara sorriu ao ler o pequeno bilhete e levou a flor às narinas sentindo seu aroma. Caminhou até o banheiro do quarto e avistou Luan na banheira. Ele sorriu ao perceber sua presença e fez um sinal com as mãos para que ela se aproximasse.

— Bom dia, minha linda. — Luan falou sorrindo.

— Bom dia, querido.

A princesa se despiu e entrou na banheira com ele. Luan entrelaçou suas mãos às dela e pôde ver o sorriso de sua esposa se abrindo. E então, ele a

PERIGOSAS NACIONAIS

puxou, mas com delicadeza para que sentasse em seu colo ficando de frente para ele. Colou seus corpos a ponto de poderem sentir cada curva um do outro. Aquilo fez a princesa estremecer, Luan sabia exatamente como fazê-la sorrir, embora ela estivesse tímida.

— Tenho vergonha de ficar nua na sua frente. Ontem estava escuro, era noite...

— Não tenha vergonha, esposa. — Luan beijou o pescoço dela, fazendo-a sorrir cada vez mais.

Clara nem mesmo acreditava no quanto estava apaixonada por Luan. Os dois fizeram amor e dessa vez na banheira do casal. Ambos pensavam como se encaixavam tão bem e ficaram ali ainda abraçados. Parecia que o mundo havia parado, que não existia mais nada de ruim, nem inimigos, nem problemas. E era apenas ele e ela.

— Obrigado por ter se casado comigo. — Luan confessou abraçando sua mulher antes que pudessem sair da banheira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me agradeça me oferecendo algum alimento, porque eu estou faminta. — Clara comentou e os dois trocaram sorrisos.

Após o banho, Luan e Clara foram para a sala de jantar. Ao chegar, a mesa estava preparada e todos se encontravam lá, inclusive Lincoln e Larissa. Luan sentou à frente de seu irmão e Clara o acompanhou sentando ao seu lado de frente para Larissa. Ao sentar, Clara olhou de relance para Lincoln que também o olhava, ele parecia nervoso e inquieto. Clara desviou seu olhar e apenas olhou para Luan, ignorando completamente o cunhado.

— Bom, já que estão todos aqui, podemos marcar a data de seu casamento, filho. — disse rei Frederick enquanto os empregados serviam o café-da-manhã.

E assim, sem questionamentos a data foi marcada faltando apenas duas semanas para o casamento. Quando todos já haviam deixado a sala de jantar, Clara caminhou para o jardim do castelo e Lincoln a seguiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Clara, eu preciso falar com você.

CAPÍTULO 21

lara ficou apreensiva, mas concedeu à Lincoln a oportunidade de dizer o que queria.

— O que quer? — perguntou simplesmente.

— Quero te pedir uma coisa e sei que é possível. — disse Lincoln.

— Então fale. — Ela deu de ombros.

— Sei que você e meu irmão não consumaram o casamento e ele pode ser cancelado, então lhe peço, por favor desista desse casamento e venha comigo, podemos fugir para onde quiser.

— O quê? Como ainda tem coragem de me dizer um absurdo desse? — Clara estava perplexa mediante à atitude de seu cunhado. — Você e Larissa terão um bebê, terá coragem de abandonar a

mãe de seu filho?

— Clara, deixe-me dizer...

— Não! Eu jamais fugiria com você, eu amo o meu marido e consumamos o casamento ontem.

Clara percebeu que Lincoln já estava nervoso, seu sangue estava quente e sua respiração pesada, seu corpo parecia não responder mais aos seus comandos. Assim que o jovem príncipe despertou de seus pensamentos, ele piscou os olhos várias vezes antes de responder qualquer coisa.

— Sei o que sinto por você. Talvez seja impulsivo da minha parte ter tanta certeza, mas estou certo de que poderíamos dar certo.

— Não estou interessada.

Agora Lincoln tinha plena consciência de que Clara nunca seria dele, Luan havia vencido mais uma vez.

— Lincoln, Larissa precisa de você, precisa

ajudá-la e apoiá-la. Em breve terão um filho e irão se casar. Se parar de tratá-la com frieza, talvez possamos ser amigos, mas não a despreze. Logo terão um filho, fizeram a criança juntos e não é justo punir Larissa como se você não tivesse uma parcela de culpa sobre tudo isso. Precisa respeitá-la e me respeite também, agora sou uma mulher casada. Casada com seu irmão.

As palavras de Clara afetaram Lincoln a ponto de perceber o quão estúpido estava sendo com Larissa. Lincoln não disse nada, foi para seu quarto, estava perdido em seus pensamentos, sentindo-se impotente. Até que de repente, se levantou de sua cama e foi até o quarto de Larissa. Estavam dormindo em quartos separados desde a única noite que passaram juntos no castelo.

Ao abrir a porta, ele pôde ver apesar da pouca iluminação, a garota estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede. O príncipe entrou no quarto um pouco escuro, devido ao fato das cortinas estarem fechadas impedindo a entrada do sol no ambiente, e fechou a porta atrás de si. Lincoln olhou para Larissa que tinha os olhos

fechados direcionados para cima e se aproximou lentamente. Larissa abriu os olhos mostrando sua íris vermelha de um possível choro, olhou para Lincoln, mas não disse nada.

O homem se aproximou ainda mais e sentou-se no chão ao lado da garota que encarava o teto como se fosse algo interessante.

— Você está bem? — Lincoln falou baixo, mas Larissa não fez menção a responder, apenas continuou encarando o teto. — Vai mesmo me ignorar? — suspirou.

— Assim como você tem feito comigo. — Olhou para ele. — Por que veio? — sua voz era calma, porém trêmula.

— Eu não sei... Só pensei que você precisava de alguém para conversar.

— Será que só agora preciso de alguém para conversar?

Lincoln engoliu em seco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Larissa... deixe-me cuidar de você. Eu gosto de você.

— Lincoln, esse é o problema. Você gosta de mim e eu amo você.

O silêncio dominou o ambiente durante alguns instantes. Lincoln pensava em como Larissa parecia tão descontente e ele era o principal culpado. Antes se dizia apaixonado pela garota, agora já não tinha mais certeza de nada. Entretanto, ela carregava um pedacinho dele dentro de si. O mínimo que o jovem príncipe deveria fazer era lhe tratar bem e lhe oferecer carinho.

— Larissa, me desculpe se tenho andado distante de você ultimamente. Apenas ando pensando...

— Tudo bem, não precisa se desculpar por não me amar. — Confessou observando os olhos azuis à sua frente. — A verdade é que eu só estou aqui, porque não tenho mesmo para onde ir. E, sinceramente, acredito que se eu for embora, você nem irá se importar.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln engoliu em seco.

— Sabe, uma vez ouvi dizer que a maior covardia de um homem, é fazer uma mulher se apaixonar sem ter a intenção de amá-la. — Lincoln podia ver a tristeza estampará nos olhos de Larissa. — Você fez exatamente isso comigo. — Suspirou e o príncipe nem sequer conseguia olhar para ela. — Eu fui burra e ingênua. Veja só, estou grávida, fui expulsa de minha casa, vim morar aqui e você me trata com indiferença, me sinto uma idiota, quando na verdade eu deveria estar feliz. Nunca me senti tão infeliz como agora.

Larissa desabafou e Lincoln sentiu-se o pior dos homens. Não havia se dado conta do quanto estava ferindo a garota.

— Me perdoe, eu não tive a intenção de magoá-la. — disse tocando uma lágrima que ameaçava cair no rosto dela. — Eu prometo que vou cuidar de você e do nosso bebê. Me desculpe por tê-la feito sofrer, eu apenas não havia acostumado com a ideia de ser pai agora e de me casar. — Lincoln estava

sendo sincero. — Mas eu quero me esforçar para que possamos ficar bem. Vou pedir que levem suas coisas para o meu quarto, tudo bem? — mexeu nos cabelos cor-de-mel da garota é ela o encarou.

— Não, eu não vou. Talvez depois do casamento sim, mas agora por enquanto eu quero ficar aqui. Você pode por favor me deixar sozinha?

— Ficará bem? — o príncipe observava os olhos de Larissa, que pareciam estar prontos para se derramarem. A garota apenas afirmou balançou a cabeça. — Olhe, eu sei que o amor ele vem com o tempo e se me permitir, eu quero amá-la.

— Eu já permiti e você simplesmente me jogou fora. Me deixe sozinha, eu quero ficar sozinha. Por favor. — a garota praticamente ordenou e Lincoln se levantou, caminhou até a porta e saiu.

Pegou um dos cavalos no estábulo e saiu do castelo tão rapidamente, que até mesmo os guardas nunca o viram sair tão apressado. As horas avançaram, passou o horário do almoço, chá da tarde e o jantar, entretanto, não havia nenhum sinal

de Lincoln. Os guardas disseram que o viram sair ainda pela manhã. Rei Frederick convocou seu exército e foram em busca de seu filho caçula.

— Oh céus! Deixe-me ir ajudar.

— Não, querida, fique aqui, você está grávida. Ficaremos aqui aguardando notícias. — Rainha Deisy tentava acalmar a futura nora, no entanto, ela mesma estava aflita.

Luan e rei Frederick foram junto com os cavaleiros.

Larissa aproveitou que sua sogra estava no quarto, foi até o estábulo, montou em um dos cavalos e saiu do castelo escondida. Estava fazendo uma loucura, mas não ficaria em paz até visse seu amado. Sem muita esperança, cavalgava lentamente pelo caminho observando tudo ao redor. Foi quando ouviu o som de um cavalo, era um dos cavalos do castelo. A garota o seguiu e então encontrou Lincoln caído no chão. O caçula do reino tinha um corte superficial acima do supercílio. Larissa desceu do cavalo, abaixando-se perto dele.

— Lincoln! — chamou, tocando seu rosto.
Lincoln, meu amor! Fale comigo!

Larissa sacudiu os ombros do seu amado, entretanto, o filho caçula de Frederick não esboçou reação alguma.

Nenhum sinal de vida.

CAPÍTULO 22



— Lincoln, fale comigo!

O desespero começou atingir Larissa, porque o príncipe não respondia e permanecia desacordado.

A garota segurou o pulso esquerdo de Lincoln, sentindo sua pulsação.

Estava vivo.

Estava respirando.

Alguns segundos depois, Lincoln despertou, abrindo os olhos lentamente. Provavelmente tinha apenas desmaiado.

— Larissa? — ele parecia confuso.

— Oh, finalmente! Você está bem? Se recorda do que aconteceu? — apressou-se a perguntar.

— Eu caí do cavalo, é tudo o que lembro.

— Vamos voltar, venha eu ajudar. — Larissa ofereceu a mão para que o namorado pudesse se apoiar.

Algumas horas depois, o rei e seu exército, voltaram sem Lincoln, entretanto ele estava lá com Deisy e Larissa. A garota cuidava de seu ferimento e Lincoln reclamava pelo contato com o local cortado.

— Você nos deixou preocupados, meu filho. — A rainha acariciava os cabelos louros do caçula.

— Fui dar uma volta a cavalo, mas acabei caindo.

— Vejo que caiu do cavalo, literalmente. — Luan não perdeu a oportunidade de zombar de seu irmão quando viu um curativo em sua testa.

— Podemos conversar à sós? — Lincoln pediu. Larissa e rainha Deisy assentiram, deixando os

irmãos sozinhos.

A conversa foi breve, porém boa. Os irmãos fizeram as pazes. Lincoln pediu desculpas mais uma vez ao irmão primogênito por todo o desentendimento que tiveram. Embora ainda estivesse um pouco machucado, no sentido emotivo da palavra, Luan o desculpou. Larissa tinha salvo Lincoln e agora era mais do que justo que ele se redimisse, afinal, o casamento estava próximo.

Os dias passaram rapidamente e os preparativos para mais um matrimônio se iniciava.

Luan e Clara continuavam apaixonados, aproveitando cada momento juntos.

— Espero que crie juízo nessa cabeça, agora será um homem oficialmente casado e não irá demorar para se tornar pai. — Rei Frederick falava com seu filho mais novo.

— Se até meu irmão criou juízo, por que não ei de criar? — Lincoln sorriu descontraído.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus te ouça, filho. E te abençoe. —
Declarou o rei.

As pessoas começavam a chegar ao castelo onde aconteceria a cerimônia e a festa. Rei Benjamin, e rainha Meredith haviam acabado de chegar.

— Papai! — Clara abriu um enorme sorriso ao vê-lo.

— Minha filha, que saudade! — o rei a abraçou.
— Trouxe algo que irá gostar, venha comigo.

No lado de fora do castelo, rei Benjamin mostrava a surpresa que havia levado para sua filha.

— Oh, Jasper! — Clara sorriu ao ver seu unicórnio ali. — Obrigada por trazê-lo, papai.

— Ele parecia triste, acredito que sentiu sua falta. — o rei sorriu.

— Somos bons amigos. — A princesa sorriu passando as mãos sobre o pelo do animal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu amor, a cerimônia irá começar. — Luan avisou aparecendo na escada.

Meredith aproveitou que seu marido não estava ali e foi até a mãe de Larissa.

— Katherine, a quanto tempo! — soou irônica.

— Meredith? O que faz aqui? — a mulher parecia assustada.

— Minha enteada se casou com o filho primogênito do rei, não sabia?

— Não, eu não sabia.

— Sim, agora somos praticamente parentes, não é mesmo?

— Talvez sim. Olhe, preciso ir...

— Para que a pressa? — Meredith segurou a mulher pelo braço, analisando-a com seus olhos perspicazes.

PERIGOSAS ACHERON

— O que quer comigo? — Katherine encarou a mulher bem conhecida à sua frente.

— Você sabe, espero que o nosso segredo esteja bem guardado.

— E está, portanto, acredito que não seja bom que estejamos tão próximas. — respondeu a mulher.

— Ótimo, muito bom assim. — Meredith deu uma última olhada para a mulher antes de sair.

As duas se afastaram, indo em direção opostas.

Como sempre foi.

Larissa chegou à cerimônia em uma carruagem lindíssima, digna de uma princesa que se tornaria. A cerimônia aconteceria no jardim do castelo e tudo estava impecavelmente decorado. Lincoln não queria nada muito extravagante, entretanto, a decoração não deixava de ser intimista e aconchegante. As cerejeiras floridas

complementavam o ambiente, dando um ar totalmente romântico.

Larissa estava feliz por ter sua mãe e seu pai presentes em um dia que era relativamente importante para ela.

Seu pai a conduziu até o noivo e os dois se cumprimentaram. A mãe da noiva estava visivelmente emocionada e Clara também, estava feliz por Lincoln estar se comportando melhor em relação à futura esposa.

Lincoln e Larissa deram as mãos enquanto faziam seus votos. Durante a cerimônia de casamento, o jovem príncipe já havia dito "Sim" e agora era a vez da noiva. Larissa olhou para seu noivo, demorou alguns poucos segundos para responder como se estivesse pensando em qual seria sua resposta; e só havia duas alternativas.

Os convidados presentes ali se entreolhavam como se temessem a resposta negativa da noiva, e até mesmo o noivo temia. Suas mãos estavam suando e ele engoliu a saliva esperando a resposta dela. Olhava em seus olhos e ela estava

PERIGOSAS NACIONAIS

incrivelmente linda para ele, como se nunca estivesse tão bonita assim antes.

Os olhares se encontraram e Larissa recordava todos os momentos que viveu ao lado de Lincoln, desde a primeira vez que se encontraram. O primeiro beijo, a primeira noite que tiveram juntos, as juras de amor... Eram um casal apaixonado. Larissa não tinha dúvidas, ela o amava.

Lincoln mantinha seus olhos concentrados aos dela, que estavam brilhando mais do que sempre.

— Sim. — respondeu sorrindo.

O alívio surgiu no rosto de Lincoln em forma de sorriso.

Larissa pensava que só tinha motivos para dizer sim. A criança que carregava em seu ventre era o resultado de seu amor pelo jovem príncipe.

Após o beijo, agora oficialmente como marido e mulher, os noivos receberam uma chuva de pétalas de rosas brancas.

PERIGOSAS ACHERON

— Dança comigo, alteza? — Luan pediu, sussurrando ao ouvido de Clara e ela sorriu assentindo.

Enquanto os dois moviam-se a passos lentos de valsa, Clara observou ao longe algo que a deixou um tanto intrigada e desconfiada. Meredith cumprimentando Larissa e lhe deu um beijo no rosto. Pelo que sabia, as duas mal se conheciam e aquilo deixou Clara pensativa, mas o que quer que fosse, ela tentaria descobrir.

— Amor? — Luan chamou pela esposa já pela terceira vez, pois ela estava com os pensamentos distantes.

— Oi amor, desculpe. — Clara voltou a atenção para Luan. — O que dizia? Eu não prestei atenção.

— Eu dizia que pensei que usaria hoje o colar que pertenceu à minha avó, porque não está usando? — Luan perguntou.

— Ah, não foi por nada. Estou usando o colar

PERIGOSAS ACHERON

que era de minha mãe. É a única lembrança que tenho dela. Eu não gosto de tirá-lo, uso todos os dias. — A princesa tocou o colar enquanto falava.

— É bonito. — Luan observou o colar que era um camafeu em formato de cristal.

Era perceptível que aquela era uma joia de família, provavelmente muito antiga e rara.

Clara tirou o colar do pescoço e abriu o camafeu, revelando o cristal que havia dentro. Ele era esbranquiçado quase transparente, porém, seu brilho era incrível.

— É lindo, amor. Você nunca havia me mostrado. — Luan pôs de volta o colar no pescoço da esposa.

Clara sorriu e em seguida, recebendo dos lábios de Luan um beijo breve.

A festa continuava a acontecer e as pessoas desfilavam em seus trajes elegantes. Ao final da festa, Larissa foi para o quarto com Lincoln e

sentou na cama enquanto ele fechava a porta atrás de si. O príncipe sentou-se ao lado de sua esposa e sua boca encontrou a de Larissa num beijo calmo e delicado. Larissa, agora duquesa de Sunset Valley, tinha sua mão na nuca de seu marido, dando apoio ao beijo enquanto ele mantinha suas mãos na cintura dela, puxando para si.

— Cresceu. — disse ele após o beijo, tocando a barriga da mulher, fazendo-a sorrir. — Eu gostaria que fosse um menino, mas se for uma menina também ficarei feliz.

CAPÍTULO 23

 Clara estava caminhando por um lugar desconhecido até então, parecia um castelo abandonado. Apesar de ser um local desconhecido, entretanto, ao mesmo tempo parecia estar vivendo um déjà vu, isso porque parecia ser um extenso corredor pelo qual ela caminhava tateando as paredes. A princesa avistou uma luz fraca ao final deste longo corredor e parecia ter alguém ali.

Embora estivesse com medo, caminhou até onde a luz emanava e avistou uma senhora que devia estar nos seus sessenta, talvez setenta anos. Caminhou até ela a passos desapressados.

— Olá senhora.

— Olá, Clara. Fiquei sabendo que você precisava de um presente. — Um sorriso apareceu em seu rosto enrugado.

— Um presente? — Clara aproximou-se e a mulher concordou com a cabeça.

— Sei que não tenho muito tempo, minha filha, então vou fazer o que devo. — disse a senhorinha.

Ela puxou a corrente que prendia em seu pescoço e deixou revelar um cristal que estava escondido debaixo da roupa que usava. Tirou o cordão e com a outra mão, segurou uma das mãos de Clara, fazendo com que ela mantivesse aberta com a palma para cima.

— Este é um cristal muito especial. Você pode desejar o que quiser, mas pense bem no que deseja, porque alguns desejos são perigosos quando se tornam realidade, e você só tem uma chance.

A mulher falou e Clara franziu a testa, achando aquela conversa muito estranha. O cristal na palma de sua mão era incrivelmente lindo. Ele era mais ou menos do tamanho de seu dedo polegar, mas um pouco mais largo e era esbranquiçado, quase transparente em sua extensão, mas haviam finas

linhas cor-de-rosa que vinham do topo e acabavam em diferentes partes do cristal, mas nunca chegavam ao final dele.

Por um segundo, Clara pensou até que pareciam pequenas estrelas cadentes caindo do céu, deixando seu rastro colorido por ele, mas nunca chegando a tocar o chão.

— Ele é tão lindo. — A princesa sorriu.

— É mágico. Eu só quero que faça seu desejo com o coração e não com a cabeça. Mas não o faça quando ele estiver chorando. Aqui. — A mão apontou para o lado esquerdo do peito de Clara. — E não aqui. — em seguida apontou para sua cabeça.

— Certo. — Clara concordou e sorriu.

— Seja cuidadosa. Se algo der errado, me procure na estrela cadente.

Com aquela frase, a mulher desapareceu.

Um silêncio enorme ocupou o ambiente e Clara

PERIGOSAS ACHERON

ficou parada sem saber o que fazer consigo mesma ou com o cristal em suas mãos.

Quando acordou assustada, percebeu que tudo não passou de um sonho, portanto estava em seu quarto que dividia com Luan. Levantou da cama apressadamente, porque antes de dormir havia tirado o colar do pescoço e guardado em sua caixa de joias. Buscou a pequena caixa de madeira e lá estava o colar com o cristal que antes era de sua mãe; e ele era incrivelmente idêntico ao cristal do sonho. Era esbranquiçado, quase transparente em sua extensão e as finas linhas cor-de-rosa vinham do topo, mas não chegavam ao final dele.

Era o mesmo cristal, não restavam dúvidas.

Clara guardou o pequeno objeto brilhante, trocou de roupa e caminhou até a sala de armas, imaginava que Luan deveria estar lá.

E ele estava, mas não estava sozinho.

A cena presenciada fez com que a testa de Clara enrugasse por alguns segundos, até que ela

PERIGOSAS ACHERON

conseguisse compreender o que acontecia.

De onde estava, tudo o que Clara conseguia ver eram as costas de uma mulher alta e de cabelos castanho-claros, que estava levemente inclinada para a frente, com o peso do corpo sustentado por seus sapatos. Pelo que parecia, Luan estava sentado em uma cadeira de frente para a mulher misteriosa, que tinha uma perna posicionada entre as pernas dele e uma das mãos em seu ombro.

A princesa não conseguia ver o rosto dele, mas sabia que era Luan, só não sabia o que era aquilo.

A posição era muito suspeita.

Poderia ser simplesmente nada demais, ou eles poderiam estar trocando um beijo.

Um beijo?

Clara parou para analisar por um segundo e aquilo fez seu estômago embrulhar, causando uma sensação doentia, mas que foi substituída pela raiva e indignação.

Empurrou a porta com toda a força que tinha, fazendo-a bater contra a parede do outro lado, causando um estrondo imediato e os outros dois pularam de sua posição suspeita.

— Clara?

Luan ergueu-se rapidamente e seus olhos arregalados denunciavam a culpa que antes era apenas uma possibilidade.

— Luan? — disse o nome dele de forma aguda, trêmula e obviamente insatisfeita.

— Não é nada do que você está...

— Pensando? — ela completou.

Por um segundo, enquanto os dois mantinham-se calados, Clara analisou a cena. A mulher tinha o mesmo tom de pele da princesa, cabelos castanho-claros e olhos intensamente azuis. A mulher estava observando Clara com um olhar de medo que podia se comparar ao de uma vítima assustada de terror.

Luan tinha as mãos levemente erguidas, como se estivesse se rendendo, mas algo nele estava diferente. Clara teve que deixar a raiva de lado por um segundo para reparar no corte que ele tinha na testa.

— Está vendo? — Luan apontou exatamente para o que a esposa estava olhando. Certamente tinha seguido seu olhar até lá. — Foi apenas isso. Ela estava tratando disso porque meu rosto estava sangrando.

— Ótimo porque ela vai ter que cuidar do que eu vou fazer na cara dela agora.

Clara deu um passo à frente, mas Luan foi mais rápido e colocou seu corpo entre as duas, segurando o pulso da esposa com uma das mãos.

— Clara, pare! Podemos conversar sobre isso.

Luan nunca tinha visto sua mulher furiosa como estava agora.

Ciúmes.

— Vá para o inferno! — Clara declarou.

— Scarlett, você pode nos dar um segundo? —
Luan dirigiu-se à outra mulher.

— Scarlett? Huh.

Clara ergueu as sobrancelhas ao pronunciar o nome daquela mulher, e a morena virou-se em direção à saída sob os olhares assassinos da princesa, que estava sendo contida por Luan.

Não foi um movimento muito inteligente, porque assim que teve o braço solto, Clara virou a mão com toda a força que tinha para acertar um tapa bem dado no rosto de seu marido.

— Ugh! Mas que coisa.

Luan deu um passo para trás rapidamente, achando que poderia receber outro tapa em seguida.

— Scarlett, ah? Quem é aquela meretriz? Mais uma de sua extensa lista? Acha que sou alguma

PERIGOSAS NACIONAIS

idiota, Luan? — estava reprimindo o choro que estava chegando com uma força que não conseguia controlar.

Clara balançou a cabeça negativamente, a mão ardia, mas nada comparado a queimação que sentia por dentro causada pela raiva.

— Não é nada disso! Ela é nova aqui e ainda está em teste, o castelo precisa de mais empregadas.

Luan pressionava um pano molhado contra a testa, que tinha voltado a sangrar graças ao tapa.

— E precisava testar você também? O que é? Uma amostra grátis do trabalho do príncipe? — Clara se irritou ainda mais.

Era claro que estava com ciúmes.

Estava tudo bom demais para ser verdade. Luan não era o anjo que estava mostrando ser desde o dia em que se casaram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É apenas trabalho, Clara. — Luan estava certo de que sua mulher jamais acreditaria, principalmente por causa do que tinha acabado de presenciar.

— E esse corte no seu rosto? — mudou de assunto bruscamente, porque sua curiosidade falou mais alto.

— Acabei me cortando enquanto treinava, apenas isso.

— E por que devo acreditar?

Clara quase gritou, se aproximou de Luan tomando o pano úmido de suas mãos e pressionando contra o corte dele com uma força que nem sabia que existia.

A força da raiva.

— Eu sou seu marido, tem que acreditar em mim. Se não acredita em minha palavra, me arrependo de ter me casado com você. Como posso ter uma esposa que não confia em mim?

PERIGOSAS ACHERON

Luan soltou aquela frase com a mesma frieza de quem fala sobre o clima do dia.

— Como é que é?

As palavras de Luan fizeram Clara olhar para ele com uma expressão ofendida e ela jogou o pano ensanguentado no rosto dele. Antes de vir qualquer resposta, ela afastou-se virando em direção a porta, mas Luan segurou seu braço firmemente outra vez.

— Eu fui longe demais, eu sei. Eu jamais trairia você, me desculpe pelo que falei.

— Eu não acredito em você.

Dessa vez foi Clara quem não teve receio algum em dizer aquilo.

— Clara, por favor...

Ela se desvencilhou dos braços do marido e saiu furiosa, mas não sem antes lhe lançar um olhar decepcionado.

— Não faça nada do que vá se arrepender depois. — Luan insistiu.

— Exatamente do jeito como você se arrepende de ter se casado comigo?

A pergunta foi como um soco no estômago, mas era um soco que ele havia merecido. De qualquer forma, Luan não disse nada, principalmente porque não se achava no direito de dizer, apenas lançou um olhar cauteloso e viu sua mulher sair pela porta. Luan esperava que Clara fosse ficar, mas sabendo que havia uma grande possibilidade de ela ir embora para sempre.

Clara saiu dali indo em direção a seu quarto, pensando no que havia acabado de acontecer, no que tinha visto e como aquilo mudava tudo na vida que estava vivendo.

Ela amava o marido e ele devia amá-la também, não devia?

As perguntas eram muitas e chacoalhavam em

PERIGOSAS ACHERON

sua cabeça freneticamente, de forma que ela achava que logo não conseguiria nem mesmo respirar direito.

No meio de toda aquela loucura, a cena de Luan com Scarlett voltou à sua cabeça e em segundos a raiva tomou conta dela novamente.

As respostas pareceram facilmente: Lincoln estava certo, definitivamente Luan não a amava.

Clara pegou sua caixa de joias e segurou algo gelado que lhe deu um pequeno choque:

O cristal.

Assim que a iluminação do cômodo bateu sobre a pedra, Clara achou que os traços cor-de-rosa em sua superfície estavam ainda mais vivos.

Encarou o cristal com os olhos distraídos, porque sua cabeça ainda revivia a cena que tinha visto ao abrir a porta. Os olhos de Clara encheram-se de lágrimas, mas não era um choro de raiva e nem mesmo pena de si mesma, era o peso do que

tudo aquilo significava.

E o significado era nada mais e nada menos do que o fim de seu casamento com Luan.

Ainda aflita, a princesa apertou o cristal entre os dedos e a palma de suas mãos. Sua intenção era quebrá-lo para aliviar um pouco a dor que sentia, mesmo que não fosse justo, pois o cristal era de sua mãe.

— Eu odeio você porque te amo. —
Choramingou para si mesma se referindo a Luan.
— Eu desejo que nunca tivéssemos nos conhecido.
Desejo que o dia em que eu o conheci nunca tivesse existido. — disse baixo quase em um sussurro.

CAPÍTULO 24


Clara fechou os olhos, mas obviamente nada de anormal aconteceu. Mas afinal, o que eu esperava que acontecesse? Perguntou a si mesma em pensamento e em seguida, balançou a cabeça negativamente.

— Isso é a vida real. Acorda! — disse baixo para si mesma enquanto tratava de eliminar as lágrimas e enxugar seu rosto.

A primeira coisa a fazer foi erguer-se da cama onde estava sentada, sentiu-se envergonhada de tudo o que havia acontecido naquela manhã e tentava pensar em uma solução.

Clara guardou o colar com o cristal cuidadosamente dentro de uma bolsa. Precisava conversar com Luan, portanto não estava com medo de acabar com o seu casamento se precisasse.

Saiu correndo do quarto e viu o homem, esperou a uma distância até que os olhos dele parassem sobre ela. E então, ele sorriu. Clara perdeu-se naquele sorriso por alguns segundos, até se lembrar que estava com raiva de seu marido e não devia estar sorrindo.

Luan deu alguns passos em direção à esposa, e ela, por sua vez, cruzou os braços e esperou pacientemente enquanto ele se aproximava.

— Oi. — disse ele. Ainda tinha um sorriso lindo nos lábios, mas Clara fechou o rosto como uma criança emburrada.

— Será que podemos conversar agora?

— Conversar? — Luan riu com o cenho franzido.

— Sim. Eu não tenho todo o tempo do mundo, Luan. — Descruzou os braços, mas os apoiou na cintura. Luan parecia confuso. — Vamos resolver isso logo de uma vez.

— Como? Eu conheço você? — olhava para a mulher à sua frente com uma expressão confusa.

A pergunta acertou Clara como uma facada nas costas, tanto que ela esqueceu de qualquer outra coisa em volta, só lembrou da raiva que estava sentindo dele. Queria acertar-lhe outro tapa, mas segurou o máximo que pode.

— Está brincando comigo? É uma péssima hora para brincadeiras. — disse séria.

— Desculpe, mas eu tenho quase certeza de que não a conheço.

Clara queria xingá-lo, as palavras malcriadas chegaram até a ponta de sua língua, mas ela voltou a engoli-las quando se lembrou da cena com o cristal. Quase engasgou.

— Oh... inferno. — Ela levou as mãos à boca e ainda era observada por Luan mais confuso do que nunca. — Isso não é possível, é?

— Que eu a conheça? — ele coçou a cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

sem muita certeza do que dizer. — Pode ser que já tenhamos nos visto, porém acredito que me lembraria disso.

Clara olhava para Luan sem acreditar no que estava acontecendo. Aquilo só podia ser uma brincadeira muito sem graça. É claro que não havia fundamento um desejo mudar alguma coisa de verdade.

Ou sim?

— Isso é uma loucura!

— Eu preciso ir, tenho alguns compromissos. — disse o príncipe.

— O quê?

Clara balançou a cabeça mostrando expressões confusas piores do que as que ele mostrara anteriormente.

— Sinto muito, eu tenho mesmo que ir. — Luan acenou em sua direção e ela se conteve para não

impedi-lo.

Precisava analisar toda a situação antes de parecer uma louca. Se havia estragado seu casamento com Luan, ao menos tinha que cuidar de sua vida, que era o que restava.

Ainda com todos aqueles pensamentos a atormentando, o pior deles era o cristal e a suposta mudança que ele havia feito em sua vida. Clara ainda não acreditava que aquilo pudesse ser verdade, desconfiava que estava sonhando, talvez ainda não estivesse acordada. De qualquer forma, pesadelo ou não, ela não podia ficar ali sem fazer nada. Enquanto caminhava ainda pelo castelo, foi surpreendida por um homem.

— Com licença, senhorita?

Clara ergueu a cabeça e não pôde evitar um olhar surpreso quando avistou o rapaz.

— Lincoln! — ela tinha esperança que ele a reconhecesse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhorita precisa de alguma ajuda?

— Preciso que ajude o Luan a lembrar-se de quem sou. Ele está estranho.

— E por que eu faria isso? — Lincoln ria como se a cena fosse a coisa mais engraçada já vista.

— Hã? — a princesa não havia entendido.

— Moça, eu nem sei como entrou aqui. É alguma admiradora de nosso reino?

— Você enlouqueceu? Esqueceu quem sou eu?

— Eu não faço ideia de quem seja. — Ele respondeu e deu de ombros.

Mais uma vez Clara sentiu vontade de descontar toda sua frustração, mas qual era a possibilidade de Luan ter combinado aquilo com Lincoln?

— Está mesmo falando sério? — perguntou só para ter certeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Sou casada com seu irmão, não se lembra de nada? — insistiu.

— Não mesmo.

— Só pode ser brincadeira. — Clara mexeu nervosamente nos cabelos.

— Gostaria de ajudar, mas a senhorita precisa ir. Vou acompanhá-la até a saída.

Aquilo não era possível, tinha alguma coisa muito errada com aquele dia. Primeiro o sonho com aquela senhora estranha com aquele cristal, depois os acontecimentos com Luan, o desejo e agora tudo o que havia acontecido desde então.

Não era possível que seu próprio marido não soubesse quem ela era e pior, que ninguém mais soubesse.

Definitivamente não era possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu pedi para esquecê-lo, seu cristal idiota, eu não pedi para que todos se esquecessem.

Clara encarava a pedra que estava bem guardada no fundo de sua bolsa.

Tinha acabado de ser praticamente expulsa do castelo onde morava e estava parada na rua sem saber o que fazer.

Teve que caminhar léguas para finalmente chegar até uma casinha que ela conhecia bem: a casa de sua melhor amiga.

— Ei, Miranda, você está em casa? — Clara bateu na porta evitando o máximo para não deixar sua voz denunciar o desespero em que estava.

— Clara? — Miranda abriu a porta. — O que aconteceu? Você está bem? — ela estava ainda sonolenta.

— Não, eu estou na rua e não sei o que fazer. Parece que minha vida está desabando na minha cabeça e a culpa é toda minha.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? Calma, entra.

Clara acompanhou a amiga até dentro da pequena casa. A sala e a cozinha ficavam no mesmo cômodo, porém tudo era cuidadosamente arrumado como uma casinha de bonecas.

— O que aconteceu? O que veio fazer aqui? — perguntou diretamente sentando-se no sofá e Clara sentou ao lado dela.

— Miranda, quem sou eu? — Clara ignorou a pergunta e logo lhe lançou outra.

— Como assim, Clara?

— Quando te fiz essa pergunta, o que veio na sua cabeça?

— Hm... — Miranda realmente pareceu focar para pensar em uma resposta. — Você é minha melhor amiga, a pessoa em quem eu mais confio nesse mundo.

A resposta de Miranda não era exatamente o que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara estava buscando, mas acabou se transformando em algo muito melhor. No meio de toda aquela confusão, ela havia encontrado uma pessoa que não havia mudado absolutamente nada.

Em um impulso misturado com o alívio que sentia por estar em uma situação familiar, seus braços envolveram a melhor amiga em um abraço, que foi retribuído, mas veio acompanhado de um olhar estreito de quem desconfia de algo.

— E então? Vai me contar o que está acontecendo?

— Primeiro tem que prometer que irá acreditar em mim.

— Clara, estou ficando preocupada.

— Eu fiz um desejo maldito e eu acho que ele tirou um dia da minha vida. — Desabafou de uma vez.

— Quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O cristal dentro do colar de minha mãe, ele é mágico e fiz um desejo, mas fiz o desejo errado e aquela coisa funcionou.

— É sério?

Miranda não estava tão certa de que aquela história era verdade.

— Sim, é. Eu desejei que o cristal apagasse um dia da minha vida e tenho certeza que ele apagou muito mais.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

lara precisou explicar toda a história para sua amiga, incluindo cada detalhe e cada parte da vida que fora perdida. Foi preciso reviver dolorosamente cada fase de seu relacionamento com Luan.

— Nós nos casamos em Sunset Valley, depois ele me levou ao alto de um penhasco onde disse ser o lugar preferido dele desde a infância.

Clara lembrava enquanto levava a xícara de chá aos seus lábios mais uma vez. Miranda a observava com olhos interessados de quem escuta a mais linda das histórias de amor.

— Eu estava lá?

— Sim e estava feliz por mim. — As duas sorriram.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu estou feliz por você. Vocês dois têm uma história tão bonita.

Miranda sorriu e Clara também sorria só por se lembrar dos lindos momentos que viveu com seu marido. Quando se descobriu apaixonada por Luan.

— E olha, o anel é a coisa mais...

A princesa ergueu a mão para exhibir o dedo anelar, mas obviamente não havia anel nenhum ali.

Automaticamente, Clara abaixou a cabeça tentando esconder o olhar desapontado. Aquela era apenas mais uma coisa gritando que sua vida não era mais a mesma e que tudo aquilo não passava de lembranças que não existiam mais. Ainda assim, mesmo com a dor que sentia no peito, decidiu seguir em frente com a história que contava.

— Agora é definitivo, eu não posso mais voltar atrás e nunca o terei de volta, por causa desse cristal do inferno e do desejo impensado que fiz a ele.

PERIGOSAS ACHERON

Clara não queria chorar, aquilo era realmente sua culpa e ela estava sentindo ódio de si mesma que só crescia, a cada segundo.

— Amiga, isso é péssimo. Mas ficará tudo bem.
— Abraçou a amiga.

— Miranda, eu sei o que preciso fazer.

Clara levantou a cabeça de repente, desfazendo o abraço e erguendo-se do sofá.

— Como assim?

— Preciso voltar ao castelo. Tem muitas coisas lá que podem provar que eu sou quem eu digo que sou. Só preciso do seu cavalo. Eu volto logo.

— Espera! Que castelo? — a amiga tentou gritar, mas Clara já havia batido a porta da casa.

O sol brilhava radiante no céu azul desprovido de qualquer tipo de nuvens. Clara tinha muitas ideias na cabeça e uma delas era encontrar Luan novamente quando tivesse as provas de que não era

louca. Havia quadros dos dois juntos, o pintor oficial do rei tinha feito um lindo quadro dos noivos, inclusive do dia de seu casamento, assim como o colar que havia ganhado de presente do marido; tudo isso serviria para mostrar que estava falando a verdade.

Conhecia o castelo de Sunset Valley muito bem e conseguiu entrar por uma passagem secreta, assim ficando longe dos olhares dos guardas que obviamente, não a reconheciam mais.

Caminhou até a porta que daria no porão do castelo, mas quando tentou destrancá-la, percebeu que aquela chave não cabia na fechadura, como costumava caber.

— Mas o quê? — ainda tentava entender quando a maçaneta girou e a passagem foi aberta pelo lado de dentro.

— O que está fazendo aqui? Como entrou?

A voz conhecida de Luan não parecia amigável como na manhã anterior, parecia-se mais com a fria

e ríspida voz que ele fazia quando estavam brigando.

— Se você não se lembra, somos casados e eu moro aqui. — respondeu simplesmente.

— Casado com você? — ele a olhou sem entender.

— O que está acontecendo, Luan?

A voz feminina de tom sonolento ecoou por trás dos ombros do príncipe e fez Clara ficar na ponta dos pés para enxergar quem se juntava a conversa.

A mulher de cabelos castanhos bagunçados esfregava os olhos cansados. Os olhos de Clara não acreditavam no que ela via, até que o cérebro assimilou a informação principal: aquela era Scarlett, vestindo roupas de dormir e bem confortável como se estivesse em seu próprio lar.

— O que ela está fazendo aqui? — apontou o dedo indicador de forma acusativa para a rival e ela pareceu precisar apertar os olhos para enxergá-la direito. — Eu sabia que havia alguma coisa muito

PERIGOSAS NACIONAIS

estranha naquela cena.

— Eu quem pergunto, o que você faz aqui? — Scarlett perguntou.

— Eu sou a mulher dele! — Clara respondeu de forma aguda e ríspida.

— Desde quando você tem duas mulheres, Luan? — a rival deu um sorriso debochado.

— Eu não tenho!

Luan bufou e trocou olhares entre as duas, mas logo encarou apenas Clara.

— Olha, eu não sei quem você é, ou o que tem na cabeça, mas eu não sou essa pessoa que você acha que sou. Scarlett é a minha esposa e eu nem ao menos conheço você.

As palavras eram rápidas e afiadas como uma navalha, e deixavam seus cortes profundos dentro dela.

PERIGOSAS ACHERON

Com certeza era possível enxergar a dor no rosto de Clara, porque Luan imediatamente assumiu a postura arrependida, curvando os lábios e estendendo uma das mãos na direção dela, como se fosse lhe tocar o ombro, mas Clara desviou.

— Eu sei quem você é. Você é o Luan, o meu príncipe, porém mais do isso, você é o homem que apareceu na minha vida e me fez ser a mulher mais feliz de todo o reino, assim como você prometeu ao meu pai no dia do nosso casamento. Que me fez ser mulher, que me ama desde a nossa infância.

Clara deu uma breve pausa para lembrar-se de como se respirava direito, pois seu coração batia aceleradamente e a respiração estava pesada.

— Eu sei que tudo o que aconteceu é minha culpa, que você não se lembra de mim por algo que eu mesma fiz, mas não diga que não é quem eu acho que você é, porque ninguém nunca irá lhe conhecer do jeito que eu conheço, porque a minha vida nunca mais foi a mesma depois que você entrou nela.

PERIGOSAS NACIONAIS

O silêncio depois de tudo aquilo foi assustador. Não para ela, mas para ele. Não havia atitude que pudesse tomar naquele momento que não fosse chatear ou magoar alguém. Luan não podia sentar e ouvir a história de Clara sem chatear Scarlett, e não podia ignorar tudo o que havia sido dito, porque tinha impressão de que magoaria muito a outra.

Por que ele se importava com os sentimentos de uma pessoa que havia acabado de conhecer e que até agora só havia mostrado ser um tanto instável e fora do normal?

— Eu não entendo como você pode pensar que ele acreditaria em uma história como essa. O que quer provar com isso? Que ele foi casado com você em outra vida? — Scarlett debochou.

— Nessa vida! Antes de eu fazer o desejo errado para aquele cristal.

Clara respondeu automaticamente, mas só depois que o fez foi que percebeu como soava ainda mais louca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é inacreditável, querida. — Ironizou a rival.

Clara achou melhor ignorar as palavras de Scarlett. Virou para Luan com um olhar curioso enquanto a outra a encarava seriamente.

— Acho que você pode dar o fora daqui, ou quer que eu chame os guardas?

— Scarlett... — Luan a repreendeu.

— Bom, acho que eu não tenho mais nada o que fazer aqui. — Ela deu a conversa como encerrada. Já estava machucada demais.

Clara deu um último olhar discreto na direção de Luan e ele retribuiu. Algo em seus olhos castanhos pedia desculpas silenciosamente.

— Ei...

Luan deu um passo à frente e Clara parou de se afastar no mesmo segundo.

PERIGOSAS ACHERON

Os olhares penetravam-se novamente e foi como se eles tivessem uma longa conversa apenas pelo olhar. Por mais que fosse impossível acreditar no pouco que tinha ouvido daquela história, Luan ainda nutria um estranho sentimento bom quando encarava aqueles olhos azuis à sua frente. Era como se a pessoa que os carregava não pudesse ser capaz de mentiras tão absurdas.

Talvez fossem apenas verdades loucas.

Ele simpatizava com aquela estranha de atitudes malucas sem nem ao menos saber quem ela realmente era e aquilo o intrigava.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou de repente quebrando o silêncio e a troca de olhares intensa.

— Clara. — Foi apenas o que ela respondeu.

— Eu sinto muito, Clara...

— Você está brincando? Acredita em alguma palavra do que ela disse para estar sentindo muito?

Scarlett tinha começado a desabafar de forma impaciente, mas Clara apenas acenou com a cabeça na direção de Luan e virou-se de costas. Saiu exatamente por onde havia entrado, montou novamente no cavalo, sem olhar para trás.

Talvez nunca mais fosse olhar naquela direção.

CAPÍTULO 26

lara voltou à casa de Miranda sem nem saber como encontrou o caminho tão rápido. Quando chegou, trancou-se no pequeno quarto, mesmo tendo ouvido a melhor amiga chamar seu nome algumas vezes.

O cômodo era menor do que qualquer outro quarto que já havia entrado em toda a sua vida. Clara não se importou com nada daquilo, sentou-se no chão frio e encostou as costas na porta atrás de si. Pela primeira vez, deixou as lágrimas escorrerem livremente por seu rosto, não as reprimiu.

Não havia mais saída, estava perdida e presa naquela nova vida infeliz.

Sentia como se alguém tivesse deixado que conquistasse tudo o que desejava, só para que
PERIGOSAS ACHERON

depois pudesse ser arrancado de suas mãos. Aquilo doía de tal forma que parecia que tinham arrancado um pedaço de si mesma.

Um pedaço que nunca mais seria recuperado.

Conforme pensava em tudo o que fora perdido, o choro tornava-se incontrolável e soluços começavam a preencher o silêncio do quarto. Miranda, no cômodo ao lado, pode ouvir cada uma das lamentações e dos suspiros infelizes da melhor amiga, o que lhe apertava o coração.

— Abre a porta, Clara.

— Eu já vou sair, amiga. — Choramingou baixo.

— Por favor... Abra!

Clara levantou-se do chão e enxugou o rosto na barra do seu vestido. Ainda assim, quando abriu a porta, a amiga pôde notar seus olhos vermelhos e inchados, mesmo que já soubesse que ela já estava chorando pelos soluços ouvidos.

— Toma, pegue essas roupas e tome um banho, você vai se sentir melhor. — Miranda lhe entregou as roupas e a toalha. — Depois durma um pouco e quando estiver descansada, tem um lugar onde eu preciso te levar.

— Um lugar? — Clara a olhou com curiosidade.

— Sim, sua casa de verdade. Tem toda uma vida nova que você ainda precisa conhecer.

Clara dormiu durante algumas horas seguidas e quando acordou, só teve tempo de pentear os cabelos — o que não estava acostumada a fazer sozinha, mas ainda assim se saiu bem. Depois daquilo arrumou suas coisas na pequena bolsa e caiu na estrada com a melhor amiga.

Durante o caminho, descobriu que morava em Brookhaven, um reino que ficava um pouco mais distante de Sunset Valley e um pouco mais próximo de Isla Vista. Era um lugar de belezas naturais, cercado de rios e com menor população do que qualquer outro reino em volta.

Clara não fazia ideia de como tinha ido morar na parte mais vazia dos reinos, mas ao menos estava separada de sua família por apenas quinze minutos de estrada. Por mais que a ideia de morar perto de seu pai a agradasse em partes, ela ainda não tinha intenção de ficar em seu reino natal, tinha na cabeça que sua melhor opção era voltar para Sunset Valley e tentar arrumar toda a bagunça que havia feito em sua vida.

— Estamos chegando? — perguntou virando a cabeça na direção de Miranda.

— Mais alguns minutos.

Clara respirou fundo, no entanto manteve-se calada, afinal, aquela situação não era culpa de ninguém além de si mesma. Sua melhor amiga só estava ali para tentar ajudá-la.

— Chegamos. — Miranda falou enquanto parava o cavalo numa rua pouco movimentava.

Clara desceu do cavalo rapidamente, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava ansiosa para descobrir onde morava, mas quando correu os olhos pelo local, ficou confusa.

— Onde é? — virou em direção à amiga.

— Aqui mesmo.

Clara virou o rosto e assustou-se. Não era exatamente uma casa e sim, um castelo tão grande como o que morou quase a vida inteira. Um extenso caminho cercado por arbustos coloridos marcava o início da propriedade. Um jardim repleto de rosas vermelhas completava a decoração. A parte traseira do castelo era cercada por um ribeiro, e na frente, o chão coberto por grama verde bem cuidada se estendia em volta de todo o lugar.

Era tão lindo que Clara estava impressionada.

— Eu moro aqui?

Clara ficou surpresa, pois não esperava ter vencido naquela outra vida, mas pelo visto, de alguma forma estava errada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas como pode? Eu moro aqui sozinha? Como posso sustentar um castelo desses?

— A questão não é sobre você. Tem algo que precisa saber antes de entrar aí. — Miranda disse baixo.

— Mas será possível que você ainda está escondendo pequenas coisas importantes de toda essa história?

— Tenha paciência, eu não estou acostumada a lidar com pessoas desmemoriadas todos os dias. Eu me esqueço de pequenos detalhes. — Miranda deu de ombros.

— Pequenos detalhes? Ah? Qual foi o pequeno detalhe que você esqueceu dessa vez?

— Bom, não é tão pequeno assim. — Miranda riu nervosamente. — Você é casada, Clara.

— Quê?

— Você é casada.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sou surda, Miranda. Você precisa me explicar.

— Você é casada com Julian Cavallier. O pai dele, Joseph Cavallier é o rei de Brookhaven e Julian é o único herdeiro.

— Ah, ótimo! — Clara franziu o cenho.

— Julian trabalha duro no exército do pai dele. Eu tive a mesma impressão ruim quando você me disse que estava de casamento marcado com ele, mas é preciso conhecer as pessoas antes de julgá-las.

Miranda piscou na direção de Clara e ela não conseguiu manter-se séria diante daquele discurso defensor da amiga.

— Você deve gostar muito dele mesmo, porque é difícil te ver defendendo alguém assim.

— Você também irá gostar muito dele... — Miranda disse baixo, puxando a amiga para dentro

da propriedade. — Até porque... Olhe para ele.

Acrescentou e Clara virou-se rapidamente, tentando entender do que estava falando e precisou apertar os olhos para enxergar melhor a pessoa que vinha caminhando pelo perfeito gramado verde do castelo. O homem era alto e forte, músculos bem definidos do peitoral e dos braços com alguns músculos. Só quando ele se aproximou o suficiente foi que Clara pôde ver seu rosto. Os olhos eram azuis esverdeados e combinavam perfeitamente com os cabelos castanhos claros e a pele branca.

— Oh Deus! — a expressão escapou por entre seus lábios, mas só Miranda estava perto o suficiente para escutar.

— Você está bem, meu amor? — ele disse ao aproximar-se.

— Estou bem. — respondeu ainda meio aérea com tantas descobertas.

— Onde estava? Fiquei preocupado. Ah, olá Miranda, quanto tempo não aparece por aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, Julian! Pois é, complicações dessa vida.
— Ela acenou e sorriu educadamente.

— Ah... Eu estava com a Miranda. Foi um dia complicado. — Clara respondeu incerta.

— O que aconteceu? — perguntou reparando que Clara estava usando um vestido que não era dela.

— Eu... — pensou na primeira coisa que veio a sua cabeça. — Caí e... bati a cabeça. Estou com um problema para me lembrar de algumas coisas.

— O quê? Você está bem? Se machucou?

Julian a trouxe mais para perto para analisar os possíveis danos que podiam ter sido causados, mas Clara voltou a se afastar no segundo seguinte, com medo de que algo denunciasse a sua mentira.

— Eu estou bem, só confusa e um pouco perdida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não se esqueceu de mim, esqueceu? — ele a encarou com um olhar preocupado e uma de suas mãos tocou o rosto da mulher.

— Bom, ela... — Miranda começou a dizer, mas foi interrompida por uma tosse seca da amiga.

— É claro que não me esqueci de você, apenas estou perdida em alguns detalhes. — Clara disse baixo usando um sorriso para eliminar a dúvida que ele tinha.

— Então vamos entrar e conversar sobre o que quer que você tenha dúvidas.

Julian disse cordialmente antes de começar a caminhar para o interior do castelo.

As duas o acompanharam e Clara lançou um olhar cauteloso na direção de Miranda, na tentativa de que ela entendesse que precisava falar menos e deixar que ela tomasse um pouco o controle das coisas, mas a amiga, por sua vez, não achava justo que elas mentissem para Julian.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na cabeça de Miranda, se existia uma lista das pessoas que precisavam saber a verdade sobre aquela loucura que Clara estava vivendo, Julian deveria estar no topo dela.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27



Ao adentrar o grande castelo, Clara percebeu que não tinha visto nem metade das coisas impressionantes que ele tinha. A decoração suntuosa a agradava e até mesmo pensava que talvez ela mesma poderia ter ajudado a escolher boa parte de cada detalhe. O hall, com um grande piano de cauda delicadamente trabalhado em detalhes dourados, juntava-se à uma sala de estar confortável, daquelas em que ela podia se imaginar aconchegada no sofá em uma noite fria, próxima à grande lareira.

Mais à frente, uma ampla cozinha, três banheiros, uma sala de jantar impecavelmente limpa e arrumada. Havia cinco grandes quartos no segundo andar, sem contar com a luxuosa suíte principal. E para completar, mais um motivo para se apaixonar pelo local: um lago enorme no quintal traseiro, que lhes oferecia uma vista perfeita vinte e

PERIGOSAS NACIONAIS

quatro horas por dia.

— Para que um castelo tão grande apenas para nós dois?

Mesmo depois de ter visto tudo aquilo e estar completamente impressionada, suas questões ainda eram outras.

— Bom, na verdade, nós dois, Romeo e Juliet, Luis, Helena e Júlia.

— Quem são esses?

Clara perguntou já entrando em pânico. Não conseguiria mentir para todas aquelas pessoas, sejam eles quem fossem.

— Helena cuida da limpeza, Luis é seu marido, ele cuida do jardim e toda a manutenção do local, e Júlia é a filha deles. — Julian explicou pacientemente, por mais que tivesse assustado pelo fato da esposa não se lembrar das pessoas com quem lidava todos os dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E Romeo e Juliet, quem são? — Clara já estava aterrorizada com a possibilidade de serem seus filhos e de Julian.

— São os nossos gatos. Você não se lembra deles?

— E Jasper? — Clara ignorou a pergunta anterior e o bombardeou com outra.

— Ah? Não conheço, quem é esse? — Julian pareceu confuso.

— Nada, esqueça.

— Eu sinto muito por você ter que passar por tudo isso de novo, meu amor.

Príncipe Julian se aproximou da esposa, segurando seus braços, fazendo um carinho delicado e ao mesmo tempo mostrando que estava ali para ela.

— Eu sei que está confusa e debilitada, mas nós iremos passar por tudo isso juntos, do jeito que

PERIGOSAS ACHERON

sempre fazemos.

Clara suspirou tristemente por pensar em mais alguém que havia perdido naquela sua nova realidade. Seus pensamentos foram longe, desde a vida anterior até essa e as comparações foram inevitáveis. Foi quando outras perguntas começaram a surgir.

— Se somos mesmo casados...

— Pensei que tivesse dito que se lembrava de mim. — Ele a interrompeu.

"Droga". Pensou.

— Eu me lembro, mas estou confusa demais. — respondeu rápido e seguiu sua linha de pensamento. — Se somos casados, onde está minha aliança?

Julian pareceu pensar por um segundo, mas logo em seguida sorriu, como se estivesse lembrado de algo que o fazia sentir bem. O homem caminhou até uma estante da sala e tirou de lá uma caixinha de madeira, como se fosse um mini baú.

— Quando você sabe que irá trabalhar demais, prefere deixá-la em casa para não correr o risco de perdê-la. — o príncipe incrivelmente charmoso retirou o anel dourado de dentro da caixinha e estendeu na direção de Clara.

A princesa tomou nas mãos para analisar; a aliança era grossa e brilhante, definitivamente feito de puro ouro. Era a mesma aliança que usava antes, quando se casou com Luan.

Como aquilo era possível?

O estômago de Clara revirou e a sensação de perda dentro do seu coração quase a devorou viva.

— Não sei porque ainda estou surpresa. — Clara olhou para Miranda, que estava sentada sem dizer nada. Apenas observava.

Seu olhar ficou perdido nos detalhes do círculo da aliança, mas logo voltou à realidade por causa de outro detalhe da conversa que a intrigava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você disse que eu trabalho. Eu trabalho com o quê?

— Você ajuda Miranda na loja de doces na vila de Isla Vista. E você faz doces como ninguém na região.

— Doces? Eu? Isso é brincadeira, não é? — Clara riu.

— Não! — foi Miranda quem respondeu com indignação.

— Mas eu não sei colocar nem água para ferver.

— Amor, você aprendeu quando veio morar em Brookhaven. Eu protestei quanto a isso, não havia necessidade alguma, somos uma família real, mas você sempre gostou de ajudar sua amiga e eu não tive como te convencer a mudar de ideia. Você, Miranda e Júlia trabalham juntas.

Julian mantinha os olhos em Clara, atento às expressões de sua mulher.

PERIGOSAS ACHERON

— A minha cabeça está doendo! — Clara levou as mãos à testa.

Julian aproximou-se no mesmo segundo, fazendo com que a esposa se sentasse no sofá confortavelmente. Ajeitou as almofadas atrás de seu corpo e segurou uma de suas mãos. Miranda apenas observou a cena, temia que Clara fosse surtar a qualquer momento e já estava achando melhor que elas fossem embora antes que tudo estivesse arruinado.

— Está sentindo melhor?

Foi Julian quem quebrou o silêncio depois de alguns segundos e Clara balançou a cabeça positivamente.

— Eu posso pedir uma coisa para você?

— Claro. — Ele sorriu erguendo uma das mãos para afastar uma mecha de cabelo de Clara que insistia em cair sobre o rosto dela.

— Você pode me mostrar algo que deixe claro

que eu era feliz? — a voz da princesa quase falhou no final da frase e Julian pôde notar aquilo.

A questão era que Clara não conseguia enxergar a si própria tendo uma vida como aquela, fazendo bolos e doces para passar o tempo, sem nada do que ela costumava amar e ainda assim, sendo feliz. Entretanto, não precisou pedir mais de uma vez para que Julian fosse buscar todas as provas de como eles tinham uma vida boa. Havia várias pinturas do casal, quadros que ela pôde notar que os dois eram um casal saudável, aparentemente apaixonado e divertido. Já haviam viajado para vários lugares diferentes juntos, pelo que as lembranças mostravam. Não havia nada anormal, nenhuma sombra de infelicidade naquela vida, mas ainda assim, seu coração não se sentia em casa em aspecto nenhum.

Depois de olhar as pinturas e ouvir histórias engraçadas sobre a vida dos dois, Clara levantou-se e se ofereceu para levar Miranda até o lado de fora. As duas caminharam até a frente do castelo.

— Então, você vem comigo para Isla Vista? —

Miranda perguntou baixo, encarando os olhos azuis incertos da melhor amiga.

Clara demorou alguns segundos pensando sobre aquilo. A verdade era que o que quer que ela fosse decidir, não estava certa se seria o melhor para si.

— Eu acho que vou ficar. — Fitou os olhos verdes da amiga.

— Vai ficar aqui e mentir para ele o resto de suas vidas?

Miranda levantou exatamente o tópico relevante da história. Clara estava mentindo para Julian e agora, não poderia mais voltar atrás.

— Miranda, você precisa entender. Eu não posso chegar aqui e simplesmente dizer para esse homem que eu nem sei quem ele é, quando ele é casado comigo e tinha certeza do meu amor incondicional por ele até hoje de manhã. — Suspirou antes de continuar. — Consegue imaginar o quanto isso pode arruinar a vida de alguém? Como você acha que Julian se sentiria caso eu

PERIGOSAS NACIONAIS

disse que só me lembro de ser casada com outro homem e não sou apaixonada por ninguém que não seja o Luan?

— Sim, ele se sentiria muito mal, mas ao menos saberia a verdade.

Miranda ainda achava que escolher a mentira não era a melhor das opções, mas Clara conhecia mais dessa parte da vida do que ela.

— Eu não posso fazer isso com ele. Não posso esmagar os sentimentos de alguém por causa de um erro terrível que eu cometi na minha vida.

— Então é isso? Julian fica com um prêmio de consolação? Ou será que ele é seu prêmio de consolação depois de tudo isso?

— Já chega, Miranda. Essa é a minha escolha.

Clara abriu a mão direita e tirou a aliança dourada que estava guardada na palma fechada, erguendo-a e encaixando no dedo anelar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou ficar aqui com Julian.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28



Quando Miranda foi embora, Julian achou que finalmente teria um momento para conversar com Clara a sós e tirar algumas dúvidas sobre toda aquela história, mas ela tinha outros planos.

O que Clara não queria era exatamente dar a ele a oportunidade de ficar sozinho com ela e enche-la de perguntas que prejudicariam a sua mentira. Por enquanto a história da simples amnésia por causa de um tombo estava sendo mantida, mas Clara não sabia até quando. Para manter-se ocupada e longe de questões indesejadas, pediu para ir até o castelo de seu pai e foi atendida, mesmo diante do argumento de que a noite havia caído e não era horário para chegar na casa de ninguém.

O caminho até Isla Vista durou menos de quinze minutos e Clara procurou manter a conversa leve. Julian parecia apenas feliz por ela se esforçar para

manter a conversa e mostrar-se mais normal e bem-humorada.

Chegaram ao castelo do rei Benjamin e Clara ficou aliviada por descobrir que ainda era no mesmo lugar, e o reino ali não havia mudado nada, aliás, talvez as coisas estivessem normais por aqueles lados. Uma ansiedade tomou conta de seu interior, no entanto, procurou manter-se com os pés no chão, afinal, tudo parecia diferente em todos os aspectos de sua vida.

A primeira impressão, quando a porta foi aberta, era de que estava realmente em casa de novo. Benjamin a recebeu de braços abertos, apesar de estranhar a visita sem aviso prévio aquela hora da noite.

— Você está bem, minha filha? — o pai perguntou olhando-a fixamente quando desfizeram o abraço.

— Estou bem. — Clara balançou a cabeça positivamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— De certa forma. Tem algo que Clara precisa contar.

Julian falou e ela sentiu um frio escorrer pela espinha. Tudo o que menos queria era ter que mentir para seu próprio pai.

— Você está grávida? — Meredith falou ao aproximar-se.

— Não, não é isso. — Clara respondeu imediatamente.

— Ah, precisamos conversar sobre isso. — disse Julian quando reparou os olhares confusos dos sogros.

— O que aconteceu? — perguntou Benjamin já imaginando que algo estava errado pela fisionomia de sua filha.

— Clara está com a memória afetada, consequência de uma queda hoje de manhã. — O príncipe explicou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está bem, minha filha?

— Estou bem, só bati com a cabeça.

— Pelo que estou percebendo, ela não tem nenhuma memória recente. Se lembra do senhor, mas não se lembra de mim, não sabe quem são Romeo e Juliet. — Julian continuou explicando e com aquela declaração, mostrava-se mais esperto do que Clara pensava que ele era.

— Posso chamar alguém para examiná-la. — o rei insistiu.

— Não precisa, pai. Eu estou bem e a memória voltará aos poucos.

Clara mentiu mais uma vez. Lembrou-se imediatamente do cristal, do desejo que havia feito e de como aquilo acabou com sua vida.

— Pai, se importa se falarmos mais reservadamente? A sós?

Clara pediu, olhou para Julian com receio e seu
PERIGOSAS ACHERON

pai prontamente assentiu, foram até a sala do trono, onde podiam conversar sem que ninguém ouvisse.

— Papai, o senhor conhece o príncipe Luan? — perguntou com receio.

— Príncipe Luan... — o rei pareceu pensativo, como se estivesse vasculhando suas memórias. — Luan de onde?

— Luan de Sunset Valley, já ouviu falar?

— Pelo nome não é estranho, mas não o conheço. Por que perguntou, minha filha?

— Não é nada demais. Esqueça. Eu sinto muito por não me lembrar de diversas coisas.

— Está tudo bem, minha querida. — o pai a abraçou e voltaram para a sala de estar.

Meredith lhe lançou olhares desconfiados que foram retribuídos por Clara.

— Acho que é melhor irmos embora. — Clara

falou para Julian.

— Sim, meu amor, podemos ir. Boa noite, majestade. — Se despediram e voltaram à carruagem.

Clara quase pegou no sono durante o curto caminho de volta à Brookhaven e aquilo, ajudou a fazer com que a viagem fosse muito mais silenciosa do que a ida.



— Poderíamos morar aqui e ficar assim para sempre. — Ele disse baixo.

Ela repousava a parte de trás da cabeça na curva do pescoço dele, sentindo a brisa fresca do oceano bater contra o rosto e trazer uma sensação boa ao coração. Estavam sentados à beira do penhasco, ela no meio das pernas dele, com o corpo todo encostado ao dele, envolvidos em um abraço que era um encaixe perfeito, buscando pelo calor de seus braços para que já estivesse aquecida, caso a noite — que se iniciava com o pôr do sol mais

lindo que já haviam assistido — trouxesse um clima frio.

— Luan... — chamou baixo ao pé do ouvido dele.

A resposta veio em forma de carinho. Os lábios dele acariciavam os dela, antes de pressioná-los para que eles se entreabrissem e a intensidade do beijo trocado aumentasse. Luan segurou a cintura de Clara e fez uma pequena pressão com a ponta dos dedos. Ele sempre fazia aquilo, desde que tinham se beijado pela primeira vez. Tinham unido suas vidas para sempre sob os olhares do oceano e daquele pôr-do-sol espetacular.

— Meu amor... — ele respondeu depois de ter saciado a sede que tinha dos lábios dela.

— Eu te amo muito. — Ela confessou em um sussurro.

—Eu te amo mais. — Ele respondeu.

— E se um dia esse amor não existir mais?

Clara ergueu seus olhos azuis para fitar os castanhos de Luan.

— Isso nunca irá acontecer. Aconteça o que for, eu sempre irei achar meu caminho de volta para você.

Luan a beijou nos lábios mais uma vez.

— Eu também, sempre irei voltar para você.

Ela o agradeceu com outro beijo em seus lábios e um sorriso enorme, que deixava claro o quanto ele a fazia feliz.

Um vento gélido soprou a carregando para longe de Luan, quando se virou para seguir o marido, estava presa dentro de um enorme cristal transparente.

— Luan! — Clara gritou enquanto batia nas paredes sólidas que a separavam de Luan.

Ele virou-se e correu até ela, mas o cristal o impedia de tocá-la e até mesmo de ouvi-la bem.

— Clara, você precisa encontrar a estrela cadente. Você precisa encontrá-la. — Luan gritou.

— Luan!

— A estrela cadente. — Ele repetiu. — Volte para mim. Você prometeu.

— Eu irei voltar para você. — Clara bateu mais forte contra as paredes, mas nada aconteceu. — Eu irei voltar!

Estava suando quando acordou, mesmo que não estivesse nem com um lençol sobre o corpo. Suas roupas estavam molhadas e ela sentiu que precisava de um banho, ou pelo menos roupas limpas, para voltar a dormir. Moveu-se, mas sentiu um peso incomum sobre sua mão esquerda. Virou o pescoço rapidamente e por pouco não jogou o cristal no chão. Ela estava segurando-o tão firme que precisou de alguns segundos para que seus dedos obedecessem a ordem do cérebro e se abrissem. Ele emanava uma luz cor-de-rosa, no mesmo tom dos rabiscos que pareciam estrelas caindo em sua

superfície. Era como se estivesse brilhando.

Aquilo seria lindo, se não fosse completamente assustador.

Para completar, ela não havia dormido com o cristal nas mãos, ele nunca havia saído de sua bolsa desde que chegou da casa de Miranda, então como ele tinha chegado até a cama era um grande mistério.

— Você está bem?

A voz masculina quase a fez gritar de pavor, mas era apenas Julian, que dormia ao seu lado na cama do casal.

Clara fechou os dedos sobre o cristal para ofuscar o brilho estranho, mas ele já não brilhava mais.

— Desculpe se te acordei, eu tive um pesadelo.
— respondeu baixo.

— Tudo bem. — Julian falou calmo. Ele ergueu uma das mãos para tocar o braço dela, mas Clara se

esquivou.

— Eu estou suando, você não quer encostar em mim agora.

Tentou fingir um tom divertido, mas só conseguiu deixar claro que estava fugindo.

Clara ergueu-se da cama e escondeu o cristal na frente do corpo. Entrou no banheiro e deixou Julian para trás, que agora estava ainda mais cheio de dúvidas e receios.

CAPÍTULO 29

 Seu armário era tão luxuoso quanto o que ela costumava ter, portanto era fácil notar que, mesmo naquela vida estranha, seu gosto para roupas continuava o mesmo. Deixou os cabelos soltos, mas prendeu duas mechas frontais para trás com uma presilha dourada, de um jeito que não fosse atrapalhá-la de fazer algo que ela não sabia fazer: doces.

— Bom dia, meu amor.

Julian entrou no quarto enquanto ela terminava de se arrumar.

Clara se assustou por um segundo quando percebeu que ele usava apenas uma toalha em volta da cintura. Estava morando naquele castelo e fazendo o papel de esposa desmemoriada por uma semana, mas ainda tinha momentos em que se esquecia que não era mais Luan quem aparecia

quase nu na sua frente pela manhã.

— Bom dia!

A princesa ergueu-se da cadeira que ficava em frente ao espelho e Julian lançou lhe um olhar de desejo pela primeira vez em todos aqueles dias.

Clara voltou a sentar, ela não tinha nenhuma intenção de causar nada daquilo nele.

— Está linda. Não me lembro de você usando esse vestido antes.

— Nem eu. — falou bem-humorada.

Parecia uma piada o fato de Clara estava se arrumando completamente para ir trabalhar em uma doceria, mas havia prometido a si mesma que assumiria aquela vida estranha como sua enquanto não tivesse um jeito de voltar a ser o que era, e para isso, teria que seguir a rotina que as pessoas achavam que ela tinha.

— Eu vou descer e tomar café. — Aproximou de Julian, mas por um segundo ficou sem saber o

que fazer.

O homem percebeu que a esposa tinha travado e deu mais um passo à frente. Aproximou o rosto dela e posicionou as mãos em sua cintura, envolvendo-a em um enlace que quase a deixou sem saída, no entanto, quando ele aproximou os lábios dos seus, Clara virou o rosto rapidamente. Com aquele gesto, Julian desfez o abraço e se afastou, dando longos passos para trás.

— Desculpe. Me desculpe.

E aquela foi a última coisa que ela disse, antes de virar-se e sair do grande quarto.

Desceu as escadas com o pensamento atordoado. Tinha prometido a si mesma que não magoaria Julian, mas ainda não podia abrir seu coração para ele daquela forma. Por mais que seu "novo marido" não fizesse ideia de que existia outra pessoa, ela só conseguia pensar em Luan.

Na cozinha encontrou Helena e Júlia. Estava convivendo com elas há dias e não havia nada de

ruim que pudesse apontar, o mesmo acontecia quanto a Luis, que àquela hora já estava do lado de fora trabalhando nas necessidades do jardim. Helena praticamente havia criado Julian e estava na família desde que ele havia nascido, e Júlia que tinha apenas dezessete anos, era como uma irmã mais nova para ele. A menina ajudaria Clara e Miranda na loja de doces como sempre fazia, e à tarde tinha aulas no colégio da região.

— Vossa alteza está absolutamente linda hoje.
— disse Helena assim que a viu.

— Muito obrigada, Helena. — Clara sorriu para as duas. — Você já comeu, Júlia? — a garota concordou com a cabeça e se levantou.

— Vamos!

Júlia fez um sinal e foi até a mãe, para beijá-la no rosto antes de sair da cozinha acompanhada de Clara. As duas saíram de Brookhaven direto para a pequena loja de doces da avó de Miranda, que ficava na vila de Isla Vista.

Assim que pararam em frente ao local, Clara reparou a loja que já conhecia, embora estivesse visitado o lugar poucas vezes na outra vida. A faixa simples continha uma porta de madeira branca com uma janela de vidro e uma grande prateleira ao lado onde eram expostos os bolos.

Por dentro, a loja era simples, mas bonita e atrativa. Atrás do balcão ficava localizada a pequena cozinha. Miranda e sua avó estavam lá.

— Miranda, como as coisas funcionam? — Clara perguntou incerta por onde começar.

— Nós iremos fazer os doces e colocá-los em exposição. Abrimos às nove, então até lá tem que estar tudo pronto.

— Tudo bem, vamos começar.

E elas começaram. Ou melhor, Miranda, sua avó e Júlia. Clara tentou ajudar, mas falhou o dia inteiro. Queimou a massa do bolo, deixou o chocolate passar do ponto, quebrou os ovos, sujou o chão de farinha, não soube decorar os doces e, no

fim do dia, quase colocou fogo na cozinha.

Depois disso, desistiu.

Não havia sido um dia tão ruim, todos os doces e bolos que fizeram foram vendidos e Clara teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas, mesmo que todos já a conhecessem e tratassem bem.

— A partir de amanhã, eu só vou lavar a louça.

Seria estranho demais uma tarefa como essa para uma princesa fazer. Mas como naquela vida estranha pós-desejo-do-cristal, parecia que tudo era possível.

Clara terminava de lavar as mãos enquanto Miranda e Júlia riam do estrago que tinha sido feito.

— Tudo bem, vamos arrumar tudo isso e ir para casa. — Miranda falou, mesmo que sua casa fosse bem perto. Mais precisamente no andar de cima. — Por falar nisso, como foram esses dias com Julian?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... Tem sido estranho, embora ele seja atencioso e carinhoso o tempo inteiro, mas ele sabe que algo está errado, eu tento fugir dele o tempo todo.

— Hmm, imagino.

A porta da pequena loja de doces rangeu baixo enquanto era empurrada e o barulho do sino preso a ela calou Clara e Miranda, obrigando todos a virarem em direção à entrada do local.

Uma única pessoa encontrava-se admirando a cena em silêncio. O corpo metade para fora e metade para dentro da loja, segurando a porta entreaberta.

Inesperadamente, era Luan.

Ao perceber todos os olhares curiosos e surpresos em sua direção, Luan sentiu-se levemente desconfortável, como ele sabia que se sentiria assim que chegasse ali. Com a intenção de aliviar um pouco o clima, deixou que seu rosto se abrisse em um leve sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

— O que está fazendo aqui? — as palavras saíram imediatamente da boca de Clara.

O tom não era malcriado, era apenas uma curiosidade misturada com espanto e surpresa.

— Clara, eu preciso conversar com você. Preciso muito.

— Como me achou? — ela ainda tinha muitas perguntas e obviamente, não as deixaria cair no esquecimento.

— Você não pode aparecer no meu castelo da forma como apareceu, dizer as coisas que disse e ir embora como se nada tivesse acontecido.

Luan também não estava apresentando um tom ofensivo, ele estava quase aliviado por estar finalmente ali e finalmente tocando naquele assunto.

— Quando você foi embora, aquelas coisas não saíram da minha cabeça e eu achei que estava

louco, mas era só o começo.

— Começo?

Clara deu um passo para frente, muito interessada no rumo que o assunto tomava.

— Sim, a forma como você sabia onde eu morava, sabia como entrar pela passagem do porão. Tudo o que falou sobre você ser a mulher mais feliz de todo o reino, assim como eu havia prometido para seu pai no dia do nosso casamento. Como queria que eu esquecesse tudo isso? —desabafou.

— Eu não queria que esquecesse nada. — respondeu rapidamente.

Miranda e Júlia se entreolhavam com olhares confusos, mas continuavam não fazendo ideia do que estava acontecendo.

— Uma coisa louca aconteceu. — Luan acrescentou.

— O quê? Clara o incentivou a continuar

PERIGOSAS ACHERON

observando-o atentamente, mesmo sem querer, seus olhos transbordavam esperança.

— Eu sonhei com você.

CAPÍTULO 30



— Você estava presa em um cristal rosado no meio do oceano à beira do penhasco onde eu sempre vou. O meu lugar favorito da infância. E nós dizíamos coisas um para o outro. — Luan falou observando os olhos azuis-celestes mais abertos que o normal.

— Oh! Você também teve esse sonho? — Clara encarou a mão esquerda, onde havia encontrado o cristal na noite do pesadelo.

— Sim, deixe-me falar. — Luan fez um sinal para que ela se calasse. — Então eu procurei por você, me disseram que vossa alteza é filha do rei Benjamin, mas não encontrei nada que nos ligasse, entretanto, no sonho eu nos vi perfeitamente juntos. O mesmo lugar, a mesma vista, as mesmas pedras ao fundo. E isso me trouxe de volta a tudo o que você me disse sobre o casamento.

— Então acredita em mim?

— Eu não sei. — Luan passou as mãos nervosamente pelos cabelos. — Eu soube que você costuma vir todos os dias aqui, então eu cheguei aqui e perguntei às pessoas. Apareci na loja dois dias seguidos e ela estava fechada, e isso me deixou com medo de nunca mais encontrar você.

Ao ouvir as palavras proferidas por Luan, o coração de Clara pareceu parar de vez com aquela última frase, porque já não estava batendo de forma regular antes.

Luan tinha saído de Sunset Valley todos aqueles dias, o caminho era de duas horas para chegar até Isla Vista e conferir se a loja estava aberta. E, no fim das contas, ele a encontrou; da forma que prometeu que faria no sonho.

Diante do silêncio dela, o príncipe juntou mais coragem ainda para fazer o pedido que tinha até ali para fazer.

— Vossa alteza pode vir comigo até esse lugar

do sonho? Eu preciso disso.

Não havia o que pensar ou qualquer coisa que a fizesse dizer que não. Clara pegou sua bolsa e a colocou sobre seu ombro.

— Miranda, você pode levar Júlia para casa? — perguntou e a amiga concordou com a cabeça rapidamente.

— Alteza, não devia falar com estranhos. — A menina falou e Clara teria gargalhado de seu tom sério e misterioso, mas ainda estava nervosa com tudo o que estava acontecendo, então só sorriu.

— Ele não é um estranho. Mas é nosso segredo, está bem? — colocou o dedo na frente dos lábios, como se fizesse uma mímica para enfatizar que Júlia não poderia falar sobre Luan.

A menina balançou a cabeça e caminhou até a porta da doceria.

— Obrigada, Miranda. E se você puder não comentar nada sobre nada isso com ninguém, seria

muito bom. — Clara pediu.

— Eu não irei comentar. — A amiga concordou com a cabeça, balançando os cabelos castanhos escuros perfeitamente lisos. — Se perguntarem, direi que ficou arrumando a loja para fechar.

Clara sorriu e observou Miranda e Júlia fazerem o mesmo caminho para deixar a loja.



— E foi isso que aconteceu. — Clara finalizou toda a história sobre o cristal e o desejo que havia feito a ele.

O príncipe e a princesa caminhavam perto do oceano à beira do precipício sem pressa, sem urgência nenhuma. Ele acabara de ouvir a história mais louca de sua vida, mas devido às últimas coisas que haviam acontecido, quase podia dizer que acreditava nela.

— Então você desejou que o dia que nos

conhecemos não existisse?

— Desejei. E o cristal realmente fez esse dia sumir da minha vida.

— Mas o que eu fiz de tão ruim para desejar nem me conhecer? — ele questionou.

— Bom... Até que prove o contrário, que eu saiba, você me traiu. — Clara tomou cuidado com as palavras, não queria acusá-lo de nada já que ele estava ali, bem à sua frente disposto a ouvir toda aquela loucura.

— Eu lhe traí? — Luan parecia confuso.

— Teoricamente sim. — Ela deu de ombros.

— Essa é a conversa mais estranha que já tive na minha vida. — Luan falou e os dois riram.

Realmente, não havia conversa mais estranha do que aquela sobre cristais, desejos que realmente se tornavam realidade e uma traição que ele mesmo não sabia se era verdade, muito menos ela.

Clara resolveu que tinha que deixar as coisas mais relaxadas, para que Luan não saísse correndo e nunca mais voltasse. Sentou-se numa rocha e retirou os sapatos de salto, carregando-os nas mãos. Luan a observou com uma expressão confusa.

— O que está fazendo?

— Você não queria vir aqui? Vai dizer que veio até aqui para nem molhar os pés? Nada disso, tire os sapatos e venha comigo.

Era como uma ordem que Luan jamais teria obedecido em circunstâncias como aquela, porém, por algum motivo o fez. Sentou-se na mesma rocha e retirou os sapatos, deixando-os ali mesmo.

Descalços e com o peso mais leve em suas costas, os dois desceram rumo ao mar. Era a mesma paisagem do sonho de ambos, e para completar, o pôr do sol estava se iniciando de forma majestosa no horizonte ao longe, colorindo todo o céu em um tom de laranja que também refletia no mar calmo. A brisa era confortável e refrescante, assim que

PERIGOSAS NACIONAIS

seus pés tocaram a areia morna, foi como um déjà vu que ambos compartilhavam e sorrisos inconscientes apareceram em seus rostos quando eles se entreolharam.

Clara queria perguntar se Luan se sentia da mesma forma que ela, mas julgou a resposta como afirmativa quando o olhou.

Era uma sensação de liberdade, misturada com a certeza de que poderiam fazer o que quisessem, mas no fundo havia uma ternura, um calor que aquecia o coração, um sentimento de que estavam no lugar certo. Luan encarou Clara com olhos desafiadores que pediam por uma aventura ou por algo que o salvasse da montanha de dúvidas em que ele estava enterrado.

— Me siga. — Ela disse baixo, apressando o passo em direção ao mar.

Ele a seguiu, correndo até a areia molhada e em seguida, sentindo uma onda o acertar levemente, como se o mar estivesse ali para beijá-los e não para engoli-los.

PERIGOSAS ACHERON

Sua calça tinha as barras molhadas agora e mesmo tentando ergue-la, Clara também tinha o fim da saia do vestido encharcada. A água não estava gelada e nem morna, apenas tinha a temperatura boa, um meio termo, que os fazia querer mergulhar. Se entreolharam mais uma vez e outro sorriso enfeitou seus rostos, porém o de Clara não foi duradouro dessa vez.

— Luan... — ela chamou baixo o olhando.

O homem ergueu o rosto, e ao reparar o olhar perdido nas expressões dela, deu um passo em sua direção, diminuindo a distância entre eles e ficando frente a frente com ela enquanto as ondas quebravam contra suas pernas e o pôr do sol atingia o ápice de sua beleza.

— Você é feliz? — Clara perguntou.

Aquela era uma pergunta difícil de se responder, no entanto, seria injusto se ele dissesse que não. Tinha saúde, uma família que o apoiava e amava, um casamento estável. Ele não poderia dizer que

não era feliz.

— Sim. — Luan sorriu.

Se ele não estivesse ali, observando aquele pôr do sol, talvez nunca tivesse se dado conta daquilo.

Clara balançou a cabeça positivamente e sorriu de forma fraca. Queria dizer que aquela era uma coisa maravilhosa, mas a verdade era que talvez a vida estivesse dando a eles numa nova chance de ser feliz, e Luan podia realmente já estar vivendo aquela felicidade plena.

Como ela poderia pensar em reverter tudo aquilo e tirar a chance de ele ser feliz?

Foi impossível não reparar naqueles tristes olhos azuis, mas o motivo não tinha ficado aparente para ele, não entendia porque Clara havia mudado de humor tão de repente.

— Eu preciso ir embora.

— Agora? — Luan questionou.

— Sim, agora. — Confirmou começando sua caminhada.

Luan a acompanhou em silêncio até certo ponto, mas logo parou.

— O que você tem que fazer para reverter tudo isso e voltar a nossa vida normal? — Luan perguntou com os olhos presos aos dela. Clara se surpreendeu com a pergunta.

— Eu não faço ideia, talvez não tenha jeito.

— Tem que haver um jeito, porque algo continua nos empurrando um para o outro como se...

— Nos pertencêssemos? — ela o interrompeu completando a frase dele, portanto já havia pensado naquilo.

Luan assentiu e Clara abaixou-se para calçar os sapatos. Depois voltou a se erguer, encarando-o uma última vez, como havia feito no dia em que foi

até o castelo dele.

— Até mais, Luan.

— Até mais, Clara.

A princesa achou que Luan poderia oferecer para acompanhá-la de volta à Isla Vista, mas alguma coisa dentro dela dizia que aquela seria a última vez que o veria e, talvez, realmente fosse a melhor saída para tudo aquilo.

Tinha que assumir que, por mais egoísta que fosse algumas vezes, a felicidade dele ainda era mais importante do que a própria.

Quando amamos pensamos dessa forma.

CAPÍTULO 31



Quando Clara chegou à Brookhaven, Julian já estava lá. Helena havia preparado o jantar, Julian e Clara conversaram sobre seu dia na loja e nada foi perguntado sobre o fato de ela ter chegado fora do horário e muito depois de Júlia. Aquilo ajudava Clara a manter-se distraída dos problemas que martelavam em sua cabeça, e ainda por cima, lhe dava a sensação confortável de não estar sozinha no final da noite.

Quando terminaram de jantar, os dois se dirigiram à sala. Ainda eram nove da noite, sentaram no sofá e Clara cobriu-se com seu cobertor favorito, que Julian ajeitou sobre ela, deixando-a mais confortável.

— Está bem assim? — O príncipe perguntou enquanto ajeitava o cobertor em volta deles.

— Sim, está. Obrigada. — Clara sorriu e beijou o rosto do marido em agradecimento.

E aquele tinha sido o momento mais íntimo que os dois tinham trocado dentro daquela semana de convivência, mesmo dormindo na mesma cama todos os dias. Para Clara, aquela atenção e apoio significavam muito e para Julian, uma simples demonstração de carinho vindo dela ultimamente tinha o mesmo valor que ganhar um tesouro.

Assim que Julian pegou no sono, Clara levantou-se da cama na ponta dos pés, fazendo um grande esforço para não fazer nem um mínimo barulho que fosse. Seguiu até o armário e abriu a porta lentamente, encarando o rosto adormecido que respirava tranquilamente na cama ao lado. Julian não se moveu, então ela prosseguiu, escondendo o rosto dentro do móvel. O quarto estava escuro, mas ela abaixou-se no chão próxima ao móvel e segurou o puxador da última gaveta.

Assim que abriu, o brilho cor-de-rosa que emanava do cristal escondido iluminou o local, exatamente como no dia do sonho que teve. Era

como se ele gritasse por atenção agora que estava abandonado no fundo de uma gaveta.

— O que você esconde? Qual é o seu verdadeiro mistério? — Clara sussurrou.

Movida pela curiosidade e pelas possibilidades, esticou as duas mãos e as posicionou acima do cristal, quase podendo sentir o frio estranho que vinha dele. Pensava no que poderia acontecer se o tocasse de novo enquanto ele estava iluminado daquela forma, pois da última vez ele tinha feito Luan sonhar com a mesma coisa que ela.

Se colocasse suas mãos na pedra enquanto ela brilhava, o que veria dessa vez?

O que Luan veria?

Sem pensar mais nenhuma vez, Clara desceu as mãos e tocou a superfície gélida do cristal misterioso.

Foi como um choque rápido de quem bate o cotovelo contra uma superfície sólida, com a

PERIGOSAS ACHERON

diferença de que a descarga elétrica do nervo ulnar é sentida apenas no quarto e quinto dedo da mão, porém nesse caso, o corpo inteiro de Clara ficou dormente.

A escuridão do ambiente deu lugar à uma visão luminosa que quase a cegou. Demorou alguns minutos para que ela entendesse que ainda se encontrava no mesmo lugar. E então, a imagem rodou várias vezes, deixando Clara tão tonta que ela achou que fosse colocar todo o jantar para fora. Algo acertou sua cabeça com força e a escuridão voltou, mas ela não tinha perdido a consciência, estava de volta à realidade e o cristal em suas mãos não piscava mais. Percebeu que nada havia lhe acertado e sim, a cabeça é que havia batido com força no chão quando ela caiu.

Ficou ainda alguns segundos observando o teto escuro do cômodo antes de se levantar e guardar o cristal na gaveta novamente, escondendo-o devidamente.

Agora havia mais uma coisa que a perturbava, porque aquela visão não fazia nenhum sentido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com uma dor de cabeça assassina, Clara resolveu voltar para a cama e tentar dormir, afinal, teria mais um dia de trabalho agitado dentro de algumas horas.

Já fazia quase duas semanas desde que Luan tinha aparecido na loja, desde então, Clara não teve mais nenhum sinal dele. Dividia seu tempo entre o trabalho na loja e passar algum tempo com Julian. Tudo parecia normal, o cristal não havia brilhado mais, a loja da avó de Miranda ia muito bem em vendas e produção. Clara se via cada vez mais próxima a Julian e àquela vida nova, por mais que não quisesse.

Clara estava no castelo de seu sogro, apenas por curiosidade de conhecer um pouco mais da família de seu marido naquela vida. Uma das serviçais lhe recebeu e a reverenciou como costumavam fazer na presença da família real.

— Vossa alteza aceita um chá, uma água, alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, obrigada, eu só queria falar com o Julian. — Ela respondeu com um sorriso.

— Oh, me desculpe. O príncipe está em uma reunião importante, ele não pode atendê-la agora. — disse a mulher.

— Tudo bem, você pode dizer a ele que passei por aqui.

— Claro que sim, eu avisarei.

Assim que a mulher terminou de falar, vozes altas foram ouvidas caminhando pelo corredor.

Não demorou nem um segundo para que Clara percebesse que a voz era de Julian que se aproximava. Ele estava falando com outro homem sobre algo que ela não entendeu, mas também não se interessou.

— Clara? — o olhar de surpresa e o sorriso que encheram o rosto de Julian fizeram com que ela também sorrisse. — O que está fazendo aqui, meu amor?

O homem se aproximou da esposa, afastando as mechas de cabelo de seu rosto para deixar um beijo em sua testa.

— Ah, não era nada demais, apenas vim lhe ver. Me disseram que você estava em uma reunião e eu não quero atrapalhar.

— Não se preocupe, era apenas uma reunião comigo. — disse o homem que os olhava com um sorriso.

Julian se aproximou de Clara, encostando os lábios em seu rosto, próximo ao seu ouvido. Ela ficou sem entender, até que ele falou baixo.

— Provavelmente você não se lembra, mas esse é meu pai, Joseph Cavallier. Seu sogro. — Ele estava fingendo beijá-la para lhe dar aquela informação.

— Majestade! — Clara acenou com a cabeça, puxando-a para um abraço em seguida, como se ela fosse uma extensão de sua família.

O que realmente era.

— Tudo vai muito bem, minha nora. — O rei respondeu.

— Bárbara, não importa o que eu esteja fazendo ou se o rei mais poderoso do mundo estiver comigo naquela sala, se a minha esposa chegar aqui, ela está sempre convidada a entrar. — disse Julian à empregada, lançando um olhar na direção de Clara em seguida.

— Sim senhor, alteza. — Ela respondeu.

— Ah, o amor! — rei Joseph sorriu.

— Nós dois podemos almoçar juntos, o que acha? — Julian estava falando com Clara e ela sorriu concordando com a cabeça.

— Ótimo, já volto.

Ele a deixou e voltou pelo mesmo corredor por onde tinha chegado até ali. Joseph também se

despediu da nora e seguiu por outro caminho.

— Vossa alteza tem muita sorte. — Bárbara falou e Clara ergueu as sobrancelhas. — É difícil encontrar um homem como o príncipe Julian. Digo isso porque também tenho o meu e ele não é nem metade disso.

— Sorte? Nada na vida tem a ver com sorte. Se você quer alguma coisa, precisa ir atrás. Esperar pela sorte não te leva a lugar algum.

Talvez aquele fosse um conselho mais para si própria do que para Bárbara. E naquele mesmo segundo, Julian voltou e foi diretamente até onde ela estava.

— Pronta?

— Sim. — Ela respondeu e ele posicionou sua mão na cintura dela e começaram a caminhar para fora do castelo juntos.

O dia passou normalmente, à noite Clara estava cansada como sempre.

— Podemos ir para a cama?

Julian riu daquela pergunta e do jeito que foi feita. Ele apenas balançou a cabeça positivamente, com um sorriso no canto do rosto e girou o corpo para seguir pelo corredor até o quarto principal. Clara o acompanhou, mantendo o mesmo ritmo de seus passos e com o corpo bem ao lado dele. E então, como quem procura por um pouco de familiaridade, ela esticou uma de suas mãos e entrelaçou seus dedos aos de Julian enquanto traçavam seu caminho até a porta do quarto.

CAPÍTULO 32



A calma da madrugada é sempre algo que traz a paz roubada pela agitação do dia anterior. A meia-noite chega apresentando uma sensação de renovação e muitas vezes, de esperança de um amanhecer melhor. Na calada da noite fica a dúvida de se devemos desejar bom dia ou boa noite e com ela, vem a vontade de simplesmente não se despedir, por medo de não estar ali para voltar mais tarde.

Mesmo que o céu ainda estivesse escuro e sem nenhum sinal de que a alvorada estava próxima. Passava das três da manhã, o pequeno reino de Brookhaven estava tão silencioso que mais parecia inabitado. Clara estava de pé, com os cotovelos descansando na moldura da grande janela do quarto. Se alguém olhasse a cena do lado de fora, provavelmente imaginaria que estava esperando por alguém, ou algo, mas a verdade é que ela só observava os pequenos pontos brilhantes na

imensidão escura que era o céu daquela madrugada. Não havia uma nuvem para ofuscar o brilho daquelas estrelas, ao contrário da mente de Clara, que estava tão embaçada que ela não conseguia dormir.

Tinha levantado porque desistia de tentar lutar contra a insônia, achou que talvez pudesse ser mais útil se estivesse de pé e pudesse procurar alguma coisa para fazer.

Cansada de observar a escuridão do céu, iluminado somente pela lua crescente, ela virou o corpo para o lado de dentro do quarto e seus olhos procuraram por Julian no mesmo segundo. Ele estava adormecido sobre a cama, inconsciente de que Clara estava acordada e o encarando enquanto pensava em tudo o que tinha perdido durante aquele tempo. Entretanto, havia muito mais coisas das quais ele não sabia sobre ela, inclusive todo o problema principal da história.

O motivo pelo qual omitia sobre a verdadeira razão de não se lembrar de sua vida com Julian, era o simples fato de que sabia que ele sofreria muito

PERIGOSAS NACIONAIS

mais do que qualquer um quando soubesse a verdade, aquilo não era justo com alguém que só havia feito bem desde que a conheceu, e muito provavelmente bem antes disso, sem que ela nem soubesse. Julian não queria nada em troca das coisas que fazia, ele só queria poder amar e cuidar da esposa dele, então era justo que Clara escondesse o fato de que não se lembrava de ser casada com ele e principalmente, de que era casada com outro homem na vida em que estava acostumava a viver.

Clara não podia simplesmente jogar a bomba para as mãos de Julian e deixar que ela explodisse ali. Não, ele devia ser protegido de tudo aquilo.

Na loja de doces, o sino da porta da loja ressoou baixo, anunciando a entrada do primeiro freguês do dia.

— Bem-vindo vindo a... — Clara virou para cumprimentar quem havia acabado de chegar, mas ficou travada no meio do caminho quando seus olhos encontraram os dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um doce agora cairia muito bem mesmo.

— Luan?

— A que devo a honra da visita de quem sumiu por duas semanas?

— Eu vim porque preciso conversar com você, poderíamos fazer isso enquanto comemos o bolo mais gostoso de hoje? — Luan sugeriu, abrindo um sorriso logo depois.

— Eu não sei se estou interessada em conversa nenhuma depois de duas semanas sem notícias suas.

— Ei, me desculpe. — O homem aproximou-se.
— É importante. Por favor...

— Tudo bem, mas você terá que pagar pelo doce.

Ela caminhou até a mesa perto da entrada para retirar um bolo de tamanho pequeno. Luan riu, fazendo-a rir também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan dirigiu-se até o balcão e sentou-se em um banco alto enquanto Clara colocava dois pratos ali. Quando estavam acomodados, um de frente para o outro, ela cortou dois pedaços do bolo com morangos e os serviu. Um rápido olhar na direção de Miranda foi o suficiente para que ela tomasse o rumo da cozinha junto com Júlia.

— O que tenho para falar para você é muito sério. — Luan disse encarando os olhos dela.

— O que é? — Clara perguntou enquanto levava um pequeno pedaço do bolo à boca.

— Bom, é que desde aquele dia, eu não paro de pensar em tudo o que você falou, sobre o tal cristal. Isso tudo vem tirando o meu sono e eu acho que devemos procurar uma solução...

Um barulho de algo caindo vindo da cozinha fez com que ela tomasse um susto enorme e desastradamente derrubasse o prato com o bolo no chão.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe, eu preciso ir ajudar.

— Sem problemas. Eu também preciso ir. —
Ele se levantou.

— Espera! — Clara se aproximou rápido e segurou um dos braços de Luan, impedindo-o de sair tão de repente. — Quando quiser voltar, fique à vontade. O bolo é cortesia da casa.

O sorriso de Luan se alargou, o toque familiar deixou Clara quase embriagada por um segundo, mas ela logo voltou a se concentrar no que realmente era importante. Foi até a cozinha e constatou que realmente algo havia caído.

— Se minha avó chegar e ver toda essa louça assim, perderei meu pescoço.

— Calma, Miranda. Iremos colocar tudo no lugar agora mesmo.



Na manhã seguinte, Clara se olhava em seu espelho no quarto, tentando ligar sua imagem atual à pessoa que ela era antes. Continuava ter a mesma aparência física, os mesmos olhos e o mesmo cabelo louro natural.

Ela devia ao menos se reconhecer quando via seu reflexo, mas as expressões preocupadas eram algo que a fazia perguntar se ainda era a mesma pessoa de antes. Talvez as circunstâncias estivessem a tornando alguém diferente, e ela não queria aquilo.

O cristal continuava guardado na mesma gaveta do armário do quarto.

Ajeitou o vestido, Julian entrou no quarto e Clara sorriu em sua direção, mas sentia-se ligeiramente culpada e desleal.

— Você está linda, meu amor. Mas acredito que esse é um elogio muito óbvio. — Ele comentou com um sorriso orgulhoso, como se olhasse para a sua maior conquista na vida.

— Vossa alteza diz isso como se não estivesse

absolutamente encantador com essa roupa.

Clara sorriu e Julian aproximou-se, segurando em seus ombros como se fizesse uma massagem de leve. Ela estremeceu quando ele se aproximou o suficiente para encostar-se ao corpo dela por trás. Os lábios dele tocaram o pescoço de Clara, testando como ela reagiria e quando não houve nenhum movimento contrário da parte dela, um caminho de beijos foi traçado do pescoço até o pé do ouvido dela, fazendo com que fechasse os olhos e suspirasse baixo.

Clara tentou se desvencilhar daquela situação, mas Julian ainda a prendia pela cintura.

— Por favor, não fuja de mim. — pediu em um sussurro.

O hálito fresco bateu contra a pele do pescoço dela, fazendo os pelos de todo o corpo se arrepiarem automaticamente.

Julian virou o corpo da mulher de frente para ele em um único giro, seus rostos ficaram a

centímetros de distância. Clara trocou olhares intensos entre os olhos esverdeados dele e a boca perfeitamente posicionada próxima à sua.

Estava quase se rendendo, não tinha mais volta.

CAPÍTULO 33

lara estava quase se rendendo a Julian, não tinha mais volta. Até que uma batida na porta do quarto fez com que pulasse para trás.

— Iremos nos atrasar! — era Júlia.

— Já estou descendo. — Clara respondeu, pegando a bolsa sobre a cama e aproximando-se de Julian apenas para deixar um beijo demorado no rosto dele.

E então saiu do quarto, pretendendo não se prolongar mais dentro do castelo. Alcançou o braço de Júlia e a carregou escada abaixo rapidamente, deixando Julian sozinho e precisando de um tempo para se recuperar de todas as sensações que o corpo de sua mulher tão próximo ao dele havia causado.

Quando chegou à doceria, entregou uma receita

PERIGOSAS ACHERON

diferente à Júlia para que ela fizesse aquele bolo. Se certificou que estivesse pronto antes que a loja abrisse, o guardou sob uma redoma na pequena cozinha.

Passou parte da manhã vigiando o lado de fora e Miranda estava começando a desconfiar que alguma coisa estava acontecendo. Júlia sabia em partes do que se tratava. E então, algumas horas depois, quem ela esperava havia chegado.

Luan.

Clara o recebeu com um sorriso largo e logo tratou de buscar o bolo que tinha preparado para ele.

— Nós fizemos o seu bolo favorito. Quer dizer, a Júlia fez, eu só escrevi a receita. — Clara aproximou-se e pegou um prato com o bolo. Aquilo fez Luan sorrir.

— Como sabe qual é o meu bolo favorito?

— Será que eu tenho que te contar toda essa

história de novo?

— Tudo bem, eu quero provar. — Ele pediu, o sorriso tinha se alargado em seu rosto.

Clara cortou uma fatia e o serviu, Miranda não perdeu a oportunidade de lançar um olhar de reprovação, pelo fato de sua amiga estar sempre na companhia de Luan ultimamente.

— Eu acertei? — A princesa perguntou, ansiosa pela resposta.

— O quê? — Luan se confundiu.

— O sabor do bolo. Acertei?

— Ah, claro que sim. Como todo o restante sobre mim.

Os dois sorriam enquanto se olhavam. Luan ainda degustava o pedaço de bolo, mas sua cabeça estava longe dali, mesmo que ao mesmo tempo, muito perto.

— Clara... tem um lugar que eu queria te mostrar. Ficaria feliz se você pudesse ir comigo até lá ainda hoje. — o príncipe disse de repente, acordando de seus próprios pensamentos inquietos.

— Um lugar? Aqui perto?

— Sim, não irá demorar nada.

— Então sim, mas vamos logo, porque eu não posso ficar o dia todo longe da loja.

Clara na verdade tinha ficado curiosa, mas não deixaria aquilo transparecer.

— Ótimo, podemos ir? — Luan colocou o prato vazio sobre a mesa e levantou-se.

— Sim, vamos. — Ela sorriu.

Foram mais ou menos dez minutos dentro da carruagem de Luan até a parte interior do reino de Isla Vista. Naquela parte do lugar, tudo era mais pacato como em Brookhaven. As paisagens verdes podiam ser vistas por qualquer um dos lados da

carruagem e o ar fresco entrava pela janela com um cheiro de terra e grama molhada.

Entraram em uma estrada de terra estreita e no final dela, havia uma porteira. Luan desceu da carruagem para abrir o portão e quando voltou, Clara o lançou um olhar desconfiado e curioso. Tinha mil perguntas, mas não fez nenhuma delas, apenas sorriu e recebeu também um sorriso em troca.

A carruagem adentrou a propriedade devagar, para que Clara pudesse observar cada detalhe. De ambos os lados da estrada de terra haviam grandes pastos separados por cercas brancas. Estavam vazios, mas a quantidade de feno fazia acreditar que eram pastos de cavalos. No fim da estradinha, o caminho fazia um círculo para se a carruagem quisesse retornar, com um pequeno lago no meio. Tinha também dois grandes estábulos, uma casa razoavelmente grande e um celeiro, além de outra porteira que dava para mais uma estrada de terra.

— Que lugar é esse? — Clara finalmente se permitiu perguntar.

— É uma fazenda. Eu acabei de comprar. —
Luan a olhou sorrindo.

— Você comprou uma fazenda em Isla Vista?

— Bom, não é bem Isla Vista, é um pouco afastado, mas perto o suficiente.

— Vai morar aqui?

Clara ainda estava espantada com aquela novidade. Em sua cabeça, não sabia exatamente se estava mais assustada ou encantada com a ideia.

— Na verdade será como um refúgio. Está vendo essa casa grande aí na frente? Os antigos donos irão continuar morando aqui e tomando conta de tudo quando eu estiver em Sunset Valley, assim eu posso aparecer por aqui quando quiser.

— É uma grande notícia.

Clara olhava para Luan sem saber exatamente o que dizer e quando abriu a boca, tocou exatamente

no assunto errado.

— Scarlett sabe que você está comprando uma fazenda aqui?

— Como eu disse, é um refúgio, se ela soubesse seria só mais uma propriedade para ser chamada de inútil perda de tempo e dinheiro. — Luan não pareceu se importar com o assunto, mas Clara havia chateado a si mesma com aquela conversa e ele percebeu. — Eu vou te mostrar a casa principal.

Seguiram o caminho de volta à carruagem até a segunda porteira, que estava aberta. Subiram uma pequena colina por um caminho estreito, e no alto dela chegaram à casa principal, onde Luan ficaria. Era um pouco menor do que onde os antigos donos moravam, mas o lugar era incrivelmente lindo e dotado de muita privacidade. Era possível ver toda a fazenda dali de cima e parte do reino de Isla Vista, assim como as montanhas onde o sol se escondia no fim da tarde.

Ao sair da carruagem, os dois passaram pelo caminho de pedras até o jardim bem cuidado e

cheio de flores típicas da região. Mais à frente, um lago grande ocupava o espaço até a beira da colina, fazendo com que fosse possível deslumbrar a vista enquanto desfrutava das águas frescas em um dia de sol.

Caminharam até a porta e Luan usou sua nova chave pela primeira vez, abrindo o caminho para o interior da casa. Ele deixou que Clara passasse na frente, e ela por um segundo, tinha se esquecido que não era mais a esposa dele e não podia tratar as conquistas de Luan como suas também.

— Como eu disse, é um refúgio. — Luan falou de repente, fazendo-a olhar para ele.

— É adorável. — Clara sorriu.

Uma escada levava a um único cômodo no andar de cima, era um quarto com paredes e chão de madeira e um teto baixo que moldava a forma do telhado. Tinha também uma pequena varanda que dava para a parte de trás da casa, onde ficava à vista das montanhas. Ali em cima tinha apenas uma cama, uma xícara e um violão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você passou a noite aqui? — Clara não precisou pensar muito para perceber aquilo, a cama estava desarrumada.

— Sim. — Luan se limitou a só responder aquilo.

— Mas por quê? Queria ficar sozinho?

— Eu só não queria ficar em casa. — A resposta foi limitada mais uma vez.

Clara resolveu que precisava mudar de assunto e não mergulhar em um mar de coisas ruins agora que estavam se "reaproximando".

— Por que não senta aí e me deixa tocar uma coisa pra você? — ela conseguiu aliviar o clima ruim com aquela simples frase.

— Vossa alteza sabe tocar? — Luan riu.

— Sei, claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara pegou o violão e apoiou o corpo contra a parede. Luan sentou-se na cama encarando os intensos olhos azuis. Na verdade, ela não tinha ideia do que tocar para ele.

— Eu prometo que tenho alguma coisa na cabeça.

— Eu acredito em você.

Luan deu um sorriso satisfeito. Clara achou que perderia o ar se ele continuasse sorrindo daquela forma.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34

s primeiras notas vieram.
Dedilhando com
facilidade nas cordas do instrumento.

Os olhos azuis encontravam os castanhos, enquanto a melodia calma preenchia o ambiente.

Luan mostrou-se surpreso, porém não tinha o olhar assustado. Se recordava daquela canção, aquilo seria estranho em qualquer outra situação, mas não quando se tratava de Clara, porque a verdade é que ele já acreditava em toda a história dela e com aquela pequena prova, ficava ainda mais claro que não havia motivo para desconfiar de suas palavras.

Ele se lembrava de ter tocado aquela música no piano. Clara lembrava perfeitamente da noite em que ouviu Luan tocando. Naquela noite ela entregou-se a ele.

Não houve nenhuma palavra depois daquilo, somente uma troca de olhares que já falava muito por si só. O som do violão cessou e um silêncio confortante instalou-se.

As dúvidas de Luan tinham sido eliminadas sem deixar nem um rastro de que um dia existiram. As de Clara, entretanto, fizeram-se ainda mais presentes.

Os dois já tinham almoçado e feito uma completa visita a todos os ambientes da fazenda. Passavam da hora do almoço, mas parecia que o tempo estava passando muito mais rápido do que o normal. Devido as horas que já haviam passado juntos sem entrar em nenhum assunto pesado, Clara decidiu que talvez tivesse liberdade para abordar um pouco incômodo agora.

— Então... O que está acontecendo?

— Do que está falando? — Luan ergueu a cabeça para olhá-la.

— Do jeito como você parece um pouco triste hoje.

Clara já devia ter voltado à loja, mas ao invés disso, desfrutava de um passeio em cima de um dos cavalos mais bonitos que já tinha visto na vida. Segundo Luan, quando comprou a fazenda, eles já tinham animais muito bem tratados. Ele também estava em outro cavalo e eles cavalgavam lado a lado pela estrada de terra entre os dois pastos de grama.

Luan levou alguns segundos para responder alguma coisa.

— Sabe quando você entra em uma crise e não sabe se a sua vida se tornou exatamente aquilo que você queria quando começou a fazer planos para ela? — aquela pergunta soava mais como uma confissão.

Clara balançou a cabeça afirmativamente.

— Atualmente eu durmo e acordo com esse sentimento. Sei exatamente do que está falando. —

Ela respondeu fitando o caminho à sua frente.

— Então... Esse sentimento parece que vai me afogar.

— Achei que sua vida estivesse ótima. — Ela trocava olhares entre Luan e a bela paisagem que os cercava.

— É o meu casamento. — Ele confessou.

Aquela informação causou dois tipos de sensações na boca do estômago de Clara. A primeira eram borboletas descontroladas, que aceleraram o ritmo em uma dança esperançosa, mas junto daquilo, veio todo o entendimento das últimas atitudes de Luan e aquilo a incomodou.

— Então é por isso que está aqui? Porque seu casamento não está indo bem, certo? — Clara perguntou baixo, encarando o caminho à frente.

— De certa forma.

A resposta foi tão desagradável quanto a
PERIGOSAS ACHERON

sensação de ser apenas um plano B na vida dele.

— O que anda acontecendo no seu casamento?

— Distância. Mas não é distância física, é distância emocional. Meu casamento nunca foi perfeito, mas me fazia bem, até toda essa loucura...

— Toda essa loucura? Você quer dizer eu? — os olhos azuis se arregalaram ainda mais com a surpresa.

— Também. — Luan confessou.

— Eu não quero ser problema para ninguém, Luan. Se tudo isso causa tanto problema no seu casamento, por que você tem ido me ver na loja? Ou pior ainda, para que me chamou até aqui?

Clara queria deixar aquilo bem claro, mas a verdade era que as últimas frases dele tinham lhe deixado cheia de dúvidas.

— É que não importa o quanto eu sei que isso é errado, eu ainda quero estar perto de você.

Aquela resposta fez os dois corações dispararem. O dele por ter confessado e o dela, por estar ouvindo aquilo da pessoa que mais amou em sua vida, mas achou ter perdido completamente.

O silêncio se instalou e somente o cavalgar dos animais sobre a terra podia ser ouvido. Depois de alguns longos segundos que ainda apreciava o conforto de estar na companhia um do outro, Luan quebrou o silêncio.

— Fiquei sabendo que você é casada. — Ele disse.

— Eu sei, também fiquei sabendo. — Ela respondeu divertidamente, esperando que Luan entendesse a ironia daquilo.

— Você tem certeza de que são casados? Quero dizer, você não lembra de nada, não é mesmo? Pode ser que esteja sendo enganada...

— Não estou sendo enganada. — Clara balançou a cabeça negativamente, puxando as

PERIGOSAS ACHERON

rédeas para que o cavalo em que estava montada parasse. — Tem quadros nossos por toda a casa. Eu sou casada com certeza.

— Como isso pode ser realidade?

— Da mesma forma como você é casado com a Scarlett nessa vida estranha, Luan. — Ela desceu do cavalo, mostrando sinais de irritação. Quando Luan ouviu aquilo, parou o cavalo dele e desceu também. — Pelo menos Julian é uma ótima pessoa, e é por causa dele mesmo que eu nem deveria estar aqui.

— Aonde você vai? Clara, espera, eu te trouxe até aqui, então eu te levo de volta. — falou começando a segui-la pela longa estrada de terra, já que Clara andava em direção a porteira de entrada.

Algumas nuvens negras se amontoavam no céu indicando que um temporal estava se formando.

— Você pode me levar de volta para a loja? — Clara virou-se na direção dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse alguma coisa errada? Não é minha culpa eu estar casado com a Scarlett nessa vida, eu acho. — Aquela afirmação duvidosa fez Clara rir.

— Não, não é sua culpa. Mas também não é culpa do Julian, de todas as pessoas nessa confusão. — Ela admitiu.

— Tudo bem, sinto muito por ter duvidado do santo Julian. — Luan debochou, mas era apenas uma brincadeira. Ambos riram.

— Você devia desconfiar é da santa Scarlett.

E como se fosse uma imensa coincidência, um trovão ecoou junto a menção daquele nome.

— Vamos deixar esse assunto para outra hora, porque vai cair uma chuva daquelas.

Mas era tarde demais, antes mesmo de Luan terminar aquela frase, os primeiros pingos de chuva caíam já começando a molhar a ambos.

— Me leve de volta.

PERIGOSAS ACHERON

Clara pediu enquanto eles pegavam as rédeas dos cavalos e começavam a correr para se abrigar em um dos estábulos.

— Tem certeza de que não quer ficar e esperar o temporal passar?

— Eu não posso. Passar essa tarde com você foi ótimo, mas eu não posso mesmo ficar. As pessoas ficariam preocupadas e eu não tenho como dizer exatamente onde estou. — Ela explicou, negando o convite mesmo que todo o corpo gritasse para ficar.

— Você está certa.

Luan prendeu os dois cavalos dentro de seus espaços no estábulo e virou-se para Clara.

— Então vamos, eu levo você até a loja.

No caminho de volta, a chuva aumentara muito e os trovões ressoavam furiosamente acima de suas cabeças. O céu estava cinza, completamente coberto por nuvens escuras e parecia até que a tarde

agradável havia se transformado no pior dos crepúsculos chuvosos.

A carruagem de Luan parou em frente à pequena loja.

— Tem certeza que quer sair? — Luan perguntou no mesmo segundo que Clara abriu a porta da carruagem e o vento frio trouxe alguns respingos de chuva.

— Não é como se eu tivesse que andar muito, só preciso correr para atravessar a rua. — Clara riu.

Estava se tornando tão acostumada com aquela vida que estava vivendo, mesmo que não fosse a sua de fato, que começou a achar engraçado quando Luan mostrava-se aparentemente preocupado com ela.

— Luan, é só chuva. — Ela riu novamente, deixou o sorriso largo enquanto olhava para ele.

— O que foi? — o príncipe perguntou quando percebeu que o olhar dela era diretamente nos olhos

dele.

— Você é tão... — uma pausa e os dois corações estavam acelerados novamente. — Maravilhoso.

— Eu escuto bastante isso. — Ele disse divertidamente, com um sorriso convencido que parecia mais um flerte.

Clara esticou o braço esquerdo até que os dedos tocassem os fios de cabelo dele.

— Eu não estou falando de beleza exterior. — Dessa vez era ela quem flertava, lançando-o um olhar penetrante diretamente nos olhos, mas não era proposital.

Os dedos desceram até a parte de trás da orelha de Luan, como se aquele gesto a acalmasse e a fizesse bem.

Não era possível contar quanto tempo Clara tinha ficado encarando Luan enquanto se perdia em seus pensamentos e lembranças, mas quando voltou a prestar atenção no que realmente estava

acontecendo dentro da carruagem, notou que ele tinha se inclinado para frente, estando com o rosto a centímetros do dela e os olhos tão vidrados nos seus que parecia até mesmo poder ler seus pensamentos.

Por um segundo, Clara ficou sem saber como agir, porque tudo o que ela queria era inclinar o corpo da mesma forma e beijá-lo intensamente, mas a cabeça começou a pensar, aquilo não daria certo. De qualquer forma, também não queria magoar Luan, não queria que ele fosse embora sem a intenção de vê-la outra vez.

Finalmente, inclinou-se para a frente, eliminando os centímetros que faltavam, mas virou o rosto, passando os braços em volta do corpo de Luan e o abraçando da forma mais apertada possível. Logo ele estava retribuindo, envolvendo os braços na cintura dela e a envolvendo com a mesma intensidade.

Não era um abraço com intenções sexuais, mas tinham tanto desejo e tanta vontade um do outro que foi quase como se fosse, até mesmo as

PERIGOSAS NACIONAIS

respirações ficaram pesadas e os dois podiam sentir toda a tensão no ar.

Foi Luan quem separou os corpos e voltou a inclinar-se para o lado. Clara lhe lançou um sorriso fraco e um tanto tímido, porque ela tinha certeza de que ele tinha notado as batidas de seu coração acelerarem ainda mais, porém não fazia mal, porque o dele tinha se comportado da mesma forma.

Ela voltou a abrir a porta da carruagem e com um rápido olhar na direção dele, colocou as pernas para fora, primeiramente, mas Luan segurou seu braço quando estava prestes a sair em direção a loja.

— Prometa que irá me encontrar novamente. — pediu.

— Você sabe onde eu estou e aparentemente, não vou a lugar nenhum.

— Só prometa que iremos nos ver novamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu prometo. Até mais, Luan. — Clara sorriu e acenou para ele.

Clara desceu da carruagem de Luan, antes que se arrependesse do que estava fazendo. A forma como Luan deu partida e saiu rapidamente também deixava claro que ele tinha que estar longe dali, antes que os dois fizessem algo muito errado, mas que parecia certo demais.

CAPÍTULO 35

 **T**udo o que restava era a chuva caindo furiosamente sobre ela, mas Clara não se importava, tinha um sorriso abobado no rosto atravessava a rua lentamente, ainda pensando em Luan, no abraço e em como o cheiro dele tinha permanecido em sua pele.

Andava quase como se estivesse saltitando, mas parou quando notou que algo estava muito diferente. Alguns guardas montados em seus cavalos estavam em frente à loja, e através da porta frontal, Clara podia ver que haviam pelo menos dez pessoas do lado de dentro.

— O que aconteceu?

Ela quase voou pela porta de entrada, atraindo a atenção de todos do lado de dentro. Os primeiros rostos que reconheceu foram os de Júlia, Miranda e

Julian. Entretanto, todos em volta a olhavam com rostos surpresos, menos a melhor amiga.

— Estávamos procurando por você. Você sumiu, Clara. Eu achei que alguma coisa havia lhe acontecido.

Julian começou a falar. Não tinha a melhor das expressões, mas mesmo assim aproximou-se e a abraçou.

— E aí você coloca os guardas para irem atrás de mim? — Clara desfez o abraço para olhar nos olhos dele enquanto falava.

— Bom, Miranda me avisou dizendo que estava preocupada porque você havia saído da loja com um freguês e não tinha voltado. Júlia disse que não era ninguém do reino, mas que ele parecia conhecido. Você não voltou por cinco horas, o que queria que eu fizesse?

A primeira reação de Clara foi olhar para Miranda com a pior das expressões, mesmo que aquilo não fosse ajudar em nada na sua situação,

ela precisava que a amiga soubesse que ela tinha sido errada e que não a tinha deixado feliz.

— Talvez nós devêssemos ir para casa, você está molhada e vai pegar um... — Julian nem conseguiu terminar a frase, foi interrompido por um olhar repreendedor de Clara.

— Espera, eu preciso falar. Me deixa falar. — a princesa aproximou -se repousando uma de suas mãos no ombro dele. Julian concordou com a cabeça, então Clara prosseguiu. — O homem com quem eu saí da loja não é nenhum freguês. Era o príncipe Luan.

— Príncipe Luan? — o rosto de Julian se contorceu em uma expressão de dúvida. — O quê?

— Eu não sei explicar. Ele tem uma fazenda aqui perto... — Clara tentava explicar da forma mais inocente possível, mas aquilo significava que continuava a mentir para Julian e piorar a situação. — Ele me chamou para trabalhar com ele.

— Fazenda? Trabalhar com ele? Mas você tem

PERIGOSAS ACHERON

a loja aqui.

— Eu sei, mas ele estava precisando de alguém para ajudar a cuidar dos cavalos e... — Começou a dizer a primeira coisa que veio à cabeça.

— Isso é tão estranho. Eu não sabia que queria cuidar de cavalos.

Julian a olhou com mais confusão ainda e ela achava que estava esclarecendo tudo, mas só parecia piorar a situação. No fundo, estava decepcionada consigo mesma, ou pelo menos com seu eu daquela vida estranha.

Uma princesa cuidando de cavalos? Sério?

— Me desculpe Julian, eu sempre gostei de animais, talvez eu não tenha comentado nada antes.

— Tudo bem, então essa é uma boa notícia, não é? Você está fazendo o que gosta.

Pela primeira vez naquela tarde tempestuosa, Julian sorriu, mas para Clara foi como um soco no

PERIGOSAS NACIONAIS

estômago exatamente pelo motivo que trazia um sorriso àquele rosto.

— Eu não sei, ainda não dei a resposta. Fomos conversar sobre os prós e contras, na fazenda dele. — mentiras e mais mentiras.

— Devia aceitar. Se isso te faz feliz, então tudo bem. — disse empolgado, trazendo-a para outro abraço. — Você está gelada, vai pegar um resfriado, vamos para casa. — E então começou a conduzi-la até a porta.

Clara não tinha nem o que dizer diante de tudo aquilo. Estava tão sobrecarregada de pensamentos.

— Julian, obrigada e me desculpe. — falou sinceramente, sentia-se a pior pessoa do mundo naquele momento.

— Eu te amo.

Julian deixou um beijo na testa dela antes de guiá-la cuidadosamente até a saída.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dias passaram assustadoramente rápido naquela vida pacata de princesa doceira do interior. Clara estava entediada com a transição de casa para a loja e vice-versa, mas desde o último encontro com Luan há dois dias atrás, sua cabeça tinha voltado a pensar em como desejava mais do que sempre voltar à sua vida antiga. Queria tê-lo de volta como antes, não era preciso pensar muito para se dar conta de que nunca deveria ter feito o pedido errado ao cristal.

Clara estava em Sunset Valley, na tentativa de ver Luan, ao menos de longe. A verdade era que sentia saudades do castelo, das pessoas, de Larissa e também de sua sogra na antiga vida.

Escondeu-se atrás de duas grandes árvores, por mais que aquela fosse a pior ideia existente. O portão do grande castelo se abriu e saíram Scarlett e um homem, conversando em tom baixo. Parecia uma cena normal e Clara estava quase virando e indo embora, quando eles se abraçaram.

Não teria nada de errado naquilo se o abraço não estivesse durando demais.

PERIGOSAS ACHERON

Dez, vinte, talvez trinta segundos depois, eles se separaram.

— Ainda não significa grande coisa. — Clara sussurrou consigo mesma.

Mas então, o homem inclinou-se e Scarlett fez o mesmo, deixando claro mesmo para quem estava observando de longe, que trocaram um beijo caloroso, com direito a deslizar íntimo de mãos e tudo o mais.

Clara contorceu o rosto em uma expressão de nojo.

— Vagabunda em todas as vidas mesmo. — falou baixo consigo mesma outra vez.

De repente, todos os problemas no casamento de Luan faziam sentido e a culpada não era ela, assim como não era ele, era Scarlett e sua personalidade infiel.

Clara observou o homem montar em um cavalo

e ir embora. Cogitou fazer o mesmo, mas simplesmente não conseguia e sabia disso.

Antes que Scarlett entrasse de volta no castelo, Clara saiu de trás das árvores e mostrou-se presente, assustando a oponente como se ela estivesse vendo um fantasma.

— Olá, Scarlett.

— O que você está fazendo aqui?

Ela já tinha a metade do corpo escondido atrás do portão e parecia usar aquilo como um verdadeiro esconderijo.

— Quer dizer, quem é você?

— Você sabe quem sou eu.

Clara lhe lançou um sorriso simpático, porém falso.

— Não interessa. O que está fazendo aqui? Eu disse ao Luan que se a visse aqui novamente, eu

chamaria os guardas e a colocaria para fora daqui.

Scarlett mudou as expressões assustadas para deixar transparecer a irritação.

— Ah é? Eu não chamaria os guardas se fosse você. Quem é o homem que acabou de sair daqui? Parece uma ótima pessoa.

Ainda mantinha um sorriso nos lábios e aquilo irritava Scarlett profundamente.

— Isto é uma ameaça? Você não tem nada contra mim.

— Ah, não tenho? Que bom que pensa assim, porque eu acredito que meus olhos viram bastante.

— Sai daqui sua louca! Você é louca e sempre será a minha palavra contra a sua.

Por um segundo as duas se encararam com vontade de fazer a outra pagar por todos os problemas que tinham. Scarlett achou que uma briga física aconteceria e quando fosse a hora, ela

PERIGOSAS NACIONAIS

não recuaria.

— Tudo bem, eu já estou indo. Mande lembranças ao Luan.

Clara fez questão de dizer, mesmo que soubesse que Scarlett não daria nenhum recado.

— Eu jamais falarei de você para ele, e você pode tratar de sumir das nossas vidas, sua doente!

Scarlett gritou perdendo a paciência.

— Não tem problema se ele não receber meu recado por você, a gente se encontra em Isla Vista, como tem sido.

Dessa vez Scarlett quase avançou em Clara, seu olhar a fuzilava, mas estava tão atordoada pelas palavras ditas por ela que acabou ficando paralisada.

— Some daqui! — mostrou-se histérica novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já estou indo, não se preocupe.

Clara deu um passo para trás com as mãos abertas para cima, como quem se rende, mas era apenas um deboche e aquilo estava estampado em seu rosto.

— Ou melhor, se preocupe sim.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36



— Ah, ela voltou!

Miranda cruzou os braços assim que Clara entrou pela porta da doceria.

— Desde quando você vigia meus passos desse jeito? Eu fui almoçar. — Clara passou para o outro lado do balcão.

— Foi um almoço bem longo. — Debochou.

— Miranda, me deixe em paz, por favor!

— Clara, precisamos conversar. Você tem que parar de virar a cara para mim, eu só fiz o que era melhor para você. Eu realmente estava preocupada.

— Eu sei o que você vai dizer e eu sei o que pensou, mas não é nada disso, está bem? Nada aconteceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A questão é que você só está pensando em você, Clara e você tem que pensar no Julian. Ele só te faz bem, faz tudo por você e o que ele ganha em troca? Você saindo com outro homem!

— Eu não tenho nada com o Luan que passe de simples conversas. Miranda, você tem que entender, porque você sabe de toda a história.

— Eu não tenho como te entender, porque o Julian não merece isso. Eu amo você, Clara, mas está errada e eu sinto no dever de te dizer isso. Se você quer ser livre para sumir com o Luan durante horas, esteja livre, não esteja presa ao Julian.

Miranda estava sendo a mais sincera possível, mesmo que aquilo fosse machucar sua amiga. Ela estava certa, Clara sabia disso, no entanto, ainda assim era impossível não se sentir ofendida por ouvir aquelas coisas da melhor amiga.

— Parece que você escolheu bem a quem defender.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou defendendo ninguém por ter escolhido lado, mas eu conheço o Julian a todo esse tempo e vejo tudo o que ele faz por você. Não é justo, apenas isso. — Deu de ombros.

As pessoas começaram a entrar na loja em busca de bolos, Clara sendo obrigada a forçar um sorriso.

O restante do dia ocorreu da forma mais normal e monótona possível. A loja ficou repleta de clientes todo o tempo e foi impossível terminar aquela conversa com Miranda, por mais que ela achasse que não tinha mais nada a ser dito, muito menos algo que a amiga quisesse dizer. Tudo tinha ficado claro, Miranda não iria passar a mão em sua cabeça e aliviar o seu lado, mesmo sabendo de tudo o que havia acontecido. Não era como se ela estivesse errada, mas Clara achava que poderia ser um pouco mais delicada diante da situação.

Júlia e Clara estavam na carruagem voltando para o castelo após a loja ser fechada, a companhia era sempre ótima, afinal, Júlia era uma boa menina.

— Clara... — a menina chamou. — Vossa alteza

não ama mais o Julian?

Ao ouvir aquela pergunta, Clara sentiu o estômago se contorcer. Era algo muito difícil de se responder sem ter que mentir, no entanto, mesmo estando acostumada com as pequenas inverdades que contava diariamente, não queria mentir para a menina que agora era como se fosse sua irmã mais nova. Como Emanuelly.

— Do que está falando, Júlia? — teria que enrolar, se possível.

— Ouvi a Miranda falando de um jeito que parecia que a senhora tinha outro homem. Então não ama mais o Julian, não é?

Clara queria cair para fora da carruagem até desmaiar e não ter mais que responder aquela pergunta. Não ia mentir para ela, não ia transformar aquilo em mais uma de suas mentiras injustas.

— Ugh! Tem uma história longa que eu preciso te contar e uma coisa que você precisa ver com seus próprios olhos.

E assim aconteceu, quando chegaram à Brookhaven, elas subiram direto para o quarto que Clara dividia com Julian. A princesa pediu que Júlia jamais comentasse sobre aquilo com ninguém antes de começar a contar toda a história do cristal e da vida que vivia antes, inclusive tudo sobre Luan. Não estava certa de que aquilo era a melhor coisa a se fazer, mas seu coração dizia que sim e ela sabia que podia confiar completamente em Júlia. Contou cada detalhe a ela e quando terminou, levantou-se da cama e foi até o armário. Quando voltou, trouxe o cristal consigo.

— Uau!

Júlia exclamou quando viu a pedra esbranquiçada com finos traços cor-de-rosa como se estivessem caindo como estrelas cadentes.

— Eu sei que tudo isso parece loucura, mas é completamente verdade.

— Eu acredito em vossa alteza. Inclusive, eu acho que já li sobre esse cristal em um dos meus

livros. — A menina disse cheia de certeza e empolgação no tom de voz.

— Você o quê?

— Já li sobre esse cristal que realiza desejos. Achei que fosse só fantasia. — A menina deu de ombros. — Então amanhã eu levo o livro que fala sobre o cristal, podemos ler na loja.

— Tudo bem e eu levo o cristal. Mas não se esqueça que esse é o nosso segredo. Agora vai, sua mãe já deve estar preocupada.

— Está bem.

Clara pensava nos acontecimentos dos últimos dias e últimas horas e se perguntava, até onde devia dividi-los com as outras pessoas, principalmente Luan e Julian. Ela já andava mentindo tanto que temia que aquilo se tornasse um hábito desagradável, então decidiu que contaria o máximo que pudesse para ambos, pelo menos sobre o que os interessava. Porém, quanto à infidelidade de Scarlett, Clara havia decidido guardar a informação

para si mesma por enquanto, afinal, aquilo poderia ser muito útil em termos de chantagens futuras. Seria um jeito de manter Scarlett longe de seu caminho e ao mesmo tempo, não magoar Luan com a notícia.

Desceu até o primeiro andar do castelo, esperava encontrar a mesa posta para o jantar, mas não encontrou ninguém, somente um silêncio perturbador e as luzes apagadas. Acendeu o candeeiro quando entrou e deu de cara com o piano que tanto admirava e havia sido seu companheiro nas últimas noites de insônia. Sentou-se de frente para ele. Tinha uma música que estava dominando seus pensamentos desde o dia na fazenda com Luan.

Ela começou em um tom baixo enquanto acertava as teclas do piano com perfeição.

O que Clara não imaginava era que o som do piano e de sua voz atraía a única pessoa que estava ali além dela.

— Clara? — a voz a interrompeu e ela

PERIGOSAS ACHERON

estremeceu pelo susto que ele havia lhe causado.

Ela virou-se e mesmo assim, não soube dizer se aquilo ajudaria a melhorar ou piorar a situação.

— Oh, Julian, você me assustou!

— Me desculpe, não foi a intenção.

Ele se aproximou, deixando que o rosto fosse melhor iluminado pela luz do ambiente.

— Eu achei que não tivesse ninguém. O que estava fazendo no escuro?

— Eu não estava no escuro, estava tomando banho e deixei as luzes apagadas. — Julian explicou. — Mas que música é essa?

— Ah... ah...

Clara ficou completamente sem palavras e teve que fazer o que não queria: mentir.

— É uma música qualquer.... aleatória. O que

você achou?

— É muito bonita, principalmente no piano. — Julian sorriu e se aproximou mais. — Você sabe como sou fascinado pelo piano.

Clara sorriu. Queria poder dizer a ele que na realidade não sabia sobre a paixão dele por pianos, mas seria muito bom ouvi-lo falar sobre ela, porém preferiu não entrar naquele assunto.

Chegou levemente para o lado no pequeno banco à frente do instrumento e então bateu a mão direita sobre o espaço vazio ao seu lado. Julian entendeu no mesmo segundo a intenção dela, então deu mais passos à frente para sentar-se no espaço que sobrava no banco. Logo após ele sentar, Clara posicionou suas mãos sobre as dele, segurando-as para mover e pressionar as teclas quando necessário. Continuava tocando a mesma música, no mesmo ritmo lento.

— Tem algo que eu preciso te dizer. — Ela confessou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diga.

Julian permitiu, mas seu coração estava acelerado. Não era paixão ou luxúria dessa vez, nem mesmo era amor.

Era medo.

— Lembra quando eu disse que não tinha aceitado o convite do Luan? — Clara prosseguiu e ele concordou com a cabeça. — Eu menti.

— Então você está trabalhando com ele?

— Sim.

— Mas isso é uma coisa boa, não é? Por que escondeu de mim?

Julian não entendia. Não saber de toda a história o impedia de entender aquela única parte.

— Porque eu sou uma idiota, me desculpe. — Clara lamentou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele desvencilhou suas mãos das dela, mas somente para entrelaçar seus dedos e lhe apertar as mãos levemente.

— Não se preocupe, está tudo bem.

Mas não estava.

Aquela era a primeira vez que Julian desconfiava de verdade de algo relacionado a Luan. Ele tinha sim engolido a história de sua esposa sumir com aquele homem durante horas, porque confiava nela acima de todas as coisas, mas agora sabia que ela tinha mentido e isso significava que poderiam haver mais mentiras no meio de toda aquela história, ele tinha medo de onde aquilo os levaria.

Clara, por outro lado, achava que Julian tinha acreditado em mais uma desculpa e não imaginava da desconfiança dele, por mais que se sentisse a pior das pessoas na face da terra, como vinha se sentindo frequentemente.

PERIGOSAS ACHERON



— Bem-vindos.

A voz masculina fez as pessoas acharem que estavam entrando no local errado, mas não estavam. Luan estava mesmo atrás do balcão da loja de doces naquele dia, bem ao lado de Clara e se comportava como se fosse mais uma pessoa ajudando nos atendimentos, o que fazia os fregueses saírem satisfeitos somente pelo encontro com um príncipe.

— Luan, sério! Você está aqui para me ajudar com isso. — Clara apontou para o cristal escondido entre suas duas mãos.

— Tudo bem. Miranda, sua vez. — ele disse e ela se adiantou para a frente do balcão enquanto os dois chegavam um pouco mais para trás até entrarem na portinha que dava para a cozinha.

Miranda e Júlia estavam ali, mas não importava, já que ambas sabiam de toda a história.

— Então... Júlia disse que leu um livro sobre o cristal. — Clara contou assim que fechou a porta.

— Um dos meus livros fala sobre pedras preciosas e tem esse cristal dos desejos. — A menina explicou.

— Cristal dos desejos? — Luan enrugou a testa. — Pelo que ouvi falar dele, parece mais cristal dos pesadelos. — A piada fez Clara rir, assim como Júlia.

— Eu estava pensando em deixar o cristal escondido na fazenda, Luan o que você acha?

— Claro, podemos esconder lá sim.

— Eu posso conhecer a fazenda um dia? Eu adoro cavalos. Eu poderia ajudar a esconder o cristal. — Júlia falou empolgada.

E daquela forma, sem aviso prévio e sem que alguém pudesse impedir que acontecesse, o pequeno dedo indicador da menina tocou a superfície gélida do cristal que Clara segurava entre

as mãos.

Ela moveu os braços e recuou, Luan puxou Júlia para trás, mas era tarde demais. O contato havia acontecido e na cabeça de Clara, aquele segundo de terror passou como em câmera lenta.

CAPÍTULO 37

 O cristal apenas piscou a luz cor-de-rosa, mas aquilo foi tudo, logo ele voltou a se apagar e parecer normal.

Clara olhou do cristal para Júlia e depois para os rostos assustados de Miranda e Luan, entretanto, a menina parecia tão bem como antes.

— O que aconteceu? — Ela perguntou mais assustada do que qualquer outra pessoa no local.

— Júlia, você não pode tocar no cristal, ninguém pode! — Clara falou séria e ao mesmo tempo desesperada.

— Você não me disse que não podia e nada aconteceu. — A menina deu de ombros.

— Só promete que não vai fazer outra vez. Uma coisa muito ruim podia ter acontecido com você!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem, eu prometo.

— Clara, fique calma, nada aconteceu.

Luan aproximou-se dela e segurou em seus braços, fazendo com que a princesa abaixasse as mãos que ainda seguravam o cristal.

— Vamos lá para fora.

Ela obedeceu, mas guardou a pedra dentro de sua bolsa outra vez antes de voltar para a frente da loja. Assim que voltaram para o balcão, Miranda já havia atendido os fregueses e tudo estava vazio por ali. Logo ela também os deixou sozinhos e voltou para a cozinha.

— Você viu? É por isso que eu preciso manter esse cristal muito bem guardado. Ele não pode mais ficar em qualquer lugar. — Clara desabafou.

— Não se preocupe, vamos escondê-lo na fazenda e ninguém poderá encontrar, ou encostar nele.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso tudo me deixa absurdamente nervosa.

— Eu imagino, mas você precisa parar de pensar nisso um pouco. Feche os olhos. — Luan se aproximou dela.

— O quê?

— Fecha os olhos, anda!

Como ela não obedeceu, Luan mesmo usou as duas mãos para tapar a visão de Clara.

— Agora pense em uma coisa boa.

Sexo.

Ela pensou.

Nem se lembrava da última vez que tinha feito aquilo. Ou melhor, lembrava-se até demais. Tinha sido com ele mesmo, no quarto do casal.

Mas não foi sexo que ela falou.

— Música.

— Não tem como pedir uma coisa mais fácil? Você está em uma doceria. — Luan riu.

— Que eu saiba, vossa alteza não é doceiro. — Clara debochou.

— Fica quietinha.

Luan passou o dedo pela lateral do bolo bem confeitado que estava em exposição no balcão e usou o mesmo para sujar o lado esquerdo do rosto de Clara com a cobertura.

No mesmo segundo, ela o obrigou a tirar a outra mão da frente de seus olhos e demonstrando surpresa, avançou para cima dele para limpar o rosto na roupa que o príncipe usava.

— Ridículo! — Ela gritou.

Luan só conseguia gargalhar. Até que o sino na porta da loja tocou anunciando a chegada de um

freguês.

Mas não era um freguês.

Era Julian.

O homem tinha expressões nada contentes em seu rosto.

— Eu posso saber o que você está fazendo aqui?

A porta bateu enfurecida, com um som alto que estremeceu toda a estrutura de madeira da loja.

Clara afastou-se rapidamente de Luan, mas ainda tinha o rosto sujo de cobertura de bolo, não tinha muito como esconder nada. Julian tinha visto a parte final da cena que aconteceu atrás do balcão.

A pior parte dela.

— Julian...

— Meu problema não é com você, Clara.

Havia se aproximado o suficiente para apoiar as duas mãos sobre o balcão de atendimento.

— O seu problema é comigo? Não estávamos fazendo nada demais. — Luan falou.

— Você estava tocando na minha esposa. Não importa quem você é ou o que está fazendo aqui, eu não quero que toque nela.

— Julian...

— Deixa, Clara. — Foi a vez de Luan tomar uma atitude e ele não pensou nem duas vezes antes de sair de trás do balcão e encarar Julian da mesma forma como estava sendo encarado. — Nada aconteceu, está agindo de forma exagerada.

— Você não tem o direito de julgar a forma como eu estou agindo. Já parou para analisar a sua situação? — Julian cruzou os braços. — Mora em Sunset Valley, não tem nada para fazer aqui em Isla Vista, mas mesmo assim comprou uma fazenda de cavalos alguns dias atrás, pelo que fiquei sabendo por alguns conhecidos. E além do mais, pelo que

fiquei sabendo sobre você, é casado e já teve uma péssima fama com mulheres.

Julian fez questão de listar todas as coisas ruins e curiosas que tinha aprendido sobre o assunto.

— Então, já que estamos falando sobre atitudes, espero que a sua seja ficar longe da minha mulher.

— Clara e eu somos amigos, Julian. Nada mais, trabalhamos juntos. —

— Luan tentou explicar.

Luan estava envolvido naquela história mais do que gostaria. Ele não tinha intenção de acabar com o casamento de Clara e Julian, muito menos com o seu e de Scarlet. No entanto, ele sabia que precisava desvendar os mistérios que toda aquela loucura que o cristal havia criado.

E a única forma de descobrir era estando na companhia daquela desconhecida já não tão desconhecida assim.

— Não interessa. Eu não quero você de

intimidades com ela. Trabalhar juntos é uma coisa, ficar frequentando a loja não é nada necessário. Mantenha-se no seu lugar e deixe que eu ocupo o meu, porque o marido dela sou eu.

Julian mantinha o maxilar trincado e estava visivelmente incomodado com tudo aquilo.

— Pelo jeito você não sabe nada sobre ela mesmo. — Luan fez questão de debochar.

— Não, é você quem não sabe nada sobre ela. Eu sei cada detalhe sobre a vida da minha mulher e tudo o que passamos até chegar aqui. Você não sabe de nada, apareceu ontem e já quer achar que pode assumir algum lugar na vida dela? Não, você não pode.

Julian se aproximou ainda mais, encarando o adversário com a pior das caras.

— Se insistir em aparecer por aqui, eu vou ter que te mostrar o caminho da saída do reino por mal.

— Julian, já chega. — Dessa vez foi Clara quem

resolveu interferir. Também teve que sair de trás do balcão. — Você não tem o direito de expulsar ninguém daqui e nem proibir alguém de me ver ou falar comigo, isso não cabe à você.

— Clara, você é minha esposa. O mínimo que esse cara tem que fazer é respeitar isso. — Julian focou a atenção nela.

Era insuportavelmente terrível para Julian ver a mulher que amava ao lado de outro.

O que Luan queria?

O que Clara queria?

Perguntas que martelavam em sua cabeça.

— Eu sei, mas não é como você está pensando. Podemos sair daqui e ir conversar em casa? Por favor, a loja não é lugar para isso.

Clara não sabia como mudar aquela situação, mas tinha certeza de que se continuassem daquela forma, Julian e Luan acabariam na briga física. Não

queria que aquilo ficasse pior do que já estava.

— Eu não quero conversar sobre nada agora. — Julian bufou, mas não parecia tão nervoso, pelo contrário, parecia magoado e aquilo era como uma facada no peito de Clara, que ela mesmo empurrava para dentro.

— Eu sinto muito, Julian. Eu juro que nada aconteceu.

Ela não queria magoar o marido, por mais que estivesse escondendo as coisas dele, só queria protegê-lo de toda aquela loucura que os rondava.

— Clara, eu disse que não quero conversar sobre isso agora, por favor.

— Esquece isso, Clara. — Luan achou que aquela frase encerraria o assunto, mas estava muito enganado.

Os olhos de Julian voltaram a encará-lo com ira, como se estivesse desejando sua morte naquele exato momento. E de fato poderia estar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei quem você acha que é, mas aqui você não é ninguém. — Julian disse bem alto.

— Eu não vou entrar no seu jogo de querer chamar atenção. — Luan respondeu no mesmo tom.

— Eu que estou jogando e querendo chamar atenção? — o mais velho riu com ironia. — Você entra na vida da minha mulher, quer mudar tudo, a chama para trabalhar com você, quer se tornar íntimo a ponto de ficar na loja a semana inteira e ainda acha que tem o direito de discutir alguma coisa? Se você não me respeita, devia ao menos respeitar a sua própria esposa, seu covarde!

E com aquela frase final, Julian acabou com o pouco de paciência que restava, partiu para cima de Luan, iniciando a briga física com um soco no rosto rival.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 38



— Luan!!!

Clara gritou e separou os dois príncipes com uma força que nem sabia que tinha, empurrando-os cada um para um canto da loja, mas sabia que só conseguiu aquilo porque nenhum dos dois queria correr o risco de machucá-la.

O soco cortou o lábio inferior de Julian, que sangrava ligeiramente.

— Você está bem? — Clara aproximou-se dele, fazendo questão de olhar o corte mais de perto.

— Clara!!!

O grito histérico veio da cozinha, mas era tão alto que parecia estar acontecendo no mesmo cômodo.

Era a voz de Miranda.

— Socorro! — Ela gritava.

Todos correram para a cozinha ao mesmo tempo, trombando na pequena porta de acesso, mas Clara conseguiu passar antes.

Quando olhou a cena, demorou alguns segundos para processar o que acontecia.

Júlia estava sentada no chão encostada na parede, como se estivesse dormindo, mas tinha expressões nada tranquilas. Parecia estar desmaiada. Clara correu e abaixou-se próxima à ela, enquanto os outros dois analisavam a cena.

A menina estava gelada, pálida e inconsciente, o que fez com que o medo que ela sentia aumentasse ainda mais. Tocou o pescoço dela e o pulso estava tão lento que quase não conseguia senti-lo.

— O que aconteceu com ela?

A pergunta veio de alguém atrás de Clara, mas

PERIGOSAS ACHERON

ela não conseguiu descobrir se era Luan ou Julian que perguntava.

— Eu não sei, de repente ela passou mal e apagou. Ela nem conseguia falar. Foi ficando branca e gelada... — Miranda começou a explicar, mas estava tão nervosa que tropeçava nas palavras.

A mente de Clara não funcionava bem e ela achava que poderia desmaiar de nervoso a qualquer momento, mas não podia deixar aquilo acontecer, não quando Júlia precisava ser socorrida.

— Julian, leve Júlia até sua carruagem. Vamos levá-la para o castelo e chamar alguém que possa examiná-la.

Clara tomou a frente da situação antes que ninguém fizesse nada além de só olhar e gritar. Logo foi atendida e Julian ergueu a menina do chão e a carregou para o lado de fora da loja.

Julian tinha Júlia como uma irmã, tinha até mesmo um sentimento paterno em relação à menina. Quando Helena engravidou, escolheu o

PERIGOSAS NACIONAIS

nome em homenagem ao príncipe que na época tinha apenas treze anos de idade. Agora Julian temia que algo ruim acontecesse a ela.

— Eu sigo a carruagem de vocês. — Luan disse de repente após Julian ter saído carregando a menina.

— Não, Luan. Fique fora dessa por favor. Não será nada saudável vocês dois no mesmo lugar e você sabe disso. — Clara falou para ele.

— Mas a menina não está bem. — Ele insistiu.

— Eu o deixarei informado, mas por favor, não insista.

Foi a última coisa que Clara disse antes de virar-se rapidamente indo em direção à carruagem, deixando Luan insatisfeito para trás.



— E então, como ela está?

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo bem?

Clara e Julian bombardearam Helena de perguntas assim que ela saiu do quarto onde Júlia estava.

— Ela teve uma hemorragia grave. O médico disse que ela ficará bem porque foi atendida rapidamente.

O rosto de Helena estava inchado e os olhos vermelhos. Júlia era sua única filha e era uma boa menina, sempre foi obediente. Era uma filha maravilhosa.

Julian aproximou-se e posicionou uma das mãos nas costas da senhora que ele tinha como uma mãe, para dar um certo tipo de apoio que era físico, mas também emocional.

— Nós iremos ajudar no que for preciso. — Clara falou e a abraçou apertado. Tinha criado um sentimento muito bonito por Helena, Júlia e Luis, principalmente porque todos eles eram como uma

família para Julian.

— Ficaré tudo bem. — Julian tentou ser o mais otimista possível ao abraçar Luis, o pai de Júlia.

— Obrigada. Eu vou ficar com ela um pouco, até ela acordar. — Helena sorriu fraco.

— Vou esperar aqui, quando ela acordar você me avisa? — Clara perguntou.

— Com certeza. Ela adora você.

Helena sabia o quanto sua filha gostava de Clara. E ela também gostava muito.

— Eu preciso ir até meu pai, mas você me mantém informado? — disse Julian.

— Claro, qualquer coisa eu peço para alguém ir lhe avisar.

Julian aproximou-se e com um pouco de receio, deixou um beijo na testa de sua mulher antes de sair. Um ato que soou tão frio comparado a forma

como ele costumava lidar com ela, que Clara sentiu de fato que congelaria se ele continuasse a tratando daquela forma.

Ironicamente, ou não, descobriu naquele momento o quanto precisava do calor de Julian.

Ainda era estranho para ela acostumar-se com toda aquela ideia de estar casada com alguém que não fosse Luan, porém ela sabia o quanto Julian era bom, ele demonstrava que a amava a cada instante que estavam juntos. E aquilo, fazia com que ela nutrisse um sentimento bom por ele.

Júlia não acordou por longas horas, no entanto, Clara ficou com Helena ouvindo histórias sobre a infância da menina e também da família. Contou até mesmo sobre Julian. Helena o conhecia desde que ele era um bebê. Clara distraiu-se ouvindo as histórias e percebendo cada vez mais como seu marido naquela vida era uma pessoa de bom coração. Julgava até mesmo ser quase impossível não gostar de Julian.

A noite começou com a visita do rei Benjamin,
PERIGOSAS ACHERON

mas a visita foi rápida, ele não foi acompanhado de Meredith, o que Clara não estranhou, desde que estava vivendo ali encontrou a madrastra poucas vezes. Apenas sabia que Julian não simpatizava com a quase sogra, o que deixava Clara aliviada. A princesa brincou um pouco com sua irmã caçula Emanuelly. A menina perguntou por Julian diversas vezes e aquilo foi a prova de que ela simpatizava bastante com o marido da irmã. Talvez até mesmo tivesse aquela fantasia de criança, que talvez mantivesse uma pequena paixão platônica pelo cunhado.

Clara tinha dado as últimas notícias sobre o estado de saúde de Júlia à Miranda. Ela tinha ficado encarregada de passar as informações para os outros e isso incluía Luan.

Mesmo assim, por volta das oito horas da noite, Clara ouviu um assobio que seria impossível não reconhecer quem era. Olhou através da janela do quarto e avistou Luan. O mesmo fazia sinal para que ela descesse ao encontro dele. Ela balançou a cabeça negativamente e lhe lançou um olhar duvidoso, no entanto, ainda assim desceu a escada

PERIGOSAS NACIONAIS

apressadamente indo o encontrar no jardim.

— Luan, o que está fazendo aqui?

— Vim saber como estão as coisas, fiquei preocupado com a menina.

— Como assim? Eu pedi para Miranda lhe avisar e dizer que estava tudo bem. Eu devia imaginar que ela não o avisaria de propósito.

— Mas está mesmo tudo bem? — Ele perguntou, analisando as expressões de Clara que parecia preocupada.

— Em partes sim, ela teve uma hemorragia, mas temos que ser otimistas.

— Você acha que foi o cristal que fez aquilo?
— Luan parecia assustado.

— Shhh! Não fale isso tão alto! — Clara segurou no braço dele e o puxou para um lado afastado do jardim, onde era coberto por árvores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe. O cristal. Júlia tocou o cristal e achamos que nada havia acontecido, mas depois aconteceu. Foi o cristal que fez isso com ela, não foi?

Clara não tinha pensado naquela possibilidade antes de Luan falar, fazia todo sentido. Júlia estava completamente bem antes.

— Mas por que o cristal faria mal à uma menina inocente? — Clara estava confusa.

— Talvez ninguém possa encostar nele, menos você porque foi quem fez o desejo. — Luan arriscou uma teoria.

Ele estava apenas deduzindo sem saber que estava certo.

— Faz sentido.

— É assustador. Talvez não devêssemos mais mexer com esse cristal. Você deveria jogá-lo no oceano, ou alguma coisa assim. — sugeriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, ele me trouxe até aqui, só pode ser a única chance que eu tenho de voltar a ter a vida que eu tinha. — Clara respondeu rapidamente.

Sem ter toda certeza, ela estava certa.

— Eu sinceramente, não sei mais se quero me meter com essa história. — Luan falou de uma vez.

Foi naquele mesmo momento que Clara entendeu exatamente o porquê de ele ter ido até ali depois dela ter pedido para ele ficar fora daquilo. Não era apenas preocupação com Júlia, por mais que ele estivesse realmente ansioso por alguma notícia, Luan tinha algo a dizer.

— Você está desistindo? — Clara perguntou e Luan passou as mãos pelo rosto em um gesto cansado.

Luan estava tentando descobrir um jeito de explicar o que se passava em seus pensamentos.

— A questão não é essa, Clara... Eu pensei no que o Julian disse hoje na loja e ele está

completamente certo. Essa nova proximidade não é saudável e não é boa para ninguém. Você é casada, eu sou casado e nós temos que respeitar essas duas pessoas mais do que a nós mesmo. Prometemos isso quando escolhemos ficar com eles para o resto de nossas vidas.

— Mas não estamos fazendo nada demais. Estamos apenas tentando desvendar toda essa história juntos.

Ela disse, mas na verdade queria gritar que se havia alguém que era infiel em toda aquela história, esse alguém era a esposa dele, Scarlett.

— Talvez não estejamos fazendo nada demais ainda, mas é tudo uma questão de tempo, porque eu estou me apaixonando por você e se não cortar isso agora, sei que não terá mais volta. — Luan desabafou.

Se não fosse um momento não tão oportuno para aquilo, Clara teria dado pulos de alegria, mas Luan estar apaixonado por ela naquele momento talvez não fosse a melhor saída para os dois.

— Você veio se despedir. — Ela não estava perguntando, estava afirmando, porque tinha acabado de juntar as peças daquele quebra-cabeças. Luan afirmou com um movimento rápido. — Por favor, não...

— Eu preciso. Não posso mais ficar tão perto de você. Eu devo isso à Scarlett. — Ele falou, mas Clara aproximou-se ainda mais segurando os dois braços dele quase podendo sentir o calor que emanava de seu corpo.

— Você está sendo covarde.

— Só estou tentando arrumar as coisas antes que a bagunça seja incontrollável.

Luan estava sendo sensato. Ele estava sentindo algo por aquela mulher, ele sabia que sim.

— Errado. Você ajudou a bagunçar e agora está saindo fora antes de arrumar tudo. — Ela o acusou.

Agora Luan também tinha as mãos fechadas em

PERIGOSAS ACHERON

volta do antebraço de Clara, eles pareciam interligados por cordas firmes, impossíveis de se separar, mesmo que não houvesse nenhum nó.

Quanto mais ele falava em ir embora, mais o aperto entre os dois aumentava e a distância diminuía. Os olhos azuis estavam focados nos castanhos e vice-versa. E por esse mesmo motivo, nenhum dos dois viu quando a luz cor-de-rosa do cristal começou a brilhar tão forte que transpassou o tecido da bolsa de Clara.

— Você também já bagunçou muito a minha vida. — Ele disse depois de alguns segundos em silêncio.

— Então é isso, você quer ir embora? — o brilho aumentou, mas nenhum dos dois notou.

— Preciso.

— Então vá.

Clara o soltou e os dois cambalearam para trás quando o aperto foi desfeito, porque não tinham

PERIGOSAS NACIONAIS

ideia da força que estavam usando para segurar-se ao outro. No mesmo segundo, a luz que emanava do cristal se apagou sem nem ao menos ser notada.

— Eu não vou mais atrás de você, porque é a sua escolha.

— É a minha escolha. Adeus, Clara.

— Adeus, Luan.

Uma última troca de olhares e Luan realmente virou-se para ir embora.

E foi.

Ele se foi da forma como ela esperava que nunca fosse e Clara demorou um tempo para assimilar aquilo. A esperança que ela tinha transformou-se em um grande buraco em seu peito.

Um buraco que parecia sugar todas as coisas boas que ainda existiam nela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 39



— Clara?

A voz chamou em um sussurro confortável para seus ouvidos, mas ela não abriu os olhos. Sentia-se cansada por dentro e por fora, que se fosse possível, dormiria pelo resto de sua vida.

— Vamos, acorde. Eu vou te levar para o quarto.

Imediatamente, Clara reconheceu o tom de voz cuidadoso e doce.

— Julian? — perguntou sonolenta.

— Sim, amor. Você está comigo.

Ela abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi o rosto de Julian alguns centímetros acima do seu e então, girou o pescoço para olhar em volta. Estava

no sofá da sala.

— Está tarde, você pegou no sono aqui no sofá e se continuasse dormindo aqui, ficaria toda dolorida.

Julian terminou a frase com um tom divertido, mas a verdade era que ele ainda estava magoado e sabia que aquilo demoraria a passar. Entretanto, não era o suficiente para fazê-lo fugir de suas responsabilidades, ou de seus sentimentos por ela.

— Você sempre está aqui, não é? — perguntou olhando o rosto bonito.

— Eu sempre irei estar.

— Isso é bom, porque você não pode me deixar, sabia?

Clara levantou a mão esquerda e passou o polegar sobre a aliança dourada no dedo anelar. Julian inclinou o rosto para frente para deixar um beijo sobre o dedo e o anel que significava tanto para ele, em seguida beijou o topo da cabeça de

Clara.

— Eu jamais a deixaria.

Ela fechou os olhos novamente e pela primeira vez naquele dia, seus pensamentos estavam claros e tranquilos.

Luan tinha ido embora e aquilo ainda a sufocava quando ela pensava sobre, mas o ato de covardia dele tinha lhe ajudado a tomar uma decisão muito importante.

Ela ficaria com Julian.

Não como um prêmio de consolação, não por se sentir sozinha e nada de entregar apenas a metade de si. Ela queria ser dele e dar a ele tudo o que tinha, do jeito que ele fazia por ela. E para isso, tinha que ser por inteiro.

Julian a carregava em seus braços até o quarto no andar de cima.

— Me coloca no chão, Julian. — pediu de

repente.

— Mas por quê? — ele estranhou, mas obedeceu.

Inclinou-se para frente e deixou que as pernas dela se firmassem no chão, para então soltá-la e deixar que se mantivesse em pé por si só.

Clara o encarou e deu um único e rápido passo para frente e colocou seu corpo ao de Julian, envolvendo os braços em seu pescoço e juntando seus lábios aos dele para iniciar um beijo lento, porém intenso.

Clara fez questão de explorar cada centímetro da boca do homem com a sua língua, precisava conhecê-lo mais a fundo fisicamente. Julian, por sua vez, posicionou uma de suas mãos na nuca de sua mulher e assumiu o controle de toda a situação, trazendo-a mais para junto de seu corpo com a outra mão que estava posicionada em suas costas.

Julian nunca havia forçado uma situação como aquela, sempre foi paciente, mas agora ela tinha

demonstrado interesse físico, ele a dominou rapidamente, o que deixou Clara mais interessada ainda.

Depois de alguns longos segundos de um beijo que parecia interminável e irresistível, eles se separaram. Ambos tinham as respirações pesadas e ele sustentava um sorriso bobo no rosto enquanto a olhava.

Clara entrelaçou seus dedos aos dele e o olhou com um sorriso satisfeito enquanto eles caminhavam para dentro do quarto.

Naquele momento, Clara considerava sinceramente a possibilidade de jogar o cristal no oceano e nunca mais ouvir falar de toda aquela loucura. Na verdade, era mais do que uma simples opção, era um desejo forte que crescia dentro de si. O desejo de ver o cristal afundar nas águas profundas e nunca mais voltar.

Nunca mais.

O vento soprava sem nenhuma calma,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bagunçando os cabelos e praticamente empurrando-a em direção à beira do abismo. Clara se encontrava no alto de um penhasco em Brookhaven. O céu acima de sua cabeça ainda era azul escuro, mas um tom alaranjado já começava a aparecer no horizonte, mesmo que as diversas nuvens escuras cobrissem o nascer do sol que se iniciava. O mar abaixo estava violento, com ondas ferozes batendo contra as pedras, mas ainda assim, ela tinha um sentimento bom de paz e tranquilidade dentro de si.

Clara aproximou-se mais da beirada e deixou que seus pés descalços tocassem o chão de terra, porque ali já não havia mais a grama verde de antes. Em suas mãos, bem protegido encontrava-se o cristal.

Não havia mais no que pensar, era hora de destruir aquilo que havia destruído sua vida. Desse jeito, o cristal não machucaria mais ninguém, tudo estaria acabado, não questionariam sua sanidade e ela não teria que carregar a culpa de machucar as pessoas que amava, como Júlia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os pés chegaram até a curva do abismo, ela parou antes que o impulso de se jogar junto com a pedra fosse maior do que o controle que ainda tinha. Fechou os olhos por um segundo e apertou o cristal entre as duas mãos.

— Você nunca mais vai machucar ninguém. — disse baixo, era uma promessa.

As mãos se abriram facilmente e a superfície gélida escorregou pela pele como se não tivesse pressa de ir embora.

Mas foi.

Clara manteve os olhos fechados até que tivesse certeza de que havia sido tempo suficiente para que o cristal tivesse caído no mar aberto e quando abriu, não havia mais nada o que ver.

As águas continuavam revoltosas e a única chance de voltar a ter a vida que tinha antes, provavelmente estava quebrada em mil pedaços no fundo do oceano.

PERIGOSAS ACHERON

As primeiras gotas de chuva fina começaram a cair e o céu foi pintado de cinza rapidamente. Clara resolveu que não havia mais nada para o que fazer ali, então virou-se para ir embora, mas com aquele movimento, todo o cenário em volta mudou.

Não era mais dia, era madrugada, o clima fresco de Brookhaven se transformou em um ar gélido do inverno da costa leste, o penhasco no alto do oceano virou um cemitério escuro e assustador, com uma cova recém cavada e uma lápide que continha seu nome escrito com tinta vermelha fresca.

Parecia sangue.

Ela tentou fugir, mas estava destinada àquilo próxima demais. O pé escorregou na lama revirada e a fez desequilibrar, caindo de frente dentro da cova.

Um grito agudo saiu de sua garganta, mas seria abafado rapidamente porque uma mão forte com uma pá grande começava a jogar a terra removida para dentro do buraco, em cima dela até que não

PERIGOSAS NACIONAIS

houvesse mais luz, saída ou ar para respirar.

O desespero tomou conta de si.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 40

 Clara acordou tossindo, com o pulmão buscando por ar fresco em desespero. Demorou alguns segundos até que pudesse ao menos se localizar e entender que tudo não passava de um sonho.

Um pesadelo.

Ela estava em sua cama, no quarto que dividia com Julian, ainda usava a mesma roupa do dia anterior, o que fazia acreditar que havia pegado no sono rapidamente. A mão esquerda estava enterrada dentro da bolsa e Clara não precisava ter nenhuma mente brilhante para saber o que era o objeto gelado que segurava entre os dedos.

O cristal.

O brilho cor-de-rosa quase a cegou quando ela olhou naquela direção.

Aquele sonho era apenas mais uma das coisas estranhas que a pedra implantava em sua vida, mas se dessa vez era uma visão do futuro, do passado, ou apenas uma ameaça, ela não sabia, porém apostava na última opção, porque parecia que o cristal queria lhe mostrar o que aconteceria com ela se tentasse destruí-lo, ou algo parecido.

Talvez fosse apenas uma fantasia, mas Clara achava que não era necessário testar aquela teoria, já que provavelmente não sairia viva dela para enfrentar as consequências.

Começou a ouvir vozes que sussurravam do lado de fora do cômodo. A primeira que identificou foi a de Miranda.

— Mas para que tudo isso? — ela perguntava. Parecia que a conversa vinha do corredor.

— É o aniversário dela e você como melhor amiga não devia esquecer essa data. — A outra voz era de Julian e mesmo de longe, dava para notar a pitada de felicidade em sua voz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que vocês estivessem em maus lençóis depois daquela briga na loja ontem à tarde. — Miranda continuou a falar baixo.

— Não, nós já nos acertamos e agora as coisas só irão melhorar.

— Eu espero que você esteja certo. — Miranda riu com ironia.

Julian provavelmente não notaria, mas Clara percebeu perfeitamente o tom de deboche.

Som dos passos aproximando-se e Clara aproveitou para jogar a bolsa com o cristal dentro para debaixo da cama. A porta do quarto se abriu, era Julian e ele trazia consigo uma grande bandeja de café-da-manhã.

Ele sorriu quando viu que a esposa estava acordada.

— Bom dia, razão da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, marido.

Clara sorriu, mas lembrou-se de dizer aquela mesma frase quando acordou no dia seguinte ao seu casamento com Luan.

— Trouxe o seu café-da-manhã na cama, porque hoje é um dia especial. — Julian se aproximou colocando a bandeja sobre a cama.

— Eu sei. — Ela sorriu.

Julian apoiou os joelhos sobre a cama e se inclinou para a frente para que seus lábios tocassem os de Clara e deixassem um beijo lento, que ela logo retribuiu e tornou mais intenso.

— Feliz aniversário, meu amor.

Julian acariciou o rosto dela sorrindo. E com um momento rápido, ele a agarrou pela cintura e a colocou sentada em seu colo, na beira da cama sem separar os lábios que se exploravam urgentemente.

O beijo foi se tornando cada vez mais intenso,
PERIGOSAS ACHERON

as mãos de Julian subiram pelas coxas de Clara por baixo do vestido dela. Quando o ar começou a faltar, ele desceu os lábios pelo pescoço, já respirando de maneira ofegante. Clara abaixou as mangas do vestido e deixou que a parte de cima dele caísse, deixando seu tronco completamente nu.

Julian mordeu um dos ombros dela e seus lábios desceram com urgência até o colo que agora estava livre, perdendo-se no meio dos seios e explorando-os cheio de vontade. As mãos adentraram mais o vestido e apertaram a pele macia com desejo, obrigando o corpo de Clara a encaixar-se ainda mais ao seu.

Ela suspirou longamente com aquela nova forma de contato dos dois, principalmente porque agora estava sentada exatamente sobre ele que já criava um volume sob a calça.

Julian mordiscou um dos seios de Clara com urgência, fazendo com que ela jogasse a cabeça para trás apreciando a sensação que ele lhe causava. Uma das mãos do homem se posicionou entre as coxas dela, acariciando aquela região, provocando

lentamente.

E naquele momento, foram interrompidos por alguém chamando por Julian.

— Ah, não!

Ele afastou o rosto do meio dos seios de Clara e parou o que estava fazendo com as mãos.

Ela o observou com um olhar confuso por alguns segundos, até que ele a encarou. Só pela expressão em seu rosto, ela sabia que a hora da diversão tinha terminado.

— Não, não. Eu preciso disso. — Clara reclamou. — Cinco minutos, por favor!

— Cinco minutos, amor? Eu não quero te jogar na cama, te comer e sair para trabalhar. É o seu aniversário, por favor espere até a noite. — Julian encostou a testa na dela.

— Ugh! Está bem. Mas saiba que você poderia ir trabalhar muito mais feliz hoje.

Ela se ergueu ajeitando o vestido, cobrindo novamente seu tronco.

— Eu estou indo trabalhar feliz. — Julian também se ergueu, aproximando-se da esposa.

Clara fez uma expressão descontente e virou o rosto, mas ele a segurou pelo queixo e beijou seus lábios mesmo assim, fazendo-a sorrir.

— Você está perdendo o seu precioso tempo de trabalho. — Ela falou descontente.

— É que vossa alteza fica linda emburrada. Esteja pronta para o jantar às sete, quero te levar em um lugar.

— Estarei. — Clara sorriu e inclinou-se para mais um beijo nos lábios de Julian.

— Até mais tarde.

Julian sorria mais do que quando entrou no quarto minutos atrás. Na verdade, sorria mais do

que ela já o tinha visto sorrir desde que o conhecia.

E aquele sorriso era o que aliviava aquele dia tão docemente amargo.

Estava decidida de que não pensaria em Luan, não falaria nele e nem se lembraria dele. Se concentraria em deixar Julian feliz, porque ainda a machucava muito lembrar de como o outro havia sido covarde na noite anterior.

Agora Clara teria que se esforçar para esquecê-lo, no entanto, não sabia se seria apenas naquela vida, ou se aquele era um adeus definitivo.

Clara tomou um longo banho e quando saiu, foi até o andar de baixo onde ficava o quarto de Júlia. Ao abrir a porta, deparou-se com a menina deitada. Júlia tinha grandes bolsas escuras sob os olhos verdes, o rosto parecia mais magro e a palidez estava ainda mais presente em suas feições do que no dia anterior.

O nó na garganta de Clara parecia que iria sufocá-la. Foi forte para não deixar que as lágrimas transbordassem de seus olhos, porque já era

observada de longe por Júlia, que parecia contente ao vê-la.

— Ei, sente-melhor, princesinha? — ao invés de chorar, sorriu e a menina fez o mesmo.

— Que bom que você veio. Feliz aniversário. — Júlia falou e Clara se aproximou sentando-se ao lado dela na cama e a abraçou.

— Obrigada, minha linda.

— Ah, eu tenho uma coisa para te mostrar. — Júlia virou na cama, esticando-se para alcançar algo na cabeceira ao lado.

Clara a observou e percebeu que o objeto nas mãos de Júlia era um livro de capa dura, com imagens de vários tipos de pedras preciosas na capa e no verso.

— Oh! Esse é o livro que fala sobre o cristal? — perguntou.

— Sim, não conferi muito, mas vi a foto e

parece que é ele mesmo. — A menina começou a folhear o livro e foi até as últimas páginas dele.

Clara encarou as folhas abertas nas mãos de Júlia, que mostravam o conteúdo das páginas setenta e setenta e um. A primeira era o final da explicação sobre safira, a segunda página estampava a imagem de um cristal cor-de-rosa com traços fortes que se estendiam por todo o seu interior, caindo pela superfície como se fossem estrelas que caíam do céu, mas nunca tocavam o chão.

Era o cristal dos desejos.

CAPÍTULO 41



— Oh, é ele mesmo! O que diz sobre ele? — Clara estava ansiosa.

— O cristal dos desejos. — Júlia começou pelo título da página. — Aparece pela primeira vez no lado oculto da história mundial em 1225, na França. Reza a lenda que o cristal foi dado de presente a Carlos terceiro, que desejou a morte do irmão mais velho para se tornar rei da França e reinou por quase cinco anos. Entretanto, foi um reinado muito impopular e Carlos terceiro foi obrigado a abdicar o trono em 1230.

— Esse cristal não pode ser tão velho assim. — Clara interrompeu.

— Shh! Tem mais. — disse a menina e continuou a ler. — Pouco se sabe sobre a trajetória do cristal dos desejos depois disso, mas a lenda conta que ele vai sendo passado de mão em mão

entre pessoas aleatórias.

— Aleatórias? Esse cristal era de minha mãe. Deixa-me ver isso. — Ela tirou o livro das mãos de Júlia e começou a ler por si própria. — O cristal tem o poder de mudar o presente, o passado e até mesmo o futuro, de acordo com o pedido. — Clara lia devagar, porque ia absorvendo as informações enquanto isso. — Estudos mostram que o cristal atende a qualquer tipo de pedido, mas com a realização do mesmo, a pedra ganha concessão para modificar e manipular a vida da pessoa a quem pertence e a de quem mais estiver em volta, começando com pequenos eventos ruins e terminando com depressões, loucuras e até mesmo a morte.

— Nossa... O que mais tem aí? — Júlia perguntou.

Clara estava paralisada, mas focou em terminar a leitura.

— Em 1398, Robert Stuart, um trabalhador do campo, em uma pequena aldeia de Sunset Valley,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suicidou-se e deixou uma carta para a família. Além de sua despedida, Robert alegou estar louco por causa de um cristal mágico e garantiu que havia o destruído antes de se matar. Essa foi a última aparição do cristal dos desejos nos arquivos da história, então pode-se alegar, quase que seguramente que esta é uma pedra preciosa que não existe mais.

— Mas existe sim. — disse Júlia.

— Existe. É idêntico, não entendo porque no livro não fala de minha mãe, que ela foi a última dona do cristal. — Clara falou segurando a pedra.

— É realmente estranho. Mas por que está carregando isso? Achei que fosse esconder na fazenda. — a frase de Júlia citando a fazenda de Luan, pegou Clara desarmada e ela sentiu como se alguém estivesse usando as duas mãos para remexer na ferida aberta em seu peito.

— Eu simplesmente não sei mais o que fazer com ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Está falando do cristal ou de Luan? — a menina perguntou.

Clara suspirou.

— Isso é muito complicado para você entender, muito complicado.



— E então, como Júlia está? — Miranda perguntou.

— Bem, ela parece muito bem.

Clara falava normalmente, mas ainda guardava um certo rancor por ter ouvido o tom com que Miranda usou ao falar com Julian naquela manhã.

— Isso é ótimo, muito bom mesmo. — A amiga sorriu.

— Ei, Miranda. Eu sinto muito por toda essa confusão. — Clara saiu de trás do balcão da loja

para se aproximar.

— Eu também sinto muito, Clara. Eu sei que peguei um pouco pesado com você, mas acho que talvez as coisas melhorem agora. — Miranda parecia um tanto aliviada.

Clara queria muito que as coisas com Miranda se acertassem, mas naquele momento teve que perguntar algo que sabia que poderia desencadear uma outra discussão.

— Por eu ter escolhido Julian?

— Sim. Mas ainda acho que você devia contar toda a história para ele. — Ela deu de ombros.

— Já faz muito tempo que eu parei de esconder essa história para me proteger, Miranda, eu estou tentando proteger o Julian. Nós não sabemos o que está acontecendo, não sabemos o que está machucando as pessoas, mas a verdade é que a vida de todos que sabem sobre o cristal está indo por água abaixo, porque eu colocaria mais alguém no meio desse furacão? — Clara sussurrava tentando

manter a conversa longe da cozinha onde a avó de Miranda estava.

— Tudo bem, eu te entendo, está bem. Mas ele merecia saber, eu acho. Eu só...

Não houve tempo para terminar a frase, o sino da entrada tocou em alto e bom som, anunciando a chegada de alguém.

Os olhos de Clara encararam o rosto que acabara de adentrar a loja.

— O que está fazendo aqui?

— Boa tarde para você também. — disse Luan.

— A tarde acabou de ficar desagradável. — Miranda fez questão de comentar alto, mas já tinha virado as costas.

— Ei, eu não vim aqui brigar com você. — Luan seguiu Clara até o balcão.

— Você não tinha que estar aqui. Eu ouvi

PERIGOSAS NACIONAIS

claramente o que você disse ontem sobre desistir e fazer as suas escolhas. Muito bem, você foi embora e não tem o direito de voltar quando quiser. — Ela virou para ele, mas naquele momento, toda a sua paciência tinha se esgotado.

— Você pode me escutar por favor?

— Não. Por favor, fregueses precisam ficar do outro lado do balcão.

— Clara... — Luan revirou os olhos.

Ele estava lindo. Lindo demais e aquilo mexia com suas memórias.

— Vá para inferno, Luan. — Ela cruzou os braços e virou de costas para ele.

Luan aproximou-se, descruzou os braços dela e a obrigou a virar de frente para ele.

— Eu sonhei com você essa noite.

— Você o quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois estavam a centímetros de distância e Luan segurava os dois braços de Clara para que ela não fugisse.

— Sonhei com você e foi a coisa mais aterrorizante que já aconteceu comigo. — Ele confessou.

— Que tipo de sonho?

— Primeiro eu assistia você jogando o cristal no oceano do alto de um penhasco, depois tudo mudava e você caía em uma cova que tinha o seu nome, então eu me aproximava para ajudar, mas ao invés disso, pegava uma pá e te enterrava viva. Foi como me assistir fazendo algo que eu não queria fazer.

— Oh... Era você no sonho!

— Você também sonhou com isso? — ele a segurou ainda mais firme.

Ele estava assustado. Mais ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu também tive esse sonho. — Clara respondeu assustada e surpresa.

— Qual o sinal que vocês dois ainda não entenderam? — Miranda se meteu no assunto. — No final das contas, se continuarem próximos um do outro, vocês irão acabar se matando.

— Não, é claro que não, eu jamais machucaria você.

Mesmo com a acusação vindo de Miranda, quando Luan respondeu estava olhando nos olhos de Clara.

— Ninguém irá matar ninguém aqui, está bem? Vamos ficar calmos. — Clara tentou acalmar os ânimos, mas não estava convencendo nem a si mesma.

— Clara, será que podemos conversar em outro lugar?

— Eu não sei, Luan.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor, eu preciso entender mais sobre isso, eu preciso conversar direito com alguém sobre todas as coisas que estão na minha cabeça por causa desse assunto, eu só tenho você. Por favor! — ele implorou.

Clara queria socá-lo por ter desistido dela e de tudo aquilo no dia anterior e agora estar ali implorando pela companhia para desabafar sobre o assunto do qual ele não queria mais fazer parte dele. Porém, por outro lado, ela o entendia e sabia como era sufocante não poder falar sobre aquilo com ninguém e talvez, ele também fosse funcionar como uma válvula de escape dela para aquele assunto.

— Tudo bem, por uma hora. — Clara soltou seus braços e o encarou. — Só por uma hora.

— Uma hora, está certo. Vem comigo.

— Clara? — Miranda a olhou desacreditada.

— Uma hora, Miranda, e estarei de volta.

— Você é inacreditável! — debochou.

— Confie em mim. — Clara pediu antes de sair pela porta da loja com Luan logo atrás.

E eles teriam apenas uma hora. Ou melhor, Luan teria uma hora para um pedido de desculpas que poderia nunca ser suficiente por causa do tamanho do erro que havia cometido.

CAPÍTULO 42



— Então havia um parágrafo falando sobre esse trabalhador do campo em Sunset Valley, que se suicidou e deixou uma carta para a família. Na carta ele dizia que tinha ficado louco por causa do cristal e que tinha o destruído antes de se matar, mas ainda assim, aqui está ele.

Clara entreabriu os dedos, revelando o cristal parcialmente escondido na mão direita.

Os dois estavam deitados na cama confortável que ficava no segundo andar do pequeno refúgio de Luan na fazenda recém adquirida. Encaravam o teto baixo em formato pontiagudo compatível com o telhado.

Desabafavam sobre seus medos e confusões por causa daquela situação com a pedra preciosa, que se mostrava cada vez mais perigosa. Clara tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

acabado de contar toda a história do livro de Júlia para Luan, mas ele não parecia tão impressionado quanto ela havia ficado.

— Acho que esse cristal funciona exatamente como todas as outras coisas nessa vida, primeiro você ganha algo bom e com isso vem algo ruim, como se fosse um equilíbrio. — Ele disse.

— Porém, não é equilibrado. O cristal te dá uma coisa boa e arruína a sua vida inteira em troca. — Ela respondeu rapidamente. — Eu não irei conseguir dormir nunca mais enquanto imaginar que eu posso acabar como uma dessas pessoas que já usaram esse cristal.

— Você não irá acabar assim.

Luan virou-se no colchão, deixando de encarar o teto para ficar de frente para ela, apoiando o peso do corpo no cotovelo para ficar parcialmente erguido.

— Nós iremos descobrir como acabar com tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós iremos? Você tem problemas mentais ou o quê? — ela virou o rosto para encará-lo.

— A questão não é o que eu quero ou o que deixo de querer, eu estou ligado demais à essa história toda para simplesmente virar de costas e ir embora, entende? Eu estou ligado demais a você.

Luan a olhava nos olhos, mas Clara não sabia se devia se deixar levar por aquela conversa outra vez.

A mão de Luan deslizou pelo lençol em direção ao corpo ao seu lado. Dedos exploraram o antebraço de Clara em um carinho rápido e depois desceram para se entrelaçar aos dela, como se aquilo não fosse nada demais, como se não passasse de um aperto de mãos amigável.

— Pare de me tocar desse jeito. — Clara recolheu a mão e a repousou sobre a própria barriga.

— Desculpe. — Ele disse baixo.

Não queria constrangê-la, apenas queria mostrar que estava ali para oferecer apoio.

— Não segure a minha mão ou faça uma promessa quando você ainda está em dúvida sobre isso. Eu não quero achar que você está do meu lado e te ver correr dos problemas no dia seguinte.

— Me desculpe, você está certa. — O momento de iniciar suas desculpas tinha começado, mas ele havia perdido todo o discurso que construiu em sua cabeça na madrugada anterior quando acordou do sonho estranho. — Você está certa, eu fui um covarde, fugi depois de prometer que ia ajudar, corri dos meus problemas, dos nossos problemas.

— Sim, você foi covarde e errou muito feio. Mas esquece isso, não vale a pena ficarmos colocando a culpa um no outro quando essa vida está desmoronando em nossas cabeças e nós não podemos voltar para a outra. — disse ela.

Luan permaneceu pensativo.

— Eu posso voltar a me juntar a você para

PERIGOSAS ACHERON

descobrir uma forma de sair dessa?

— Só se essa for realmente a sua escolha e sem mais chances de voltar atrás. Se está dentro, está, se está fora, não entra mais.

— Então eu estou dentro. — Ele deu sua palavra final.

Clara apenas concordou com a cabeça e os dois entraram em um silêncio que se tornou um tanto desconfortável.

— Então, como era? — Luan quebrou o silêncio.

— Como era o que?

— Nós dois. Como era ser casada comigo?

— Era como um casamento normal, eu acho. Tínhamos tanta coisa boa, mas também tivemos nossos problemas. — Imediatamente, diversas lembranças começaram a brotar em sua cabeça.

— Como alguém como você foi se apaixonar por mim? — a pergunta soou tão estranha que Clara virou-se para olhá-lo.

Ela não sabia o motivo pelo qual Luan parecia tão inseguro naquele momento, mas achava que só podia ser por saber que seu casamento com Scarlett estava indo mal.

— Você é um homem inteligente e isso me atraiu muito, mas então conforme fomos ficando íntimos, eu descobri o seu lado divertido, seu lado carinhoso e todas essas coisas que eu conheço sobre você.

— É mesmo? Como o que? — Luan sorriu a observando.

— Como essa sua cara curiosa que você acabou de fazer, ou o sorriso de lado quando você está interessado em um assunto... — Clara tinha acabado de se empolgar enquanto falava e os dois sorriam. — Quando você tamborila os dedos porque está inspirado. O tom de voz quando está feliz, quando está preocupado, quando fica

envergonhado, a textura da sua pele e até mesmo a parte de trás da sua orelha.

Ela ergueu a mão direita e o acariciou exatamente o ponto do qual estava falando, mas logo se arrependeu daquilo e afastou-se dele.

— Eu acho que seríamos muito mais felizes se conseguíssemos essa outra vida de volta. — Luan desabafou. — Será que conseguimos?

— Eu não sei... — Clara ergueu o cristal que estava em sua mão e segurou bem acima de sua cabeça, virando-se de barriga para cima novamente e o observando.

Agora que estava erguida, a pedra preciosa foi iluminada pela forte luz do sol que entrava pela janela. Daquele jeito, o cristal brilhava ainda mais, até parecia com as vezes em que emanava sua luz assustadora. Os traços parecidos com estrelas refletiam nas paredes em volta, assim como no teto e no chão, conforme Clara o girava entre os dedos, absorvendo a luz do sol e a projetando dentro de todo o quarto.

Luan observou aquele fenômeno gracioso por alguns segundos, virou o rosto para Clara, cuja beleza parecia ressaltada nas luzes de diferentes tons de rosa. Os olhos dela, azuis-celestes, brilhavam e ela tinha um sorriso encantador entre os lábios.

Foi impossível não sorrir junto com ela.

Luan baixou os olhos, descendo da boca até o maxilar dela, que parecia perfeitamente desenhado, em seguida, o pescoço e os ombros, onde as luzes refletidas pelo cristal formavam linhas perfeitamente alinhadas que chamaram a atenção de Luan.

— Pare. — Ele pediu.

Clara paralisou imediatamente, inclusive a mão que mexia no cristal.

— O que foi?

— Tem algo diferente. — Aproximou-se

seguindo as linhas que subiam pelo rosto dela e também desciam pelo colo e o alto dos seios no decote do vestido.

Conforme observava, Luan pôde notar que não eram linhas iluminadas que apareciam de forma aleatória. Elas formavam alguma coisa quando a luz do sol refletia no cristal e batia sobre a pele de Clara.

As linhas se juntavam e separavam de acordo com seu caminho, formavam grandes figuras e também pequenas, abriam-se e fechavam-se ao longo do corpo dela, da cabeça aos pés.

— O que é? — Clara voltou a perguntar enquanto Luan tocava um de seus ombros e acompanhava uma linha torta que se estendia pelo seu braço.

— Não são reflexos aleatórios. É um mapa!

CAPÍTULO 43



— Tem uma marcação em X bem aqui.

Luan deslizou um dos dedos pelo corpo de Clara até um ponto sobre a barriga dela, próximo ao umbigo.

— E tem outra bem aqui. — Subiu o dedo até o alto dos seios dela, tocando o local com um pouco de receio e recebendo um olhar semicerrado que o obrigou a afastar a mão na mesma hora.

Clara ainda estava deitada sobre o mesmo colchão no quarto da fazenda, segurando o cristal no alto, onde a luz do sol o iluminava e era projetado no cômodo. A única diferença, era que Clara tinha abaixado a parte de cima do vestido, porque aquela parecia ser a área de seu corpo em que o mapa se mostrava mais cheio de detalhes.

Mesmo que Clara estivesse casada com Luan na outra vida antes do cristal, ainda se sentiu como se

PERIGOSAS ACHERON

fizesse a coisa errada quando ficou apenas de espartilho em sua frente. Mas reprimiu seus pensamentos sobre o quanto aquilo era injusto com Julian para desvendar o mistério do mapa.

— Eu acho que o ponto inicial marca onde nós estamos nesse momento e o X na sua barriga indica onde nós temos que ir. — Luan continuou observando.

— O que você acha que estará lá? — ela perguntou.

— Não faço ideia, mas acho que deveríamos tentar procurar esse lugar.

O cristal que Clara segurava, caiu do alto e bateu contra o peito dela, rolando para o colchão em seguida. As luzes apagaram-se no mesmo segundo e o mapa desapareceu.

— Levante o cristal novamente, preciso ver. — Luan pediu.

Clara não o contrariou, ergueu as duas mãos,
PERIGOSAS ACHERON

segurando firme o cristal com a ponta dos dedos e então, voltou a se deitar sobre o colchão e deixar que Luan observasse os reflexos sobre seu corpo.

O príncipe observou atentamente, garantindo que cada linha estivesse no lugar correto, da mesma forma de antes e então, pegou uma bússola que guardava em seu bolso.

— Pronto, agora se veste, nós temos que sair daqui.

Caminhavam pela beira de um rio que parecia simplesmente não ter fim.

— Nós podemos voltar agora?

Clara não estava usando sapatos para andar por horas daquela forma, estava cansada, com fome e sendo devorada por mosquitos famintos.

Segundo a interpretação de Luan, o mapa indicava aquele rio e mostrava que deveriam cruzá-lo, mas as margens estavam muito distantes uma da outra e a correnteza parecia revoltosa demais para

atravessarem à nado. Parecia cada vez mais impossível chegar até onde aquele mapa queria que chegassem.

— Clara, por favor, eu estou tentando entender isso. — Ele carregava a bússola em uma das mãos.

— Luan, já estamos seguindo esse mapa há duas horas e não chegamos a nenhum lugar, além do mais, não tem como passar por esse rio. Você tem noção de como minhas pernas doem? E os meus pés? Esses sapatos não são para andar por três horas seguidas sem parar nem para beber água. Aliás, eu estou com sede, estou com fome e parece que os únicos seres vivos se alimentando por aqui são esses mosquitos desgraçados, eles estão se alimentando do meu sangue! — ela reclamava visivelmente nervosa.

— Shh! Pare de falar um pouquinho.

Luan quase não prestava atenção no que Clara dizia, ele estava concentrado no caminho à frente e tentava descobrir alguma pista sobre o que deveriam fazer.

— Luan!!

Clara gritou de repente, parando de andar e cruzando os braços.

Ele praticamente deu um pulo com o susto e pela primeira vez depois de horas, sua atenção estava completamente na princesa.

— O que aconteceu? O que está acontecendo?

— Eu não quero mais isso! Você está obcecado. Não posso mais fazer isso, é loucura! — estava nervosa. — Não podemos continuar como se não tivéssemos outras coisas para fazer na vida. Eu não quero passar o restante do meu aniversário assim andando como uma condenada à escravidão por conta desse maldito cristal.

Clara estava sentada no tronco de uma árvore que estava atravessado no meio do caminho.

— Clara, levante-se. Não iremos andar muito mais, talvez só até o final do rio e depois voltamos.

Luan voltou a olhar a bússola quando se certificou que era somente um ataque de nervos dela.

— Não! — ela gritou. — Eu disse que não irei mais fazer isso. Pare de insistir, você nem deveria estar tão envolvido nisso. Hoje é o meu aniversário e eu não deveria estar aqui com você!

As lágrimas começaram a rolar pelos olhos de Clara, encharcando o rosto e embaçando a visão. Ela estava completamente exausta fisicamente e mentalmente, queria estar no castelo com Julian, não queria ter que voltar tudo aquilo andando e só o que ela imaginava era que não conseguiria, não teria forças.

Aquilo mexeu com seu humor, seu psicológico e seu lado emocional.

— Nós dois não somos mais casados, não temos mais uma história juntos. Eu odeio todo o tempo que eu passo ao seu lado, sempre alguma coisa dá errado e eu sempre acabo magoada ou magoando

você. — as lágrimas desciam livremente. — Sabe o que isso parece? O último dia do nosso casamento quando desejei que nunca o tivesse conhecido. Eu só queria que você não estivesse nessa vida.

Quando terminou de desabafar tudo aquilo, Clara precisou respirar fundo para suprir a falta de ar nos pulmões. Soluçava e chorava desesperadamente tentando conter a dor absurda que sentia.

Naquele segundo, todas as feridas emocionais estavam abertas novamente, como se tivesse cravado as unhas em cada machucado e arrancado a casca sem piedade de si mesma.

— Ei... Está tudo bem. Ficaré tudo bem.

Luan ajoelhou-se na frente de Clara, levou as duas mãos ao seu rosto e afastou os cabelos para poder enxugar as lágrimas que caíam sem controle.

Ele sentou no tronco ao lado dela, puxando-a para si num abraço de lado, confortando o seu corpo enquanto a crise de choro e soluços permanecia. Luan subia e descia com uma das

mãos pelas costas dela, tentando dar mais um tipo de apoio, pois não havia muito o que dizer naquela situação.

Luan não se impressionava tanto com a forma que Clara parecia desesperada, imaginava como deveria ser ter sua vida trocada de uma hora para a outra. Se pudesse corrigir o que havia dito para ela na noite anterior, corrigiria sem nem pensar duas vezes, porque não estava se apaixonando.

Estava completamente e incorrigivelmente apaixonado por ela.

Clara o observou com os olhos marejados, perdeu o olhar pelo rosto perfeito dele que tanto amava. A realidade cruel era que Luan estava bem ali à sua frente e ela o amava mais do que tudo na vida, no entanto ele não a pertencia mais.

— Eu sinto muito. Sinto muito pelo que disse. Eu estava nervosa e eu não sei mais como me sentir diante de toda essa situação. — Usou as mangas do vestido para terminar de enxugar as lágrimas. — Às vezes eu só quero morrer para não ter que lidar com

PERIGOSAS NACIONAIS

esse vazio que ficou no peito quando você foi embora. Eu entendo a falta que você me faz e o quanto eu te amo. Não cabe mais no meu peito. — Ela falava e Luan a apertou mais contra seu corpo.

— Tem muita coisa dentro de você, está sobrecarregada demais. Você precisa respirar fundo e se permitir aliviar o peso das suas costas. Tudo ficará bem, iremos resolver isso juntos. Você ficará bem?

— Eu estou bem agora.

— Então vem, sobe nas minhas costas, eu vou te levar embora.

Luan ajoelhou-se no chão de terra de costas para Clara, bateu uma das mãos em seus próprios ombros.

— Luan, não. Você também está cansado, não é justo.

— Eu não vou deixar você andar tudo isso de volta. Vamos, suba.

PERIGOSAS ACHERON

E Clara obedeceu porque não o via desistindo daquilo tão fácil. Ela apoiou as mãos no ombro dele, entrelaçando suas pernas no tronco de Luan e depois envolvendo os braços em seu pescoço.

Ele ergueu-se devagar e quando estava de pé, usou a mão direita para retirar os dois sapatos que ela calçava e jogou dentro da bolsa que agora ele também carregava.

— Segure-se. Vou até o fim do rio e depois voltamos, está bem?

— Eu acho que sim. — Ela disse segurando ao redor dos ombros dele.

CAPÍTULO 44

 Eles andaram por mais alguns minutos. Luan mantinha Clara distraída contando algo que a fizesse sorrir. Mais à frente, uma parede de pedras com uma cachoeira natural marcava o final do caminho que seguiam e o rio não estreitava, mas para a surpresa dos dois, uma árvore caída formava uma espécie de ponte estreita entre uma margem e outra, possibilitando a passagem.

— Olhe, talvez possamos nos equilibrar e passar para o outro lado.

— Podemos tentar, mas você terá que me colocar no chão.

— Tudo bem, eu vou primeiro e depois você vem atrás de mim. Preciso ver se é seguro.

Luan soltou os braços dela e Clara colocou os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pés descalços no chão. Sentiu uma dor aguda subir pelas pernas agora que os músculos haviam descansado o suficiente e voltado a trabalhar, mas ignorou aquilo e seguiu atrás de Luan enquanto ele se aproximava das margens do rio.

Não foi difícil para ele atravessar sobre o tronco caído, parecia que estava ali há bastante tempo para não se mover mais. Luan pulou os galhos do outro lado que estavam quebrados, indicando que alguém já havia feito o mesmo caminho que eles.

— Tudo bem, pode vir agora. Não será difícil, só precisa manter o equilíbrio.

Clara começou a caminhar, mas equilíbrio era uma tarefa difícil, talvez por falta de prática, ou pela quantidade de pensamentos que enchiam sua mente.

— Luan... — ela chamou quando quase desequilibrou para o outro lado.

— Respire fundo e continue. Não olhe para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nunca desejei que você não existisse nessa vida, ou qualquer outra. Isso nunca passou pela minha cabeça.

— Está tudo bem, você não precisa me dizer isso agora, apenas precisa se concentrar no que está fazendo. — Luan tentou fazer com que ela não se distraísse.

Clara respirou fundo, se reequilibrou e seguiu o caminho, agarrando os braços dele do outro lado e sentindo um alívio enorme.

— Pronto, você está comigo. Nós conseguimos!
— ele a puxou para seus braços, a erguendo do chão e pressionando os lábios contra a testa dela.
— Eu estou aqui.

— E agora? — Clara não ousou se mexer, manteve o rosto afundado no peito de Luan.

— Agora eu acredito que estejamos perto, mais alguns passos para a frente e deveria estar aqui em algum lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Mas não havia nada em lugar nenhum.

Clara afastou-se e virou o pescoço, olhando em volta à procura de qualquer sinal de que estavam no local certo. O rio se estendia pelo caminho de volta e à frente havia apenas uma estrada de terra cercada por árvores quase sem folhas e o chão coberto por elas. No final do caminho, localizado à beira da colina, estava um castelo todo branco. Um sinal pequeno e rabiscado na porta chamou a atenção dela.

Estrela Cadente.

— Oh, meu Deus!

Clara levou as mãos à boca e Luan rapidamente moveu-se para analisá-la e ter certeza de que nada havia acontecido com ela.

— O quê?

— Luan... Nós encontramos a Estrela Cadente!

Entraram devagar.

— Olá!

A voz ecoou pelo ambiente junto com o sopro da brisa que vinha do lado de fora.

Luan andava na frente guiando Clara por dentro do castelo que os dois haviam acabado de invadir. Tudo era branco, as paredes bordadas incluindo o teto. Não havia nada ali além de água no chão.

— Não tem ninguém aqui, Luan.

Clara segurava na parte de trás na roupa dele, deixando-se guiar pacientemente enquanto Luan parava para observar cada detalhe do ambiente interessante.

— Por que acha que o cristal nos trouxe até aqui? — ele perguntou.

— Eu não sei. Tem certeza de que estamos no lugar certo? — ela respondeu com outra pergunta.

— Acha que devemos olhar o mapa novamente?

— Você quer dizer, tirar a roupa novamente? Aqui? — Clara franziu as sobrancelhas.

— O que que tem? Não tem ninguém aqui além de mim.

Luan a segurou pela mão e atravessou o salão, caminhando devagar por conta da água no chão, como se o rio tivesse invadido o interior do local.

Ele a levou até a frente de uma janela que estava fechada, mas havia um buraco arredondado do tamanho de um punho, como se alguém tivesse socado com raiva. Por ali entravam tímidos raios de sol, que se estendiam até o chão, mas foram bloqueados quando Clara parou de frente para o buraco.

Ela abaixou a parte de cima do vestido que usava, em seguida Luan lhe passou a bolsa que carregava enquanto a observava cautelosamente. Clara a abriu e tirou o cristal de dentro.

O fenômeno de luzes refletidas se repetiu

PERIGOSAS ACHERON

quando a luz do sol atingiu a superfície da pedra e rapidamente, o mapa voltara a se formar no corpo dela.

Entretanto, algumas mudanças foram fáceis de se perceber. A primeira coisa que Luan notou foi a ausência do ponto de início no alto dos seios de Clara, ele simplesmente não existia mais.

Luan aproximou-se dela e mais uma vez não conseguiu conter o impulso de tocar-lhe a pele de porcelana. O dedo indicador posicionou-se logo abaixo de onde o sutiã dela terminava e desceu lentamente, deslizando por cima da linha do mapa que os dois haviam seguido naquela tarde.

Clara não disse nada, apenas observou enquanto um arrepio subia por suas costas.

Luan passou a mão por cima da grande mancha que dividia a barriga em dois lados, o que indicava o rio largo o qual tiveram que lidar em seu caminho, em seguida, mais à direita estava o X próximo ao umbigo de Clara. Mas até aquilo estava diferente, a marcação não era apenas um X solitário agora, havia um ponto forte bem em cima dele. O

ponto que mostrava onde eles estavam.

— Eu diria que estamos no lugar certo. — Luan apontou para o ponto sobre a marcação do X.

— Esse é o ponto de início que estava aqui em cima antes? — Clara olhava para seu próprio corpo sem acreditar naquilo.

— Sim, o ponto estava no seu seio quando estávamos na fazenda e agora que andamos até aqui, ele desceu e está em cima do X.

Os dois se entreolharam com expressões surpresas no rosto e conservaram um silêncio agradável por alguns segundos, até que Luan o quebrou.

— Clara... Sobre as coisas que você disse quando estávamos lá fora... — ele não pôde terminar, ela o interrompeu.

— Eu estava nervosa. Aquilo não significa nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu só quero que você saiba que eu desejo que voltemos àquela vida porque tenho certeza de que, mesmo não lembrando de nada do que vivemos aqui nessa vida, eu consertaria tudo entre nós dois. — Confessou.

— Como pode ter certeza disso? — Clara olhava para ele com os olhos curiosos.

— Porque as coisas que você me disse... Eu tenho certeza que te amava muito nessa outra vida, eu sei que você é a melhor coisa que eu tenho.

Luan aproximou-se dela e Clara engoliu em seco porque não sabia o que fazer.

Sua vontade era de beijá-lo e esquecer-se de tudo ao redor.

Clara estava pensando sobre o que Luan tinha acabado de dizer, quando ele interrompeu seus pensamentos.

— Nós ainda fazemos amor com frequência?

PERIGOSAS ACHERON

Clara abriu a boca para criticá-lo, mas revirou os olhos e deu de ombros.

— Sim, mas isso não é nenhuma prova de amor.

— Não, mas demonstrar desejo por você é mais do que uma prova de amor qualquer. Significa que eu não trocaria o que tenho com você por nenhuma outra coisa ou pessoa, porque é do seu lado o meu lugar, mesmo estando tudo ruim, eu ainda sinto desejo por você e não ignoro a oportunidade de fazer amor com você.

Luan se aproximou mais, empurrando os braços de Clara para baixo, porque ela ainda segurava o cristal.

— Luan...

Clara fechou os olhos, tentando reprimir toda sua vontade de jogar o corpo sobre o dele e esquecer todo o resto.

— Eu nunca traí você, Clara. Agora tenho certeza disso. — Ele falava como se fosse sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela mesma vida e aquilo a confundia completamente.

"Isso não pode acontecer, é errado, não é justo com Julian."

Os pensamentos encheram sua cabeça e a deixaram tonta no mesmo segundo. Luan subiu uma das mãos pelas costas dela, explorando a pele com a ponta dos dedos e causando diversas sensações aos dois. Aquilo tudo, somado a falta de líquido e de alimento no corpo, fez a cabeça de Clara girar e sua visão ficar escura e embaçada. Precisou segurar no braço de Luan com a mão livre para que o corpo não desfalecesse no chão.

— Você está bem? — ele perguntou quando notou a mudança de comportamento dela.

— Eu preciso comer alguma coisa.

— Tudo bem, vamos achar alguma coisa para você comer aqui. Ou pelo menos água que não seja essa do chão.

PERIGOSAS ACHERON

Clara arrumou o vestido novamente no corpo, cobrindo seu tronco e guardou o cristal na bolsa que os dois carregavam. Andava lentamente, o seguindo, mas não parecia ter nada ali comestível. Andaram até uma porta de onde emitia uma luz, ali a água cessava. Clara viu alguém de longe e quando se aproximaram e ela viu de quem se tratava, seu coração acelerou de forma assustadora.

— Você! — ela gritou.

— Oh, não!

A velha girou o corpo no mesmo segundo. Clara não pensou duas vezes, avançou para frente em direção a senhora.

— Não encoste em mim. Você não deveria estar aqui. — disse a mulher.

— Mas eu estou! — mesmo a senhora tentando manter-se longe, Clara se adiantou e colocou-se na frente dela, impossibilitando que ela continuasse a se esquivar. — Eu cheguei até aqui e não vou embora sem respostas.

— Eu não sei do que está falando.

— Eu tenho certeza que sabe. Você transformou a minha vida nisso, precisa me dizer como eu faço para que ela volte ao normal.

— Eu não transformei sua vida, você fez isso. Precisa parar de culpar as pessoas pelos seus próprios erros.

Aquilo acertou Clara como se fosse uma flecha em seu peito. Ela perdeu toda a autoconfiança e coragem no mesmo segundo.

— É melhor você contar tudo o que ela quiser saber, ou então, não vai a lugar nenhum. — Luan aproximou-se por trás da velha e cruzou os braços de forma firme.

Era um cruzar de braços que deixava claro que ele era quem não iria a lugar nenhum, porque estava do lado de Clara independente do que estivesse acontecendo. Aquilo devolveu a ela toda a sua coragem inicial.

— Tudo bem. — A senhora assentiu.

CAPÍTULO 45



— Eu não posso falar do cristal. A história é para ser descoberta e não contada. — disse a mulher enquanto girava uma colher dentro da xícara de chá que tinha acabado de fazer.

Ela se aproximou dos dois que estavam sentados em cadeiras à mesa e também tinham suas xícaras nas mãos. Sentou-se na terceira cadeira pacientemente, sob os olhares de Clara e Luan. No meio da superfície de madeira da mesa, estava o cristal, como se fizesse parte da conversa também.

— Eu acredito que já descobrimos o suficiente, afinal, chegamos até aqui. Não é justo chegar tão longe e não descobrir nada. — disse Luan.

— O que vocês gostariam de saber?

— Eu quero voltar à minha vida normal. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara respondeu rápido, sem nem precisar pensar.

— Isso não é tão simples assim.

— Por que, não é? O que eu tenho que fazer? — os olhos azuis estavam atentos aos castanhos daquela senhora estranha.

— Primeiramente, o cristal não é uma bênção, ele é uma maldição. Te dá o direito a um desejo só para poder mexer no seu destino e alterar da forma como quiser. Ele não é o seu brinquedo, você é o brinquedo dele. — a mulher dizia calmamente olhando para Luan e Clara. — A pedra transforma toda a felicidade em sofrimento e desespero e não é só a sua, é a de todos a sua volta, principalmente a das pessoas que você ama.

Clara já sabia daquela informação, por causa do livro de Júlia, mas ainda assim, a confirmação daquilo foi assustadora.

Diante do silêncio de ambos, a senhora prosseguiu com a história.

PERIGOSAS ACHERON

— Não importa o quanto a realização daquele desejo te faça subir, porque a maldição acaba com todo o resto e te leva para baixo novamente. O cristal fará com que você e as pessoas que ama sofram até que desistam de tudo.

— Por que me meteu nisso? — Clara levou as duas mãos ao rosto, deixando escapar um suspiro longo.

— Não é uma escolha minha, nunca é. Eu sou apenas a guardiã do cristal e nem isso foi minha escolha.

— Esse cristal é a única lembrança que tenho de minha mãe. Ela fez algum pedido ao cristal? A senhora sabe algo a respeito, não sabe? — Clara questionou.

— Ela não fez o pedido. Ela sabia que o cristal era mágico, mas não teve tempo. Pobre Rainha Sherlley. — a mulher falou como se lamentasse.

— Como ela faz para se livrar disso? — foi Luan quem perguntou. A paciência dele parecia

estar se esgotando mais rápido que a de Clara.

— Sempre há algo que destrói a maldição. Nenhuma praga é jogada sobre a humanidade sem um antídoto. Mas há uma escolha a se fazer. Você precisa saber quais são as suas prioridades. — A velha falou enquanto bebericava o chá da xícara que segurava.

— Como assim? Que escolha?

Clara olhava para a senhora sem piscar.

— Você tem duas escolhas. A primeira: passar o cristal adiante e acabar com todo sofrimento que vem acontecendo na sua vida e na de quem ama.

Os dois continuavam atentos à velha.

— Ou a segunda: manter o cristal consigo e tentar fazer com que sua vida volte a ser o que era antes do desejo. Sendo que, escolhendo a primeira opção, você não terá sua vida antiga de volta, o cristal passará a pertencer a outra pessoa e você terá que aceitar o destino que tem agora. — A mulher

parou apenas para respirar, mas logo prosseguiu. — E escolhendo a segunda, os problemas e o sofrimento que vem com ele ficarão cada vez piores para todos os envolvidos, até que você resolva tudo e volte ao ponto de onde partiu, se for capaz.

— O que eu tenho que fazer para resolver tudo? Eu quero a minha vida de volta!

Clara bateu com uma das mãos na mesa, derrubando um pouco do chá da xícara de Luan que ainda estava intocado.

— O cristal precisa de estrelas para manter a sua magia viva. E essas estrelas na superfície dele não aparecem por acaso. — A mulher apontou para o cristal. — Elas são almas aprisionadas.

A velha olhava para Clara de forma intensa agora. Aquela era a parte mais importante de toda a revelação.

A frase final fez um arrepio correr pelas costas de Clara, mas Luan contorceu o rosto sem acreditar

PERIGOSAS NACIONAIS

no que a senhora dizia.

Ele não estava acreditando em nenhuma palavra daquela velha.

— Almas aprisionadas? — Luan perguntou encarando a velha.

— O cristal causa sofrimento no intuito de que isso cause tanto desespero que leve à morte e ele possa armazenar mais um dentro de si e ganhar estrelas. — A velha prosseguiu. — Além disso, somente pessoas que tiveram suas vidas alteradas por causa de um desejo que fizeram ao cristal podem tocar nele. Um toque da pessoa errada e a alma estará aprisionada imediatamente.

— Espera. — Clara interrompeu. — Júlia tocou o cristal e nada aconteceu. Tudo bem, ela ficou um pouco doente, mas não tem a alma aprisionada, ela está bem.

— Porque isso não é verdade. — Luan balançou a cabeça negativamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, se a sua amiga encostou no cristal, ela é uma das almas aprisionadas na superfície agora e isso dá forças a maldição.

— Isso é loucura! — Luan elevou a voz. — Você ainda não disse o que ela precisa fazer para reverter tudo isso. — Luan disse novamente, ele não estava mesmo para brincadeiras.

— A única coisa capaz de acabar com a maldição é um sacrifício de coração aberto, feito sem interesses particulares e não precisa vir necessariamente de quem está com o cristal.

A velha ergueu uma das mãos e tocou a superfície gélida da pedra.

— Somente o sacrifício apaga o desejo e transforma a vida no que ela era antes, mas ele precisa ser feito antes que o cristal se torne escuro como uma noite sombria, ou antes que ele tenha feito tanto mal que a pessoa a quem pertence prefira a morte do que continuar a viver do jeito que a vida se encontra.

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo tudo era terrivelmente assustador.

— Você quer dizer que o cristal é quem faz as pessoas se matarem? — Clara perguntou.

Todas aquelas informações eram um pouco demais para sua mente absorver.

— Não é o cristal, Clara. Acredite, quando ele tiver terminado, você vai preferir não viver mais. Está vendo as marcas maiores na superfície? Essas que parecem estelas caindo?

Clara já tinha visto, eram sempre as marcas que ficavam mais evidentes e ela tinha reparado desde o primeiro segundo em que viu o cristal pela primeira vez.

— Sim. — Clara balançou a cabeça positivamente. — São três grandes marcas e outras menores.

— Sim, as três grandes marcas são as marcas dos únicos três sacrifícios que já aconteceram e as menores são todas as mortes causadas pelo cristal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em mais de dois séculos de existência, apenas três pessoas não passaram o cristal adiante e se salvaram da maldição, conseguindo suas vidas de volta.

— Três pessoas em mais de dois séculos. — Clara repetiu, como se precisasse daquilo para ajudar a assimilar o quanto as estatísticas estavam contra ela.

Seu olhar amedrontado virou-se para a esquerda em busca dos olhos de Luan, e assim que ele percebeu que ela estava o olhando, balançou a cabeça negativamente outra vez e chegou sua cadeira mais para perto dela. A mão buscou pela de Clara e Luan a acariciou.

— Não, Clara, isso é loucura. Eu não acredito em nenhuma parte dessa história doentia.

— Eu sei que tudo isso é uma loucura, Luan. Mas não tem motivo para não acreditar. Nós já vimos do que o cristal é capaz e o que acontece se tentarmos nos livrar dele. Você lembra que tivemos os mesmos sonhos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan assentiu com tristeza. Ele apenas não queria acreditar em todo aquele horror.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 46

 **L**uan e Clara caminhavam lado a lado por Isla Vista. A senhora misteriosa que não quis dizer seu nome, tinha dado uma carona aos dois e deixando-os próximos à loja de doces da avó de Miranda. No entanto, a loja já estava fechada e ambos precisavam ir para a casa, já que passava das sete horas da noite.

— Acho que essa foi a experiência mais estranha da minha vida! — Clara exclamou.

— Mesmo depois de você achar que era casada com uma pessoa e depois descobrir que era casada com outra nessa vida e que essa primeira pessoa não se lembrava de você? — Luan perguntou confusamente de propósito.

— Ugh! Por que você faz isso? Eu fiquei mais confusa do que estava antes.

Apesar de todo o pesadelo daquele dia, Clara sorriu daquilo. Ela segurava o cristal em suas mãos, porque pensava sobre a questão das duas opções que tinha. Como o cristal ainda mantinha a mesma cor esbranquiçada e os traços cor-de-rosa, teria mais chances de escolher o caminho certo antes que ele se tornasse escuro, como a velha tinha explicado.

— E então, o que você vai fazer?

— Sobre o cristal? — perguntou e ele assentiu.
— Eu ainda não sei. Estive pensando sobre isso e preciso de um pouco mais de tempo.

— É quase como se você estivesse escolhendo entre mim e ele. — Luan deixou escapar sem querer.

— Você e o Julian? Por que seria assim?

— Porque se você escolher passar o cristal, estará escolhendo a vida em que é casada com ele, mas se quiser ir até o final e ficar com o cristal,

PERIGOSAS NACIONAIS

significa que escolheu a vida em que é casada comigo.

— Luan... Isso vai além de uma escolha entre vocês dois. Tem tanta gente envolvida. Não me coloque nessa posição.

Clara fechou os olhos e suspirou profundamente.

Os dois chegaram na praça principal de Isla Vista e era exatamente ali que sabiam que teriam que se separar. Prosseguiram o caminho até a ponte, mas cada um seguiria para um lado diferente dela, então naturalmente Luan a guiou até o meio e os dois pararam.

— Eu sinto muito por essa decisão estar nas suas mãos, imagino o peso que isso tenha. — Ele virou-se de frente para encarar o cristal e depois ela.

A luz da grande lua sobre suas cabeças iluminava a rua, principalmente quando refletia nas águas cristalinas do rio abaixo da ponte.

PERIGOSAS ACHERON

— Queria não ter que tomar essa decisão, mas eu sei que preciso.

— Se permita pensar mais sobre isso, talvez dormir e acordar antes de se decidir. Deixe para amanhã.

Luan a olhava enquanto as mechas frontais dos cabelos louros de Clara balançavam ao toque da brisa fresca.

— Eu não sei se terá um amanhã, esse é o problema.

Clara devolveu o olhar, deixando que seus olhos se perdessem nos dele, que pareciam brilhar sob a luz da lua.

— Terá um amanhã. Você não lutou tudo isso para que simplesmente esse cristal destruísse o que você tem. — Luan queria passar confiança a ela. — Mesmo quando ele me tirou de você, ainda assim você me trouxe de volta e eu estou aqui. — Segurou a mão da princesa. — Não tem nada que

possa mudar isso, você é o meu destino.

Luan falava segurando as mãos dela.

As coisas que Luan dizia faziam um efeito instantâneo em Clara, as borboletas em seu estômago se reviravam. Ele se aproximou ainda mais e seu rosto estava tão perto que ela podia ver o reflexo da luz da lua na íris dos olhos castanhos de Luan.

— Com você do meu lado, eu lutaria por qualquer coisa. — Clara disse baixo, já perdida em olhares entre os olhos e os lábios de Luan.

— Feliz aniversário! — disse ele com a voz baixa e um sorriso tímido.

Por mais que fosse errado estar apaixonado por outra mulher que não fosse sua esposa, Luan não conseguia evitar. Ele sabia que estava preso à Clara.

— Oh, Deus! Eu preciso voltar para Brookhaven — ela se afastou dando dois passos para trás.

Foi fácil notar o olhar frustrado no rosto de Luan.

— Também preciso voltar à Sunset Valley, antes vou passar na fazenda e buscar meu cavalo.

Clara concordou com a cabeça, ainda afetada pelo que quase havia acontecido.

— Até logo, Luan.

Clara virou-se de costas, pronta para sair dali com a cabeça levemente abaixada, mas Luan a segurou por um dos braços e puxou seu corpo em sua direção, fazendo os corpos chocarem e prendendo o corpo feminino em seu abraço, mas tomando cuidado com a mão que ela ainda segurava o cristal.

Os lábios se tocaram de forma já urgente, iniciando um beijo inteiramente intenso. Uma das mãos dele subiu até a nuca dela e os dedos se enrolaram nos fios de cabelos automaticamente. Saboreavam um ao outro de formas diferentes; para

Clara havia um gosto de saudade e familiaridade, mas para Luan, era a empolgação do novo e o prazer de explorar o desconhecido e proibido.

Ainda assim, havia paixão dentro dos dois. Uma paixão que começou consumindo ambos os corpos e os fazendo queimar por dentro, mas logo estava os deixando até mesmo sem ar.

Foi Luan quem lentamente partiu o beijo. Os dois ofegantes, nem ousaram uma troca de olhar, pois tinham medo de que fossem partir para cima do outro novamente.

— No caso de não haver um amanhã. — Luan disse encarando o belo par de olhos azuis-celestes.

O que chamou a atenção deles, antes mesmo que pudessem se recuperar e Clara tivesse a chance de absorver a frase dita, foi a cor forte que vinha das mãos dela.

O cristal.

O cristal brilhava mais forte do que nunca, mas

PERIGOSAS ACHERON

tinha mudado de cor, tendo agora um tom amarelo sol, com suas marcas laranja na superfície.

As almas aprisionadas.

Parecia uma pedra completamente diferente.

— O cristal mudou de cor! — Clara falou alto, mas obviamente Luan já havia notado aquilo.

— Esconde isso. — Ele sussurrou e ela obedeceu jogando a pedra no fundo da bolsa.

— O cristal mudou de cor quando você me beijou! — Clara o olhava com olhos assustados e surpresos. — Me beije mais uma vez!

— O quê?

— Me beije novamente! Nós precisamos saber se é por causa do beijo.

Mas ela não esperou a resposta ou atitude dele, se aproximou puxando Luan pela camisa de uma vez e juntou seus lábios aos dele, beijando-o com a

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma intensidade de antes, mas com um pouco mais de rapidez. Ainda assim, não deixou de aproveitar a situação.

Quando se separou dele, abriu a bolsa rapidamente, no entanto, o cristal continuava amarelado e com traços laranjas.

— Não! Ele continua da mesma cor.

— Clara, eu preciso ir. Eu preciso mesmo.

Luan não queria ter que deixa-la naquele momento, mas não sabia o que aconteceria ali com ela. Provavelmente não a deixaria ir nunca mais e aquilo o assustava.

— Ah, claro. Precisamos mesmo ir.

Clara precisou conter todas as emoções misturadas que sentia naquele momento, principalmente a frustração por ele estar falando sobre ir embora. A realidade estava lhe acertando novamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Até mais, Luan.

E dessa vez, ela não olhou mais para trás e ele não a puxou de volta. Cada um andou mais devagar do que o necessário na direção de seus respectivos castelos.

Pouco tempo depois, ela girou a chave lentamente na fechadura e em seguida, as mãos trabalharam para fazer o mesmo com a maçaneta. Eram quase oito horas da noite e ela tinha sumido por um dia inteiro, por isso nem conseguia imaginar os problemas que enfrentaria a partir daquele momento.

O castelo estava silencioso, Clara pensou que poderia agir como uma inconsequente e se trancar no quarto sem precisar dar explicações para ninguém, mas a verdade era que não poderia fazer isso, o quarto não era só seu e ia muito além daquilo, nem mesmo a própria vida era somente sua.

Ela dividia tudo aquilo e muito mais com Julian.

O quadro do casal alegre e apaixonado sobre o piano lhe causaram um remorso terrível, uma culpa avassaladora e uma dor no peito que parecia que a mataria.

Tirou os sapatos e atravessou o hall em direção a sala de estar. Quase caiu para trás de susto quando enxergou alguém sentado em uma das poltronas do cômodo escuro.

— Julian?

Ela engoliu a saliva, mas era como se houvesse uma pedra em sua garganta, que desceu rasgando de forma bruta.

— Clara? Você está bem? — ele se ergueu e aproximou-se.

— Julian eu... — quando ela também deu passos para a frente e o rosto dele foi iluminado pela luz do ambiente, Clara pôde perceber que seus olhos estavam vermelhos e inchados.

A partir daquele momento, ela quis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sinceramente morrer.

— Julian, eu sinto muito.

— Não... Está tudo bem. Está tudo bem, meu amor. — Julian disse baixo segurando as mãos de Clara.

— Não chore por minha causa, por favor. — Ela sentia-se tão culpada que as lágrimas de remorso já escorriam pelo seu rosto.

O homem a abraçou, envolvendo os braços fortes ao redor dela e juntando ainda mais ao seu corpo.

— Não estou chorando por sua causa, Clara. — Julian juntou a pouca coragem que tinha naquele momento e resolveu ser o mais direto possível. — É a Júlia. Ela sofreu complicações hoje.

— O quê? — Clara desfez o abraço para olhar para o rosto de Julian.

— Clara, a Júlia está morta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 47

 O céu nublado parecia combinar exatamente com o humor dos presentes no local. Nada que fosse muito além da família da menina, Helena, Luis, Clara, Julian, Miranda, o rei e a rainha de Brookhaven — pais de Julian — e alguns membros da família um pouco mais afastados, mas que moravam perto e quiseram estar presentes.

Todos estavam de pé, em volta do caixão de madeira escura em que Júlia se encontrava deitada. Usava um vestido branco que Julian havia lhe dado de presente, diversas flores cor-de-rosa e brancas estavam ao redor de seu corpo. Parecia estar dormindo, como se descansasse em paz para sempre.

As roupas escuras predominavam e as olheiras nos rostos de quem não havia dormido nem por um segundo durante toda a noite, como Clara e Julian.

Entretanto, ela não chorava mais, era como se não tivesse mais forças, ou lágrimas para derramar. Julian, por sua vez, ainda podia ser visto lamentando a morte da menina que era como se fosse sua irmã mais nova. O príncipe de Brookhaven não sabia o que fazer agora que havia perdido uma parte de sua família. Uma parte muito doce.

A dor era maior do que qualquer coisa que já havia sentido na vida.

Helena estava sendo amparada por seu marido, Luis. Ambos tentavam manter-se firmes, embora fosse quase que impossível. Júlia era a única filha do casal. Uma filha muito doce. Uma filha maravilhosa.

— Eu posso dizer algo?

Clara se ofereceu para falar quando viu que Helena estava chorando descontroladamente e não seria capaz de dizer nada na frente de ninguém.

Para Julian, aquilo foi uma surpresa, já que ela estava falando pouco desde a noite anterior, depois

de uma crise de choro que havia tido.

Clara saiu do lado do marido e juntou-se à Helena, suas mãos seguravam firme as dela e as duas trocaram um rápido olhar de ternura. Helena esperou que o discurso começasse e que fosse algo para ela ouvir, mas Clara virou-se de frente e repousou uma de suas mãos sobre o caixão.

— O seu sorriso lindo não sai da minha cabeça por nada, sabia? Eu queria que ele saísse, mas já fazem mais de doze horas e isso é tudo o que ecoa na minha mente. — As palavras soavam baixas. — Vou me lembrar da melhor risada que já ouvi na vida e toda vez que escutar alguém sorrindo, vai ser a imagem do seu rosto que eu irei ver. Você também tem olhos que eu jamais irei esquecer. — Uma lágrima solitária rolou pelo rosto. — Eu não podia ter deixado você ir embora sem me despedir e dizer que eu amo você. Júlia, você era como uma irmã eu realmente amo você assim como amo Emanuely. E não importa o que acontecer, eu jamais irei esquecer de você. — Sua voz travou, estava chorando novamente.

Clara podia ouvir os soluços baixos de Helena ao seu lado, por isso a olhou e a abraçou.

— Me desculpe. — O pedido de desculpas era como se estivesse tirando um peso de suas costas.

— Uma chama que queimava como a força de uma paixão recém descoberta, estremeceu por um curto período de tempo na noite de ontem e então, apagou-se silenciosa e pacificamente, tornando-se mais uma estrela na imensidão do céu. — O ministro amigo de Julian, que guiava a cerimônia do velório reassumiu o lugar na frente das pessoas. — Agora eu gostaria de pedir alguns poucos minutos de silêncio, para que cada um possa escolher sua memória favorita de Júlia.

Tornando-se mais uma estrela na imensidão do céu.

Mais uma estrela.

Uma estrela.

Aquela era a única frase que ecoava na mente de

PERIGOSAS ACHERON

Clara agora. Júlia havia se tornado uma estrela na superfície do cristal, marcando para sempre o fato de que ela tinha sido morta por causa daquela maldição.

E foi nos braços de Julian que Clara passou todo o restante do velório e do enterro, chorando silenciosamente e tendo os cabelos e as costas acariciadas com carinho e delicadeza, da forma como precisava naquele momento.

À noite, Clara estava deitada na cama de seu quarto, encarando o teto bordado. Uma lágrima escapava pelo canto dos seus olhos, mas ela não se incomodava mais em disfarçar ou secá-las. Estava sozinha e aquela era a pior e a melhor sensação que havia sentido naquela vida infeliz.

Pelo que sabia, Miranda e Julian estavam fazendo companhia à Helena e Luis e relembrando os momentos felizes ao lado de Júlia, porque aquilo se fazia normalmente depois do enterro de um ente querido. Entretanto, Clara não tinha a menor vontade de fazer parte daquele ritual, ela estava exausta e extremamente machucada internamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu peito doía como se lhe tivessem arrancado um pedaço que jamais iria se regenerar e ela estava invadida por uma tristeza que já havia transpassado o nível do desespero, agora era somente uma tristeza vazia acompanhada de um remorso que mais parecia um monstro que a devorava lentamente.

Ela queria ter estado com Júlia uma última vez, mas perdeu a chance de se despedir por causa de toda aquela história com o cristal.

Tinha traído a si mesma e a todos em volta quando tocou naquele maldito cristal e fez um pedido tão fútil, do qual se arrependeria para sempre, até o fim de sua vida. Aquilo trouxe as consequências mais assustadoras e terríveis. Agora ainda tinha que enganar quem estava ao seu lado e fingir que não sabia que tudo aquilo era sua culpa.

Clara não era mais uma criança, precisava erguer a cabeça e lidar com as consequências de seus atos, mesmo quando incluíam a morte de alguém que ela aprendeu a amar em tão pouco tempo.

PERIGOSAS ACHERON

A porta do quarto se abriu, seus olhos encontraram os de Julian, mas ela os desviou rapidamente tomada pela culpa e com medo de ser descoberta.

— Ei, quer comer alguma coisa? — ele aproximou-se da cama enquanto era observado pelos tristes olhos azuis que naquele momento estavam acinzentados.

— Eu não estou com fome. — Clara balançou a cabeça negativamente.

— Tudo bem, quando você estiver, pode descer. Eu só queria que soubesse que estamos todos juntos na sala. Eu sei que você não queria participar de toda essa coisa de relembrar momentos, mas já terminamos e você não descansou nada, pelo que eu posso ver.

Os olhos verdes de Julian analisaram sua esposa.

— Sabe por que eu não queria participar de

PERIGOSAS ACHERON

nada disso? Porque eu não tenho nada para relembrar. — Seus olhos não estavam no marido, estavam em qualquer canto daquele quarto. — Eu não me lembro da minha vida ao lado de Júlia, tudo o que eu lembro é do último mês e do fato de que ela foi tirada de nós e nunca mais irá voltar.

Clara continuava com o mesmo olhar perdido em qualquer canto do quarto que não fosse o rosto de Julian.

— Eu acho que vou deixá-la sozinha. — Julian assentiu tristemente.

— Não, não me deixe sozinha, por favor. — Ergueu-se para sentar na cama.

Julian sentou-se ao lado dela, o silêncio tomou conta do ambiente e Clara deitou a cabeça no colo de Julian. No mesmo segundo, as mãos dele se direcionaram aos cabelos dela, acariciando os fios que estavam presos.

— Eu não sei o que seria de mim sem você ontem e hoje. — Clara olhou para ele, sentindo o

toque dele em seus cabelos.

— Eu prometi que cuidaria de você para sempre. — Julian disse baixo.

— Prometeu?

— Prometi no dia do nosso casamento, há um ano atrás, na frente da nossa família, dos nossos amigos e pessoas queridas. Mas eu não mantenho essa promessa por causa de nenhum deles, mantenho porque eu te amo. Você é a melhor coisa que eu tenho, a melhor parte de mim.

Os olhos dele estavam fixos nos dela.

— Eu não sou nenhum idiota, Clara, sei que nos encontramos em um momento complicado do qual podemos não sair, mas isso não muda como eu me sinto em relação a você. Você será sempre a mulher que eu escolhi para passar o resto da minha vida ao lado.

O fato de Julian assumir que o casamento deles estava em um momento complicado, demonstrava

que ele sabia muito mais do que Clara havia lido, então ela resolveu jogar uma isca e esperar que ele mordesse.

— Sei que Miranda disse alguma coisa sobre mim e queria que você me contasse, porque o que quer que seja, eu quero a oportunidade de explicar.

Julian assentiu.

— Ela me disse que você saiu da loja com Luan ontem de manhã e não tinha voltado desde então.

Não havia como mentir, Julian já sabia grande parte da história.

— Eu saí da loja com Luan ontem de manhã e eu sinto muito, jamais deveria ter feito isso.

— Você não precisa me dizer nada agora, podemos esperar tudo isso passar.

Julian sempre foi compreensivo e sabia que Clara não estava bem. Primeiro o fato de estar desmemoriada. Depois a morte repentina de Júlia.

Tudo aquilo estava sendo difícil.

— Não é justo, Julian. — Ela ergueu os olhos, fitando o rosto bonito do marido. — Eu beijei Luan ontem à noite. Não posso mais mentir para você, me desculpe.

Clara confessou de uma vez antes que não tivesse mais coragem.

Julian não merecia ser enganado.

CAPÍTULO 48

 **A** revelação perfurou o peito de Julian como uma espada afiada sendo empurrada de uma vez com toda força.

— Você o beijou?

Sentia como se alguém estivesse apertando seu coração entre os dedos, esmagando sem piedade.

— Ele me beijou e eu retribuí. — Clara confessou com pesar.

— Por que está fazendo isso comigo hoje?

Julian ergueu-se da cama. Não podia continuar ouvindo aquelas coisas naquele dia já bastante infeliz. Tinha acabado de perder Júlia e ainda não tinha se recuperado daquilo.

— Eu não posso mais mentir.

— Eu não quero ouvir suas verdades agora. — Ele se apoiou na parede, sentia que todas aquelas coisas estavam o matando aos poucos.

— Não importa Julian, eu preciso dizer. — Clara também se colocou de pé e caminhou até onde ele estava. — É verdade, por mais que você se lembre de uma vida inteira do meu lado e me ame por isso, eu não me lembro de nada que vivi com você antes desse último mês que passamos juntos.

As lágrimas já queriam aparecer.

— Antes do dia que vi você no jardim depois de ter chegado aqui com Miranda, eu não fazia ideia de quem você era, eu não me lembro de nada, essa é a verdade. — Estava despejando toda a verdade sobre ele. — Para mim é como se nunca tivéssemos um passado ou até mesmo um presente. Como eu poderia enxergar um futuro desse jeito? É muito difícil para mim e isso tem sido uma loucura.

— Também já havia percebido isso, não sou

nenhum tolo. Era óbvio, desde o início que você não se lembrava de nada sobre mim.

— Mas tem uma coisa óbvia que você não percebeu, Julian.

— O que eu não percebi? — ele franziu o cenho.

— Eu realmente não lembro de nada, não faço ideia do que está escondido no nosso passado ou que tipo de futuro poderíamos ter, mas ainda assim, estou completamente apaixonada por você. — Os olhos azuis estavam nos verdes de Julian. — Você fez com que eu me apaixonasse por você novamente e isso é assustador.

Ao ouvir aquilo, Julian virou-se de frente para Clara. Encarou seus olhos azuis-celestes e tudo o que ele conseguiu foi apertar o passo em direção a ela, agarrá-la pela cintura com firmeza e beijá-la urgentemente.

Descontou toda sua frustração e descontentamento com aquela história que envolvia

Luan na intensidade que colocava naquele beijo.

Julian beijou Clara como se fosse a primeira vez e ao mesmo tempo, como se também pudesse ser a última. E Clara retribuiu da mesma forma.

Não demorou muito para que o beijo se transformasse em algo mais quente e ele a conduziu para a cama.

— Eu quero ficar com você, quero que possamos superar tudo isso juntos. — Clara confessou após romper o beijo.

— Iremos superar se estivermos juntos.

Eles entrelaçaram as duas mãos como se aquilo selasse a promessa que haviam acabado de fazer.

— Sim, mas antes de qualquer coisa, tem algo mais que você precisa saber...

— Eu terei todo o tempo do mundo para lhe ouvir, meu amor. Mas antes eu preciso ter você inteiramente. — Julian confessou olhando para o rosto corado da esposa. — Eu não aguento mais

tudo isso, preciso de você.

Julian mantinha os olhos nos dela e por mais que Clara quisesse contar toda a história, já estava envolvida demais.

Daria a Julian tudo o que ele quisesse.

A boca de Julian encontrou a de Clara em um beijo calmo e delicado que continha em seu interior seus desejos mais profundos. Suas línguas travavam uma batalha perfeitamente sincronizada e seus corpos seguiam o ritmo a cada movimento.

Clara tinha sua mão na nuca de Julian dando apoio ao beijo, enquanto ele tinha suas mãos na cintura dela puxando-a para si. O beijo calmo estava se tornando algo novo, cheio de luxúria e prazer, ambos pareciam não querer parar.

Clara estremeceu quando a boca do marido saiu de seus lábios para seu pescoço, depositando beijos e às vezes mordendo de leve o local.

Os dois estavam tão envolvidos naquele

PERIGOSAS ACHERON

momento que até se esqueceram de todos os problemas, pois naquele exato momento eram os dois ali e nada mais.

Julian se afastou por alguns segundos, então com suas mãos livres, começou a tirar sua roupa lentamente para provocar Clara; logo ele a retirou e jogou para um lado qualquer voltando a beijar o pescoço dela, causando-lhe arrepios.

Com um movimento rápido, Julian começou a despir Clara de suas roupas, em seguida voltou a beijá-la e acariciar cada parte nua do corpo dela. E então, ele começou a traçar uma trilha de beijos pela barriga da mulher, que a cada beijo se contorcia.

Era estranho para Clara estar nua na frente de Julian, mas pela primeira vez não estava com medo, pelo contrário, ela queria estar ali mais do que tudo. Ela queria o corpo de Julian contra o seu.

Julian introduziu um de seus dedos cuidadosamente na entrada dela, afim de preparar seu corpo. Clara suspirou e Julian a beijou para

acalma-la.

Depois que o corpo dela não mostrava mais nenhuma resistência, Julian finalmente abandonou as preliminares e a penetrou, deixando-a se acostumar com a sensação.

Logo os corpos tomaram seu ritmo dando espaço para o prazer absoluto. Os dois continuaram a se olhar enquanto aos poucos Julian começava a se movimentar de forma precisa. Aos poucos ele começou a acelerar seus movimentos, arrancando gemidos baixos de Clara. Voltaram a se beijar enquanto aumentava a velocidade e a força dos movimentos causando mais arrepios e gemidos.

Era nostálgico para Julian estar ali com Clara, sentir seu corpo contra o dela, sentir seu corpo quente e seu cabelo molhado de suor, se sentir tão próximo dela, de pertencer a alguém assim como ele a pertencia.

E assim, os dois juntos se desmancharam de tanto prazer e Julian deitou ao lado de Clara ofegante. Ele a olhou completamente satisfeito, ela

estampava um sorriso em seus lábios e uma lágrima escorria de seus olhos.

— Eu quero ficar com você. — Julian disse entrelaçando sua mão esquerda à dela, onde as alianças brilhavam em seus dedos.

Clara sorriu fechando os olhos. Precisava agora contar toda a verdade a ele. Não podia mais omitir nada de seu marido.

E ela contou.

— Então isso seria como uma vida paralela? Mas como? Eu não conheço nenhuma outra vida, essa foi a única que eu vivi desde o começo, como pode existir outra?

Julian estava confuso, se perguntando uma infinidade de coisas que passava por sua cabeça, quase o deixando louco.

— Eu não tenho certeza de como responder essa pergunta, mas acho que essa vida não existia até o momento que declarei meu desejo ao cristal e

então, passou a existir no lugar da vida que tínhamos antes. — Ela tentou explicar. — Não faz sentido, eu sei, mas nada faz sentido nesta história, vai contra a tudo o que acreditávamos.

Estava com a cabeça apoiada no peito nu de Julian e ele a envolvia em seus braços. Os dois conversavam tranquilamente com apenas um lençol os cobrindo da cintura para baixo. Clara havia lhe contado toda a história do cristal.

— É como se fossem duas vidas diferentes e nós estivéssemos vivendo elas simultaneamente ou como se fosse uma vida só que se transforma de acordo com os pedidos que fazem ao cristal? — Julian perguntou.

— Eu não tenho ideia, mas acho que a segunda opção é a mais provável. — Clara respondeu.

— Mas onde está o cristal? Você fez um pedido e ele lhe trouxe aqui? Então quem era a mulher com quem eu estava vivendo toda a minha vida, se ela não era você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho que era eu, mas uma outra versão de mim, a pessoa que eu seria se tivesse vivido essa vida, sabe?

Clara ergueu-se da cama onde os dois estavam deitados e caminhou até o armário. Abriu a última gaveta e tirou o cristal, que estava enrolado em várias roupas.

— As coisas que fazemos e vivemos nos transformam em quem nós somos, a mulher que era casada com você, apesar de ser eu, não viveu as coisas que eu vivi na outra vida, por isso, mesmo sendo a mesma pessoa, somos diferentes.

A pedra não estava brilhando, não dava nenhum sinal de vida, mas continuava amarela como o sol, com suas estrelas laranjas em toda a superfície.

Grandes e pequenas. Mortes e sacrifícios.

— Então agora você precisa decidir se passa adiante ou se você fica com ele e tenta a sua vida de volta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já me decidi.

Clara tinha tomado sua decisão depois de toda aquela confusão.

— Vou amanhã até àquela velha misteriosa e passarei o cristal adiante. Não quero mais que ninguém morra por causa disso. Não tenho o direito de prejudicar mais ninguém para voltar a ser o que eu era. E além disso, eu te fiz uma promessa antes de contar toda essa história.

— Você irá mesmo desistir da vida que tinha e ficar aqui comigo? — Julian perguntou surpreso.

— Eu quero muito tentar. Sei que não tenho sido a melhor pessoa do mundo, mas é por causa de tudo isso que eu te contei e porque a minha cabeça anda uma bagunça. Mas eu vou ficar bem e vamos superar isso.

— Vamos superar isso. — Julian repetiu e fez menção de abraça-la, mas Clara se afastou rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, você não pode encostar no cristal. Ele matou Júlia. — o nome saiu baixo e arrastado, quase ficou preso na garganta.

Clara afastou-se para colocar o cristal no lugar e fechar a gaveta do armário, voltou a se erguer e fez seu caminho de volta para a cama, se aconchegando no colo de Julian. Ele a envolveu enquanto tinha um braço nas costas dela e o outro subia e descia por uma das pernas dela.

— Não posso perder você também.

A frase saiu automaticamente de sua boca, mas o pensamento estava longe.

Clara pensava em Luan e em como já podia considerá-lo mais uma de suas perdas recentes. Aquilo fez com que ela suspirasse. Não era só a falta de interação romântica com Luan que iria fazer falta, até mesmo os dias simples em que ele costumava aparecer de surpresa na loja de doces deixariam uma saudade destrutiva.

Por mais que de fato um dia ele voltasse a aparecer, ela tinha feito sua escolha e agora estava

PERIGOSAS NACIONAIS

mais do que nunca comprometida com Julian.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 49



— Julian?

A voz de Miranda veio do outro lado da porta, junto com uma batida fraca, atrapalhando os pensamentos de Clara.

— Sim, Miranda.

Ele respondeu imediatamente, mas não fez nenhuma menção de se mover para levantar. A maçaneta da porta girou, mas ela não se abriu.

— Estão trancados? O que aconteceu? Clara está acordada?

— Sim, eu estou e estamos trancados sim. Qual é o problema? Estou com meu marido. — Clara respondeu de forma ríspida.

Tinha acabado de lembrar o quanto a amiga

PERIGOSAS ACHERON

havia lhe decepcionado por contar seus segredos quando devia guarda-los.

— Eu só queria saber se você estava bem.

Era mentira, na verdade Miranda quis checar se as palavras que tinha deixado escapar no dia anterior tinham feito estragos.

Sua intenção foi acabar com o casamento da amiga.

— Tudo bem, então vocês dois poderiam se juntar à mesa de jantar.

— É uma ótima ideia... — Julian falou.

— Não vamos descer agora. Vamos ficar aqui.
— Clara respondeu.

— Tudo bem, então vejo vocês depois.

Miranda afastou-se da porta. Não havia dúvidas de que Clara sabia de seu deslize com as palavras. Teria que ter uma conversa com ela quando as

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas estivessem melhores e explicar tudo. Talvez fosse a hora de confessar seus verdadeiros motivos.

— Vocês duas deviam conversar. — disse Julian enquanto acariciava os cabelos da esposa.

— Não fala nada, só fica aqui comigo. — Clara ergueu o rosto e seus lábios tocaram os dele.

Exploraram um ao outro sem pressa, deixando o sentimento os invadir por dentro e no caso de Julian, transbordar.

Clara não pensava no cristal, no sofrimento ou nas suas perdas, só pensava em Julian.

— Eu te amo tanto. — Ele disse baixo quando partiu o beijo, mas os lábios tocaram os dela ao falar, de tão perto que ainda estavam. — Eu sei que tem muita coisa na sua cabeça, mas confie em mim, tudo ficará bem.

— Eu não sei se tudo ficará bem, mas confio em você.

PERIGOSAS ACHERON

O coração dela se aqueceu e fechou os olhos enquanto ele a abraçava. Sentia-se bem com o calor que os envolvia.

Julian acariciava o braço dela, estavam deitados com as pernas entrelaçadas e então, Clara virou encarando os olhos verdes quase azulados à sua frente. Se perdeu entre os olhos e a boca rosada de Julian. Ele puxou o corpo esguio dela para si colando seus lábios e corpos.

Agora Clara estava por cima dele, Julian abraçava sua cintura com uma das mãos e com a outra explorava o quadril dela. Ambos cheios de vontade. Julian esticou sua mão, ajeitando seu corpo para que pudesse penetrá-la.

Clara sorriu enquanto o recebia e voltaram a se beijar enquanto ela se movia sobre ele. Depois de um longo tempo, quando finalmente atingiram o limite do prazer, Clara fechou os olhos enquanto Julian a abraçava por trás. O sono bateu bruscamente, parecendo os derrubar de uma vez.

Na manhã seguinte, Clara virou o corpo devagar na cama, esperando que fosse encostar em Julian,

mas estava sozinha, ele já havia levantado. A princesa esfregou os olhos, a claridade passava pela janela e iluminava o quarto, mas não haviam raios de sol que fossem aparentes.

A primeira coisa que fez, foi andar até a janela ao lado da cama para olhar o céu, que estava cinza e cheio de nuvens. As copas das árvores se esvoaçavam ao vento, tudo indicava que um temporal estava se aproximando da costa de Brookhaven e chegaria ali em poucas horas.

Ao caminhar de volta para a cama novamente, percebeu algo que não tinha visto antes. Sobre a mesa ao lado da cama, havia uma rosa branca, com todos os espinhos devidamente removidos do caule. Seus lábios curvaram-se em um singelo sorriso no mesmo segundo, principalmente quando ela notou o bilhete embaixo da flor.

"Desculpe por não lhe acordar, mas você estava dormindo como um anjo. Tive que sair mais cedo para uma reunião com meu pai, mas estarei de volta assim que terminar, porque quero passar o resto do dia com você. Espero que goste da flor, é

*do nosso jardim. Eu te amo.
Julian."*

Nem mesmo o céu cinza e o frio que devia estar fazendo lá fora poderiam mudar a chama que estava acesa no coração de Clara aquela manhã. Uma chama dizia que as coisas estariam no lugar muito em breve, mesmo que fosse em lugares diferentes de antes.

Clara tomou um longo banho, vestiu-se com a ajuda de sua serva que também penteou seus cabelos. Iria pegar o cristal e voltar no castelo à beira do rio para entregá-lo à senhora misteriosa. Tirou a pedra do esconderijo e a deixou sobre a cama junto com a bolsa que planejava levar consigo.

Quando alguém bateu na porta, ela se distraiu o que estava fazendo e virou-se para abri-la, mas já imaginava quem era.

— A porta está aberta, Miranda. — disse voltando a virar na direção do espelho para colocar os brincos.

E a porta se abriu.

— Clara?

Ela virou quando não reconheceu o tom de voz e só quando olhou para o rosto, foi que percebeu que era Joseph Cavallier. Seu sogro era quem estava parado próximo a entrada do cômodo.

— Majestade, o que está fazendo aqui? Julian não está, aliás, ele era para estar com o senhor, não?

Assim que terminou de falar, ela lembrou que aquela era uma péssima hora para ter companhia, pois o cristal estava à vista, bem em cima da cama. Talvez ele pudesse passar por uma joia qualquer.

— Clara, eu preciso que me dê o cristal.

Foi a exata frase que saiu da boca do rei de Brookhaven enquanto ele entrava no quarto e fechava a porta atrás de si.

— O quê?

Uma mistura de pânico com desespero estava estampada no rosto de Clara.

— Eu preciso dele! Julian me contou toda a história e ele disse que você vai passá-lo para outra pessoa. Por favor, passe para mim, eu preciso dele! — a voz de rei Joseph estava trêmula como se ele estivesse nervoso.

— Isso não é uma coisa boa, ele só destrói. O Julian não devia ter dito nada... O cristal é uma maldição!

— Ele também me contou essa parte, mas eu não me importo, só preciso fazer um pedido e depois eu passo adiante. Por favor, me dê o cristal. Eu não quero ter que machucar você.

O senhor de cabelos grisalhos deu passos adiante, mas Clara se colocou na frente da pedra, escondendo-a com seu corpo.

— Me machucar? Se tocar no cristal, ele é quem

PERIGOSAS NACIONAIS

irá lhe machucar, majestade.

Agora definitivamente tinha mais medo do que qualquer outra emoção dentro de si.

— Por favor, saia da frente, Clara. — Joseph a segurou por um dos braços.

Antes que pudesse dizer algo, Clara cambaleou para o lado, mas o empurrão não havia sido suficiente para derrubá-la e aparentemente, machuca-la não era a intenção do rei, apenas o cristal ainda era seu objetivo.

Ele deu um passo à frente e agarrou a pedra com uma das mãos.

Imediatamente, um brilho forte de cor laranja quase cegou os dois, imediatamente o cristal começou a pegar fogo.

A chama forte e revoltosa passou rapidamente para o corpo de Joseph, se espalhando de forma assustadora e rápida. Subiu pelo braço até o tronco e depois desceu pelas pernas.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus!

Foram muitos segundos até que Clara vencesse o choque em que se encontrava e pensasse em fazer alguma coisa.

Ela agarrou a colcha da cama e jogou sobre o corpo em chamas, tentando conter o fogaréu. Rei Joseph gritava desesperadamente e um cheiro de carne queimada começou a dominar o ambiente. Não estava mudando nada, o fogo não se apagava, mas também não se expandia para nada em volta, nem a cama ou o tapete, era somente rei Joseph quem queimava junto com o cristal.

Não era um fogo comum, era a maldição.

E de repente, exatamente da mesma forma como tinha começado, a chama se apagou, sumindo de uma vez só, como se fosse uma vela sendo soprada. Joseph caiu no chão, mas não parecia mais o mesmo. A pele estava tão queimada que apresentava manchas pretas e vermelhas, nada mais era da cor de antes. Os dedos estavam contorcidos como se tivessem derretido e Clara não teve

coragem de olhar para o rosto dele. O homem estava encolhido no chão gemendo de dor e ainda vivo, mas ela não tinha ideia do que fazer, pois jamais poderia explicar aquela história para alguém.

Como sua última e única opção, ordenou que os guardas do castelo fossem chamar Julian.

CAPÍTULO 50


Clara estava de pé na sala e abraçava Helena, que parecia desolada com o acontecido, mesmo que ela não tivesse visto nem metade das cenas que jamais sairiam da mente de Clara. Julian havia chegado e pediu que um dos guardas fossem avisar sua mãe.

— Julian, nós precisamos conversar.

— Clara, eu preciso chamar um médico.

— Nós precisamos conversar agora!

Helena enxugou seu rosto e desfez o abraço, saindo rapidamente do cômodo depois de sussurrar "com licença".

— Eu já sei o que você vai dizer, mas não é hora de conversamos sobre isso. Eu contei porque precisava desabafar com alguém sobre toda essa

loucura. — Julian começou a se explicar antes que ela o acusasse.

— É hora de conversamos sobre isso sim. Eu me abri para você, contei toda a história que dividi com poucas pessoas, deixei claro todos os absurdos que vinham com a maldição e que tinha omitido tudo isso de você justamente porque era perigoso e a primeira coisa que você faz, antes mesmo de eu acordar no dia seguinte, é contar para outra pessoa. Onde você estava com a cabeça?

— Ele é meu pai, eu estava ficando louco com todas aquelas informações, precisava colocar para fora e achei que não teria problema, porque confio nele. — Julian desabafou.

— Eu confiei em você! E olha só no que deu! Ele veio atrás de mim para pegar o cristal feito um louco ganancioso. Poderia ter me matado, mas acabou se matando. — Os nervos estavam à flor da pele, as vozes continuavam altas, principalmente a de Clara.

— Ele não vai morrer, ficará tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele vai morrer! Acorda! — Clara passou as mãos nervosamente pelos cabelos. — Parece que você não prestou atenção em nada do que falei pra você. Todos que tocam no maldito cristal morrem. Não tem escapatória. E quando ele morrer, a culpa será sua!

Clara estava tão nervosa que já gritava e falava as coisas antes de pensar.

Julian ficou sem saber o que responder diante daquilo.

— Clara... É o meu pai.

Aquela frase final a atingiu feito uma onda gelada. Realmente, era o pai dele quem morreria e Clara estava sendo absurdamente fria quanto àquilo, mas estava nervosa e fora de si, se é que servia como desculpa.

— Eu preciso sair daqui. — Ela disse virando-se e indo em direção às escadas. Precisava sair antes que o machucasse mais.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — Julian a seguiu pelos degraus e os dois entraram no quarto ao fim do corredor.

— Sair daqui. Eu preciso de um tempo.

Clara pegou a bolsa que já havia separado, colocou o cristal dentro e as primeiras roupas que encontrou dentro do armário.

— Você está me deixando? — Julian observava desacreditado.

— Eu disse que preciso de um tempo. — Jogou mais algumas coisas essenciais dentro da bolsa e a pendurou no ombro.

— Clara, por favor, vamos conversar direito sobre isso. — Ele disse enquanto ela atravessava o corredor novamente, mas não ousava encostar nela.

— Julian! Eu disse que estou indo embora, pare de me seguir!

Trocaram um olhar rápido e ambos tinham lágrimas nos olhos, por mais que no caso dela,

fossem de raiva.

— Por favor, me deixe ir.

E com aquilo dito, Clara virou e desceu os degraus que faltavam. Julian não a seguiu mais. Ela abriu a porta e sem olhar para trás e bateu atrás de si com força, raiva, com o coração partido e com a certeza de que tinha partido outro.

O céu estava tão embaçado por causa da chuva torrencial quanto os olhos de Clara devido às lágrimas que insistiam em acumular-se nas pálpebras. Estava cavalgando há horas, seguindo aquele caminho estranho por uma estradinha no meio da floresta de Isla Vista. Seu objetivo era encontrar o rio que cortava aquela região e assim, segui-lo até o final para atravessar a árvore derrubada e chegar à Estrela Cadente.

Precisava devolver aquele cristal, entregá-lo à senhora misteriosa e nunca mais tocar naquela história louca. Não importava se não tinha mais Julian ao seu lado, ela tinha que ir com aquilo até o final.

O problema é que não encontrava o rio em lugar nenhum e não tinha muita certeza de onde estava, poderia se encontrar em um local totalmente oposto onde precisava ir e jamais saberia. A floresta para ela era toda igual, o mapa não funcionava em um dia como aquele, sem a luz do sol e Clara não tinha certeza se conseguiria ler com a mesma precisão que Luan havia feito.

Agora já fazia dois dias que Clara não tinha nenhum tipo de notícia de Luan. Ela achava que ele estava sendo frio e injusto depois do que os dois tinham vivido sobre a ponte principal de Isla Vista. Ela também não foi muito justa, devido às últimas horas que havia passado com Julian e o desejo que tinha de realmente assumir um compromisso com alguém que não fosse Luan, mas ainda assim, saber que ele deveria estar com Scarlett ao invés dela, a machucava muito. Não exatamente pelos momentos vividos ali naquela vida, mas por todos os momentos vividos na outra.

Por outro lado, estava sim apaixonada por Julian, pelo jeito carinhoso que ele tinha, pelos

cuidados, pela sua personalidade protetora e amável, pela forma como se sentia amada e segura nos braços dele, no entanto, havia sido outro a machucá-la antes de pensar sobre isso. Provavelmente ele não teve essa intenção, mas ainda assim, era coisa demais para que Clara pudesse suportar no momento.

De repente, sentiu algo ruim como uma premonição e simplesmente fez a curva, dessa vez cavalgando na direção contrária.

Foram mais algumas horas cavalgando às cegas em meio à tempestade, até que Clara finalmente se encontrasse em uma estrada conhecida. Era início da tarde, mas o céu estava negro como se já fosse quase noite. A chuva não dava trégua e Clara se perguntava muitas vezes para onde deveria ir, só havia um lugar onde não se sentiria envergonhada ou teria que explicar uma história terrível sobre o fim de seu casamento.

Quando parou o cavalo de frente para a grande porteira da entrada da fazenda, foi o caseiro que também era antigo dono da propriedade quem a

recebeu.

— Greg! Eu posso entrar? — ela gritou para que ele ouvisse.

Tinha estado com o caseiro quase todas as vezes em que esteve na fazenda, inclusive almoçou com a família dele na primeira vez que esteve lá junto com Luan.

— Alteza, o príncipe Luan não está aqui. — disse ele.

— Eu sei, Greg.

E sabia mesmo. Achava até melhor que ele não estivesse, era exatamente por isso que tinha escolhido aquele lugar, não teria ninguém ali para enche-la de questionamentos.

— Fiquei perdida na floresta no meio do temporal, como estava aqui perto, achei que talvez pudesse entrar e tomar um banho, por um segundo.

Mentiu, mas foi completamente convincente.

Greg a olhou pensativo, observando enquanto ela ficava cada vez mais encharcada sob a chuva.

— Claro, entre. Eu irei abrir as duas porteiros para vossa alteza. — Sorriu simpático.

Clara sorriu em agradecimento, seguiu direto pela estrada de terra entre os dois pastos verdes e fez a curva no lago, indo em direção à casa no alto da colina.

— O príncipe Luan deve estar chegando por aqui amanhã, segundo a última notícia que tive dele. Se vossa alteza quiser ficar até a tempestade passar, acredito que não tenha problema.

— Muito obrigada, Greg.

O caseiro a entregou a chave da casa, mas a porta já tinha sido aberta por ele.

— Qualquer coisa, minha esposa e eu estamos na casa próxima ao lago.

— Obrigada.

Ela resolveu que tomaria mesmo um banho, por precaução carregou a bolsa que continha suas coisas e o cristal consigo para dentro do banheiro. Não demorou muito, logo estava limpa e seca. Tinha a estranha sensação de estar em um ambiente familiar, mesmo que na realidade não fosse assim, mas achava que era devido ao fato de ainda considerar as coisas de Luan como suas também.

Subiu para o quarto, deitou-se na cama confortável e pegou no sono em menos poucos minutos até ouvir alguém chamando.

— Clara?

Ouviu alguém chamar sua voz e logo abriu os olhos sonolentos.

Não enxergou muito, o quarto estava escuro e só sabia que havia alguém ali porque a mão gelada tocava seu rosto. Aos poucos, quando seus olhos foram se acostumando com a escuridão, ela reconheceu o rosto que a olhava.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 51



— **L**uan? O que está fazendo aqui? —
perguntou ligeiramente confusa e
ainda dominada pelo sono.

— Greg mandou me avisar que você estava
aqui. Queria falar comigo?

Clara ergueu-se da cama, estava acordando
lentamente e lembrando-se de tudo o que estava
acontecendo e tudo o que já havia acontecido
também.

— Me desculpe por não ter lhe procurado mais.
Era o seu aniversário, você deve ter chegado em
Brookhaven e ter ficado com Julian...

— Eu cheguei e descobri que Júlia estava morta.

— O quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Júlia está morta. Ela ter encostado no cristal aquele dia foi um erro. Toda essa história é um erro, é uma maldição e ninguém deveria estar envolvido nela além de mim.

— Eu sinto muito.

Luan estava surpreso e triste.

— Eu saí do castelo, muitas coisas aconteceram nesses dias em que você sumiu e você não estava nem aqui para ouvir. — Não queria chorar na frente de Luan enquanto falava de Júlia.

— Eu sinto muito mesmo. Queria ter ficado, mas fiquei muito confuso. — Luan estava sendo sincero. — Você se lembra do que aconteceu na vida passada, mas precisa entender que a única vida da qual me lembro é essa, e Scarlett é a única mulher com quem me lembro de ser casado. Não é fácil assumir que estou aqui porque estou apaixonado por outra mulher, me sinto horrível, traidor, desleal e esses não são os adjetivos que quero usar para me descrever.

PERIGOSAS ACHERON

O que ele dizia era completamente compreensível. Luan se sentia mal porque achava que estava traindo e possivelmente no futuro, machucando alguém que ele tinha feito promessas e com quem tinha construído planos.

O que ele não sabia era que Scarlett ocupava um lugar na frente na fila da infidelidade.

Ainda assim, Clara não queria ter que dizer nada, se ele escolhesse ficar com ela, então jamais saberia de sua boca.

— É compreensível, Luan. Eu não posso ficar aqui te cobrando por uma coisa que não é justa. Tudo isso aqui é erro meu, eu não posso esperar que você cumpra as promessas que fez na outra vida.

Ela ergueu-se da cama começando a arrumar as coisas que tinha na bolsa.

— Mas eu também não posso mais aguentar tudo isso sozinha, não dá para esperar uma vitória quando você desistiu de tudo, porque se você

desistiu, o que devo fazer? Eu nunca mais irei voltar a ter a vida que eu tinha se você não estiver do meu lado. — Ela começou a descer a escada.

— Espera!

Luan gritou e saiu atrás dela parando de frente para a porta que dava para a saída.

— Clara, me escuta. — Ele a segurou pelo braço assim que a alcançou, impedindo que Clara saísse. — Eu nunca disse que tinha desistido de nada, eu apenas disse que fiquei confuso e assustado com toda essa história. Porém mesmo assustado eu voltei. Eu estou aqui, não estou? Você não pode me julgar tanto assim, também já cometeu seus erros. — Luan bloqueava a passagem para que Clara não fosse embora. — E não importa, porque amar alguém não é ter sempre certeza de tudo, é se permitir errar, mas ser perdoado e saber perdoar também. Por favor, saiba perdoar. Não vá ser a primeira a desistir.

Luan praticamente implorou, disse tudo em alto e bom som sem parar nem para respirar. Olhava

nos olhos de Clara e esperava uma resposta.

— Eu não estou desistindo de nós.

Clara tinha acabado de se dar conta daquilo, toda a sua vontade de entregar o cristal à velha e acabar com suas chances de voltar a vida anterior haviam sido banidas com aquele discurso.

Por mais que Luan ainda segurasse os braços de Clara, foi ela quem deu o primeiro passo para frente e colou seu corpo ao dele, apoiando uma das mãos na nuca dele e puxando para inclinar-se e beijá-la.

Luan virou-se e começou a carregar Clara de volta para dentro da casa. Fechou a porta com um dos pés enquanto ainda beijava a mulher com a mesma intensidade. Não estava pensando em nada que não fosse ela, os lábios dela, o corpo dela e o cheiro do perfume que ela usava.

Clara sentiu que ele estava colocando-a sentada e abriu os olhos para reconhecer o ambiente. Estava apoiada sobre a mesa da sala e Luan estava

encaixado entre as pernas dela, com o corpo colado ao seu. Os lábios dele desceram pelo pescoço dela, continuou seu caminho e com os dentes desceu as mangas do vestido que ela usava.

Luan voltou a erguer o rosto e a envolver os braços fortes na cintura de Clara, levantando-a da bancada da cozinha e levando-a em direção à sala. Não haviam muitos lugares que pudessem ser usados por ali, então nenhum dos dois se importou em usar o tapete na frente da lareira, que os mantinha aquecidos. Luan deitou o corpo de Clara primeiro e depois veio com o seu por cima dela. Deixou um beijo em seus lábios, mas os dele estavam completamente interessados em explorá-la por inteiro, como se estivessem famintos. Tirou o vestido que ela usava e em seguida a sua própria camisa e Clara aproveitou para deslizar os dedos pelo peitoral nu e observar cada centímetro dele.

As roupas de baixo não demoraram muito, foram arrancadas e jogadas mais adiante com o resto das roupas e ela conseguiu um ângulo perfeito para abrir a calça dele. Depois daquilo, Luan desceu com os lábios pelo ventre dela, fazendo um

caminho lento e provocativo até chegar onde a pele atingia uma coloração rosada. Luan mantinha seus olhos nela, enquanto deslizava pelas curvas do corpo de Clara e criava uma cena sensual que o deixou ainda mais excitado.

Seus lábios tocaram a parte interior das coxas e seguiram a mesma linha de beijos e leves mordidas, mas aos poucos, ele subiu até que o rosto estivesse perfeitamente encaixado entre as pernas de Clara e a língua pudesse explorar sua intimidade sem receio ou pudor. Brincou por alguns segundos daquela forma, mas logo estava chupando, fazendo com que Clara contorcesse o corpo e deixasse escapar um gemido mais alto enquanto tentava dizer o nome dele entre um suspiro e outro.

Assim que Luan percebeu que ela estava molhada o suficiente e perto de não aguentar mais, ele afastou o rosto, voltando com seu corpo sobre o dela enquanto dobrava os joelhos de Clara e apoiava parcialmente o peso sobre eles.

Posicionou seu precioso na entrada da intimidade dela e com uma investida rápida, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

penetrou um pouco e depois escorregou todo para dentro, até o fim. Luan suspirou e ela não conteve seu gemido escandaloso. Em seguida, os corpos começaram a mover-se de forma conjunta, um pressionando o outro, se completando, até que Clara empurrou Luan para o lado e o fez deitar sobre o tapete, invertendo as posições, para que ela ficasse por cima, sentada sobre ele.

Os dois trocaram um sorriso e um olhar malicioso. Clara começou a mover os quadris, iniciando com movimentos lentos e circulares, mas que logo se transformaram em cavalgadas ligeiras e descontroladas. Luan agarrou os dois seios dela e os massageou enquanto ela pulava em seu colo e levava os dois ao delírio.

E foram mais alguns longos segundos de investidas, quando os dois atingiram o ápice, o corpo de Clara caiu cansado sobre o de Luan. As peles cobertas de suor, as respirações descontroladas e os corações disparados não escondiam que aquela havia sido uma noite intensa, mas a verdade é que estava apenas começando.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor, fique.

Luan afastou uma mecha de cabelo da frente do rosto dela e seus lábios beijaram o queixo de Clara.

— Quem foi que disse que eu quero estar em algum outro lugar que não seja bem aqui?

CAPÍTULO 52

 **H**avia alguns minutos que já estavam acordados. Clara foi a primeira a despertar, mas os dois estavam tão entrelaçados que um simples movimento fez com que Luan abrisse os olhos e procurasse pela fonte de agitação no lençol. Ainda estavam deitados na cama, com um grande cobertor jogado sobre os corpos devido àquela manhã fria de outono e ele a abraçava por trás, com o rosto escondido nos cabelos dela.

Para Clara, não havia nada de estranho naquela forma de acordar. Ter Luan ao seu lado era como estar no lugar certo. Por um segundo, ela achou que tinha voltado à sua vida antiga, que Luan era seu outra vez. Mas reconhecer a casa da fazenda onde estava havia esmagado suas esperanças. Entretanto, por mais que a maldição não tivesse sido vencida, ainda assim algo dentro de si esperava que ele tivesse de fato voltado a pertence-la.

— Suas mãos estão frias. Quer que eu feche a porta da varanda? — Luan disse baixo quebrando o silêncio.

— Não precisa. Por mais estranho que o clima lá fora esteja, é lindo olhar para as montanhas no horizonte. — Ela sorriu.

Luan desceu uma das mãos pela lateral do corpo dela e repousou sobre a coxa, tocando a pele, subindo e descendo com a ponta dos dedos em um carinho distraído.

— Você dormiu bem? — ele perguntou.

— Como um anjo. — Ela respondeu com um sorriso que ele não poderia ver, já que estava encaixado por trás do corpo dela. — E você?

— Eu quase não dormi. Tinha muita coisa na minha cabeça. — Confessou.

Aquela revelação fez o estômago de Clara revirar e de repente a sensação ruim que toda

aquela história causava estava de volta ao seu peito. Aquela havia sido uma noite também maravilhosa, ela não havia tido espaço para se lembrar de nenhuma das coisas ruins que vinham acontecendo desde o desejo ao cristal, mas Luan passou o tempo ao lado dela com a cabeça cheia e aquilo parecia injusto no mínimo.

— Pensou no que? — mesmo não querendo perguntar, a dúvida escapou de seus lábios.

— Em você, em Scarlett, no que fizemos, nas consequências de tudo isso e em como isso modifica a minha vida.

— Oh, você está repensando novamente?

Clara desfez o abraço em que estavam envolvidos e se ergueu, sentando na beira da cama para vestir sua roupa que ainda estava jogada no chão desde que subiram para o quarto na noite anterior. Levantou-se da cama e caminhou até a varanda, ignorando a brisa fria. Um nevoeiro bem aparente cobria todo o chão e o alto das montanhas à frente, causando uma redução da visibilidade,

mas ainda assim, o céu cinza, a grama verde, as colinas e o cheiro de chuva faziam uma mistura agradável, por mais que fosse melancólica.

Luan aproximou-se apoiando as mãos sobre as dela na beira da sacada e encostando seus lábios no pescoço dela. Clara era como um ímã para ele, já havia tentado deixá-la tantas vezes, mas algo sempre o trazia de volta. Queria estar longe dela e de volta à vida que vivia antes que ela entrasse feito uma louca e mudasse tudo, mas quando conseguia aquela distância, era como se estivesse se afogando lentamente e precisasse dela para salvá-lo.

Era isso, Luan precisava de Clara porque não havia mais forma de ficar sem ela.

— Eu preciso de você. Sim, passei a noite inteira pensando e a única conclusão a que cheguei é que eu preciso ficar com você. — Confessou,

Clara virou o rosto, os olhos azuis o encararam de forma intensa e Luan sentiu como se estivessem lendo sua alma, incluindo todos os segredos e pensamentos que tinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero que precise de mim, quero que se sinta feliz do meu lado. Você é feliz, Luan?

— Você está feliz, Clara? Eu duvido que esteja feliz no meio dessa confusão toda e é exatamente por isso que eu não posso dizer que seja a fase mais feliz da minha vida. Mas nós iremos consertar tudo e seremos felizes. — Ele falou.

— O que você quer dizer com isso? — ela perguntou com os olhos fixos dentro dos olhos dele.

— Quero dizer que iremos passar por tudo lado a lado. Não importa o que você vá dizer, eu irei trocar de roupa agora, sair por aquela porta, ir até Sunset Valley e resolver a minha vida com Scarlett para que eu possa voltar para Isla Vista com a consciência limpa, colocar você nos meus braços e nunca mais soltar. — Luan a abraçou e Clara repousou a cabeça no peito dele.

— O cristal... — Ela disse indo rapidamente até onde sua bolsa estava com suas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alcançou a pedra em alguns segundos e puxou para fora, mas o que viu não foi o que estava esperando. O cristal continuava amarelo e com traços laranja. Nada havia mudado, ele não brilhava e não emitia nenhuma luz.

— O que foi? — Luan perguntou.

— Pensei que ele tinha mudado de cor. Minha teoria principal era que ele se modificava todas as vezes em que essa vida colidia de certa forma com a anterior, mas depois do que fizemos ontem, era para ele pelo menos ter mudado de cor, ou estar brilhando.

— Então não depende de nós? — ele só perguntou para confirmar.

— Não depende de nós. Então só tem uma resposta possível.

— Que resposta? — Luan estava ansioso aguardando-a falar de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Morte.



Felizmente, podia ver através do nevoeiro que se dissipava aos poucos conforme o céu se abria timidamente. Os raios de sol já podiam ser vistos entre uma nuvem ou outra, mesmo que ainda estivessem fracos. Clara não queria ficar presa na fazenda o dia inteiro, ela tinha que aparecer em algum lugar, tinha que deixar que as pessoas soubessem que estava viva, porque assim evitaria as tropas de Julian atrás dela, se bem conhecia ele e Miranda.

Escolheu a loja de doces, porque sabia que dessa forma estaria avisando aos dois que havia sobrevivido a tempestade e não havia lugar melhor para encontrar a amiga, que era com quem realmente queria falar.

Está certo que Clara e Miranda não estavam na melhor fase de sua amizade, mas dentro de quarenta e oito horas, tudo havia mudado e ela

acabou cedendo aos conselhos da outra e escolhendo seu verdadeiro lado naquela história. Sabia que Miranda provavelmente odiaria saber que o escolhido não era Julian, mas mesmo assim, contaria e faria sua última tentativa de acertar as coisas com a melhor amiga.

Miranda estava debruçada na mesa de madeira, com os cotovelos repousados na superfície e as mãos segurando o rosto. As expressões eram uma mistura de tédio e melancolia, mas quando ela viu quem havia acabado de entrar na pequena loja, a cabeça se ergueu rapidamente e os olhos se apertaram.

— Clara?

— O que está acontecendo aqui? Parece que alguém morreu. — Ela falou ao se aproximar.

— Ninguém morreu ainda, mas o pai de Julian está indo por esse caminho.

O nome de Julian fez o coração de Clara se apertar, sendo esmagado pela culpa e outros

sentimentos ruins. Ela havia se esquecido completamente de tudo aquilo.

— Sua avó está aqui?

— Não. O movimento está praticamente morto, as pessoas ainda estão com medo de sair de casa por causa do temporal, então minha avó queria ficar um tempo com a família de Julian e dar um apoio, porque eles estão precisando. Coisa que você também deveria estar fazendo.

Realmente Miranda estava certa.

— Olhe, Miranda, eu e Julian tivemos uma discussão...

— Eu sei. Uma discussão egoísta da sua parte.

— Egoísta? Você sabe de toda a história e olha só no que deu tudo isso.

— Não importa. — Ela continuava séria. — Você foi fria e estúpida com alguém que precisava de apoio. E sabe o que é pior? Quando você estava

precisando de apoio por causa de Júlia, quem foi que te deu? O Julian, Clara. Era ele quem estava do seu lado, não o Luan.

Clara engoliu em seco ouvindo as verdades proferidas por sua amiga.

— Você chorou no colo dele, fez promessas, se comprometeu e usou o primeiro argumento para fugir. Isso foi baixo e sem coração, mas eu sei muito bem para que fez isso, porque aposto que correu direto pros braços do Luan, transou com ele feito uma vagabunda e agora está entrando aqui com o rabo entre as pernas porque ele voltou para o reino dele e te largou sozinha.

— Cala a boca!

Clara não se conteve, ergueu uma das mãos e acertou um tapa em cheio no lado esquerdo do rosto de Miranda, que foi pega de surpresa.

— Sabe porque você está com tanto ódio de mim? — Clara sentia seu rosto esquentar de raiva.
— Você queria estar no meu lugar, queria poder

escolher uma coisa melhor para sua vida monótona, mas você não tem essa oportunidade. — a princesa estava com tanta raiva que já não controlava o que dizia. — Você queria o Julian, não queria? Você está ridiculamente apaixonada por ele e isso está estampado na sua cara quando você o defende. Você está fazendo tudo isso pelo simples fato de que quer ser notada por ele, enquanto ele só tem olhos para mim.

— Que se dane! — Miranda gritou. — Sim, eu sou apaixonada pelo Julian, gostaria de estar com ele, até porque eu ou qualquer pessoa desse mundo enorme o merecia mais do que você merece! — ainda com a voz alterada, ela confessou tudo.

— Oh, uau! Você realmente merece mais do que eu mereço. Olha para o seu caráter... Apaixonada pelo marido da melhor amiga. Que moral você tem?

— Pelo menos eu não estou indo para a cama com dois homens ao mesmo tempo, não é?

Golpe baixo.

— Eu poderia até dar ouvidos às coisas que você está dizendo, mas no momento, tudo o que sai da sua boca entra por um ouvido e sai pelo outro, afinal, quem é a vagabunda agora? — Clara estava tão alterada quando Miranda. — Eu fiz a minha escolha nessa história, não importa o que você acha dela. Você pode correr e fofocar tudo para o Julian, aproveita e investe já que você é tão merecedora e capaz.

Miranda fez menção de responder alguma coisa, mas o argumento ficou preso em sua garganta. Estava magoada, mas a raiva falava mais alto e Clara se sentia da mesma forma. Ela saiu da loja batendo a porta atrás de si.

CAPÍTULO 53

lara passou o dia inteiro no castelo de seu pai em Isla Vista. Tinha poupado o pai de todas as coisas ruins que andavam acontecendo com ela, tanto a briga com Julian como o acidente com o pai dele, do qual não tinha mais notícias. A princesa e o rei tiveram um dia agradável com a pequena Emanuely, conversando sobre coisas do passado. Clara sentiu-se confortável porque lembrava-se de todos os assuntos abordados e histórias lembradas e pela primeira vez não se sentiu como um passarinho que tinha caído em um ninho estranho, muito pelo contrário.

Depois daquilo o sol se pôs, ela voltou para a fazenda. Não sabia se Luan voltaria naquele dia, talvez as coisas com Scarlett tivessem saído do controle, ou quem sabe ele só precisasse de mais um tempo para contar a história, se explicar e sair. De qualquer forma, o que a deixava agoniada e

com um péssimo pressentimento, era a falta de notícias. Ia confiar nele, mas não podia controlar o medo que surgia no fundo de seu estômago, medo de que ele tivesse voltado atrás outra vez.

Ficou por lá, esperando que Luan chegasse a qualquer momento, mas ele não chegou. Ela pegou no sono deitada no sofá da sala quando já era muito tarde e não conseguia mais se manter acordada.

Entretanto, no meio da madrugada, seus olhos se abriram ao serem incomodados por uma luz forte, que piscava incessantemente. Demorou alguns segundos para acreditar que não estava sonhando. A luz vinha do cristal, que estava apoiado sobre a mesinha de madeira no centro da sala, mas ele não era o mesmo cristal de antes, ou pelo menos não parecia, havia se modificado novamente.

Dessa vez, toda a sua superfície que antes era amarela com traços laranjas, agora era roxa e os pequenos traços que se pareciam com estrelas estavam lilás, assim como os grandes, que representavam os três sacrifícios. A ordem do

cristal estava revertida, ela não pôde deixar de notar, agora a cor escura estava na superfície e a mais clara nos traços, o que significava que a maior parte do cristal era escuridão e a claridade estava quase extinta nele. Não havia como pensar naquilo de outra forma, se não como sendo um péssimo sinal.

Uma pequena pombinha branca apareceu na janela, fazendo Clara se assustar. Ela carregava no bico um pedaço de papel, que confirmou toda a teoria assombrosa que Clara tinha na cabeça.

"Meu pai está morto. Por favor, eu preciso de você.

Julian."

Morte era o que causava a mudança de cor no cristal.

Quanto mais ele matava, mais se modificava, mais estava cheio de almas e satisfeito, e com isso, mais tinha forças para destruir a sua vida.

Aquela nova descoberta a deixou enojada, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demorou para que as lágrimas enchessem seus olhos, porém ela não fazia ideia do por que exatamente estava chorando. Mais uma vez, sentiu vontade de jogar o cristal na parede e vê-lo se quebrar em mil pedaços diante de seus olhos, mas a luz roxa insistente continuava a piscar, iluminando todo o ambiente.

Clara se aproximou, ajoelhando em frente a mesinha de madeira e encarando o cristal com olhos molhados pelas lágrimas. Quando tocou a superfície gélida, sentiu uma ânsia terrível subir por sua garganta. Largou o cristal e imediatamente correu para o banheiro antes que vomitasse ali mesmo.



As horas do alvorecer haviam passado quando Clara resolveu levantar. Passou a noite sozinha na casa da fazenda de Luan.

Havia um lugar onde precisava ir. Logo estava de frente ao grande castelo com o gramado mais

PERIGOSAS ACHERON

verde que já tinha visto na vida. Entrou sem cerimônias, fechando a porta atrás de si e aproveitando o silêncio em que o ambiente conhecido se encontrava.

Tirou os sapatos para subir as escadas sem acordar ninguém, caminhou na ponta dos pés pelo corredor longo até o quarto. Girou a maçaneta tentando não fazer barulho, logo pôde enxergar o ambiente do lado de dentro, o que fez piscar os olhos seguidas vezes para ter certeza de que era real. O quarto que costumava ser impecavelmente arrumado por Helena, estava uma completa bagunça, cheio de roupas espalhadas pelo chão. Ela imaginava que Julian estava trancado ali dentro desde que ela foi embora e não deu chance para que ninguém entrasse para arrumar.

O homem formoso estava deitado sobre a cama, dormindo em um sono profundo, com um cobertor jogado sobre seu corpo e os cabelos castanhos bagunçados. Mesmo adormecido, a expressão que tinha no rosto não era tranquila e o fato que mais chamou a atenção de Clara, foi que ele não dormia no lado que costumava sempre dormir e sim, no

lado que ela dormia. O travesseiro dela estava nos braços de Julian, como se ele estivesse a abraçando da forma como tinha abraçado no último dia em que dormiram juntos naquela mesma cama.

Clara não precisava de ninguém para lhe dizer o estrago que tinha feito e ainda estava fazendo na vida de Julian e sabia também que aquele era o pior momento possível para o tipo de conversa que os dois precisavam ter.

A princesa deixou o marido dormir mais um pouco, mas depois ficou impossível esperar que ele acordasse por si só, as coisas que precisava dizer ficavam martelando em sua cabeça. Ela o acordou e a surpresa de Julian por abrir os olhos e dar de cara com ela, parecia ainda não ter passado.

— Não consigo acreditar que você voltou. — Julian disse enquanto os dois tomavam café sozinhos.

— A verdade é que eu não voltei. Nós precisamos conversar.

— É claro que precisamos conversar. Mas eu estou feliz por você estar aqui, apenas isso.

O homem sorriu de leve, seu semblante era muito triste.

— Como você está? Depois do que tudo aconteceu, da morte do seu pai e tudo o que vem acontecendo.

— Eu não sei, sempre fui acostumado a tê-lo ao meu lado e agora ele simplesmente não está aqui, assim como Júlia e assim como eu achei que você também não estaria.

Os lindos olhos verdes de Julian analisavam os azuis daquela que costumava ser sua mulher.

— Entendo, mas precisamos realmente conversar sobre isso. — Ela suspirou.

— Por que está dizendo isso? É sobre o cristal? Você tem medo que ele acabe com tudo?

— Não é sobre o cristal, Julian. É sobre o Luan.

— Ela falou e Julian negou com a cabeça. — Eu contei toda a história para você e você sabe que eu era casada com ele na outra vida e isso é tudo o que eu me lembro sobre amor e casamento, não é?

— Sim, eu me lembro, mas achei que fôssemos tentar fazer com que a nossa vida desse certo. Você prometeu isso.

— Eu sei, mas acredito que eu não consiga fazer isso. — ela esticou o braço sobre a mesa e segurou firme na mão de Julian.

— O que está querendo dizer?

— Sendo bem honesta, eu não sou a pessoa certa para você, Julian. Se você soubesse o quanto eu sou diferente da pessoa que você costumava conhecer, não iria querer ficar comigo de jeito nenhum.

— Não tem como imaginar você sendo diferente da pessoa que eu conheço desde que te vi a primeira vez e depois descobri que era a mulher da minha vida. Não me peça para te ver diferente do

que eu conheço, Clara. — Ele disse olhando nos olhos dela.

— Você quer saber o quanto eu sou diferente dessa pessoa que você conheceu? — ia confessar mesmo que aquilo fosse machucar a ambos. — Naquele dia em que eu saí daqui brigada com você, eu fui para a fazenda do Luan em Isla Vista. Passei o dia lá e a noite ele chegou...

— Clara, não!

— Sim, Julian! Você não entende... Naquela noite, no meio daquela tempestade, nós dois fizemos amor no tapete da sala. Duas, talvez três vezes como se não houvesse nenhuma outra preocupação na vida.

— Cala a boca, eu não quero ouvir! — Julian gritou.

— E depois subimos para o quarto e transamos novamente.

— Chega!

Julian se levantou da mesa e ele a encarava com raiva, mas sabia que no fundo aquilo era apenas mágoa.

— Você me odeia agora?

— Eu nunca fiz nada de ruim para você, sempre fiz tudo para que você fosse feliz e você era feliz. — Ele estava arrasado. — Nós éramos o tipo de casal que os outros invejavam, tínhamos planos e uma sintonia sem igual. Eu não consigo acreditar que tudo isso tenha mudado em poucos meses.

— Não mudou por causa dos meses que se passaram. Essa Clara que você conhecia é a Clara que não conhece o Luan, essa Clara na sua frente é a Clara pós Luan... Simplesmente não somos a mesma pessoa, Julian. Eu não quero te magoar, você só precisa entender.

— Você não pode estar me deixando porque é mais feliz com alguém que não seja eu. Isso é doloroso demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A questão não é com quem eu seria mais feliz, e sim, a quem eu pertenço. Eu pertenço a ele, Julian. Eu sinto muito.

Àquela altura os dois já tinham lágrimas escorrendo pelo rosto, por motivos diferentes, mas ainda assim, com a mesma tristeza no coração.

— Você não me ama? Não se importa comigo?

— Eu te amo sim. Eu realmente amo você, apenas não é da forma como você gostaria, não da forma como... — ela deu uma pausa porque as lágrimas a sufocavam e tinha consciência de que aquele era o último empurrão na faca que havia enfiado no peito dele. — Não da forma como eu amo o Luan.

Julian já não conseguia mais olhar para ela, as lágrimas caindo sem controle sobre seu rosto.

— Sai daqui, Clara. Pegue suas coisas e saia daqui para sempre. Eu irei sair por essa porta e quando eu voltar, não quero mais ver que você esteja aqui. — disse firme.

PERIGOSAS ACHERON

— Não se preocupe, eu não estarei. — Ela disse enxugando as lágrimas.

— Leve o que você quiser. — Ele não a olhava, não tinha coragem.

— Eu sinto muito, Julian.

As tentativas de enxugar suas lágrimas eram em vão, Clara já estava chorando outra vez.

— Não quero que sinta pena de mim, eu só quero que vá embora.

— Não sofra por mim, eu não mereço nenhuma lágrima sua. Eu não mereço alguém tão bom como você.

— Já chega! — Julian virou-se saindo.

Clara encostou-se na parede mais próxima, deixando o corpo deslizar pela superfície até que estivesse sentada no chão. Não conseguia conter o choro desesperado, dessa vez não era a dor injusta

por ter sido machucada e sim, a dor de machucar alguém que amava.

Ela amava sim, amava Julian, mas não da forma como amava Luan. Talvez nunca fosse capaz de explicar a diferença naqueles dois amores que carregava em seu peito, mas sabia que aquilo estava matando-a por dentro. Naquele momento seu coração pesava como um pedaço de chumbo, ela não sabia até quando conseguiria carregá-lo.

— Eu escutei tudo. Não acredito que jogou tudo em cima dele dessa forma.

Era Miranda quem adentrava a sala de estar.

— Por favor, me deixe em paz! Eu já disse tudo o que tinha para dizer a você.

Clara mal conseguia enxergar a pessoa que estava ali de pé, mas só a voz já a irritava profundamente.

— Só achei que eu tinha que vir aqui ver o estrago que você tinha feito consigo mesma, te

encontrar jogada no chão e chorando desse jeito mostra que você sabe muito bem a besteira que fez. Clara, ainda dá tempo de colocar a sua vida no lugar. — Não havia deboche ou qualquer coisa parecida em sua voz.

— É o que eu estou fazendo hoje, Miranda. Estou prestes a subir e arrumar as minhas coisas para ir embora definitivamente.

A princesa levantou-se e apressou-se em subir as escadas. Quando entrou no quarto, fez questão de se trancar enquanto abria o armário e pegava algumas roupas que precisaria e coisas que eram suas. Arrumou tudo dentro da mala e voltou para a fazenda.

Terminou de arrumar suas coisas e passou a noite lá. A cama parecia maior do que realmente era, pois sem Luan ali tudo parecia vazio.

— Bom dia, Clara. — disse para si mesma enquanto se olhava no espelho — Você é um dos seres humanos mais repugnantes que existe. Isso tudo que está acontecendo na vida de todos a sua volta é culpa sua. Júlia... Joseph... Você os matou e

agora Julian está sofrendo por sua causa também. Devia deitar naquela cama e esperar a hora de morrer, porque você não é melhor do que ninguém que tenha tido um fim desse... É a pior de todos eles. Talvez devesse até se matar, para acabar com as coisas mais rapidamente.

Respirou fundo enquanto encarava os próprios olhos enfurecidos que tinha raiva de si mesma. Não demorou muito e começou a ter ânsia novamente. Não dando nem tempo de correr e vomitando tudo o que havia em seu estômago.

CAPÍTULO 54



A luz forte continuava incomodando e fazendo com que Clara fechasse os olhos o tempo inteiro por causa daquele brilho insistente. Ela sabia que o cristal queria mostrar algo.

Quando pôs as mãos sobre a pedra, o brilho ficou tão insuportável que ela teve que fechar os olhos. No mesmo instante, sentiu uma dor no peito, como se estivesse sendo esmagada por alguma coisa muito pesada, não era insuportável, mas a impossibilitava de respirar corretamente, tanto que aos poucos foi ficando fraca conforme sentia falta de ar.

A visão em si demorou a se formar, mas quando se formou, tudo o que ela viu foi um teto alto e de madeira, que logo reconheceu como o teto da fazenda de Luan. Por algum motivo, ela estava deitada no chão frio e não conseguia se mover; uma

PERIGOSAS NACIONAIS

lágrima solitária escorria pelo canto de um dos seus olhos, como se ela tivesse começado a chorar, mas perdeu as forças antes que pudesse de fato estar se lamentando. Luan estava de pé bem à sua frente e tinha uma expressão aterrorizada no rosto, mas não olhava em sua direção, estava olhando para alguma coisa localizada à sua direita.

Clara precisou fazer muito esforço para virar o pescoço e quando conseguiu, a cabeça pendeu para o lado, porque ela não tinha forças. De pé próxima a ela estava Scarlett, com a mesma expressão assustada que Luan tinha no rosto, mas ainda pior, algo em suas expressões indicava que ela estava sentindo dor, ou se encontrava tão fraca quanto Clara estava, mas ainda assim mantinha-se de pé.

Mas o que Clara estava fazendo no chão e sem conseguir se mover?

Foi quando abaixou o olhar que enxergou o que a deixou mais perturbada: o cristal estava no chão também, exatamente no espaço entre seu corpo estirado e os pés de Scarlett.

PERIGOSAS ACHERON

O cristal estava jogado ali e o pior do que isso, ele tinha uma rachadura enorme em toda sua superfície, do topo ao final e sua cor não era mais roxa, era transparente, incolor. Era como se o cristal estivesse morrendo e talvez, aquilo a estivesse matando também. Ou talvez Clara o tivesse derrubado e agora estava morrendo, ele estava voltando a sua cor inicial e não precisava mais dela para nada.

Mais uma vez sua visão ficou escura, ela sentiu uma tontura enorme, como se sua cabeça estivesse girando em velocidade máxima, mas aos poucos tudo foi passando, a falta de ar e a tontura. Quando abriu os olhos e voltou a enxergar novamente, estava de volta à sala na casa da fazenda de Luan e a visão havia terminado.

Suas mãos tremiam e ela olhou para o cristal, querendo ter certeza de que ele estava ali e continuava inteiro, sem rachaduras ou mudanças de cor, e ele estava. Continuava roxo e havia parado de brilhar, agora apenas parecia uma pedra normal, como sempre acontecia. Em sua opinião, aquilo só poderia ser uma visão de algo que aconteceria no

futuro.

O que tinha acabado de ver não saía da cabeça de Clara e agora ela tinha muitas perguntas sem respostas. O que mais lhe perturbava era que, na visão parecia que Scarlett havia feito algo com ela, algo que a tinha machucado, ou talvez que a mataria e parecia que o cristal estava tentando lhe avisar sobre aquilo, provavelmente porque ele também não parecia ter um fim muito bom naquela cena, com a rachadura.

Tudo ainda estava confuso, mas aquela era a única teoria que fazia sentido.

Clara já não aguentava mais ficar sem ter notícias de Luan. Decidiu que não poderia ficar ali de braços cruzados sem fazer nada. Colocou o cristal dentro da bolsa, pegou um dos cavalos no estábulo e partiu.

Não sabia ao certo onde estava indo, no entanto, ficar sem fazer nada não iria adiantar. Precisava encontrá-lo para contar sobre a visão que o cristal havia lhe mostrado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cavalgou pela floresta que ia de Isla Vista até Sunset Valley. Parou em um determinado momento, pois a ânsia havia voltado e aquilo era um péssimo sinal. Vinha sentindo enjoos há dias e preferia ignorar o que aquilo poderia significar. Eram tantos problemas em sua cabeça, não havia espaço para pensar em mais algum, embora soubesse o que aqueles enjoos podiam significar.

— Vamos lá amigo, só mais alguns minutos e estaremos lá. — disse ao cavalo, como se ele pudesse entender.

— Você não vai a lugar nenhum. — disse a voz conhecida atrás de si.

Clara nem precisou virar para saber que se tratava de Scarlett.

— Eu vou aonde eu quiser. — disse com atitude subindo no cavalo.

— Desce daí agora!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Scarlett não queria perder mais tempo, tirou uma espada bem afiada de baixo de sua capa, apontando diretamente para o peito de Clara.

A loura não tinha muita escolha, teve que descer devagar, sem movimentos bruscos, tinha medo principalmente depois da visão que teve quando encostou no cristal.

— Traga a bolsa! — Scarlett gritou, o que fez com que Clara desse um passo para trás no susto. — O que foi? Você não parece tão corajosa e durona hoje.

— Com uma espada apontada para mim...

— Se acha toda valentona por quê? Quem você acha que é para andar com o meu marido?

— Seu marido? O seu marido não te falou que ele não quer mais ser o seu marido?

Dessa vez, mesmo com a espada na mão da rival, Clara deixou o tom de deboche bem aparente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cala essa sua boca! Ele não está indo embora, nós acabamos de completar dois anos de um casamento estável e saudável.

— Ugh! Assim você me faz vomitar.

— Eu não quero ouvir você falar mais, sua vagabunda. Quem dá as ordens sou eu. — Scarlett inquiriu.

A mulher de cabelos castanhos e olhos intensamente azuis aproximou-se de Clara, encostando a ponta da espada na barriga dela, o que a fez fechar os olhos e esperar que a lâmina afiada perfurasse seus órgãos internos, mas aquilo não aconteceu.

— O que tem de tão importante nessa bolsa?

— Nada demais.

— Mentirosa, desgraçada! — Scarlett gritou. — Abre a bolsa, ajoelha no chão e vai tirando item por item, quero ver ela ficar vazia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara revirou os olhos, mas a verdade era que estava morrendo de medo por dentro. Abaixou-se no chão e começou tirar tudo o que havia, um pequeno cantil com água, uma peça de roupa e sem poder esconder mais, revelou o cristal por último.

— Sacode a bolsa de cabeça para baixo, quero ter certeza de que está tudo no chão. — Scarlett ordenou.

— Você não tem mais o que fazer?

— Você quer morrer? — ela balançou a espada.

— Como se eu me importasse.

Clara deu de ombros e sacudiu a bolsa.
Obviamente nada caiu de dentro dela.

— Agora deixe-me analisar. — disse olhando os objetos no chão.

— O que é isso? Uma pedra roxa? Pegue a pedra e levante do chão agora. — Ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

Clara obedeceu, mas estava achando que conseguiria fazer o cristal passar por uma simples pedra comum.

— É só uma pedra sem valor.

— Andar com um cristal na bolsa? Eu não sei... Quero ver mais de perto, me dá ele. — mais uma vez ela estava ordenando enquanto apontava a espada na direção da outra.

Clara pensou consigo mesmo, como se houvessem dois lados da mesma pessoa, um bom e um ruim. O lado bom dizia que precisava orientar Scarlett sobre o que o cristal era e o que ele faria se ela o tocasse, mas o lado ruim dentro de si gritava que aquele era o jeito mais fácil de se livrar daquele ser humano medíocre e daquela forma, Scarlett pagaria por todo o mal que havia lhe causado. Pensou por poucos segundos, até que enfim deu um passo à frente e esticou um dos braços em direção a rival, com a mão aberta e o cristal repousando na palma dela.

Entre o bem e o mal, Clara havia escolhido que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Scarlett deveria morrer.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 55

 **F**oram longos segundos em que as duas pareciam indecisas. Scarlett olhava de Clara para o cristal de forma aflita e Clara ainda estava brigando consigo mesma sobre se deveria alertá-la, ou ser cúmplice de sua morte.

Scarlett foi mais próximo, ainda apontando a espada para Clara, dando mais passos devagar, mas antes de chegar perto o suficiente, agarrou sua capa. Com o tecido sobre a mão e o braço todo coberto, Scarlett finalmente alcançou o cristal e o envolveu, retirando da mão de Clara e o escondendo no meio da capa, cobrindo-o por completo para que não houvesse nenhuma chance de tocá-lo.

— Você acha que eu sou tola a ponto de tocar nesse cristal maldito e morrer? Você não vai se livrar de mim tão fácil assim, não é a única que

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe das coisas aqui. — Ela olhava diretamente para a rival.

O coração de Clara estava mais acelerado do que ela achava que era possível. A situação havia se invertido rapidamente, Scarlett não era tão ingênua quanto parecia ser, e agora, ela sentia-se mais ameaçada do que quando a espada apontava diretamente para o seu corpo.

— Como... É que você sabe? — a voz estremeceu quando perguntou.

Algo lhe dizia que a história não seria nada agradável.

E estava certa.

— Luan me contou tudo sobre você e esse cristal. Eu sei de tudo. Sei que você fez um pedido que mudou a sua vida e a de todos em volta, sei que o cristal mata as pessoas, que ele é uma maldição, que brilha e te mostra visões estranhas sobre o que irá acontecer no futuro, ou o que já aconteceu no passado e coisas assim.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela afirmação de Scarlett foi como um tiro de canhão acertando Clara em cheio. Ela ficou completamente sem reação.

— Sei também que ele comprou uma fazenda em Isla Vista para ficar mais perto de você, mas na verdade, essa ideia foi minha, porque assim ele teria mais informações sobre o cristal e o que era tudo isso. — Os lábios carnudos destilavam veneno enquanto os olhos azuis intensos pareciam soltar faíscas. — Não acreditamos em você no início, mas conforme vocês foram passando o tempo juntos, mais isso parecia real e mais queríamos descobrir até que ponto ia.

— Isso tudo é uma grande mentira sua. — Clara a acusou.

— Ah, o que foi? Você está apaixonada por ele? — Scarlett riu escandalosamente. — Quem é a tola agora, hein? Luan só estava interessado na história do cristal, aliás, nós dois estávamos e todas as vezes que ele passava o dia com você, voltava para mim e contava tudo o que descobria sobre o cristal.

Isso nunca foi sobre você, queridinha.

Por mais que não quisesse acreditar, não havia nada que pudesse dizer que estava errado ou faltando informações. Scarlett sabia de tudo o que Luan sabia, aparentemente não havia outra forma de saber sobre os encontros deles na fazenda se ele mesmo não tivesse contado cada detalhe.

— Aposto que ele transou com você, não transou?

Clara permaneceu calada, ainda estava desorientada pelas últimas revelações.

— Responde! Transou? — ela gritou exigindo uma resposta.

Clara apenas balançou a cabeça positivamente, encarando o chão.

— Eu disse que ele podia levar você para a cama se ele achasse que isso a faria confiar nele com mais precisão, afinal, eu também tenho os meus divertimentos fora do casamento, como você

sabe, mas não quis que ele me contasse sobre essas coisas. Obviamente como ele também não sabe das minhas, eu acredito. De qualquer forma, isso nunca abalou nosso relacionamento, mesmo que ele tenha dito para você que estávamos abalados. Esse tempo todo quando você achava que ele estava com você, na realidade, ele nunca deixou de ser meu.

— Vocês se merecem. — Clara falou baixo.

— Eu sei disso, agora cala a boca, porque é hora de você dizer adeus para tudo isso.

Scarlett voltou a erguer a mão com a espada e dessa vez não houve nem um milímetro de distância entre a ponta afiada da espada e o peito de Clara.

— Alguma última declaração a fazer? — a rival perguntou.

— Sim. Vá para o inferno.

Naquele momento, Scarlett começou a rir como se fosse uma bruxa, mas de repente parou com a

mesma rapidez com que começou.

— Veja bem, eu não vou gastar minha energia fazendo isso. O cristal vai se encarregar de acabar com você de um jeito ou de outro e tenho certeza de que vale a pena esperar o tempo dele. — os lábios continuavam destilando veneno. — Enfiar a espada seria muito fácil para você. Pegue suas coisas e saia da minha frente para sempre, mas o cristal fica comigo. Sei o quanto seria mais fácil para você se pudesse tê-lo em suas mãos e é exatamente por isso que não terá.

A rival afastou a espada, mas ainda apontava na direção da outra.

Clara não sabia se estava aliviada ou decepcionada. A morte talvez fosse um presente para ela, Scarlett estava relativamente certa.

Então, Clara abaixou-se e recolheu as coisas que estavam no chão, colocando-as dentro da bolsa e pendurando-a no ombro. Virou de costas para Scarlett, ainda com uma pitada de esperança de que o golpe viesse por trás e a acertasse em cheio

algum órgão vital, mas nada aconteceu. A princesa alcançou o cavalo e montou no mesmo, deixando para trás sua última esperança de morrer antes que sua vida estivesse acabada. O cristal em si e também a única chance que tinha de voltar a vida que vivia antes. Agora estava tudo acabado e a sensação de vazio e mágoa eram as únicas que restavam em seu peito. E a segunda, era exclusivamente culpa de Luan.

Precisou parar no meio do caminho ou iria explodir. Parou o cavalo já desabando em um choro desesperado, com soluços altos e lágrimas que escorriam rapidamente pelo seu rosto. A dor absurda parecia estar rasgando-a de dentro para fora. E para piorar, vomitou qualquer resquício de alimento que pudesse ter em seu estômago.

Clara só conseguia pensar em tudo o que Scarlett havia dito, principalmente sobre Luan. Ela não queria acreditar que ele havia mesmo feito todas aquelas coisas, mentido, enganado, se aproximado dela só porque tinha um plano com a outra e a usado para conseguir o que queria. Aquilo era muito fora da realidade do que ela conhecia

dele, mas por outro lado, como poderia negar o que estava bem diante de seus olhos?

Era simples, da mesma forma como ela havia explicado para Julian que a Clara dessa vida não era a mesma pessoa que a Clara da vida anterior, ela devia imaginar que o Luan daquela vida jamais seria o mesmo Luan que era na outra. Ele era diferente e capaz de coisas que o Luan apaixonado que conhecia jamais seria capaz. O Luan que tinha lhe prometido fidelidade.

Clara tinha que aceitar que tudo o que Scarlett disse era verdade e dessa vez, tinha mesmo sido passada para trás pelo homem que amava. Talvez Luan estivesse realmente a traindo na vida anterior e não fosse tão diferente desse Luan que estava lhe enganando; ela não podia se esquecer daquele detalhe.

O pior de tudo era que agora a rival tinha o cristal e com ele estavam as últimas chances que Clara tinha de reverter toda aquela situação, ou pelo menos sobreviver. Sem ele, nunca mais voltaria a vida antiga, mas talvez não fizesse mais sentido

PERIGOSAS NACIONAIS

querer aquilo, porque ela tinha certeza de que jamais voltaria a ser a mesma pessoa, mesmo que um dia tivesse sua vida de volta.

Muitas coisas tinham acontecido naquele período de tempo em que estava naquela vida diferente, se voltasse como agiria diante de Miranda e até mesmo de Luan? Culparia a amiga pelo que ela havia feito naquele tempo? Culparia Luan na vida anterior por tudo o que havia sofrido por ele nessa vida? Ela jamais teria aquelas respostas, jamais saberia e a solução que via para tudo aquilo era uma só.

A morte.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 56



Quando você se encontra à beira do abismo, existem apenas dois finais para a história. Primeiro: você desiste de tudo e pula para um caminho sem volta. Segundo: você dá um passo para trás e resolve dar mais uma chance para a vida.

A questão é que não se chega à beira do precipício por acaso, algo te levou até ali e quando se tem o peso das ações, reações e consequências, fica muito mais difícil dar o passo para trás e seguir o segundo caminho, você precisa de um motivo muito grande.

Talvez Clara tivesse esse motivo, ou pelo menos já desconfiava de suas suspeitas. Talvez aquilo pudesse ser a motivação que precisava para seguir em frente e não desistir de sua vida.

Durante aquelas semanas, Clara sonhou com
PERIGOSAS ACHERON

Júlia quase todos os dias. Os sonhos variavam, mas ela estava sempre bem e em roupas brancas, arrumada e sorrindo. A menina dizia para que ela não desistisse, para que erguesse a cabeça e continuasse lutando, porque ainda existia algo bom em seu caminho. Júlia repetia uma única frase todos os dias e aquilo deixava Clara ainda mais confusa.

"O mundo precisa de cor".

Para Clara, a frase não fazia sentido nenhum ainda, mas ela acreditava que faria em algum ponto e era por isso que ainda não havia desistido.

Naquele dia completava-se exatos dez dias desde o dia em que Scarlett tinha levado o cristal. O mais assustador era que as coisas estavam calmas demais, nenhuma morte, nenhum evento estranho, a única coisa que perturbava era a falta que Luan fazia e Julian também.

Clara imaginava que aquela só poderia ser a calmaria que vem antes do desastre. Dez dias sem notícias do cristal, antes ela achava que se isso

acontecesse, àquela altura já estaria morta e enterrada.

— Clara? — a porta do quarto abriu.

— Pai!

— Desculpe, eu não quis te assustar. — disse o rei Benjamin. — Como você está?

— Bem, por quê?

— Porque eu te conheço, sei que não está nada bem, vejo nos seus olhos. Mas eu compreendo, você e Julian eram um casal que eu jurava que jamais fosse se separar.

Obviamente ele achava que o motivo da infelicidade de Clara era culpa do fim de seu casamento com Julian. Não sabia que ia muito além de um rompimento.

— Depois de tudo o que eu passei, depois da morte de sua mãe, acreditar no amor não é uma coisa que acontece sempre, mas se eu tivesse que

escolher um casal em quem acreditar, seria vocês dois.

Rei Benjamin estava triste pela filha.

— Podemos parar de falar sobre isso? Às vezes acreditamos que algo é para sempre, mas é mais fácil dizer do que realmente tornar aquilo em algo que seja mesmo para sempre. — Clara disse com pesar.

— Eu entendo, é mais difícil ainda quando não depende apenas de nós.

Os olhos azuis do rei encontraram os do mesmo tom de sua filha.

— Pai, eu o amo. Amo o Julian, mas não é uma coisa boa mais quando estamos juntos e não é culpa dele, é culpa minha. O melhor que ele faz é ficar longe de mim. Vai ser melhor assim, mesmo que ele sofra agora, eu também estou sofrendo.

— Você fala umas coisas que não tem sentido nenhum às vezes. Como agora, por exemplo.

— Eu sei. — Clara sorriu de leve. — Eu preciso te contar uma coisa, pai...

Clara não pôde continuar sua fala, pois ouviram batidas na porta. Rei Benjamin prontamente se levantou e a abriu.

— Clara?

— Julian? O que está fazendo aqui?

O príncipe que sempre fora tão bonito, agora estava um desastre. Os cabelos antes bem penteados agora estavam desgrehados, e o pior de tudo, seu semblante era incrivelmente sofrido.

— Eu precisava conversar com você, será que podemos?

— Claro. — Ela assentiu.

O rei cumprimentou Julian brevemente e saiu, deixando-os a sós. Julian sentou-se na cama do quarto que era de Clara antes dela se casar e ir

PERIGOSAS NACIONAIS

morar em Brookhaven.

— Então, como você está? — ela perguntou.

— Bem, estou indo... Eu tenho tido tanto trabalho depois dos últimos acontecimentos, que me falta tempo para qualquer outra coisa.

As olheiras escuras cercavam os bonitos olhos verdes do príncipe.

— Seu pai cuidava de tudo, não é? Mas eu tenho certeza de que você está fazendo um ótimo trabalho.

Ele sorriu e concordou com a cabeça.

— Eu faço o que eu posso e parece que as coisas estão andando bem. Mas eu descobri muitas coisas sobre o meu pai depois de assumir o controle do reino e mamãe ter abdicado o trono.

— Que coisas? — Clara ergueu os olhos azuis para olhar dentro dos esverdeados de Julian.

PERIGOSAS ACHERON

— Descobri que os negócios não estavam indo tão bem quanto imaginávamos, porque meu pai tirava dinheiro do reino para sustentar o vício que ele tinha em apostas. Se ele tivesse continuado, poderia ter falido todo o reino de Brookhaven em menos de um mês. A dívida que ele tinha era tão grande que tivemos que vender quase todas as joias de família que tínhamos.

— Oh, Deus! Eu sinto muito, Julian.

Ela não podia deixar de imaginar que aquilo era culpa do cristal, ou melhor, sua própria culpa.

Clara segurava uma das mãos de Julian enquanto ele continuava a falar.

— Por isso eu acho que ele ficou louco quando soube do cristal, ele queria ficar livre e voltar a viver como antes. Eu não sabia de nada disso na época, se soubesse, jamais teria contado nada para ele. Foi tudo culpa minha.

— Não Julian, não é culpa sua. Nada disso é culpa sua. Você é quem menos tem culpa em tudo

isso.

Julian a olhou no fundo de seus olhos, entrelaçando seus dedos aos dela como antigamente, o que causou uma sensação familiar boa aos dois. Clara logo cortou o clima e mudou de assunto.

— Como está a Miranda? — perguntou de repente, nem ela mesma esperava que aquela pergunta saísse de sua boca.

— Está bem, mas eu soube que ela brigou com a avó, porque parece que ela discordou que a amizade de vocês tenha terminado assim e Miranda não gostou do que a avó falou, disse que iria sair de casa.

— Talvez a solução seja você e a Miranda dividirem o mesmo teto. O mesmo quarto.

Clara não queria dizer aquilo e a frase saiu com um enorme tom de deboche.

— Por que você está dizendo isso?

Julian a olhava com os olhos arregalados e no rosto havia uma expressão confusa e claramente magoada.

— Desculpe, eu falei sem querer.

— Agora você vai me jogar para cima de outra pessoa como se eu não tivesse significado nada para você? Não, Clara, Miranda conversou comigo sobre isso, ela me contou sobre a conversa que teve com você e sobre as intenções que ela tinha e sabe como esse seu ato me parece? Parece que está tentando me jogar para cima dela, porque assim eu pararia de vir atrás de você e você poderia viver em paz com ele. É isso? É só me dizer.

— Não Julian, não é nada disso. Eu não estou com o Luan, eu estou sozinha e assim pretendo continuar. E sendo bem honesta com você, eu não gostaria de ver você e a Miranda juntos. Foi apenas uma coisa que saiu da minha boca na hora errada. Mas ela realmente foi falar dos sentimentos dela para você, é? Ela não perde tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela disse que imaginava que você fosse me contar e queria contar tudo do jeito dela primeiro.

— Do jeito dela? O jeito dela é acabando comigo como sempre foi.

— Não importa! Eu não tenho olhos para ela. Clara, eu acho que você devia voltar para Brookhaven comigo.

— Eu não posso. Eu tenho que ficar sozinha, até porque eu não irei durar muito tempo.

— Não irá durar muito tempo? Do que está falando?

— Do cristal. — ela sussurrou. — Ele acabará comigo em breve e enquanto isso, podemos continuar exatamente como estamos, pouco contato até que tudo acabe.

— É realmente tão fácil assim para você? — Julian abaixou a cabeça. — Porque não é nada fácil para mim, Clara. Você precisa entender que eu acordei um dia e simplesmente a minha esposa não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se lembrava mais de mim e a minha vida, que era perfeita, foi virada de cabeça para baixo sem nenhum aviso.

Julian tornou a erguer o rosto e encarar os olhos que ele tanto amava. Os olhos azuis-celestes como o céu de Brookhaven numa tarde de primavera.

— Eu não posso voltar para Brookhaven agora e esperar pela notícia da sua morte como se não fosse grande coisa. Não importa o quão diferente você diz ser agora, ou que tipo de vida você levava antes, eu não consigo separar você da minha esposa. Para mim você continua sendo o amor da minha vida, e eu não posso mais virar as costas e deixá-la ir como se não estivesse levando o meu coração junto.

Quando Julian terminou de falar, os dois trocaram um olhar intenso em silêncio. Para ele, o que precisava dizer agora já estava dito, mas para ela era motivo para desistir.

— Julian, você precisa seguir em frente, porque você ainda tem uma vida para viver. Eu não.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não vou desistir, Clara.

Ele aproximou-se tocando os lábios dela com um breve beijo casto, em seguida levantou-se e saiu.

Clara esperou que Julian fosse embora e então resolveu ir dar uma volta, dispersar pensamentos, caminhou até a ponte principal de Isla Vista, onde ela e Luan se beijaram pela primeira vez naquela vida estranha. Olhou para o lado, lembrando aquele momento e assustou-se ao perceber que alguém segurava seu braço.

Era ninguém menos que Luan.

CAPÍTULO 57



— Clara, precisamos conversar.

— Me solta, mentiroso, hipócrita!

A lista de xingamentos não parou por aí, o que fez o príncipe revirar os olhos.

— Você não quer me ouvir, mas você vai. Chega de drama. — Luan disse firme.

— Como é? Drama do que? Eu quero socar você! — e vieram mais tapas no braço dele.

— Ei, calma! Para!

Luan pedia, mas não era atendido, então abaixou-se um pouco e ergueu o corpo dela, tirando suas pernas do chão, já sem paciência nenhuma. Segurava o corpo feminino pelas pernas e Clara tinha a barriga apoiada contra um dos ombros dele,

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto a parte de cima de seu corpo ficava pendurada nas costas de Luan.

— Me coloca no chão!!! — ela gritou, mas já era tarde demais.

Luan saiu caminhando sob os olhares das pessoas que passavam pela rua, graças aos gritos de Clara, que socava suas costas e agitava as pernas para tentar se soltar, mas era em vão.

— Para com isso, você vai se machucar se cair.
— aconselhou.

Já estavam atravessando a rua e então, alguns segundos depois chegaram até onde a carruagem de Luan estava estacionada.

— Me solta, Luan! Eu não vou a lugar nenhum com você! Isso não é justo, não depois de tudo o que você fez comigo.

Luan, em um movimento rápido a colocou sentada dentro da carruagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que eu fiz para você, hein? O que eu lhe fiz, Clara? Porque a única parte da história que eu sei, é que eu fiquei doente sem nem conseguir me levantar da cama.

Seu corpo fazia uma barreira na frente de Clara, o que impedia de tentar sair dali.

— Nós estávamos bem e então simplesmente você não apareceu mais, não procurou por notícias, me ignorou como se eu não existisse. — Ele desabafou de vez.

— Porque para mim você não existe mais, pelo menos não nessa vida. Eu vou continuar fazendo o meu melhor para voltar para a vida que eu tinha antes e para o verdadeiro Luan, porque você não é nem metade do que ele é. — cuspiu as palavras. — Enquanto isso, eu não quero saber de você na minha vida. Me deixe em paz! — Clara desabafou, já sentindo seus olhos encherem de lágrimas.

— Espera aí! Do que você está falando? Eu preciso de uma explicação, porque não fiz nada e não estou entendendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está dizendo tudo isso porque provavelmente não sabe que Scarlett já me contou tudo sobre vocês dois. Eu já sei de tudo, pode parar com o seu fingimento, mentiroso!

— Scarlett? O que ela falou para você? — ele cruzou os braços, ainda bloqueando o caminho.

— Não interessa. Mas sabe de uma coisa? — Clara o encarou como se fosse explodi-lo com a bomba que estava prestes a jogar. — Ela trai você todas as vezes que você sai do castelo. Você acha que está me passando para trás, mas na verdade o burro da história é você!

Assim que terminou a frase, Clara se arrependeu amargamente do que tinha acabado de dizer. Tinha jogado tudo em cima dele de uma vez, como se não se importasse nem um pouco, mas se importava. O rosto de Luan se contorceu de forma estranha após a notícia.

— O que você disse? — ele perguntou franzindo a testa.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu disse que ela te trai, Luan. Ela é infiel com você. Quando eu estava um dia indo até Sunset Valley, eu a vi com outro homem.

— Eu desconfiava. Você se lembra das perguntas que eu te fiz quando você me disse que eu te traía na vida anterior? Coisas como fazer amor, você disse que fazíamos essas coisas na outra vida, mas nos últimos tempos, Scarlett e eu não fazíamos e foi um pouco antes da vontade acabar também.

— Casamento conturbado? — Clara debochou.
— Scarlett me contou toda a verdade sobre as intenções de vocês dois quanto ao cristal, sobre você ter se aproximado de mim para saber mais sobre a história dele e por isso comprou a fazenda e passou tanto tempo ao meu lado, mas depois voltava para ela e contava tudo. Ela até disse que você transou comigo para passar mais confiança e as coisas que você disse, foi tudo mentira. — As lágrimas voltaram aos seus olhos.

— Ei, olha para mim. — Luan ergueu a cabeça

dela, para que olhasse bem em seus olhos. — Eu jamais faria isso com você. O que eu ganharia em troca? Nunca menti com relação a nada, meu casamento estava conturbado, Scarlett está me traindo, você sabe disso melhor que eu. A única coisa que ganhei nessa história toda foi você e eu jamais colocaria isso a perder por causa de informações sobre o maldito cristal ou o que quer que fosse.

Luan parou apenas para respirar, porque falava sem dar pausa. Estava nervoso com toda aquela história.

— Sabe por que Scarlett disse tudo isso para você? Porque naquele dia que saí da fazenda, disse para ela que ia embora, que tinha uma pessoa e queria me separar dela. Ela deve ter descoberto de alguma forma que essa pessoa era você, eu acredito que não é muito difícil de perceber isso.

— Mas e quanto ao cristal? E a fazenda? Como ela sabe dessas coisas?

Clara tinha lágrimas nos olhos outra vez e não

PERIGOSAS ACHERON

sabia se era de tristeza, mágoa ou alívio.

— Eu não faço ideia! Mas se você quiser, nós dois vamos até ela agora mesmo e tiramos todas as dúvidas. Eu quero ver a Scarlett mentir na minha frente.

— Não, eu não quero isso. Você realmente não fez nada disso? Você não tramou tudo isso com ela? Não me usou dessa forma?

— Não. Eu jamais faria isso com você. Da próxima vez venha até mim e conversamos sobre isso, antes de você sofrer sozinha por tanto tempo. Eu estou do seu lado nessa história, não esqueça disso. — Luan ergueu um dos braços para secar as lágrimas que haviam rolado pelo rosto dela.

— Eu quero vomitar. Desculpe. — Clara estragou todo o clima romântico.

— Tudo bem. — Luan sorriu. — Eu vou te levar de volta.

— Me leve para a fazenda.

— Tudo bem, vamos.

E então, estavam prontos para partir.



Mais uma vez, ela se inclinou para frente. Primeiro salivou e aquela ânsia parecia vir do fundo de seu estômago, assim como todas as outras vezes e então, depois de tentar se controlar por alguns segundos, acabou se rendendo e despejou mais um pouco do conteúdo de seu estômago. Tossiu duas vezes e foi obrigada a vomitar novamente. Estava se sentindo tão mal que se deitasse ali no chão do banheiro, sabia que não teria mais forças para levantar.

— Clara? — Luan empurrou a porta.

— Sai daqui eu disse para você não entrar.

— A esposa do Greg fez um chá, isso provavelmente irá lhe ajudar, mas eu acho que

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria tomar um banho fresco. — Ele entrou e só deixou a xícara sobre a mesa.

— Eu vou tomar, pode deixar que eu me viro.

— Tem certeza?

— Sai, Luan!!

— Está bem! Vou esperar do lado de fora. — disse ele fechando a porta.

Ela levou a xícara aos lábios e provou seu conteúdo. Assim que engoliu o primeiro gole, cuspiu tudo.

— Ugh, que coisa horrível!

Clara se ergueu e entrou na banheira, preparando-se para o banho que ela esperava que aliviasse um pouco o mal-estar.

A verdade era que já desconfiava a causa dos frequentes enjoos. Seu ciclo já não descia a um certo tempo e aquilo só podia significar uma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Estava grávida.

Não sabia bem o que fazer e muito menos sabia como contar ao pai da criança, pois temia a reação dele.

Vestiu a camisa de Luan que era de mangas compridas e o comprimento longo o suficiente para que ficasse como um vestido curto. Saiu do banheiro depois de pentear os cabelos que ainda estavam molhados e andou na ponta dos pés sem fazer nenhum barulho até a escada. Subiu com cuidado, ainda com medo de ficar tonta no meio do caminho e quando chegou no quarto, encontrou o ambiente escuro, mas ainda assim conseguia ver Luan deitado sobre a cama.

— Ei, você está dormindo? — ela falou baixo enquanto se aproximava.

— Não.

Então ela apoiou os joelhos sobre o colchão, engatinhando até estar na mesma altura que o corpo

dele. Ajeitou-se deitando a cabeça sobre o peito de Luan, dando a chance de expulsá-la se quisesse, mas obviamente aquilo não aconteceu. Sentia-se como uma criança arteira que precisa pedir desculpas pela travessura que havia feito. Luan apoiou uma das mãos sobre os cabelos molhados dela e fez um carinho leve.

— Você não devia ter lavado os cabelos, dormir com a cabeça molhada não faz bem.

— Luan, me desculpa.

— Por lavar os cabelos?

— Por eu não ter ido atrás de você e tirado a história a limpo. Por ter acreditado que você fosse capaz de coisas tão horríveis e por ter dito coisas que eu não queria dizer. Eu devia ter sido um pouco mais esperta. — Confessou de uma vez.

— Está tudo bem. Eu sei que está confusa, que se sente mal e acha que não conhece ninguém que costumava conhecer antes, porque é uma vida diferente da que estava acostumada. Eu entendo

você, até porque acho que no seu lugar já teria enlouquecido faz tempo, não estaria firme desse jeito.

Luan deu uma pausa, mas como ela não disse nada, então prosseguiu.

— Scarlett sabe ser muito traiçoeira quando ela quer, sempre soube.

Rei Frederick, e rainha Deisy não simpatizavam com a nora. Lincoln e nem mesmo Larissa mantinham um bom relacionamento com a esposa de Luan naquela vida estranha. O príncipe se perguntava se sua família conhecesse Clara como seria. Talvez gostassem dela. No entanto, o que agora importava era que ele ficaria com ela, ainda que todos estivessem contra.

— Eu não sei como Scarlett sabe sobre o cristal, mas garanto que nunca contei nada, nem um detalhe para ela, nem da fazenda ela soube por mim, deve ter me vigiado, eu não sei explicar ao certo. Mas iremos descobrir tudo isso juntos, está bem? Juntos, porque eu não vou sair seu lado. Nada

irá nos separar, eu quero ficar com você a cada segundo de todos os dias que ainda tivermos para viver. Se esse cristal quiser matá-la, vai ter que me levar junto, eu estou totalmente dentro agora.

Quando terminou seu discurso, Luan esperou uma resposta, mas ela permaneceu em silêncio.

— Clara?

— Hm...

Ela suspirou se aconchegando mais ao peito dele. Luan não sabia há quanto tempo, mas ela já estava adormecida.

— Durma bem.

Beijou a testa dela. Tudo o que disse era o que realmente sentia e por isso não se importava de repetir cada palavra no dia seguinte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 58

 O dia já havia amanhecido e Clara não se lembrava ao certo em que momento havia adormecido na noite anterior. Estava com uma dor de cabeça incômoda, mas ao redor tudo parecia estar melhor do que poderia esperar.

Estava deitada ao lado de Luan, o rosto estava encostado no peito dele e suas pernas estavam entrelaçadas de uma forma que era fácil confundir onde terminava o que era dela e começava o que pertencia a ele. Luan tinha uma das mãos nas costas de Clara por debaixo da camisa, ela não se lembrava da última vez que se sentia tão confortável ao acordar. Aquele conforto a fez lembrar completamente da vida passada e foi quando ela se deu conta que havia sonhado com Júlia naquela noite também. A menina repetiu mais uma vez que o mundo precisava de cor e que ela encontraria nas pequenas coisas que precisavam ser

lembradas, mas que ela não fazia ideia do que eram.

— Bom dia!

Luan pegou-lhe de surpresa enquanto estava perdida em seus pensamentos.

Clara ergueu a cabeça para olha-lo e sorriu quando seus olhos se encontraram há poucos centímetros de distância.

— Bom dia. Desculpe, eu acho que dormi no meio da conversa ontem à noite.

— Dormiu sim, mas não faz mal.

Ele sorriu. A mão que estava nas costas dela começou a se mover novamente fazendo um carinho que a arrepiou de imediato.

— Eu ouvi você dizer que o cristal vai ter que te matar junto se quiser me levar? — Clara perguntou erguendo a cabeça.

— Eu disse tanta coisa para você ontem e é isso

que vem comentar?

— Foi o maior absurdo que já ouvi. — Os dois sorriram e voltaram a se aconchegar mais perto um do outro.

— Pois é a verdade e eu também disse que quero ficar com você a cada segundo de todos os dias que viveremos, então isso significa que você não tem escolha.

— Isso soa meio possessivo.

Clara voltou a abaixar o rosto e esconde-lo no peito de Luan enquanto sorria.

— É possessivo mesmo. Mas eu estou falando sério. — Ele a afastou e ergueu-se para sentar na cama e olhar para ela. — Clara, você quer vir morar aqui na fazenda comigo?



Demoraram três dias até que a fazenda se

transformasse em um lugar que realmente fosse habitável, com todos os móveis e pertences dos dois. Luan havia feito várias viagens até Sunset Valley para buscar suas coisas, mas não se encontrou com Scarlett em nenhuma delas, por mais que quisesse muito aquilo, para esclarecer as últimas mentiras que ela havia contado.

Rei Frederick e rainha Deisy achavam que seu filho primogênito estava ficando louco. Como de repente ele buscava suas coisas para ir morar em outro reino com uma mulher que eles nem ao menos sabiam da existência? Tudo bem que ambos não simpatizavam com a nora, Scarlett. Na época que Luan se casou, seus pais foram contra o casamento. Era inexplicável a forma como tanto rei Frederick quanto rainha Deisy achavam que Luan tinha feito uma escolha precipitada.

Já na vida antiga, o rei e a rainha de Sunset Valley gostavam de Clara. Agora naquela vida estranha eles não a conheciam.

Luan buscou suas coisas, alegando que sabia o que estava fazendo. Não quis nem ao menos saber

PERIGOSAS NACIONAIS

o que seria de Scarlett, apenas reuniu seus pertences e despediu-se de seus pais.

— Filho, não vá agir de cabeça quente. Mandaremos Scarlett embora, mas não saia daqui.
— Rainha Deisy praticamente implorou.

Se Luan não estivesse tão decidido a ir morar com Clara definitivamente na fazenda, ele teria cedido ao pedido de sua mãe. Os olhos esverdeados da rainha estavam marejados, suplicantes.

— Eu volto assim que puder, mamãe. Eu não posso mais ficar aqui. Tem alguém que precisa da minha ajuda. — disse o príncipe enquanto segurava as mãos de sua mãe. — Lincoln está aqui, Larissa também e...

— Mas você não, meu filho. Quero meus filhos perto de mim.

— Deixa-o, querida. — disse rei Frederick. — Quando Luan se der conta da bobagem que está fazendo, irá voltar como um cãozinho arrependido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan quis rir daquela analogia, mas apenas aproximou-se e abraçou sua mãe, acariciando seus cabelos que estavam presos de forma elegante sob a tiara de brilhantes. Depois despediu-se de seu pai com um abraço e dois tapinhas nas costas.

— Estaremos aqui para recebê-lo quando criar juízo e voltar para o seu reino. — Rei Frederick disse, segurando os dois lados do rosto do filho.

Ambos sorriram e Luan estava pronto para virar aquela página de sua vida e iniciar uma nova história.

Clara por sua vez, teve que reunir suas coisas que estavam no castelo de seu pai e também as que tinha buscado em Brookhaven. Ela fez de tudo para não encontrar Julian em nenhuma de suas idas, porque não queria ter que dizer a ele o porquê de estar recolhendo seus últimos pertences.

Naquele dia tinham finalmente terminado e estavam colocando as coisas que faltavam em seus devidos lugares, depois de Greg ter os ajudados na maior parte do tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nem acredito que estamos fazendo isso.
— Clara sorriu passando os braços em volta do pescoço de Luan e juntando ainda mais os corpos de ambos. — Isso é loucura.

— O que é loucura? Estarmos apaixonados?

Ele juntou seus lábios aos dela, mas ao invés de beijá-la, mordeu o lábio inferior dela e puxou para si.

— Estarmos morando juntos e pulando de cabeça nesse relacionamento antes mesmo de nos separarmos propriamente das pessoas com quem éramos casados. Você não tem ideia de como meu pai acha que sou louca por estar aqui com você, porque ele acha que nós nos conhecemos faz pouquíssimo tempo e você só quer se aproveitar de mim. — Ela terminou com uma risada do que ela mesmo dizia.

— É verdade? Ele acha que sou uma pessoa tão ruim e aproveitadora assim?

PERIGOSAS ACHERON

Luan também riu daquilo, erguendo-a e a colocando sentada sobre a cômoda que estava na sala.

— Bom, ele não está tão errado assim, eu quero sim me aproveitar de você.

Os lábios desceram diretamente até o pescoço dela. Clara sentiu sua pele se arrepiar no mesmo segundo e para retribuir, colocou as duas mãos por baixo da blusa de Luan para arranhar as costas dele provocativamente. Ele a puxou mais para a beira do móvel, encaixando-se perfeitamente entre as pernas dela e deslizando as duas mãos por suas coxas por debaixo do vestido que ela usava, também provocando-a com a ponta dos dedos.

Clara logo livrou-se rapidamente da blusa que ele vestia e a jogou no ar. Luan voltou a subir com os lábios e eles trocaram um beijo urgente enquanto se tocavam sem pressa, mas com intensidade. As mãos dele correram até a parte de trás do vestido dela, abrindo o fecho. A ergueu da cômoda, deixando que o tecido caísse sobre o chão e revelasse seu corpo quase todo, exceto pelo que as

roupas de baixo ainda cobriam.

Luan sentiu um calor subir por todo o seu corpo só por estar olhando-a daquela forma, percebendo então que ela nem precisava tocá-lo para fazê-lo se sentir daquele jeito excitado.

Clara envolveu as pernas na cintura de Luan e empurrou a calça que ele usava para baixo, enquanto ele começava um caminho de beijos famintos pelo alto dos seios dela.

— É assim que eu gosto.

Clara sussurrou no ouvido dele, já sentindo o quanto Luan estava excitado, pelo volume que já havia em sua calça. Ele pressionou ainda mais o corpo dela entre o seu, gemendo baixo quando encontrou a melhor forma de se movimentar para fazer com que o precioso roçasse exatamente onde queria.

Luan a guiou até que os dois alcançassem o sofá, moveu seu corpo até que estivesse sobre o dela. As mãos agiam rapidamente livrando-se de

todas os panos. As mãos de Clara entraram ligeiramente pela roupa de baixo dele e ela apertou os dedos sobre o membro de Luan enquanto ele abocanhava um dos seios dela e massageava o outro, para conter as sensações que ela estava causando com seus toques.

— Vem, eu quero ser sua. — Ela pediu.

E como se fosse uma ordem, Luan inclinou seu corpo para frente, entreabrindo as pernas dela para se encaixar ali e então, direcionando-se de forma que seu membro encaixou perfeitamente dentro da intimidade dela. Apenas ficou com a cabeça na entrada, mais uma investida rápida e já estava na metade do caminho, mas continuou a entrar de forma devagar para provocá-la e ouvi-la pedindo para que ele continuasse.

Quando a penetrou por completo, o gemido de Clara foi alto do jeito que ele gostava, então como retribuição, ele começou a entrar e sair com o precioso de forma mais intensa, descontrolado a ambos.

Clara não demorou tanto para atingir seu limite assim que Luan não aguentou mais e deixou que o clímax também o atingisse de uma vez.

Luan deixou o peso de seu corpo sobre o dela, ambos com as respirações ofegantes enquanto as sensações e a adrenalina passavam por seus corpos.

O sorriso malicioso de Luan só podia significar uma coisa; que Clara sabia muito bem o que era.

Logo começariam tudo novamente.

Na manhã seguinte, princesa Clara acordou procurando Luan ao seu lado na cama, mas não o encontrou. Então, ergueu a cabeça e esticou o braço direito para alcançar o relógio de bolso sobre o criado mudo, já marcava meio-dia.

— Oh, céus! Dormi demais!

Levantou-se rapidamente, colocando a primeira roupa que encontrou pela frente. Desceu as escadas, ainda um tanto sonolenta, mas todas aquelas sensações passaram quando ela olhou pela janela da frente da casa e viu que o príncipe estava do lado

de fora, sentado, sem camisa e com o olhar concentrado enquanto o sol batia sobre seu corpo.

— Bom dia, príncipe fazendeiro!

Clara gritou, chamando a atenção de Luan e fazendo com que ele sorrisse.

— Bom dia, princesa dorminhoca!

Ele gritou de volta caminhando até a janela fazendo menção de beijá-la, mas ao invés disso, ela colocou a mão sobre o rosto dele e o empurrou para fora.

— Nem pensar! Você está todo suado. Vai tomar um banho para depois merecer um beijo. — Clara reclamou.

— Ah é? Então que tal tomarmos um banho no lago? Vem comigo...

Luan estava prestes a agarrá-la e fazer com que ela ficasse completamente coberta pelo suor do corpo dele, mas parou porque uma coisa grande

voava no céu em direção ali.

Nenhum dos dois estavam esperando visitantes, por isso ambos desconcentraram das brincadeiras que faziam e olharam na direção em que o ser voador se aproximava.

Não havia dúvida nenhuma para ele, ou até mesmo para Clara, o ser voador era nada menos que um dragão e quem estava sobre ele.

Scarlett.

CAPÍTULO 59



Scarlett desceu do dragão, a silhueta esbelta saltou apressadamente.

Luan deu alguns passos para frente, parando próximo à porta da casa e vestindo a blusa que havia deixado pendurada. Clara o acompanhou, posicionando-se ao lado dele, mas interessada na visitante que se aproximava.

Assim que Scarlett se aproximou o suficiente dos dois, Luan pegou uma das mãos de Clara e entrelaçou seus dedos, apertando de leve em seguida, como se quisesse passar calma para ela.

— Bom dia! — disse a rival com um sorriso estampado no rosto.

— O que você está fazendo aqui, Scarlett?

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi Luan quem falou primeiro, semicerrando os olhos.

— Ai, sossega, Luan. Eu só vim aqui conversar com vocês dois. Tinha certeza que os encontraria aqui. — Ela deu de ombros.

— Vai embora! Não temos nada para conversar com você. — Ele respondeu rapidamente.

— Se eu fosse vocês, entraria nessa casa agora e sentaria no sofá para conversar, porque o que eu quero falar é importante. Não esqueçam que eu ainda tenho algo que pertence a vocês.

Ela mexeu na bolsa que carregava e tirou de dentro uma caixa pequena de madeira. Assim que a caixa foi erguida, o cristal roxo foi revelado, brilhando fraco, como se estivesse quase sem forças.

— Você trouxe o cristal! O que está fazendo aqui com isso?

PERIGOSAS ACHERON

Clara soltou a mão de Luan e levou suas duas à frente da própria boca.

— O que você acha que estou fazendo aqui com isso, sua tola? Eu quero fazer um acordo. — Suspirou impaciente.

— Acordo? Que tipo de acordo, Scarlett?

Luan puxou Clara para seu lado, segurando sua mão novamente.

— Só iremos falar disso quando eu for convidada para entrar na casa nova de vocês e sentar para conversar. Quem sabe podem até ter uns biscoitinhos para servir. — Ela respondeu.

Depois de ouvir aquilo, Clara teve que rir debochadamente.

— Quer saber uma coisa? Entre Scarlett. — Clara falou.

— Hmm, ótimo! Vá, Draco. Pode ir. — falou referindo-se ao dragão e o mesmo obedeceu.

Clara olhou para Luan e então, Scarlett estava sentindo-se vitoriosa por conseguir o que queria, mas ao mesmo tempo desconfiada de toda aquela cortesia.

Ela entrou na frente e foi seguida pelos outros dois. A morena sentou no sofá e nenhum dos outros dois pôde conter a lembrança do que haviam feito sobre aquele mesmo estofado na noite anterior. Sabiam que estavam pensando na mesma coisa pela forma como se entreolharam com risadas debochadas presas na garganta.

— Bom, Scarlett, você quer começar a falar logo, ou teremos que esperar um dia inteiro? Andamos muito ocupados. — Clara falou enquanto sentava sobre a poltrona que ficava do outro lado da sala.

— Fale de uma vez, Scarlett. — Luan se posicionou atrás de Clara, apoiando as mãos nas costas da poltrona.

— A minha proposta é simples. Eu entrego o

PERIGOSAS ACHERON

cristal, mas em troca vocês dois se separam, cada um vai para o seu lado e nunca mais se veem.

— Como é? — Clara franziu a testa.

— Eu disse que era simples, apenas isso e se vocês quiserem uma chance de sobreviver, então terão que estar separados.

— É mesmo? E como iremos confiar em você? Como você pode confiar em nós? — Luan deu a volta, sentando-se no braço da poltrona, ao lado de Clara.

— Vocês terão que se contentar com a minha palavra e eu com a de vocês, sem garantias. Algumas vezes, quando se trata de pessoas honestas, uma palavra vale muito mais do que qualquer outra coisa.

— Pessoas honestas? Como você pode se colocar na categoria de pessoas honestas? — Clara interrompeu. — Olha, Scarlett, esquece o seu acordo. O cristal é importante sim, é a única chance que eu tenho, mas se você quer saber, eu não me

importo mais. Fica com ele para você, faça bom proveito, porque eu vou passar o resto da minha vida que eu tenho com o homem que eu amo.

Não precisou de muito, para que Scarlett ficasse nervosa. Ela se levantou do sofá, com a caixa do cristal nas mãos e deu alguns passos em direção à Clara, mas Luan colocou-se entre as duas rapidamente.

— Pode parando por aqui. Eu não quero você perto dela. Se esse era seu acordo e você não tem mais nada para dizer, então dê meia-volta e saia por onde entrou, sem mais nenhuma graça. — Luan advertiu.

— O que ela fez com você, hein? Que tipo de feitiço ela usou para que você se transformasse em algo que nunca foi e virasse as costas para mim, que sou a pessoa com quem você escolheu construir uma vida, se lembra?

— Pelo que ando conhecendo de você, foi uma escolha prematura e muito malfeita, mas a culpa não é sua não, a culpa é minha mesmo, eu é que

devia ser mais cuidadoso.

— Do que você está falando?

Scarlett usou o seu melhor olhar inocente ao investir naquela pergunta óbvia.

— Da sua infidelidade, das traições, do jeito como me enganou e pisou nos nossos votos de casamento. Acho que você devia lavar a sua boca antes de falar sobre construir uma vida com alguém, porque mais falso do que esse seu discurso, só mesmo o seu caráter.

Luan falava sem mostrar nenhuma mágoa ou dor, mas com um tom de raiva aparente em sua voz.

— Eu já sei de tudo, eu já descobri o quão podre você é por dentro e nada mais me cativa quando eu olho para você. Senti raiva, mas agora olhando na sua cara, tudo o que eu consigo sentir é pena, misturada com indiferença. — Luan estava colocando tudo para fora. — Não há mais nenhum motivo para você tentar me separar de Clara desse

jeito, porque mesmo que eu e ela não estivéssemos juntos, eu jamais estaria com você, então esquece.

As expressões no rosto de Scarlett estavam confusas, era difícil dizer se eram de dor, raiva ou mágoa, mas Clara achava que provavelmente era uma mistura das três coisas e outras mais.

Parecia que a conversa havia acabado e que a rival estava pensando seriamente em ir embora e nunca mais aparecer, mas então, em uma reviravolta inesperada, Luan deu um passo para a frente, aproveitando-se da distração de Scarlett e puxou rapidamente a caixa com o cristal para si, tendo o cuidado de fechar a tampa para que a pedra não escorregasse para fora. Foi observado pelas duas com os olhos arregalados e expressões surpresas.

— Esse cristal não pertence a você. — Luan completou depois do ato.

— Me devolve, Luan. Vocês não aceitaram o acordo, então não tem direito nenhum sobre o cristal. Me devolve agora! — Scarlett gritou.

— Isso aqui não é uma brincadeira de criança, você é quem não tem direito nenhum sobre o cristal e fim de conversa. — Luan insistiu.

O rosto de Scarlett estava vermelho, como se estivesse queimando de raiva e ela não ia sair por baixo naquela situação de forma tão fácil e Luan sabia muito bem disso.

— Eu traí você, porque queria que esse casamento tivesse acabado no momento em que ele começou. Você é uma merda de homem, Luan. — Logo correu com o olhar para encarar sua rival. — Um dia você irá descobrir isso também e irá se arrepender do mesmo jeito.

— Cala essa sua boca. Mal-amada!

Clara a encarava com uma expressão de nojo por causa de tudo o que estava sendo dito.

Luan, por sua vez, estava sendo atingido por um desejo que parecia querer dominá-lo a qualquer momento. Estava sendo vencido pela vontade de

obrigar Scarlett a encostar no cristal que estava dentro da caixa em suas mãos.

Estava dividido entre mandá-la embora dali e seguir a vida, ou fazer com que sua ex-mulher tocasse no cristal de propósito para acabar com aquilo, mas as palavras que Scarlett havia acabado de dizer, estavam contribuindo muito para que Luan optasse pela segunda opção.

Mesmo que aquilo custasse o bom caráter que ele ainda julgava ter, resolveu ignorar todos os pensamentos e quando percebeu, já havia dado um passo à frente.

Luan abriu a caixa e a sacudiu como se estivesse soltando um passarinho de volta na natureza, com isso, o cristal que estava dentro, saltou de uma forma desigual para a frente.

Clara sentiu um frio correr por sua coluna quando observou aquela cena, queria gritar, mas não conseguia, apenas conseguia pensar na visão que o cristal havia lhe mostrado e em como ele acabou no chão rachado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele foi o exato momento em que ela percebeu que a situação em que estavam era a combinação perfeita para aquela profecia se concretizar.

A pedra bateu contra o peito de Scarlett e em um impulso não intencionado, ela o agarrou com as duas mãos e salvou a pedra de uma queda fatal.

Os três observavam a cena com expressões tensas e depois surpresas no final, mas tanto Clara quanto Luan estavam confusos.

Scarlett havia acabado de tocar o cristal, mas nada havia acontecido, absolutamente nada.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 60

 **L**uan e Clara se entreolharam, mas foi ela quem começou a falar.

— Você está segurando o cristal. Sem nenhum tecido, sem a caixa de madeira... Você está tocando nele, Scarlett.

— Como vocês acham que eu sei sobre o cristal, hein? Como acham que descobri todas as coisas que falei para Clara como se fosse Luan quem tivesse me contado? Eu sei de tudo isso antes de vocês.

Scarlett riu, ajeitando a pedra entre as mãos e parando um segundo para admirar a beleza dela.

— Esse cristal aqui já foi meu, eu também já fiz meu pedido para ele.

— Você o que? — Clara deu um passo para frente, para ficar ao lado de Luan.

— Eu também fiz o meu pedido, pensou que fosse só você?

— O que você pediu? Você nos colocou nessa situação? — foi a vez de Luan questionar.

— Ai, eu estou cansada desse papinho, cansada de vocês dois com esse clima chato de Romeu e Julieta, isso está mais chato do que livro de histórias infantis. Acabou a brincadeira!

Scarlett deslizou o dedo indicador sobre a superfície fria do cristal e depois o ergueu, acima de sua cabeça com uma de suas mãos.

— Isso aqui é por você achar que tem o direito de se meter na minha vida. — Ela jogou a pedra para cima, mas agarrou novamente, o que fez o coração de Clara acelerar brutalmente.

— Scarlett, isso é loucura, pare com isso. — A princesa disse com um certo desespero, mas só

causou mais diversão nas expressões da outra.

— Essa é por você ser a pessoa mais irritante que eu conheço. — Mais um lançamento no ar, como se o cristal fosse apenas uma bolinha.

Luan e Clara nem conseguiam mais se mover, com medo de que um simples movimento a fizesse realmente jogar a pedra.

— Essa é por você ter tido a audácia de encostar seus dedos sujos em mim.

E dessa vez sem aviso prévio nenhum, os dedos realmente soltaram o cristal e ele bateu contra o chão em um baque, caindo da altura da cabeça dela até se chocar contra o chão de madeira no assoalho.

Um pequeno pedaço do cristal se soltou, rolando até os pés de Clara, porém Scarlett ainda não havia terminado.

— E esse daqui, é simplesmente por você ser essa princesinha chata que você é. — com toda força que tinha, pisou sobre a superfície da pedra,

PERIGOSAS NACIONAIS

soltando seu peso todo e cravando seu salto alto até que uma rachadura se estendesse por todo o cristal, de cima a baixo.

Uma rachadura grande, profunda e extensa, mas que não chegou a quebrar a pedra exatamente, fora o pequeno pedaço que se soltou dela.

Pelo menos não ainda.

O barulho oco do cristal batendo contra o piso repetiu-se seguidas vezes na cabeça de Luan no milésimo de segundo que se seguiu depois da queda. Ele achou que enlouqueceria, porque era como se estivesse revivendo o mesmo segundo de uma forma interminável, até o momento em que percebeu que algo estava muito errado à sua volta.

Os olhos de Clara estavam sobressaltos e a expressão de surpresa que ela tinha no rosto parecia estar congelada, mas ela não estava paralisada, aquela posição durou somente mais alguns segundos e então, os olhos dela se fecharam, fazendo com que seu rosto assumisse uma grande e contorcida expressão de dor.

PERIGOSAS ACHERON

— Clara! Você está bem?

Luan se aproximou rapidamente e aquela foi uma decisão sábia, porque no segundo seguinte, o corpo de Clara desabou sem forças e ele conseguiu segurá-la por debaixo de seus braços bem a tempo de evitar que caísse com tudo sobre o chão, exatamente como o cristal havia feito segundos antes.

Luan deitou sua amada de forma que pudesse deixá-la confortável. O tempo parecia ter parado no mesmo segundo quando Luan olhou para o rosto inconsciente de Clara, os olhos fechados e a ausência de expressões deixavam claro que faltava alguma coisa ali e nesse caso, era vida.

Por mais que o rosto estivesse tranquilo, como se depois de tantos meses ela finalmente estivesse em paz, era óbvio que havia algo errado. Clara parecia dormir profundamente em seus braços, mas ao aproximar seu rosto do dela, Luan concluiu sua mais temida desconfiança.

Ela já não estava mais respirando.

— Clara, por favor não faz isso comigo!

O desespero chegou como se alguém o tivesse injetado em suas veias e o sentimento de impunidade era o que parecia que sufocaria Luan a qualquer momento. Ele não conseguia acreditar que havia realmente perdido Clara para sempre, porque em sua concepção, havia acabado de ganhá-la.

Levantou a cabeça para encarar o cristal no chão, próximo ao corpo caído e ele estava quase transparente, como se a forte cor roxa estivesse escapado pela rachadura que se abria em sua superfície.

Luan estava tomado pela dor e tristeza e não sabia como agir naquele momento. Levantou-se do chão, depois de deitar Clara, precisando firmar as pernas, que estavam trêmulas. Assim que se ergueu por completo, encarou Scarlett com um semblante nada amigável.

— Isso tudo é culpa sua!

Ele disse, mas ela estava com uma expressão estranha no rosto, como se estivesse congelada exatamente como o rosto de Clara parecia antes da queda.

Não demorou muito para que Scarlett voltasse a se mexer e foi com um rápido movimento com os braços, que levou uma das mãos ao peito e apertou enquanto o rosto se contorcia. Tudo indicava que estava sentindo uma dor enorme por algum motivo.

— Luan...

Ela sussurrou e ele enrugou a testa confuso, mas deixou de prestar atenção nela rapidamente, porque ouviu Clara gemer de dor, o que indicava que estava voltando a consciência e não era o fim da linha.

Quando ele virou o rosto rapidamente para olhá-la, ela estava o encarando com os olhos azuis saltados mais que o normal, e o peito arfando como quem tem dificuldade para respirar. Então, o mesmo tipo de gemido veio de Scarlett e Luan

trocou olhares entre as duas, parando com os olhos na vilã por último.

Um segundo depois, Scarlett desabou no chão exatamente como Clara havia feito antes, mas com a diferença que não foi amparada por Luan e não perdeu a consciência.

Clara não precisou pensar muito para saber que aquela era exatamente a visão que o cristal havia lhe mostrado quando ela tocou em sua superfície algum tempo atrás. Agora ele estava parado ali a alguns centímetros de seu rosto, quase sem cor, rachado e piscando uma luz branca fraca, como se sua magia estivesse acabando.

— Luan?

Clara chamou baixo e ele se aproximou rapidamente, erguendo o tronco dela do chão e a confortando em seus braços.

— Clara, como está se sentindo?

Luan a abraçava apertado, como se tivesse medo

PERIGOSAS ACHERON

de perdê-la outra vez.

— Eu acho que o cristal está punindo a todos nós. Pensei que fosse apenas a mim, mas se Scarlett também caiu, deve significar que todos que já fizeram seu pedido ao cristal morrerá quando toda a magia dele se acabar. Temos que fazer alguma coisa. — Ela disse com a voz fraca e baixa.

— O que iremos fazer? — ele perguntou, ainda estava perdido com tantos acontecimentos ao mesmo tempo.

— Primeiro pegue o cristal, mas cuidado para não tocar nele.

Luan não perdeu tempo, voltou a deitá-la no chão e levantou-se rapidamente, pegando uma toalha na cozinha para envolver o cristal e colocá-lo dentro da caixa outra vez.

— Agora precisamos falar com alguém que entenda tudo isso.

— Você quer dizer, a velha da Estrela Cadente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luan perguntou.

— Isso! Precisamos chegar até a Estrela Cadente.

— Vocês dois querem parar com esse inferno? Eu já sei que irei morrer, essa dor e essa falta de ar irão me matar, mas eu não preciso morrer ouvindo as vozes de vocês dois. Me matem de uma vez! — Scarlett disse enquanto se contorcia de dor, mas não era notada.

— Vem, vamos sair daqui. — Luan disse baixo para Clara, ignorando Scarlett.

— E vocês vão me deixar aqui? Não, Luan, eu vou morrer aqui sozinha! — Scarlett se desesperou. — Luan, você não pode me deixar, se você levar a Clara, ela irá acabar morrendo no meio do caminho, ela não vai aguentar, eu sei o que ela está sentindo.

— Você não sabe de nada, cala a boca, eu é que não vou ficar aqui ouvindo a sua voz.

PERIGOSAS ACHERON

Não havia nenhum motivo para que Clara mantivesse a paciência com Scarlett e Luan sabia muito bem daquilo, por isso mesmo achando que talvez a ex-mulher pudesse estar certa quanto ao estado dela, ele ainda não cogitava a ideia de deixar as duas ali sozinhas enquanto ia atrás de respostas.

— Vem comigo.

Ele ajoelhou-se no chão e passou uma das mãos sob as pernas de Clara, enquanto o outro braço posicionava-se atrás das costas dela. Erguer o corpo pequeno do chão foi fácil e aconchega-la confortavelmente em seus braços, mas olhar para o rosto pálido que se contorcia de dor seguidas vezes havia sido a coisa mais difícil que Luan já havia feito na vida.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo que tudo ficará bem, irei fazer tudo o que eu puder e até mesmo o que não puder.

Luan beijou os lábios de Clara, mas ela não disse nada, apenas concordou com a cabeça e fechou os olhos. Foi exatamente naquele instante

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele percebeu o quanto Clara era importante e como ele era capaz de fazer qualquer coisa por ela. O pensamento de que quase a perdera alguns minutos antes, o fazia estremecer.

Não havia nenhuma dúvida, ele a amava.

— Eu amo você. — Luan disse baixo.

— Eu também te amo. — Clara respondeu voltando a abrir os olhos para olhá-lo.

— Ai, pelo amor de Deus, eu quero morrer em paz! Vão embora de uma vez, eu retiro o que disse sobre morrer sozinha, é tudo o que eu quero nesse momento.

— Adeus, Scarlett!

Disse Luan, virando-se para ela por um curto período de tempo, mas logo saiu pela porta, deixando a ex-mulher para trás de uma vez por todas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 61

 O quadro sobre o piano exibia dois sorrisos alegres e dois pares de olhos apaixonados, que se encontravam como se nada no resto do mundo fosse mais importante do que o que sentiam um pelo outro.

Os trajes formais, o jardim bem cuidado ao fundo... Nada daquilo era mais deslumbrante do que a felicidade que as expressões do casal exibiam. As mãos dadas com os dedos entrelaçados e as pétalas de rosas vermelhas que caíam sobre eles no momento em que o quadro fora pintado, mas o que realmente importava era o amor que havia sido capturado naquela pintura. O pintor conseguira salvar aquela troca de olhares para sempre, por mais que na vida real, ela jamais fosse acontecer outra vez.

Olhar para aquele quadro trazia uma mistura de
PERIGOSAS ACHERON

sentimentos. Julian agradecia por o momento ter sido eternizado, mas ao observar daquela forma, tornava-se quase impossível acreditar que ela havia lhe deixado. Era exatamente por isso que ele se sentia tão mal por tudo ter acabado. Não era porque ela havia lhe deixado por outro homem, apesar de aquilo doer absurdamente, e sim pelo fato de que não houveram motivos para que fosse embora, tudo estava perfeito em um dia e desabou completamente no outro.

Como as pessoas esperavam que ele aceitasse aquilo? Que entendesse que um dia a mulher da sua vida, que o amava da mesma forma como era amada, voltasse para casa e dissesse que não se lembrava dele?

Era injusto e desesperador, de certa forma. E somado a tudo isso, ele não conseguia odiá-la, porque não havia algo em que pudesse culpa-la. Clara continuava sendo a pessoa que foi quando era dele, mas também estava diferente, porque viveu uma vida completamente distinta, e era isso que a afastava do que eles tinham. Não era bem uma escolha dela, mas era uma escolha que destruía

PERIGOSAS NACIONAIS

Julian aos poucos, a cada dia que vivia sem sua presença.

— Julian? — a voz interrompeu seus pensamentos.

— O que houve, Miranda? — virou-se apenas para olhar a mulher que estava parada na entrada da sala escura.

— Vim ver como está e Helena pediu para avisar que o jantar está servido.

— Obrigado, eu já vou até lá.

Julian levantou-se do banco do piano e colocou a proteção novamente sobre as teclas dele. Miranda estava com algo preso em sua garganta, ela sentia que se não dissesse nada, provavelmente morreria sufocada.

— Você precisa parar com isso, sabia? Ela foi embora, levanta a cabeça e volta a viver, Julian. Ninguém irá fazer isso por você. — Desabafou.

PERIGOSAS ACHERON

— Miranda, por favor, eu não quero discutir isso outra vez. Você jamais entenderia, ninguém entende. — Balançou a cabeça negativamente enquanto olhava a mulher à sua frente.

— Mas é claro que ninguém entende, isso é loucura. A Clara era a sua esposa e ainda é a mulher que você ama, mas será que não dá para sobreviver a era-pós-Clara? Você precisa reagir, se enfiar no trabalho não está adiantando, então segue com a sua vida. Será que eu tenho que lembrar que ela te trocou por outro homem e seguiu a vida dela? — o tom de irritação era presente.

— Não, Miranda! — Julian gritou. — Não tem que me lembrar de nada. Você acha que eu não acordo sozinho naquela cama todos os dias me lembrando disso? — o cenho franzido e a tristeza nos olhos. — Acha que eu não tenho gravadas na minha mente todas as coisas que ela me disse antes de partir, quando falou que o amava e todos os detalhes que deu sobre a vida deles dois? Mas ainda assim, eu não consigo odiá-la, isso não faz parte dos meus planos e eu nem sei se seria capaz de tal coisa. Respeito a decisão dela e por isso estou

distante. — Respirou fundo após desabafar.

— Você quer dizer que se ela batesse aqui na porta agora e dissesse que quer voltar, você a aceitaria de braços abertos? — Miranda perguntou.

— Não pensaria nem por um segundo. — Julian respondeu.

E como se alguém estivesse do lado de fora, só esperando o momento certo da discussão para agir, ouviram batidas na porta.

Miranda e Julian se entreolharam com expressões confusas e foi ele quem se aproximou da entrada para abrir a porta, mas não desconfiava nem um pouco do que o aguardava do outro lado. Chegou a precisar de alguns segundos para entender que estava novamente de frente para seu maior rival, mas dessa vez, ele trazia Clara nos braços e ela não parecia em seu melhor estado.

— Clara? O que está acontecendo?

Julian trocou olhares entre o corpo dela e o rosto

PERIGOSAS ACHERON

de Luan. A raiva tomou conta dele rapidamente.

— O que você fez com ela?

— Eu não fiz nada com ela. — Luan deu um passo para dentro, sem esperar pelo convite. — O cristal quebrou e ela está assim desde então. Eu preciso ir até um outro lugar, mas não posso levá-la comigo. Eu preciso deixá-la com você.

— O cristal quebrou? Como assim? O que aconteceu? — Miranda intrometeu-se no assunto, mesmo que Luan estivesse falando diretamente com Julian.

— Isso não é importante, o que importa é que eu não posso levá-la e não confio em deixá-la sozinha. Eu precisava de alguém que fosse cuidar dela tão bem quanto eu mesmo cuidaria, essa pessoa é você, Julian.

Os dois se encararam em silêncio por alguns segundos. A cabeça de Julian estava dividida entre entender o que era realmente válido naquele momento e ajudar sem olhar a quem, ou

simplesmente fazer Luan pagar por tudo o que lhe fizera e deixar que se virasse sozinho. No entanto, os olhos dele correram até o rosto de Clara e não havia mais dúvida nenhuma, ele não podia deixar que ela ficasse desamparada. Clara era muito mais importante do que qualquer ódio ou problema que ele tivesse com qualquer pessoa. Julian jamais a prejudicaria e era exatamente por isso que Luan estava ali.

— Vamos colocá-la deitada.

Ele fez sinal para que Luan o seguisse e Miranda ficou para trás para fechar a porta.

Subiram as escadas até o quarto de Julian, que puxou rapidamente o cobertor da cama, abrindo espaço para que Clara fosse posicionada e foi exatamente o que Luan fez, deitou-a de forma que ela ficasse confortável sobre o colchão e então, Julian ajeitou uma coberta sobre o corpo dela.

— Ela está assim desde que o cristal se quebrou? — não encarou Luan, apenas continuou a observando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela perde a consciência algumas vezes e depois acorda, não dá para explicar, mas é como se a dor ficasse insuportável e o corpo precisasse se desligar por um tempo para depois começar tudo novamente. — Luan explicou. Era doloroso assistir e até mesmo falar sobre isso. — Eu não posso demorar, vou tentar encontrar a mulher guardiã do cristal, para que nos diga o que precisamos fazer para isso parar.

— Você acha que existe algum jeito? — Julian perguntou.

— Precisa existir e caso exista, eu vou descobrir. Farei o que for possível.

Mais uma vez, Luan e Julian se encararam sem dizer nada. Era a primeira vez que ambos enxergavam o outro com o respeito merecido, por mais que não fossem amigos e nem simpatizassem, eles trabalhariam juntos por um bem maior. O bem de Clara.

— Eu cuidarei dela enquanto isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei que sim. E também preciso que cuide disso. — Luan o entregou a caixa que estava em suas mãos. — O cristal está aí dentro, mas não esqueça que ele não pode ser tocado. Qualquer coisa, dê um jeito de me avisar caso ocorra alguma novidade.

— Fique tranquilo. — Julian concordou balançando a cabeça.

Os dois estenderam os braços selando todo aquele acordo verbal com um aperto de mãos.

Luan deu uma última olhada para o rosto inconsciente de Clara e saiu rapidamente pelo caminho de onde tinha vindo, antes que se arrependesse de deixá-la ali naquele estado.

Julian encostou um pouco a porta do quarto e aproximou-se da cama, sentando-se na beira do colchão. Uma de suas mãos tocou o rosto pálido de Clara e a temperatura fria da pele o assustou. Os dedos desceram lentamente pelo pescoço dela e ele posicionou no lugar certo para que pudesse sentir

PERIGOSAS NACIONAIS

com mais precisão o pulso, que estava fraco e quase impossível de monitorar.

Existiam muitas coisas naquela história do cristal que poderiam ser questionadas, mas não importava quantas vezes ele quisesse desconfiar de tudo aquilo, algo sempre acontecia para provar que toda aquela loucura estava mesmo acontecendo; por mais difícil que fosse acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 62

 Julian ficou alguns instantes observando Clara ali deitada inconsciente, ele velava seu sono, até que deu um pulo quando ouviu a voz que vinha da porta do quarto.

— Então... Ela está morta?

— Não, Miranda, ela não está morta. — Julian suspirou profundamente. — Mas ela não está bem.

A mulher de longos cabelos castanho-escuros adentrou o cômodo com um certo receio, dando passos lentos em direção aos dois. Focou seu olhar no rosto de Clara e aquilo quase a fez chorar imediatamente.

— Meu Deus... É terrível vê-la desse jeito. Eu devia ter estado ao lado dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, você devia... — uma das mãos dele segurou a de Clara e a apertou de leve.— Todos nós devíamos ter cuidado melhor dela quando tivemos a chance, todos a julgaram pelas coisas erradas que ela estava fazendo, mas nos esquecemos dos problemas pelos quais estava passando e os sentimentos que tinha dentro dela. Nenhum de nós teria chegado tão longe e lutado tanto em uma história tão assustadora como essa, mas a Clara sempre foi a pessoa mais forte que eu conheci em toda a minha vida e é por isso, que qualquer um em volta esquece que ela é humana, tem defeitos e momentos de fragilidade como qualquer outra pessoa. Nós todos fomos muito injustos com ela.

Julian analisava o rosto pálido e sem expressão. Era terrível ver a mulher que amava daquele jeito.

— Eu fui muito injusta com ela.

Miranda chorava em silêncio depois das palavras de Julian, enquanto ainda olhava para o rosto pálido e aparentemente sem vida, da melhor amiga.

PERIGOSAS ACHERON



Luan não conseguiu acreditar que o caminho até ali montado no cavalo havia sido tão mais rápido, mas definitivamente estava no local certo, pois encarava o castelo branco no fim da mesma estrada de terra cheia de árvores que agora estavam sem nenhuma folhagem. A pequena placa com o nome "Estrela Cadente" ainda estava lá.

Tudo estava quase completamente escuro do lado de fora, mas por dentro uma luz amarelada iluminava, pelo que se podia ver através das janelas. Luan atravessou o caminho até a entrada e empurrou as portas, encontrando a tal senhora misteriosa sentada à mesma mesa onde ela havia contado sobre o cristal e a maldição na primeira vez em que esteve ali com Clara. O candelabro com as velas acesas estava no centro da mesa. A expressão sem nenhuma surpresa e a xícara de chá que esperava na frente da outra cadeira, indicavam que ela já aguardava a chegada dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não há tempo para enrolação, eu preciso saber o que podemos fazer. — Luan disse entendendo que ela já sabia o que estava acontecendo.

— Você demorou a chegar, eu esperava que viesse mais cedo. Eu já sei o que está acontecendo. Vocês quebraram o cristal?

— Não exatamente nós...

— Luan, quando alguém faz um pedido ao cristal, ele aprisiona a sua alma primeiramente, é dessa forma que ele consegue alterar tudo o que acontece na sua vida, entrar nos seus sonhos, mexer com a sua cabeça... A única forma de libertar uma alma aprisionada é cedendo outra alma em troca, com o sacrifício. Se não houver sacrifício nenhum, então você estará aprisionado para sempre, mesmo que ele não interfira mais na sua vida.

Por um segundo, Luan achou que não estava entendendo o que estava ouvindo, mas logo tudo pareceu fazer sentido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É por isso que você se tornou guardiã, não é? Nunca trocou a sua alma por um sacrifício e por isso ele poderia usá-la quando bem entendesse. — Seus olhos estavam compenetrados na senhora à sua frente, tentando entender melhor toda aquela loucura.

— Sim, eu nunca me libertei e ele escolheu continuar interferindo na minha vida de forma permanente. — A velha confessou.

— Então por que você não está morrendo agora?

— Porque morrer é tudo o que eu desejo todos os dias, mas o cristal não me permite isso, porque precisa de mim. — Ela foi o mais honesta que poderia ser naquele momento.

— O que eu tenho que fazer? O que ainda pode ser feito? — Luan perguntou.

— Se você quer salvá-la e a todos os outros, precisa de um sacrifício e o mais rápido possível. A rachadura suga o poder do cristal e ele não terá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais nenhuma magia muito em breve. Consiga o sacrifício antes das doze horas e todos estarão bem. Mas se o relógio soar meia-noite e nenhuma alma for cedida ao cristal, ele vai levar consigo para o inferno todas as que estavam aprisionadas e não haverá mais nenhuma forma de salvá-los.

Um arrepio percorreu a espinha de Luan. O príncipe parecia abismado ao ouvir tudo aquilo, mas já havia um plano em sua mente.

— Qual é o seu nome? — perguntou olhando no fundo dos olhos da senhora misteriosa.

— Meredith. Meredith Legrand.



O relógio marcava dez da noite e já fazia quase uma hora que tudo continuava do mesmo jeito. Clara estava desacordada, Julian permanecia sentado ao lado dela sobre a cama e Miranda observava de pé, próxima à porta enquanto Helena colocava mais toalhas banhadas em água quente

PERIGOSAS ACHERON

sobre a pele das pernas e dos braços de Clara. Aquilo era uma tentativa de reverter o quadro de hipotermia, que vinha ficando óbvio desde que a temperatura corporal dela não parava de baixar. A pele estava mais branca do que sempre e os lábios cada vez mais roxeados.

Faltavam apenas duas toalhas sobre as pernas para serem trocadas, quando Clara moveu-se e assustou a todos eles, erguendo o corpo com rapidez e de um jeito desesperado, como alguém que estava muito tempo debaixo d'água e finalmente chega à superfície para respirar. A procura intensa por ar dava a mesma impressão de que ela havia acabado de se libertar de alguma coisa ou de voltar à vida.

— Clara!

Julian foi o primeiro a reagir, já que estava mais perto naquele momento. Ele passou os braços em volta dela e a trouxe para trás outra vez, fazendo com que voltasse a se deitar, mas dessa vez sobre seu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Julian? Onde eu estou? O que estou fazendo aqui? Onde está o Luan? — a voz era fraca e baixa e a respiração desregulada.

— Não se preocupe, ele está bem, só foi até a tal Estrela Cadente. — Foi Miranda quem respondeu à pergunta.

— Ele foi até lá sem mim?

Aparentemente ela estava mais calma e encarava as outras pessoas como se estivessem escondendo alguma coisa dela.

— Ele a deixou aqui conosco. Você estava desacordada, se fosse com ele só acabaria atrasando as coisas e piorando ainda mais a própria situação. Nesse ponto, eu acho que ele foi certo. — disse Julian, o que fez com que Clara o olhasse sem entender.

— Vem menina, vamos arrumar as coisas lá embaixo. — Helena puxou o braço de Miranda, tentando carregá-la para fora do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? Arrumar o que?

— Vem comigo. — disse Helena e Miranda não teve mais como negar, então deixou-se levar porta a fora rumo ao andar de baixo do castelo.

— Como está se sentindo?

Julian ajustou os travesseiros atrás da mulher e ergueu-se um pouco, colocando Clara deitada sobre eles e dando um pouco de espaço a ela.

— Eu não consigo respirar direito e tem uma dor no meu peito, a mesma dor desde que o cristal caiu no chão. — Ela respondeu fechando os olhos por alguns segundos.

— Você andou desmaiando... É tão assustador, parece que está morta e fica gelada.

— Eu sinto muito... Sinto muito que tenha que passar por isso. Eu não queria estar aqui dando trabalho para você até o último segundo. — Sorriu fraco.

PERIGOSAS ACHERON

— Você nunca me dará trabalho nenhum e não tem nada de último segundo você ainda tem muito para viver, Clara.

Até mesmo Julian abriu um fraco sorriso quando se aproximou dela.

Ele ajoelhou-se no chão ao lado da cama e segurou uma das mãos de Clara, confortando-a entre as suas mãos, segurando-a de forma firme.

A troca de olhares se aprofundou e Clara não sabia medir o carinho e a compaixão que sentia por Julian, não só naquele momento, mas de forma geral. Ela acariciou a palma da mão dele de leve enquanto fechava os olhos. Então um barulho na janela do quarto despertou a ambos. Era uma pombinha que trazia consigo um pedaço de papel.

Julian precisou soltar as mãos de Clara para caminhar até a janela e pegar o pequeno bilhete.

"Eu tenho um plano, fui até a Estrela Cadente, só temos até a meia-noite para fazer o que precisa ser feito... Eu voltarei para a fazenda e Scarlett será o sacrifício."

PERIGOSAS NACIONAIS

Fique bem, eu te amo.

Luan"

Julian contorceu o rosto ao ler o final do bilhete para Clara.

— Espera, ele irá matá-la? — Clara perguntou aflita.

— Acredito que se for preciso, sim.

— Ela nunca irá concordar com isso. — Clara disse voltando a se ajeitar com dificuldade sobre o travesseiro.

— Bom, só temos duas horas... Talvez ela concorde e então tudo isso acaba, ficamos livres.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 63

 Julian pareceu pensar por alguns segundos, sentando-se na beirada da cama. Clara chegou para o lado lentamente, fazendo o máximo que conseguia para mover seu corpo, que parecia mais pesado e dolorido do que o normal. Com o novo espaço cedido sobre o colchão, Julian se ajeitou ao lado dela, deitando-se de frente para seu rosto, como os dois haviam feito tantas vezes antes, naquela mesma cama.

Mesmo que estivessem deitados lado a lado na cama, ainda havia um espaço entre seus corpos, onde facilmente caberia uma criança, se fosse preciso. Uma das mãos de Clara atravessou essa distância e repousou sobre o lado esquerdo do peito de Julian, como se metaforicamente quisesse tocar seu coração. E ela sentiu o exato segundo em que as batidas aceleraram, tomando consciência de todo o poder que ainda tinha sobre ele, mesmo que não

quisesse.

— Como se sente agora? — Julian disse quebrando o silêncio melancólico que pairava no ambiente.

— Cansada. É como se eu tivesse passado o dia todo correndo. — Ela respondeu ainda com dificuldade e a voz baixa.

— Não se canse, por favor. Você precisa descansar.

Os olhos dela estavam fechados e já faziam alguns minutos que a situação havia mudado. Ao invés da temperatura do corpo cair, estava subindo assustadoramente e Clara apresentava uma febre que já passava dos quarenta graus, parecia delirar a maior parte do tempo.

Ele segurou uma das mãos dela mantendo a toalha molhada sobre sua testa e às vezes descendo com ela até o pescoço e a nuca. Fora aquilo, não havia mais nada o que pudesse fazer e isso o deixava aflito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Julian, eu preciso do cristal.

— Não, Clara. Você precisa descansar. Não vai tocar naquilo agora, só irá lhe fazer mal.

— Se continuar assim, ela irá ter convulsões. — Miranda estava encostada na parede do outro lado do quarto e observava a cena.

— Eu não sei o que você ainda está fazendo aqui, Miranda. Você não está ajudando e não tem nada bom para dizer. Nesse caso é melhor ficar calada ou se retirar. — Julian falou.

— Eu estou aqui assistindo você ser otário. — Ela respondeu de má vontade.

— Você não consegue respeitar a sua amiga quando ela está em um estado desse?

Julian estava ficando magoado com a melhor amiga de Clara. Se é que esse título ainda cabia a ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não estou desrespeitando ninguém, meu problema não é com ela, é com você e esse seu jeito tolo de ser. — Miranda retrucou.

— Seu problema é comigo e não com ele. Pare de encher o Julian, ele só está sendo incrível como sempre. — Clara respondeu. — Julian, por favor, pegue o cristal.

Sem protestar, o homem finalmente pegou a caixa e lhe entregou.

— Toma cuidado com isso.

— Eu sinto que ele ainda tem algo a me dizer.

Clara retirou a tampa da caixa e encarou o cristal, que estava quase todo transparente, com somente um tom claro de lilás que quase não existia mais. A luz esbranquiçada continuava a piscar, as marcas em sua superfície ainda continuavam bem aparentes, até mesmo mais do que antes e a rachadura atravessava de um lado para o outro.

Assim que colocou as mãos sobre a pedra, Clara

PERIGOSAS ACHERON

sentiu a dor no peito amenizar, mas sua visão foi ficando cada vez mais escura e ela foi capaz de sentir o exato momento em que sua cabeça bateu contra o travesseiro macio.

A visão ficou embaçada e os olhos voltaram a enxergar, estava em outro lugar. Tudo era branco, as paredes, o chão e a roupa que vestia, não haviam móveis, janelas, portas e nada mais. Era como se estivesse presa dentro de um cubo sem saída. Pensou que estivesse sozinha e aquilo pudesse ser uma espécie de céu, ou quem sabe inferno, ou espaço alternativo, ou o que quer que existisse depois da morte, mas bastou olhar em volta para perceber a presença de uma outra pessoa.

— Júlia? — ela sussurrou e aproximou-se da menina.

Quando uma das mãos de Clara tocou o ombro de Júlia, a garota dessa vez não estava feliz e tranquila como aparecia nos outros sonhos. Ela dessa vez estava chorando.

— Clara... Você chegou para me salvar?

Júlia a abraçou de uma forma que parecia ser um abraço apertado e intenso, mas ainda assim, Clara não sentia nada. Se não estivesse vendo os braços da menina ao redor de seu corpo, jamais desconfiaria que estava sendo abraçada.

— Salvar? Eu pensei que estivesse bem.

Clara estava chocada com aquela mudança.

— Eu estou sumindo. Se o cristal perder a magia, eu irei sumir para sempre, assim como todas as outras almas dentro dele.

— Mas você está morta, Júlia. Não devia querer nada além de paz.

— Mas você precisa avisar que o que ele está fazendo é errado. O sacrifício não surge da raiva, não surge do ódio e nem de nenhum sentimento ruim, ele é fruto do amor. — Júlia explicou.

— Fruto do amor?

— Sim. Não se encontra um sacrifício de corpo e alma onde não tem amor. Se você quer salvar a mim e a si própria, isso deve vir do amor que tem no coração. Lembre-se: o sacrifício por interesses pessoais não traz de volta o que foi perdido.

A visão ficou escura novamente e a dor ia retornando aos poucos e ocupando o seu lugar de origem. Quando Clara abriu os olhos, estava deitada na cama outra vez e Julian encontrava-se inclinado sobre ela, com as mãos pressionando seu peito de forma que piorou mais a falta de ar que já estava sentindo antes.

— Julian... — ela se esforçou para falar.

— Oh, Deus! Você voltou!

Desesperadamente ele a abraçou e quando Julian se afastou um pouco, ela percebeu que ele estava chorando.

— O que aconteceu?

— Você estava morta, eu tenho certeza que

estava morta. — Foi Miranda quem respondeu e ela também estava debruçada na cama e tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu não estava morta.

— Mas não tinha pulso e não respirava... Você esteve morta por alguns segundos sim. Eu achei que tinha perdido você. — Julian confessou.

Clara não sabia muito bem como agir ou o que deveria dizer. Deveria pedir desculpas por ter feito sem querer com que eles pensassem que ela estava morta sem realmente estar? Resolveu apenas focar no que era necessário.

— O cristal me mostrou uma coisa. Não adianta convencer Scarlett a se matar em sacrifício a nada, porque o sacrifício deve vir do amor e ela não ama ninguém além de si mesma. Precisamos de outro plano. — Ela confessou tudo de uma vez.

— Outro plano? Mas já são praticamente onze da noite, como iremos arrumar outro plano a essa hora? — Julian ergueu-se passando as mãos

nervosamente pelos cabelos.

— Eu não faço ideia, mas antes de qualquer coisa, precisamos avisar Luan e dizer que não adianta tentarmos resolver esse problema colocando a nossa última esperança em Scarlett. Precisamos começar logo a procurar outra saída.

Clara guardou o cristal seguramente dentro da caixa outra vez e colocando a tampa por cima.

— Clara está certa. — Julian disse indo chamar alguns dos guardas para que fossem atrás de Luan.

Scarlett não tinha mais o que fazer, a não ser esperar pela morte, ou pela solução da situação. Encarava o teto com um olhar fixo quando a porta da casa se abriu de uma vez, com um empurrão só e bateu contra a parede do outro lado.

— Você parece um furacão desgovernado! — debochou, mas seu rosto logo se contorceu em dor.

— Não vim aqui para brincar, Scarlett.

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan fechou a porta com a mesma agressividade.

— Então você voltou por que? Onde está a sua namoradinha?

— Está com pessoas de confiança, ao contrário de você.

— É mesmo? — ela debochou outra vez. — Vou repetir a minha pergunta: você voltou por quê?

— Eu voltei porque...

— Deixa-me adivinhar... — ela o interrompeu. — Voltou porque fez a escolha errada? Sinto muito, eu estou muito feliz por ter saído dessa situação ridícula em que estávamos vivendo. Volte para a sua namoradinha.

Scarlett estava apenas ironizando outra vez, a verdade era que aquilo nunca havia passado por sua cabeça. Ela sabia que Luan não voltaria para ela e não tinha ideia do que ele estava fazendo ali.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu voltei porque vou matar você. Você será o sacrifício, Scarlett. E vai morrer agora mesmo.

Luan confessou de uma vez.

CAPÍTULO 64



— Você só pode estar louco, Luan.

Foi a resposta que Scarlett deu e logo parou de prestar atenção em qualquer coisa que saísse da boca dele, porque sinceramente não acreditava em nada do que ele falava.

— É bem capaz que eu esteja louco, que minha mente não esteja funcionando direito e que eu esteja um tanto cego por causa da raiva que sinto e da vontade de fazer você pagar pelas coisas que fez, mas nada disso importa, louco ou não e você querendo ou não, eu vou matar você.

— E o que ganhará com isso? Porque o sacrifício não vai ser, afinal, eu jamais concordaria com isso.

Ela deu de ombros e logo começou a tossir seguidas vezes, como se tivesse algo preso em sua

garganta.

— Por que não? Você irá morrer de qualquer jeito, por que prefere ir sem propósito? É melhor se sacrificar e então servir para alguma coisa na vida, pelo menos na hora da morte.

— Você não irá me convencer, esquece! Eu irei morrer de qualquer jeito, prefiro que a sua namoradinha venha junto comigo.

— Você é repugnante. — Luan disse, fazendo uma expressão de nojo.

— Chame como você quiser.

Luan ameaçou dar um passo para a frente, mas a porta foi aberta bruscamente, eram dois guardas do exército de Julian.

— O que estão fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa com a Clara?

— Ainda não, mas o plano não é mais válido. — disse um dos homens.

— Como assim o plano não é mais válido?

Aquela afirmação havia pegado Luan de surpresa e ele até parou de prestar atenção em Scarlett.

— A princesa tocou o cristal e ele mostrou uma outra visão. Ficou bem claro que o sacrifício precisa ser consequência do amor. Se vossa alteza matar Scarlett ou se ela concordasse com isso, ainda assim de nada adiantaria.

— Mas não temos tempo para mudar de plano. Scarlett tem que morrer e só quando ela estiver morta é que irei acreditar que isso não dará certo.

— Alteza, não podemos perder tempo. Melhor voltarmos o quanto antes para Brookhaven, ordens do príncipe Julian.

— Eu estou apenas tentando seguir o plano.

Luan estava com aquela ideia fixa de que Scarlett precisava morrer. O pensamento era

assustador, porque ela antes era sua esposa, compartilharam a mesma cama e os mesmos planos durante um bom tempo. E agora ele estava ali, querendo executá-la.

— Não, alteza. Está agindo por contra própria e de nada adiantará isso. O tempo está acabando.

Luan respirou profundamente como se precisasse se acostumar com a ideia de que estava errado e agindo por impulso.

— Princesa Clara enviou um recado.

O outro guarda pegou um pergaminho e entregou ao príncipe.

Ele desdobrou o papel e rapidamente começou a ler em voz alta.

"Luan, por favor, esqueça de tudo e volte... Quero lhe abraçar e fingir que depois da meia-noite nada irá acontecer. Sonhar que vou dormir e quando acordar você estará ao meu lado novamente e que o meu destino é mesmo ficar com

— você. Eu só quero adiar a dor de não ter nada disso nunca mais. Eu espero por você. Promete que irá voltar para mim e vai me deixar dizer adeus. Te amo.

Clara."

Àquela altura, Luan estava chorando porque pensavam ao mesmo tempo em tudo o que iam perder, mas nada superava o fato de que perderiam um ao outro.

Luan pegou seu relógio de bolso e já marcava onze horas e sete minutos.

— Ah, que história de amor tocante. — Scarlett não conseguiu segurar a vontade de falar.

— Você ainda tem clima para deboche, não é? Mesmo depois de saber que você só está viva porque ela lhe poupou.

Luan passou as mãos sobre o rosto para enxugar as lágrimas que desciam ali.

— Bom, na verdade eu gostaria de dizer que

PERIGOSAS ACHERON

estou mesmo debochando.

— Já chega, Scarlett! Eu preciso ir embora daqui.

— Espera, Luan. Tem algo que eu preciso lhe contar. Tudo isso começou por minha causa. — Confessou.

— Como é?

Luan queria não ter dado ouvidos ao que ela estava falando, mas depois daquela confissão foi impossível.

— Sim, por causa do meu pedido. Eu comecei tudo isso e agora me arrependo completamente.

— Parece que arrependimento é uma consequência do cristal, não é? — disse ele.

— Parece que sim. Mas você não entende, eu nunca tive tudo o que eu queria, não como você e a Clara que já nasceram em um berço de ouro. Eu sempre observava você desde sempre e sonhava

PERIGOSAS NACIONAIS

como seria viver uma vida de princesa casada com um príncipe como você, viver naquele castelo e de quebra, ainda ter noites de amor com você.

Scarlett deu uma pausa para tossir e nem se espantou quando percebeu que estava sangrando pela boca enquanto tossia e usou a manga do vestido para limpar os lábios.

— E aí então você se casou com a Clara e as minhas esperanças se esvaíram. Até que um dia uma senhora misteriosa me viu observando você passar, acho que ela notou o meu olhar de cobiça e me disse que eu poderia ter tudo o que eu quisesse na vida, bastasse um simples desejo.

— E você conseguiu o que queria? Nós tivemos alguma coisa? Eu traí a Clara?

Luan começou com perguntas afobadas, sua voz estava alta e Scarlett não se importou em responder.

— Não. Eu sei que não teria chances mesmo, a não ser que apelasse para a magia, porque você era completamente apaixonado por ela.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você pediu? Anda com isso, eu não tenho todo o tempo do mundo. — Ele interrompeu rapidamente.

— Eu me candidatei para trabalhar no castelo de seu pai, assim ficaria próxima a você e assim eu teria acesso ao cristal, a guardiã me disse que eu o encontraria nas joias de Clara. Eu pedi para que algo ruim acontecesse e fizesse com que Clara desejasse nunca ter conhecido você.

— Oh, Deus!

Luan estava completamente espantado. Agora tudo, ou quase tudo, estava esclarecido.

Clara não teve culpa do seu pedido egoísta e precipitado.

Tudo era culpa de Scarlett.

— Mas a história não terminou. — A mulher prosseguiu. — Eu fiquei me achando uma idiota por ter olhado para uma pedra e desejado alguma

coisa. Mas não sei como você cortou a testa e já que cristal nenhum iria me ajudar, eu resolveria aquilo sozinha.

Scarlett estava contando toda a verdade.

— Naquele dia, me insinuei para você, me ofereci para cuidar do ferimento como desculpa para ficar ainda mais perto, te toquei, entrelacei nossas pernas e praticamente me joguei no seu colo, mas lembrei do cristal no mesmo segundo e achei que tudo estava a meu favor. Depois percebi que tínhamos trocado de lugar, e eu, estranhamente era sua mulher. Foi a coisa mais estranha e maravilhosa da minha vida, até que eu descobri que você como marido não era tudo aquilo que parecia ser na minha opinião, e que toda a minha vontade de você era porque não poderia tê-lo e aí, a vida começou a ser arruinada.

— Não apenas a sua, mas a de todos a nossa volta. — Luan disse com toda a raiva que tinha dentro de si.

— Eu sei, eu fui fútil no meu pedido e tudo deu

muito errado, mas nada disso foi minha intenção. Eu apenas queria ter uma vida melhor.

— Isso não muda nada, Scarlett.

— Você podia ao menos dizer que me perdoa antes de ir embora, idiota! Eu abri meu coração para você! — Scarlett gritou.

— Isso seria impossível, porque eu não te perdoo e você não tem coração.

Luan virou-se saindo rapidamente e batendo a porta atrás de si, sem mais esperar por respostas ou perder um tempo que não tinha.

Precisava do sacrifício para salvar Clara e a vida que tinham antes. Agora não restavam dúvidas de que ele nunca foi infiel a ela.

CAPÍTULO 65



— Você só pode estar louco, Luan.

Foi a resposta que Scarlett deu e logo parou de prestar atenção em qualquer coisa que saísse da boca dele, porque sinceramente não acreditava em nada do que ele falava.

— É bem capaz que eu esteja louco, que minha mente não esteja funcionando direito e que eu esteja um tanto cego por causa da raiva que sinto e da vontade de fazer você pagar pelas coisas que fez, mas nada disso importa, louco ou não e você querendo ou não, eu vou matar você.

— E o que ganhará com isso? Porque o sacrifício não vai ser, afinal, eu jamais concordaria com isso.

Ela deu de ombros e logo começou a tossir seguidas vezes, como se tivesse algo preso em sua

garganta.

— Por que não? Você irá morrer de qualquer jeito, por que prefere ir sem propósito? É melhor se sacrificar e então servir para alguma coisa na vida, pelo menos na hora da morte.

— Você não irá me convencer, esquece! Eu irei morrer de qualquer jeito, prefiro que a sua namoradinha venha junto comigo.

— Você é repugnante. — Luan disse, fazendo uma expressão de nojo.

— Chame como você quiser.

Luan ameaçou dar um passo para a frente, mas a porta foi aberta bruscamente, eram dois guardas do exército de Julian.

— O que estão fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa com a Clara?

— Ainda não, mas o plano não é mais válido. — disse um dos homens.

— Como assim o plano não é mais válido?

Aquela afirmação havia pegado Luan de surpresa e ele até parou de prestar atenção em Scarlett.

— A princesa tocou o cristal e ele mostrou uma outra visão. Ficou bem claro que o sacrifício precisa ser consequência do amor. Se vossa alteza matar Scarlett ou se ela concordasse com isso, ainda assim de nada adiantaria.

— Mas não temos tempo para mudar de plano. Scarlett tem que morrer e só quando ela estiver morta é que irei acreditar que isso não dará certo.

— Alteza, não podemos perder tempo. Melhor voltarmos o quanto antes para Brookhaven, ordens do príncipe Julian.

— Eu estou apenas tentando seguir o plano.

Luan estava com aquela ideia fixa de que Scarlett precisava morrer. O pensamento era

assustador, porque ela antes era sua esposa, compartilharam a mesma cama e os mesmos planos durante um bom tempo. E agora ele estava ali, querendo executá-la.

— Não, alteza. Está agindo por contra própria e de nada adiantará isso. O tempo está acabando.

Luan respirou profundamente como se precisasse se acostumar com a ideia de que estava errado e agindo por impulso.

— Princesa Clara enviou um recado.

O outro guarda pegou um pergaminho e entregou ao príncipe.

Ele desdobrou o papel e rapidamente começou a ler em voz alta.

"Luan, por favor, esqueça de tudo e volte... Quero lhe abraçar e fingir que depois da meia-noite nada irá acontecer. Sonhar que vou dormir e quando acordar você estará ao meu lado novamente e que o meu destino é mesmo ficar com

— você. Eu só quero adiar a dor de não ter nada disso nunca mais. Eu espero por você. Promete que irá voltar para mim e vai me deixar dizer adeus. Te amo.

Clara."

Àquela altura, Luan estava chorando porque pensavam ao mesmo tempo em tudo o que iam perder, mas nada superava o fato de que perderiam um ao outro.

Luan pegou seu relógio de bolso e já marcava onze horas e sete minutos.

— Ah, que história de amor tocante. — Scarlett não conseguiu segurar a vontade de falar.

— Você ainda tem clima para deboche, não é? Mesmo depois de saber que você só está viva porque ela lhe poupou.

Luan passou as mãos sobre o rosto para enxugar as lágrimas que desciam ali.

— Bom, na verdade eu gostaria de dizer que

PERIGOSAS ACHERON

estou mesmo debochando.

— Já chega, Scarlett! Eu preciso ir embora daqui.

— Espera, Luan. Tem algo que eu preciso lhe contar. Tudo isso começou por minha causa. — Confessou.

— Como é?

Luan queria não ter dado ouvidos ao que ela estava falando, mas depois daquela confissão foi impossível.

— Sim, por causa do meu pedido. Eu comecei tudo isso e agora me arrependo completamente.

— Parece que arrependimento é uma consequência do cristal, não é? — disse ele.

— Parece que sim. Mas você não entende, eu nunca tive tudo o que eu queria, não como você e a Clara que já nasceram em um berço de ouro. Eu sempre observava você desde sempre e sonhava

PERIGOSAS NACIONAIS

como seria viver uma vida de princesa casada com um príncipe como você, viver naquele castelo e de quebra, ainda ter noites de amor com você.

Scarlett deu uma pausa para tossir e nem se espantou quando percebeu que estava sangrando pela boca enquanto tossia e usou a manga do vestido para limpar os lábios.

— E aí então você se casou com a Clara e as minhas esperanças se esvaíram. Até que um dia uma senhora misteriosa me viu observando você passar, acho que ela notou o meu olhar de cobiça e me disse que eu poderia ter tudo o que eu quisesse na vida, bastasse um simples desejo.

— E você conseguiu o que queria? Nós tivemos alguma coisa? Eu traí a Clara?

Luan começou com perguntas afobadas, sua voz estava alta e Scarlett não se importou em responder.

— Não. Eu sei que não teria chances mesmo, a não ser que apelasse para a magia, porque você era completamente apaixonado por ela.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você pediu? Anda com isso, eu não tenho todo o tempo do mundo. — Ele interrompeu rapidamente.

— Eu me candidatei para trabalhar no castelo de seu pai, assim ficaria próxima a você e assim eu teria acesso ao cristal, a guardiã me disse que eu o encontraria nas joias de Clara. Eu pedi para que algo ruim acontecesse e fizesse com que Clara desejasse nunca ter conhecido você.

— Oh, Deus!

Luan estava completamente espantado. Agora tudo, ou quase tudo, estava esclarecido.

Clara não teve culpa do seu pedido egoísta e precipitado.

Tudo era culpa de Scarlett.

— Mas a história não terminou. — A mulher prosseguiu. — Eu fiquei me achando uma idiota por ter olhado para uma pedra e desejado alguma

coisa. Mas não sei como você cortou a testa e já que cristal nenhum iria me ajudar, eu resolveria aquilo sozinha.

Scarlett estava contando toda a verdade.

— Naquele dia, me insinuei para você, me ofereci para cuidar do ferimento como desculpa para ficar ainda mais perto, te toquei, entrelacei nossas pernas e praticamente me joguei no seu colo, mas lembrei do cristal no mesmo segundo e achei que tudo estava a meu favor. Depois percebi que tínhamos trocado de lugar, e eu, estranhamente era sua mulher. Foi a coisa mais estranha e maravilhosa da minha vida, até que eu descobri que você como marido não era tudo aquilo que parecia ser na minha opinião, e que toda a minha vontade de você era porque não poderia tê-lo e aí, a vida começou a ser arruinada.

— Não apenas a sua, mas a de todos a nossa volta. — Luan disse com toda a raiva que tinha dentro de si.

— Eu sei, eu fui fútil no meu pedido e tudo deu

muito errado, mas nada disso foi minha intenção. Eu apenas queria ter uma vida melhor.

— Isso não muda nada, Scarlett.

— Você podia ao menos dizer que me perdoa antes de ir embora, idiota! Eu abri meu coração para você! — Scarlett gritou.

— Isso seria impossível, porque eu não te perdoo e você não tem coração.

Luan virou-se saindo rapidamente e batendo a porta atrás de si, sem mais esperar por respostas ou perder um tempo que não tinha.

Precisava do sacrifício para salvar Clara e a vida que tinham antes. Agora não restavam dúvidas de que ele nunca foi infiel a ela.

CAPÍTULO 66



*Caindo da nuvem mais alta
Aconteceu de repente, estou
Desmoronando do topo
Estou abandonando tudo nesta noite
Sim, estou te abandonando, estou
Estou caindo da nuvem mais alta*

Wide Awake - Katy Perry

— Tem algo que eu preciso lhe contar sobre o dia do nosso casamento. — Julian usava suas últimas forças para falar.

Flashback

— Eu nunca vi uma coisa tão linda. — Ela disse referindo-se ao arco-íris.

— É um contraste muito interessante, não é? As cores no céu cinza. É como se uma promessa de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que depois de cada tempo ruim, alguma coisa muito boa nascerá. — Julian falou.

— Depois do furacão... — Clara começou, mas já sabia que ele completaria.

— Vem o arco-íris. — Eles se olharam sorrindo. — Mas e se os dois pudessem vir juntos?

— Como assim? Um arco-íris no meio do furacão?

— Não, mas uma coisa ruim junto com as coisas boas. Por exemplo, em um casamento as pessoas dizem que para dar certo, temos que nos comprometer e sacrificar, certo?

— Certo. — Ela respondeu ainda sem entender.

— Então eu acredito que coisas ruins e boas podem sim acontecer ao mesmo tempo. E agora que você é minha esposa, eu prometo me sacrificar por você todos os dias das nossas vidas, se você prometer que sempre será as cores da minha.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu prometo. — Ela sorriu e ele também.

Julian inclinou-se para frente e seus lábios tocaram os de Clara, iniciando um beijo lento e carinhoso.

Flashback off

— Você prometeu que se sacrificaria por mim todos os dias da nossa vida?

Clara passava os dedos por entre os fios de cabelo de Julian lentamente. O choro agora estava um pouco mais silencioso, mas ainda chorava.

— Se você fosse as cores da minha vida. Você sempre será as únicas cores que eu tenho.

A voz foi ficando cada vez mais baixa durante aquela última frase e Julian fechou os olhos lentamente.

Clara concluiu que por esse motivo, Júlia sempre dizia nos sonhos que o mundo precisava de cor. Agora tudo fazia sentido.

— Julian, não... Não me deixe.

Os olhos dele voltaram a se abrir e um sorriso fraco apareceu em seus lábios quando ele fitou os tristes olhos azuis à sua frente.

— Eu estou exatamente onde deveria estar. Eu estou bem. — disse Julian.

— Você está bem? Você não sente nada?

— Eu não sinto nada. Eu estou bem aqui. Se eu vou morrer, só quero ficar o meu último segundo com você.

O choro voltou a dominá-la e o motivo era simples: Clara não sentia mais a respiração de Julian bater contra sua pele.

Era tarde demais. Não haviam mais dúvidas.

Julian havia lhe deixado.

— Não!

Clara usou as poucas forças que ainda tinha para gritar. Ela queria alertar alguém, talvez Miranda ou Helena, mas sua voz cessou assim que as badaladas da meia-noite soaram no relógio de corda sobre a cabeceira.

Medo.

Ela sentia muito medo.

O que aconteceria após a meia-noite?

Ela queria continuar apenas lamentando a morte de Julian, mas seu corpo se ergueu da cama de uma vez só, como se estivesse agindo por conta própria e ela se colocou de pé sem desejar aquilo. Começou até a acreditar que estava possuída por alguma coisa ainda pior do que o cristal, mas assim que assumiu a postura ereta sobre o chão, Clara voltou a comandar o próprio corpo.

Um brilho forte a incomodou e quando olhou para a direção da cama, viu que ele vinha do cristal que ainda estava sobre o cobertor, perto do corpo

de Julian. O brilho era rosa-claro, o que indicava que o cristal voltara a ter a cor que ele tinha no início de tudo, mas agora a luz que emanava dele, era mais forte do que qualquer outra vez que havia presenciado.

O quarto todo se encheu com aquela forte luz, mas logo ela foi diminuindo e revelando os reflexos das marcas que o cristal tinha na superfície, que apareciam refletidos por todos os cantos do cômodo.

A pedra não saía do lugar, mas os reflexos rodavam pelo quarto como se representassem muitas estrelas que caíam do céu diretamente dentro do quarto. Centenas, talvez milhares delas, mas apenas quatro eram grandes Estrelas Cadentes bem aparentes.

Os quatro sacrifícios, agora contando com o de Julian.

Essas estrelas especiais não caíam, elas apenas giravam em torno de Clara como se estivessem esperando por alguma coisa. E realmente estavam.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando o relógio terminou de soar as doze badaladas, as estrelas chocaram-se contra o corpo dela como se fossem pássaros ao ataque e quebraram-se em mil pedacinhos no choque, causando uma dor enorme, como se vários cacos de vidro perfurassem sua pele ao mesmo tempo.

Clara tentou ser forte, mas a dor era insuportável, quando menos esperou, seu corpo estava caindo ao lado de Julian.

A princesa ainda estava acordada, mas sentia-se cansada e dominada pela dor. Ficou olhando para o rosto de Julian sem vida durante os últimos segundos em que ainda conseguiu se manter acordada.

Uma lágrima solitária escorreu pelo canto de seu rosto um segundo antes de os olhos ficarem pesados demais e ela os fechar finalmente.

Tudo o que Clara desejava naquele momento era que aquilo terminasse de uma vez por todas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que será que existia após a morte?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 67



— Clara! Clara?

A voz ecoava dentro da cabeça dela. Seu nome se repetia várias vezes.

Estava morta?

Aquele era o céu?

A dor e o sofrimento das últimas horas havia terminado e a morte havia trazido aquela tranquilidade, então ela estava pronta para lidar com o fato de que não viveria mais.

Tudo estava escuro, sombrio e solitário, somente seu nome era ouvido repetidas vezes e uma respiração ofegante, o que era curioso diante da situação em que se encontrava.

Se estava morta, por que tinha a necessidade de
PERIGOSAS ACHERON

respirar?

— Clara, acorde. Acorde!

E então sentiu algo puxar seu braço esquerdo, como se alguém estivesse carregando-a de mal jeito para algum lugar. Aquela voz não era estranha e não era a sua própria. Talvez ela não estivesse morta como imaginava, mas se aquilo fosse verdade, então que rumo havia tomado sua vida depois que foi assassinada por estrelas?

Quem é assassinada por estrelas? Ela pensou consigo mesma.

Talvez tudo aquilo tivesse sido um sonho, ou melhor, um pesadelo terrível. A única coisa da qual tinha certeza naquele momento era de que precisava acordar.

Forçou os olhos para que eles se abrissem e chegou a enxergar o rosto embaçado de alguém a sua frente.

Assim que seus olhos voltaram a se fechar,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara achou que devia estar deitada na cama do quarto de Julian ainda, por causa da visão que havia tido da pessoa a sua frente. Imaginou que tudo o que havia acontecido com ele pudesse ser apenas um pesadelo e a meia-noite ainda nem havia chegado de fato. Mas a ausência de dores em seu próprio corpo lhe dizia que aquilo não era possível.

Usou toda a sua determinação para abrir os olhos novamente. A visão foi tornando-se mais clara aos poucos e quando se deu conta da pessoa que estava segurando-a nos braços, seus olhos saltaram de surpresa.

— Luan? — ela disse virando em direção ao rosto dele.

— Oh! Graças a Deus você acordou!

Os braços de Luan imediatamente a envolveram de forma mais apertada, dando a ela todo o apoio que precisava. Seus lábios tocaram a testa de Clara urgentemente, pressionando o local em um ato de alívio.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu passei quase cinco minutos aflito, achando que alguma coisa tinha acontecido com você e tentando lhe acordar.

— Cinco minutos?

Foi quando percebeu que alguma coisa devia estar muito errada. Seu coração acelerou com a conclusão que havia chegado.

Ela estava no quarto dela e de Luan no castelo em que residiam em Sunset Valley.

Tinham voltado no tempo?

Será que estava de volta aquele mesmo dia como se nunca tivesse feito o maldito pedido ao cristal?

Aquilo só podia significar duas coisas: o sacrifício havia dado certo e ela estava oficialmente livre para sempre, ou nada daquilo havia acontecido e não passava de um sonho ruim.

— Você está bem? — Luan perguntou diante do

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio e das expressões de espanto que Clara tinha no rosto.

— Oh, eu estou bem. Acho que tive um sonho terrível.

Estava começando a acreditar realmente que tudo não passava de um pesadelo louco, que dormiu e havia sonhado com aqueles três meses absurdos que achava que tinha vivido uma vida diferente em Brookhaven.

— Eu achei que você não acordaria, que tinha feito alguma coisa da qual se arrependeria para me atingir.

Luan a ergueu um pouco e foi quando Clara percebeu que estava caída no chão do quarto. Imaginava que deveria ter sido muito assustador para ele entrar e vê-la daquela forma.

"Não faça nada do que vá se arrepender depois". Ela lembrou do que ele lhe disse antes que ela fizesse o pedido ao cristal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensou que eu havia tirado minha própria vida por sua causa?

— Pensei que talvez quisesse me dar um susto, mas quando você não acordou, um monte de coisas passou pela minha cabeça. — Luan respondeu honestamente.

— Luan, nós precisamos conversar.

Clara começou a se erguer do chão, colocando-se de pé e Luan a acompanhou enquanto não desviava os olhos dela.

— Eu te amo. Eu te amo muito e eu não posso perder você.

Ela havia acabado de se dar conta de como aquele era um momento importante. Para Luan, eles haviam tido uma briga feia minutos atrás, uma discussão que certamente poderia significar o fim do casamento dos dois, mas para ela aquela briga havia acontecido três meses atrás e muita coisa havia se sucedido entre aquele dia e o último ao qual se lembrava de realmente viver.

PERIGOSAS ACHERON

Quando se tem algo fora do lugar, pode-se dar um jeito de arrumá-lo, mas quando se perde algo para sempre, simplesmente é definitivo.

— Você não irá me perder, está bem? Nada do que eu disse é verdade. Eu não me arrependo de ter me casado com você nem por um segundo, essa foi a melhor coisa que eu já fiz na minha vida.

Luan ergueu as duas mãos para segurar o rosto de Clara, obrigando-a a olhar para cima e encará-lo enquanto ele ainda a abraçava.

— Eu sinto muito por tudo o que eu fiz. Por não acreditar em você, por deixar que minhas próprias conclusões nos levassem até a beira do abismo. Eu irei controlar meus sentimentos e nós sairemos dessa juntos, está bem?

Ela sentia uma enorme vontade de chorar, seus olhos já estavam cheios de lágrimas e a voz embargada.

— Sim, juntos. Eu vou estar ao seu lado em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os momentos, iremos superar isso de mãos dadas. Eu jamais me colocaria ao lado de nenhuma outra pessoa ao invés de você. Você sabe disso, não sabe? É com você que eu quero ficar para sempre.

Luan inclinou-se para beijá-la várias vezes.

— Eu sei. Agora eu sei disso.

Clara concordou, voltando a encostar seus lábios aos dele.

Luan permaneceu alguns segundos sem mover-se aproveitando o contato e o calor do corpo dela junto do seu, mas logo teve que se afastar, apenas mantendo a mão entre os fios de cabelos louros da esposa, acariciando-os.

— Eu preciso ir agora, tenho alguns assuntos que meu pai pediu que eu resolvesse, está bem?

— Tudo bem, vá e não se preocupe.

— Eu volto assim que puder.

PERIGOSAS ACHERON

Eles trocaram mais um beijo e Luan saiu pela porta com a intenção de voltar logo.

Clara não pôde deixar de notar que Luan estava com um curativo na testa, o que era mais uma confirmação de que havia voltado no tempo. Não saía de sua cabeça a ideia de que tudo aquilo havia sido somente um pesadelo, e por isso, encontrava-se completamente confusa.

Caminhou até o armário e se antes existia alguma dúvida de que ela estava de volta a vida anterior, agora não restava mais nenhuma. Todas suas roupas e pertences estavam ali. Alcançou sua caixa de joias e ao abrir, viu algo que era o que mais temia.

O cristal.

Já sentia o corpo todo tremer enquanto puxava a pedra. Quando bateu os olhos na superfície esbranquiçada e com traços cor-de-rosa achou que teria uma crise de choro nervosa. Ele estava ali novamente, como se nenhum pedido tivesse sido feito, como se não tivesse mudado de cor várias

vezes e principalmente, como se nunca tivesse caído no chão, perdido um pedaço e sido pisoteado até rachar.

O cristal estava inteiro novamente. Perfeito.

Talvez tudo o que Clara achava que tinha vivido foi apenas um pesadelo sem sentido criado por sua mente, não havia outra explicação, mas ela não sabia se era melhor nunca ter vivido aquelas coisas ou ter vivido e se livrado de tudo aquilo. Era muito difícil imaginar que Júlia nunca existiu, que o cristal nunca tinha feito mal a ninguém ou que Julian foi nada mais do que um fruto de sua imaginação.

Levou suas duas mãos até o ventre, lembrando de que naquela vida estranha estava grávida, esperava um filho de Julian. Tudo havia sido tão real que seu peito doía quando pensava em todas aquelas pessoas; as mortes de Júlia e rei Joseph, os momentos bons. Não podia ter sido apenas um pesadelo.

Guardou o cristal e quando pôs a mão dentro da

PERIGOSAS ACHERON

caixa, sentiu algo perfurando a pele de seu polegar e imediatamente puxou a mão de volta. Havia um pequeno furo no dedo, que estava sangrando e ardendo, mas aquilo não era importante. Clara levou o polegar até seus lábios e usou a outra mão para ir cuidadosamente até o fundo da caixa e agarrar o objeto que a havia furado daquela forma. Quando bateu os olhos sobre o que tinha entre os dedos, travou outra vez.

Era um pedaço do cristal que se havia quebrado quando ele caiu sobre o chão da fazenda.

Estava rosa-claro agora, mas era o mesmo pedaço que ela havia colocado na bolsa antes de saírem de lá. Tinha o mesmo formato, o mesmo tamanho e agora estava misteriosamente dentro de sua caixa de joias.

Não havia sido apenas um sonho, tudo tinha realmente acontecido e aquela era a prova que jamais a deixaria esquecer. Entretanto, Clara não sabia dizer se estava aterrorizada ou aliviada, era uma mistura dos dois, se é que isso era possível. Rapidamente saiu do quarto, foi até a entrada do

castelo falar com um dos guardas.

— Preciso de um favor seu.

— Sim, alteza. Estou às ordens. — disse ele.

— Preciso que procure uma pessoa para mim. O nome dele é Julian Cavallier e ele provavelmente mora em Brookhaven. Eu só preciso saber se ele está bem.

CAPÍTULO 68



— Eu disse que não precisava de médico nenhum, você se preocupou à toa.

Clara estava sentada numa poltrona em seu quarto que dividia com Luan.

— Eu me preocupo sim, você não sabe o quanto foi assustador lhe encontrar caída no chão daquela forma.

— Tudo bem, você está certo. Mas eu estou bem.

Clara ergueu um dos braços até que sua mão alcançasse os cabelos de Luan e pudesse acariciá-los.

— Muito bem, pelo que o médico disse. — Ele sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Alguém bateu na porta e Luan prontamente caminhou até ela, abrindo-a. Era Larissa quem estava ali.

— Espero não estar incomodando, mas Luan disse que vossa alteza teve um desmaio.

— Oh, Larissa! Que saudades eu senti de você!

Clara saltou da poltrona rapidamente para abraçá-la.

— Do que está falando? Passamos quase o dia todo de ontem juntas.

A duquesa de Sunset Valley tinha uma expressão confusa no rosto.

— Eu sei, mas já parece que faz muito tempo.
— Clara riu.

— Vou deixá-las a vontade.

Luan sorriu e deixou o cômodo.

PERIGOSAS ACHERON

— Como está? E o bebê?

Clara olhava para a cunhada como se não a visse a bastante tempo, o que para ela era verdade.

— Estamos bem. Cada vez fico mais ansiosa para saber como é o rostinho dele ou dela. — disse Larissa, passando as mãos pela barriga que dava poucos indícios de que havia um bebê ali.

— Mas conte-me o que aconteceu? Você desmaiou?

— É, eu acho que sim. — Clara respondeu.

Não podia contar nada a ninguém. No mínimo achariam que ela estava louca.

— Será que está grávida? Oh, já pensou sobre isso? Se tivermos bebês quase na mesma época. — A duquesa falou animada.

— Oh, não. Eu não estou. Eu acredito que não seja isso.

Na verdade Clara tinha a certeza de que não se tratava de gravidez. O bebê que esperava de Julian já não existia mais naquela vida, era como se ela nunca estivesse grávida antes. Não naquela vida.

O dia passou de forma normal e tranquila, todos ficaram um pouco preocupados pela forma que príncipe Luan encontrou sua mulher caída no chão, mas no fim, tudo estava bem.

Algumas horas depois, um dos guardas procurou por Clara.

— Eu procurei a pessoa que vossa alteza me pediu e não descobri muito, apenas que Julian Cavallier é um príncipe e mora em Brookhaven, perto de Isla Vista e o pai dele, Joseph Cavallier é o rei. O príncipe Julian é solteiro, tem trinta anos, não tem filhos... É uma pessoa normal.

— Então ele está vivo!

Clara quase comemorou um pouco alto demais, por isso deu uma olhada para a mesa de jantar no cômodo ao lado, mas todas as pessoas que

conseguia ver estavam ocupadas com seus pratos ou com as próprias conversas.

— Sim, ele está vivo. Vossa alteza estava esperando outra coisa?

— Não, eu estava contando com isso mesmo. Obrigada, essa foi a notícia que faltava para a felicidade plena do meu dia, agora eu sinto como se pudesse viver a minha vida sem arrependimento nenhum e em paz. — o guarda real não estava entendendo nada, no entanto sorriu. — E como recompensa, lhe darei algo. Espere aqui.

Clara caminhou até o quarto e pegou no cofre um saco com moedas de ouro. Voltou e entregou ao guarda do castelo.

— Eu não posso aceitar, alteza.

— Não apenas pode, como deve. Aceite. — disse entregando-lhe.

— Obrigado, fico muito grato, vossa alteza. — o homem curvou-se perante a princesa antes de sair

de sua presença.

E então, Clara retornou à mesa e terminou de jantar com a família.

Era estranho até mesmo olhar para Lincoln, no entanto, o cunhado parecia não ter mais segundas intenções ao olhar para ela. Deveria estar convencido de que agora era casado e muito em breve seria pai também.

Todos já estavam em seus aposentos quando Clara foi até a cozinha. Precisava ainda resolver uma pendência.

— Scarlett... Que surpresa a encontrar aqui. — Aproximou-se da mesa onde a outra estava sentada.

— Surpresa? Fiquei aqui porque me pediram para organizar toda a cozinha, que não tem nada a ver com o meu trabalho.

— Errado! — Clara bateu com as mãos na mesa. — Ficou aqui até essa hora porque eu quis que ficasse.

— Olhe, se isso ainda é sobre aquela cena que você viu na sala hoje mais cedo, foi apenas por causa do corte que ele tinha no supercílio, não era nada do que você estava pensando. — disse a dissimulada.

— Você? Não, para você eu sou alteza. E você sabe muito bem sobre o que é tudo isso, portanto não se faça de desentendida. Eu sei muito bem que você se lembra de tudo porque fez um pedido ao cristal.

Dessa vez não houve mais nenhuma delicadeza, Clara bateu as duas mãos com força sobre a mesa de madeira. Scarlett não estava esperando aquela reação e se assustou, mas logo recuperou a compostura.

— Está bem, dane-se! — a rival deixou o cinismo de lado. — O que quer de mim? Achei que sua vida tinha voltado a ser uma maravilha.

— Ah e voltou mesmo. Mas isso não significa que eu tenha que esquecer tudo o que você fez durante todo esse tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não sabe nem metade do que eu fiz. Se acha muito esperta, mas na verdade é sempre a última a saber. — A rival debochou descaradamente.

— Se está insinuando alguma traição de meu marido contra mim, esquece, eu não acredito em você.

— Não, aquele tolo nunca traiu você. E quanto a ele, pode ficar com ele inteiro, eu não quero nada que venha de vocês dois.

— Ótimo! É por isso mesmo que você vai sair por aquela porta ainda hoje e nunca mais irá pôr os seus pés aqui e nem próximos daqui. Vai ter que ir embora de Sunset Valley.

Se era pecado desejar a morte de alguém, Clara estava pecando naquele momento. Por mais que nunca tivesse coragem de tirar a vida de alguém, parecia que apenas a morte seria a solução para aquela louca.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é que é? Você está louca? Por que eu faria isso?

Scarlett ergueu-se da cadeira.

— Porque se não fizer, eu farei da sua vida um inferno, até que você finalmente vá embora. Você é o tipo de pessoa que eu não quero perto da minha família e eu não irei deixar que ninguém como você fique em meu caminho.

— Você não pode esperar que eu abandone o meu trabalho, é tudo o que eu tenho. — A mulher cruzou os braços.

— Seus problemas são consequências do seu caráter ruim e não são do meu interesse. Agora faça uma carta dizendo que não pode mais ficar e nunca mais apareça por aqui. — Clara olhava a rival com toda a raiva que tinha em si. — Ah... E se algum dia você pensar em reaparecer na minha vida e na de Luan, eu nem sei o que serei capaz de fazer e acho bom que você não queira pagar para ver.

A vontade de Clara era matar Scarlett com suas

PERIGOSAS ACHERON

próprias mãos. A ideia parecia assustadora, mas a outra estava merecendo. Ainda assim, não sujaria suas mãos.

— Seu marido é um verdadeiro idiota, sabia que ele quis se sacrificar por sua causa?

Scarlett falou enquanto Clara já se preparava para dar as costas.

— Luan?

— Sim. Quando eu disse que não faria o sacrifício, ele ficou nervoso, disse que estava sem tempo e ouvi-lo dizendo aos guardas que ele teria que fazer o sacrifício, pois não daria tempo de chegar à Brookhaven.

— E o que ele fez? — Clara estava curiosa, analisando a outra.

— Ele pegou a espada e disse que cravaria em seu próprio peito e todos ficamos aterrorizados. Os guardas tiveram que lutar com ele para que não prosseguisse com seu plano. Quando percebemos,

as badaladas da meia-noite estavam soando e era tarde demais. E então eu não me lembro de mais nada, apenas que eu estava de volta aqui, como se nada tivesse acontecido.

Realmente era como se tivessem voltado no tempo. E de fato voltaram. Scarlett estava vestindo roupas simples, diferente da outra vida que era casada com Luan e estava sempre bem-vestida de forma luxuosa.

— Isso não importa mais. E nada mudará o que eu disse. Pegue suas coisas e dê o fora daqui agora mesmo. Antes que eu queira acabar com você.

Quando Clara bateu a porta e saiu, Scarlett teve vontade de virar aquela mesa no chão. Aquele era um sentimento mais do que ódio, porque misturava-se com uma sensação de fracasso e inutilidade. Não havia outra opção aceitável, teria que abaixar a cabeça e dar-se por vencida naquela luta, porque não teria como lutar contra Clara, afinal, ela era uma princesa e Scarlett era apenas uma criada. Teria que ir embora de vez de Sunset Valley.

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurou muito para não gritar todo seu ódio e externar sua raiva. Num momento de desespero, pegou uma das facas que estava em cima da mesa, e dolorosamente cortou seu pulso, mordendo os lábios para reprimir sua dor. Aquilo seria lento demais, estava com tanto ódio que tudo o que mais desejava era a morte.

Num impulso, a megera pegou a mesma faca e cravou em seu peito, como uma louca. A risada sarcástica escapou de seus lábios, e no mesmo instante, o corpo caiu no chão ainda de olhos abertos.

Scarlett sentiu a morte lhe abraçando imediatamente.



— Sente-se bem? — Luan perguntou enquanto se acomodava na cama do casal.

— Eu estou bem, meu amor. Saber que você se

PERIGOSAS ACHERON

importa desse jeito significa muito para mim. — ela disse baixo próximo ao ouvido dele enquanto acariciava seus cabelos.

— Eu te amo, Clara.

— Eu te amo, Luan.

Os dois trocaram um olhar intenso e abriram sorrisos ao mesmo tempo antes que seus lábios se juntassem em um beijo demorado.

— Amanhã irei encontrar com a Miranda, tudo bem?

— Hm, tarde das garotas?

— Não exatamente, apenas iremos colocar a conversa em dia.

— E depois?

— Depois eu volto para ficar com você.

— Eu mal posso esperar. — Os dois sorriram.

— Luan...

— Diga, minha flor.

— O que acha de termos um bebê?

Perguntou receosa, nunca haviam comentado sobre o assunto antes. Mas Luan demorou algum tempo antes de responder e Clara arrependeu-se da pergunta.

— Tudo bem, eu sei que nunca conversamos sobre isso e...

— Eu acho maravilhoso. — Ele a interrompeu.
— Você está grávida?

— Por que todos acham que estou grávida? Sua mãe me perguntou o mesmo hoje, e Larissa também. Eu estou gorda, é isso?

— Não, meu amor. — Luan riu. — Você está maravilhosa como sempre. Mas se tivermos uma menininha como você, eu vou amar muito. — disse

acariciando o rosto dela.

— Ou um menininho como você. — Ela sorriu.

— Então o que acha de já encomendarmos um agora mesmo? — Luan disse malicioso. — Quer fazer um bebê agora?

— Eu acho uma ótima ideia, alteza.

CAPÍTULO 69

 Desde que tinha acordado em seu quarto depois do sacrifício, Clara estava com um sério problema para separar o que havia acontecido naquela realidade e o que ocorreu depois do pedido ao cristal, quando tudo mudou para uma espécie de vida alternativa, mas que na verdade era a mesma vida, com exceção de um dia apenas. Isso significava que era extremamente difícil para ela entender que o comportamento de algumas pessoas, como Miranda tinha sido diferente do que realmente era naqueles três meses.

Havia percebido que Miranda era diferente da pessoa com quem se lembrava de passar aqueles três meses estranhos e sua admiração e carinho por ela foram voltando aos poucos. Agora já considerava que as coisas entre elas estavam praticamente normais.

Se deu conta de que naquela vida jamais teria ficado com Luan e Julian ao mesmo tempo. Jamais teria ferido as pessoas que amava. Jamais teria perdido a amizade de longa data com Miranda.

Era claramente visível que todos estavam sendo manipulados pelo cristal.

— E então, muito trabalho aqui na loja? — Clara perguntou enquanto cortava uma fatia de bolo.

Estavam na loja de doces da avó de Miranda, e ao contrário da outra vida, Clara era apenas uma visitante ali na doceria.

— Até que não, tudo está pronto.

— Ótimo, eu quero te levar a um lugar.

— Ah, é? Onde? — os olhos verdes abriram-se ainda mais em curiosidade.

— Deixe de ser curiosa. — Clara sorriu. — Pedirei sua avó para sair alguns minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

E assim fizeram, entraram na carruagem e seguiram o caminho.

— Clara, onde estamos indo? Estamos saindo de Isla Vista, por quê?

— Porque estamos indo para Brookhaven.

— Brookhaven? O que iremos fazer em Brookhaven? — Miranda estava se corroendo de tanta curiosidade.

— Você é muito curiosa. Espere e veja. — Clara respondeu sorrindo.

Com um suave movimento, o cocheiro do castelo estacionou a carruagem. Clara desceu primeiro e Miranda fez o mesmo logo em seguida. A primeira pensava em como aquela cena era um paralelo quase perfeito do que aconteceu na primeira vez em que colocou seus pés naquele lugar, com a diferença de que Miranda havia levado-a até ali na primeira vez e agora, era Clara quem a levava.

PERIGOSAS ACHERON

Do outro lado da rua, tão perfeito e deslumbrante como sempre, estava o grande castelo, com a grama mais verde já vista, as flores no jardim completavam o visual de castelo dos sonhos.

Ao olhar para o lado, Clara percebeu que Miranda estava tendo a mesma reação que ela teve quando viu aquele lugar pela primeira vez: uma mistura de espanto e encanto. Estava assombrada e maravilhada ao mesmo tempo. Não que já não tivessem visto milhares de castelos maravilhosos, mas aquele era especial, não apenas por seus luxos, mas pela delicadeza dos detalhes. Era simplesmente o lugar que você sonha durante anos e acredita no príncipe encantado no cavalo branco.

— Uau, que lugar é esse? — Miranda perguntou.

— O castelo de um grande amigo.

Clara começou a traçar seu caminho em direção à frente do local. Estava tendo um déjà vu tão forte

que chegava a machuca-la. Miranda caminhava ao seu lado, alheia ao que estava acontecendo. A porta do castelo se abriu e um gato cor de creme saiu correndo em direção às duas visitas que estavam atravessando o jardim.

— Romeo! — gritou a voz dentro do local, mas era tarde demais, o gatinho já estava nos braços de Clara.

— Oh, Romeo! Como vai, hein?! — a princesa acariciava o pelo do bichinho impecavelmente brilhante.

Naquele exato momento, os olhos verdes de Julian encontraram os azuis de Clara e ela nem podia acreditar que ele estava ali bem na sua frente.

Tudo naquela visão parecia um sonho.

Mas era real.

Julian se aproximou devagar, com um sorriso um tanto incrédulo no rosto. Por mais que imaginassem que era por causa do comportamento

do gato, a verdade era que ele ainda estava completamente deslumbrado com a visita que estava recebendo. Julian não se lembrava de Clara e muito menos de que era casado com ela na vida pós-cristal. Mas a verdade era que a sensação de déjà vu o dominava de forma tão intensa, que ele poderia jurar que a conhecia de algum lugar, mas não fazia ideia de onde.

— Me desculpem, Romeo não é muito simpático com estranhos. — disse ele.

— Eu levo jeito com animais.

Clara sorriu e acariciou mais uma vez o gatinho que permanecia em seu colo.

— Aposto que sim.

Julian também sorriu. Seus olhos analisaram a mulher a sua frente um pouco mais demoradamente agora que estava mais próximo dela.

— Ao que devo a honra de sua visita, Clara? — nem ele mesmo imaginava como sabia o nome

daquela estranha nem tão estranha assim.

Naquele momento, por mais descontraída que Clara quisesse parecer, na verdade mal conseguia respirar direito.

— Desculpe aparecer assim sem avisar, é uma hora ruim?

— Não, é uma ótima hora, eu acabei de chegar. Por favor, entrem e fiquem à vontade.

Ele repousou uma das mãos no ombro de Clara e coração de ambos acelerou no mesmo momento, como se estivessem batendo estranhamente no mesmo ritmo, mas nenhum deles seria capaz de notar.

Julian as guiou até o interior do castelo, passando pelo hall de entrada e cruzando até a sala de estar. Clara não deixou de notar como os móveis eram, quase todos diferentes dos que estavam lá quando morava por três meses ali. Não havia mais um piano no hall e nem os quadros dos dois espalhados pelo ambiente, a decoração não era a

mesma, agora parecia que tudo havia sido escolhido no melhor estilo "homem preguiçoso que decidiu pelo que parecia mais fácil".

— Aceitam um café, senhoritas? — ele perguntou.

— Sim. — Clara respondeu e assim que Julian estava se preparando para deixar o ambiente e chamar a serviçal, Miranda pigarreou. — Ah, sim! Julian, esta é Miranda, minha melhor amiga. Miranda, este é Julian, meu... — ela travou por alguns segundos e os dois permaneceram encarando-a. — Ah... Um grande amigo.

— Prazer em conhece-la, Miranda.

Julian levou a mão direita dela aos lábios, como um verdadeiro cavalheiro.

— O prazer é meu, Julian. — Ela sorriu timidamente ao apreciar os olhos verdes intensos dele.

— Oh, céus! Eu preciso voltar para Sunset

Valley o quanto antes, acabo de me lembrar que meu pai irá me visitar. — Clara disse de repente.

— Mas vocês já terão que ir?

Por mais estranho que aquilo pudesse parecer para qualquer pessoa, Clara ainda sabia que aquele tom de voz dele era o de quando estava decepcionado com algo. Aquilo fazia seu coração se apertar, principalmente por saber que era uma cena que estava armada em sua cabeça desde que pensou em ir até ali.

— Na verdade eu sou a única que precisa ir. — Clara virou-se para sua amiga. — Você devia ficar por aqui, tomar um café com Julian e depois voltar para Isla Vista. Tenho certeza de que ele não se incomodaria de levá-la de volta.

— O quê? — Miranda arregalou os olhos.

— Ah, por favor, sinta-se convidada para ficar. Eu a levarei de volta. — Julian disse.

— Viu só? — Clara sorriu. — Ela vai ficar e

vocês irão adorar esse tempo juntos, porque são duas das melhores pessoas que eu já conheci na minha vida. Uma pena que eu não possa ficar e aproveitar esse encontro também. — Ela se aproximou da amiga e a abraçou.

Miranda ainda estava um tanto perdida e desorientada, mas sabia exatamente o que Clara estava fazendo e de certa forma, confiava nela.

Após abraçar a amiga, Clara virou-se em direção a Julian e também se aproximou dele para um abraço. Sua intenção era que fosse algo simples e rápido, mas quando passou os braços em volta do corpo dele, acabou apertando-o firmemente e deixando que aquele simples ato transparecesse muito mais do que gostaria, por mais que Julian não fosse entender de qualquer maneira.

Clara queria agradecer por tudo o que ele havia feito e queria deixar claro que jamais teve a intenção de quebrar a promessa de ser as cores da vida dele para sempre, mas não podia tocar no assunto do cristal com Julian e nem remexer no passado que ele nem sequer sabia que existia.

— Obrigada. — disse baixo e não pôde dizer mais nada.

Desejava poder acrescentar pelo menos algo como "por salvar minha vida" naquele agradecimento, mas segurou o impulso e apenas deixou subentendido.

Julian acariciou os cabelos dela enquanto os dois se separavam e guardou consigo o agradecimento sussurrado em um sorriso e um aceno de cabeça, como se fosse um segredo dos dois, porque afinal, se ela tinha sido tão discreta a ponto de não falar alto o suficiente para que Miranda escutasse, ele não seria quem ia fazer perguntas no momento errado; mesmo que não achasse que ela tinha motivos nenhum para agradecê-lo por nada e por isso, não entendesse aquele gesto. Mesmo sem saber porque, Julian sentia um carinho enorme por Clara e não era nada com segundas intenções, pelo contrário, era um carinho puro.

Clara apenas acenou antes de ir em direção a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta de saída sem precisar de muitas cerimônias, afinal, ela conhecia o lugar e não precisava de ajuda para chegar até a entrada.

— Divirtam-se.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 70



Ao voltar para Sunset Valley, Clara ria sozinha imaginando como Julian e Miranda não deviam estar entendendo nada, no entanto, sentia-se na obrigação de fazer algo por ele, afinal, Julian havia salvado sua vida e ela seria eternamente grata a ele.

Miranda também merecia ser feliz e encontrar seu par perfeito, Clara já havia encontrado o seu príncipe encantado e agora era a vez de sua melhor amiga.

Alguns meses depois...

Era fim de tarde, Clara e Larissa estavam no jardim, ela acariciava o pelo brilhante de seu unicórnio Jasper, havia sentido falta de seu amigo durante aqueles meses em que esteve na outra vida e não tivera a companhia dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, por que está tão inquieto, hein?!— Clara dizia enquanto observava o unicórnio.

— O que deu nele? — Larissa perguntou.

— Eu não sei, está estranho. Talvez esteja com fome, eu não sei. Vou pegar algumas frutas para ele. — disse Clara caminhando até uma das cerejeiras que faziam parte do jardim do castelo.

— Clara!

Ouviu a voz de Luan chamar e virou-se em direção a ele.

Luan conversava com seu irmão Lincoln e seus pais, rei Frederick e rainha Deisy. Desfrutavam de o lindo pôr do sol que se formava no horizonte de Sunset Valley.

A princesa caminhou até seu marido, que estava de pé conversando com a família e quando chegou, sentiu o braço de Luan envolver sua cintura e passou os seus braços ao redor do corpo dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Conte a eles como a fazenda que estamos comprando em Isla Vista é maravilhosa.

Luan pediu e aquilo a fez sorrir. A ideia de comprar aquela fazenda havia sido dela, mas assim que o marido viu o local, se apaixonou imediatamente.

— É incrível sim. É uma fazenda de cavalos enorme. — Ela concordou.

— Sim e tem um lago bem tratado no meio da propriedade, dois pastos grandes e um refúgio para nós dois no alto das colinas. — Luan olhou para a esposa e não conteve o impulso de deixar um beijo rápido nos lábios dela. — Foi uma ideia incrível de Clara e além do mais, a localização é ótima, nós teremos o pai dela bem ao lado, no centro de Isla Vista, e Miranda e Julian em Brookhaven, que também fica a quinze minutos.

Àquela altura, Luan e Julian já haviam sido apresentados numa tarde em que estiveram na loja de doces da avó de Miranda. E por falar nela, Miranda e Julian estavam de casamento marcado.

Sim, o plano de Clara para juntar os dois havia dado mais do que certo. Miranda estava mais do que grata pelo favor da amiga ter lhe apresentado àquele homem incrível.

— Sim, quando ficarmos na fazenda, iremos estar perto de todos. Talvez nós pudéssemos ir até lá esses dias. Tenho certeza de que Greg nos deixará entrar mesmo sem a venda estar finalizada ainda. Ele e a família são muito queridos.

— Oh sim! — Luan concordou. — Eles têm uma casa na fazenda e irão ficar por lá para cuidar dos animais, porque nós não poderemos estar sempre por lá. — Luan explicava aos familiares. — Tudo é perfeito, só a casa que é um pouco pequena, quando tivermos nossos filhos teremos que fazer outros quartos.

O assunto sobre filhos sendo comentado tão normalmente na frente das pessoas daquela forma, fez com que Clara sentisse as bochechas corarem instantaneamente.

— Iremos adorar conhecer, filho. Tenho certeza

que será um ótimo investimento. E quanto aos filhos, acho ótimo que já estejam pensando em nos dar netos, assim o bebê de Larissa e Lincoln terá logo um priminho quase da mesma idade. — comentou rei Frederick.

— Nós estamos treinando todos os dias e todas as noites. — Luan disse sorrindo e aquele comentário fez com que ele recebesse uma rápida cotovelada nas costelas, vindo de Clara.

Era óbvio que tinha ficado tímida na frente dos sogros, por mais que Frederick e Deisy fossem sempre tão amistosos.

Logo todos estavam sorrindo ao mesmo tempo.

— Podemos conversar por um instante? — Clara virou-se para o marido e entrelaçou sua mão a dele.

— Claro.

Luan acenou com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que podemos ir até aquele lugar que é o seu preferido desde a infância? — perguntou olhando nos olhos dele.

— Agora?

— Sim, algum problema?

— Não, não há problema. Se você quer ir, nós iremos.

Beijou os lábios dela rapidamente e assim fizeram o caminho até o local que não era muito distante do castelo.

Luan e Clara caminharam até a beira do mar juntos, o sol já se escondia no fundo do oceano ao horizonte.

— Filhos, ah?

Foi a forma que ela encontrou de começar aquele assunto.

— Sim, eu penso em filhos frequentemente e até sonho com crianças correndo no castelo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu quero muito ser a mãe dos seus filhos e acredito que esse não é um desejo muito longe de se realizar.

Luan a olhou surpreso.

— Isso significa que...

— Sim, eu estou grávida. Em breve seremos papais. — Ela não conseguia esconder o sorriso enorme.

— De verdade?

Os olhos dele estavam sobressaltados e um sorriso enorme também em seu rosto.

— Eu esperei um pouco para contar até que tivesse certeza e você não ficasse frustrado caso eu não estivesse, mas eu tenho plena certeza de que estou esperando um filho seu. — Clara disse ainda sorrindo.

Uma lágrima escorreu pelo canto dos olhos de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luan e as mãos seguraram nos dois lados do rosto de Clara, juntando seus lábios para um beijo lento e cheio de ternura, que demonstrava melhor do que qualquer palavra o amor, respeito e carinho mútuo que sentiam.

A notícia de que Clara estava esperando um bebê correu rapidamente por todo o reino, graças a Luan que contava a cada pessoa que encontrava. Estava definitivamente feliz.



— Você na cozinha? Eu não acredito nisso. — Luan zombava, pois, sua esposa havia dispensado o cozinheiro e ela mesma preparava um bolo.

Uma princesa cozinhando? Sério mesmo? Aquela era a prova de que nada era impossível.

— Qual é o problema eu querer fazer um bolo?

— Problema nenhum, contando que você não ponha fogo no castelo. — Luan ria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Adorava provocar sua mulher e ver como ela ficava irritada. Lembrava-se bem que desde a infância ela ficava nervosa quando era provocada. Luan adorava aquilo.

— Ah, é? Engraçadinho! Pois saiba que eu já fui doceira em outra vida, está bem? — Clara dizia enquanto misturava os ingredientes na bacia.

— Você doceira? — Luan gargalhou. — Aposto que foi a Miranda quem lhe ensinou alguma receita e você quer me impressionar.

— O que tem eu? — disse a morena adentrando o cômodo.

— Oi amiga, que bom que chegou para me defender. — Clara falou.

— O que houve?

Miranda sentou-se ao lado de Luan e de frente para a melhor amiga.

PERIGOSAS ACHERON

— Luan não acredita que eu consiga fazer um bolo sem pôr fogo na cozinha.

— Eu também não acredito. — Ela disse rindo.

— Até minha melhor amiga contra mim? — Clara sorriu.

— E como vocês estão e o bebê?

— Estamos bem, quase nem estou enjoando. — Clara respondeu.

— Conversa de mulheres, vou deixa-las à vontade. — Luan caminhou até sua mulher e lhe deu um beijo no rosto antes de sair da cozinha.

— E então, conte-me como você e Julian estão? E os preparativos para o casamento? — Clara perguntou curiosa.

— Ah, estamos maravilhosamente bem. — respondeu sorrindo.

— Eu posso até imaginar pela sua carinha de

felicidade.

— Está tão evidente assim? — Miranda sorriu com o rosto corado.

— Está. — As duas riram. — Eu quero ser a madrinha.

— Você será com certeza e eu também quero ser madrinha do seu filho. Fico imaginando como será lindo.

— Eu também penso nisso o tempo inteiro. — Clara colocou o bolo para assar e então sentou-se ao lado de sua amiga. — Estou muito feliz por você e Julian estarem felizes assim como Luan e eu.

— Realmente, eu não sei por que você não me apresentou a ele antes. Julian parece um anjo de tão perfeito e digo isso em todos os sentidos, se é que me entende. — Miranda tinha um sorriso malicioso.

— Eu entendo perfeitamente e poupe-me dos detalhes da vida amorosa de vocês. — As duas

riram juntas. — Mas eu acredito que tudo tem o seu tempo, não é mesmo? Talvez Julian estivesse à espera do amor verdadeiro assim como você também estava e só precisavam do momento certo para se encontrar.

— Ah, isso é tão romântico, Clara! — ela suspirou.

— Eu hein, você está pior do que eu depois de me casar com o Luan, ficava suspirando pelos cantos.

— Para você ver o que o amor faz conosco.

As duas passaram o dia juntas conversando, e o bolo por incrível que pareça, deu certo. Clara enfeitou com algumas cerejas frescas e Luan adorou.

— Quem diria que minha esposa tem dotes culinários, hein?! — disse ele ao provar uma fatia generosa da sobremesa.

— Viu, você duvidou da minha capacidade,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

merece até um castigo. — Ela falou ao ouvido dele.

— Eu adoraria ser castigado por você. — respondeu malicioso fazendo Clara gargalhar.

— Clara, o bolo estava uma delícia, o bebê gostou porque não para de chutar na minha barriga. — Larissa falou emocionada enquanto passava a mão sobre o ventre que agora já não restava dúvidas de que havia um bebê ali dentro.

— Ah, eu posso tocar? — Clara pediu.

— Claro que sim. Ponha a mão aqui.

— Oh! E como mexe rápido!

— Em breve você também sentirá o seu e verá como é uma sensação maravilhosa. — Larissa falou emocionada.

— Sobrou bolo para mim? — Lincoln perguntou ao chegar por trás de Larissa e deixar um beijo casto em sua testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amor, o bebê acabou de mexer.

— Deixe-me sentir. — disse ele abaixando-se para ficar da altura da esposa que estava sentada. — É tão incrível vê-lo mexer assim. — Lincoln sorriu.

— Já pensaram nos nomes? — Luan perguntou.

— Ainda não, acho que iremos escolher quando nascer, não é, meu bem?

— Sim, acho que sim. — Larissa concordou. — Acho que vou me deitar um pouco, com licença.

— Eu a ajudo. — disse Lincoln e os dois saíram.

Lincoln e Larissa haviam reaprendido a amar durante aqueles meses. A duquesa percebia que seu príncipe estava apaixonado novamente, que não haviam mais sombras em seus olhos quando a olhava. Que o jovem príncipe estava realmente dando tudo de si para que o casamento deles fosse agradável para ambos.

PERIGOSAS ACHERON

— É tão bom ver os dois assim tão bem. — Clara falou para Luan.

— Concordo. Nem parece que meu irmão arrastava as asas para você.

— Precisava lembrar disso agora? — Clara fechou o rosto.

— Ei, também não precisa ficar brava. Eu só estava brincando, está bem? — disse ele beijando os lábios dela rapidamente.

— Que tal passarmos alguns dias na fazenda? Assim podemos aproveitar e finalizar a compra e você pode mostrar para seus pais, o que acha? — Clara sugeriu.

— Eu acho ótimo. — Luan disse sorrindo.

Para Clara era um alívio enorme tudo estar devidamente no lugar. Não conseguia nem mesmo traduzir o quanto estava feliz. Seus sentimentos por Luan se solidificavam a cada dia mais, estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

envolvidos numa atmosfera tão boa que parecia que nada seria capaz de estragar o que tinham.

Nem mesmo o cristal que ainda estava guardado em sua caixa de joias.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 71

 No dia seguinte, foram quase todos para a fazenda, exceto Larissa, pois não se sentia muito confortável viajar durante duas horas. Então, Lincoln ficou lhe fazendo companhia, com a promessa de que em breve iria conhecer a fazenda do irmão.

— Realmente é um lugar incrível, meu filho. — comentou rei Frederick.

— Clara tem bom gosto, não é à toa que se casou comigo. — disse Luan arrancando risadas de todos enquanto atravessavam o portão que dava acesso para a casa no alto da colina.

— Doze horas de parto para ouvir meu filho ser convencido. — Rainha Deisy comentou, fazendo-os sorrir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Doze horas. Oh, Deus! Não quero nem imaginar quando chegar a minha hora. — Um arrepio percorreu a espinha de Clara só de imaginar como seria quando seu filho saísse do útero.

— Tudo dará certo, querida. — Rainha Deisy lhe ofereceu um sorriso sincero. — Espero ter mais um monte de netinhos.

Clara lhe sorriu de volta e assentiu. Imaginando a possibilidade de ter várias crianças com Luan.

Almoçaram e desfrutaram do lugar, estava um dia lindo, ensolarado e o clima agradável.

— Mas Clara, como subirei nesse coqueiro? É muito alto.

— Eu estou com vontade de tomar água de coco, não pode negar desejo de grávida. — Ela dizia enquanto passava a mão pelo ventre.

— Estou encrencado! — Luan riu e tirou a camisa, Clara ergueu a sobrancelha ao reparar o abdômen definido do marido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu cair, a culpa será sua. — disse ele enquanto escalava o coqueiro.

— Que malvado, ameaçando uma mulher grávida. — Ela ria.

E finalmente Luan conseguiu arrancar dois cocos.

— Pronto, senhora, aqui está. — Ele disse entregando a ela.

— Obrigada alteza. Merece até uma recompensa. — Ela beijou os lábios dele rapidamente e em seguida provou a água deliciosamente doce.

Depois ficaram um tempo deitados lado a lado sobre o gramado enquanto Greg levava o rei e a rainha, os pais de Luan, para conhecer o restante da fazenda.

— Sente algo? — Luan perguntou quebrando o silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

— Como o que por exemplo?

— Sobre o bebê. — Ele ergueu-se e deixou um beijo casto em seu ventre.

— Ainda não dá para sentir, é muito pequeno. Mas já sinto um amor enorme. — Ela sorriu e Luan fez o mesmo.

— Eu também. — Ele afastou uma mecha de cabelo dela que caía em seu rosto, juntando seus lábios em seguida.

— Luan... — ela sussurrou enquanto ele beijava seu pescoço e colo. — Aqui não... Pode aparecer alguém. Guarde essa energia para logo mais quando estivermos à sós.

— Ugh! Está bem! — ele resmungou.

— Sabe, meu amor, às vezes fico pensando numas coisas. — disse ela.

— No que? Conte-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei, eu tive pouquíssimo contato com bebês, mas ajudei a cuidar de minha irmãzinha. Meredith e meu pai não tiveram filhos, não tenho parentes próximos... Eu não sei se serei uma boa mãe, eu não sei cuidar muito bem de criança. — Confessou.

— Eu entendo, meu amor. Mas você não está sozinha e se tivermos que aprender algo, faremos isso juntos, está bem? — disse ele acariciando o rosto dela. — E teremos sempre as criadas que irão cuidar de tudo. Aposto que até mesmo minha mãe irá ajudar, ela adora crianças.

— Você é tão perfeito e eu te amo tanto. — Ela acariciava os cabelos dele.

— Eu também te amo muito. Estou longe de ser perfeito, já cometi muitos erros na minha vida, mas certamente o amor que encontrei em você me fez ser alguém melhor. — Os olhos castanhos mergulhando nos azuis. — Não importa o que aconteça, eu sempre estarei com você e com o nosso filho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É a coisa mais linda que já ouvi. — Ela estava emocionada e os dois perderam-se em um beijo demorado e apaixonado. — Acho que você me deve algo.

— É? O quê? — Luan franziu a testa.

— Me lembro muito bem de vê-lo na sala de armas antes de nos casarmos e vossa alteza dizendo que sabia manusear várias armas e que ganhou vários prêmios...

— Onde quer chegar com isso? — Luan sorriu.

— Então, que tal me ensinar a usar o arco e flecha? Eu disse que sempre gostei, mas não sei usar, lembra?

— Eu lembro. Mas não sei se devo ensiná-la. Está grávida e...

— Luan! Eu estou grávida e não doente, não tem nada a ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem, está bem! Vou lá buscar. — Ele se levantou e foi até o interior da casa da fazenda, voltando em seguida. — Vamos lá então para a primeira aula.

— Sim, querido professor. — Ela riu o provocando.

— Primeiramente você tem que segurar assim... — Ele ajeitou o objeto nas mãos dela. — E precisa pôr os pés assim. — ele mostrou como fazia e mirou a flecha numa árvore.

— Vamos ver se consigo. — disse ela animada.

— Acho que sim, você parece ótima. — Ele a incentivou e ela acertou o alvo que era o tronco de uma árvore.

— Consegui! — disse sorrindo.

— Merece uma recompensa por ser uma boa aluna. — Luan disse mordendo o próprio lábio inferior.

PERIGOSAS ACHERON

— Vossa alteza só pensa naquilo, não é mesmo?
— Clara não conseguiu esconder o sorriso.

— O que posso fazer se minha esposa me desperta desejo? — sorriu, malicioso como sempre.

Ao cair da tarde, rei Frederick e rainha Deisy despediram-se de Luan e Clara. Voltaram para Sunset Valley na carruagem enquanto o filho e a nora desfrutariam de alguns dias de descanso na fazenda recém-adquirida. Luan havia finalizado a compra naquele mesmo dia e então, agora definitivamente a propriedade era sua.

— Está tudo bem, amor? — Luan perguntava do outro lado da porta.

— Sim, só vomitei um pouco. Já estou saindo.
— Ela respondeu.

Luan caminhou até a varanda do quarto, de onde tinha uma visão privilegiada de quase toda a fazenda. Era noite e a lua brilhava no céu, as estrelas ao redor eram a promessa de que não haveria chuva naquela noite. Era verão, mas apesar

da estação, a temperatura estava amena e a brisa balançava levemente as copas das árvores. Luan estava distraído, quando pulou com o susto ao sentir duas mãos frias envolverem sua cintura por trás.

— Lhe assustei? — ela sorriu.

— Um pouco, chegou de mansinho como uma gatinha. — Ele acariciou os cabelos dela que estavam molhados. — Não devia ter lavado os cabelos, dormir de cabeça molhada não faz bem.

Para Clara, foi inevitável pensar em como aquela vida se confundia com a outra após ter feito o pedido ao cristal. Luan lhe dizia a mesma frase e estavam na mesma fazenda, com a diferença que agora nada e nem ninguém seria capaz de os separar.

— Me desculpe. — Ela pediu.

— Por ter lavado os cabelos?

— Sim. Daqui a pouco seca. — Ela sorriu o

abraçando e Luan pôde sentir o perfume dela delicadamente doce.

— Sabe o que eu estava pensando?

Luan falou enquanto suas mãos a envolviam ainda ali de frente para a varanda do quarto.

— Não, o que é?

— Pode parecer uma ideia um tanto louca, mas talvez algum dia aqui poderia ser o nosso lar de forma definitiva. Podemos modificar as coisas e fazer outros quartos para as crianças e...

— Espera! — ela afastou-se dele por alguns instantes para olhar em seus olhos. — Quartos para as crianças? Acha que teremos quantos filhos?

— Se depender da minha disposição, teremos uns dez no mínimo. — Luan respondeu puxando-a para si e beijando seu pescoço.

— Ah, é? — ela gargalhou. — Pois comigo é que não será, pois sou uma mulher e não uma
PERIGOSAS ACHERON

coelha.

— Mas pode ser minha coelhinha sim.

Ele rapidamente a pegou em seus braços, conduzindo-a até a cama.

Clara não podia esquecer das outras vezes em que esteve ali com Luan na outra vida e em como fizeram amor por cada canto daquela mesma casa. Para Luan, era um lugar novo para os dois, mas para ela, as lembranças de tudo o que já haviam vivido permaneciam vivas em sua mente e naquele momento, tudo o que mais queria era que todos os momentos bons fossem revividos.

Não importava o que tinha acontecido na outra vida, o que importava era que poderiam reviver tudo novamente.

Os dois exploravam cada parte do corpo um do outro, Luan já estava sem camisa e Clara usava uma camisola longa, que ele fez questão de tirar rapidamente para que pudesse explorar cada centímetro do corpo dela sem que nada atrapalhasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

As mãos fortes seguravam as coxas enquanto ele sentia o gosto dela, movendo sua língua com maestria e Clara mantinha as mãos nos cabelos dele, puxando-os delicadamente. Logo ela sentiu a primeira físgada de prazer, o corpo dele quente sobre o seu arrepiava-se a cada carícia. Luan voltou a olhá-la nos olhos, as mãos deslizando nos seios dela, massageando de maneira delicada, porém firme. Não demorou muito para que deslizesse para dentro dela.

— Tudo bem? — ele perguntou e Clara apenas afirmou com um aceno de cabeça.

Os movimentos dele eram firmes dentro dela e os dois se beijavam enquanto os corpos se difundiam como um fogo incontrollável. Cada vez que ambos faziam amor, era como se estivessem no céu, viajando por galáxias e redescobrimdo as estrelas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 72



A noite foi intensa, movimentada, cheia de carinhos e principalmente amor. Terminando com dois corações batendo aceleradamente no mesmo ritmo e dois corpos cansados, no entanto, extremamente satisfeitos.

— No que está pensando? — Luan perguntou baixo, enquanto acariciava os cabelos da esposa.

— Em Scarlett... — O nome saiu afetado, porque ainda pensava no fim trágico da rival. — Aquela mulher era louca.

— Não tenho dúvidas. — O príncipe beijou o rosto de sua mulher, enquanto ela fechava os olhos. — Não fique pensando nessas coisas. Estou aqui, durma. Vocês precisam descansar.

Luan tocou a barriga da esposa, abaixou o rosto

PERIGOSAS ACHERON

até que estivesse na altura de seu ventre e deixasse um beijo sobre a barriga que ainda estava pequena.

A notícia de que uma das serviçais do castelo tinha aparecido morta na cozinha, percorreu todo o reino de Sunset Valley. O rei e a rainha tentaram abafar os rumores, no entanto, não conseguiam controlar os mexericos. Como toda fofoca, alguns diziam que a bela mulher fora assassinada, quando na verdade, Scarlett havia cometido suicídio.

O real motivo ninguém sabia. Quer dizer, Clara sabia.

Durante a madrugada, um forte clarão iluminou o quarto, sendo seguido por um estrondo, fazendo Clara se mexer na cama, mas não sendo o suficiente para que acordasse. Luan acordou e precisou se desvencilhar dos braços dela com calma, para que ela não acordasse. Caminhou até a varanda e pôde ver que havia chovido bastante, mesmo que antes de dormir, o céu não dava indícios de que iria chover.

O príncipe fechou a porta que ligava o quarto à

PERIGOSAS ACHERON

varanda, em seguida voltou para a cama e sentiu Clara aconchegar-se a ele. Abraçou o corpo magro, beijou o alto de sua cabeça delicadamente e então o cansaço o dominou novamente, deixando o sono tomar conta de si.

Na manhã seguinte, acordaram com Greg batendo na porta do andar de baixo e chamado por Luan.

Então, ele vestiu-se rapidamente, desceu a escada e abriu a porta assustado.

— O que foi, Greg? Aconteceu algo?

— Desculpe, alteza. Sei que ainda é cedo, mas apenas vim avisar que o bebê de seu irmão nasceu ontem no cair da tarde. Somente agora vieram avisar. — disse o antigo dono da fazenda, mas que permanecia morando no local para cuidar da propriedade.

— Oh! Obrigado por avisar. Chamarei minha esposa e iremos até lá.

No dia anterior, durante a tarde enquanto Luan,
PERIGOSAS ACHERON

seus pais e Clara estavam na fazenda em Isla Vista, Lincoln e Larissa permaneciam em Sunset Valley. Tudo parecia normal, até que a mulher começou a sentir algumas dores estranhas. Lincoln havia acabado de sair para resolver algo nas redondezas, então Larissa estava somente acompanhada por uma das criadas do castelo.

— Alteza, sente algo? — perguntou a moça.

— Eu acho que... — precisou interromper a fala enquanto a fígada ficava mais intensa. — Vai nascer!

— Oh, céus! Mas ainda falta um tempo para completar o final da gestação!

— Eu sei, mas eu tenho certeza que ele ou ela está vindo. — Larissa respondeu aflita.

A criada lhe ajudou a chegar no quarto e pediu que fossem chamar a parteira e que também avisassem o príncipe.

Larissa acomodou-se na cama sentindo as

PERIGOSAS ACHERON

pernas bambas enquanto a pressão na parte baixa da barriga só aumentava.

As dores só aumentavam, parecia que a parteira estava demorando uma eternidade para chegar, mas quando a mulher adentrou o quarto, Larissa sentiu-se mais tranquila.

— Ainda não tem muita dilatação, esse bebê não virá agora. — disse a mulher.

— Como não? Ah... está vindo, eu sinto que sim.

— Ele está vindo, mas ainda irá demorar um pouco. Eu já fiz dezenas, talvez milhares de partos e estou certa do que digo. Fique calma que tudo dará certo. — A mulher usou um pano para enxugar o rosto da duquesa.

Em Isla Vista, Meredith sentiu um arrepio frio subir por suas costas.

— Onde está indo? O que aconteceu?

— Nada ainda, mas preciso ir a um lugar. Tive um pressentimento ruim e sei que tem alguém que precisa de minha ajuda. — disse ela, e então saiu apressadamente, deixando seu marido, rei Benjamin, confuso.

O caminho de Isla Vista até Sunset Valley era de duas horas. Meredith estava impaciente e ao mesmo tempo aflita, somente ela sabia o porquê. Não deixou que Benjamin o acompanhasse, sabia que conseguiria o convencer a ficar, afinal ele sempre fazia tudo o que ela queria. Estava sob o seu feitiço.

Larissa estava sobre a cama, sentindo dores, aguardando a chegada de seu bebê. Lincoln adentrou o quarto apavorado, então ajoelhou-se ao lado da cama ficando da mesma altura que a esposa.

— Ficaré tudo bem, eu estou aqui. — disse ele segurando as mãos dela frias e trêmulas, em seguida deixando um beijo em seu rosto.

— Se caso eu... ah! — ela fechou os olhos

sentindo as contrações. — Cuide de nosso filho, prometa isso, por favor.

— Larissa, não diga bobagens. Logo dará à luz e teremos nosso filho aqui. Nós três. — Ele segurou firme sua mão enquanto mais uma contração passava pelo corpo.

— Deve deixá-la, avisarei quando seu filho nascer, alteza. — disse a parteira ao jovem príncipe.

Lincoln beijou a esposa rapidamente e deixou o quarto. Larissa estava sentada na cama, com travesseiros apoiados nas costas e com os joelhos erguidos.

— Vamos lá, força menina. — A parteira a incentivava.

Ela ofegante fechava os olhos enquanto fazia força.

Uma das empregadas do castelo levou uma bacia com água, uma vela e uma tesoura.

— Não está adiantando, nem sinal do bebê. Vamos! Mais força!

Larissa já sentia as pernas fraquejarem, quando a porta do quarto foi aberta bruscamente.

Os olhares da jovem duquesa, da parteira e da criada foram direcionados para a mulher elegante que acabara de adentrar ali.

Meredith.

— Senhora, com licença. A moça está prestes a dar à luz.

— Eu sei e por isso vim ajudar.

Meredith abaixou-se perto de Larissa, que tinha o rosto pálido, a boca seca e a expressão cansada.

— Eu não irei aguentar. — disse ela fechando os olhos.

— Agente firme. — A rainha a olhou e apertou

suas mãos como se quisesse lhe passar segurança. — Tudo ficará bem, você só precisa ser forte.

E então, Meredith pôs as duas mãos sobre a barriga de Larissa, tocando o local por alguns segundos, mas logo tornou a tirar. As contrações aumentaram e agora ela já estava pronta para dar à luz.

A criada e a parteira não entendiam nada, no entanto não questionaram. A criada ofereceu um pano para Larissa morder como forma de aliviar a tensão. Meredith enxugava o suor que se formava na testa da futura mamãe.

O trabalho de parto durou mais de três horas, e embora o bebê fosse nascer prematuro, Larissa já não via a hora de acabar todo aquele sofrimento e ter logo seu filho. Preocupava-se a cada instante e só desejava ter seu bebê saudável em seus braços.

— Vamos! Mais um pouco! Está vindo! — disse a parteira.

Meredith olhava com certa desconfiança, agora

PERIGOSAS ACHERON

estava a uma distância um pouco maior, apenas observando e deixando que a parteira fizesse seu trabalho.

— Isso! Estou vendo a cabecinha do bebê, continue!

Larissa àquela altura já quase não tinha mais forças, as lágrimas misturavam-se ao suor e a dor profunda parecia que a rasgaria ao meio.

Depois de alguns minutos, seu sofrimento foi interrompido quando ouviu o choro de seu bebê.

— É uma linda menina, parabéns, duquesa.

E então a parteira usou a vela para esquentar a ponta da tesoura, cortou o cordão umbilical e entregou a pequena menina para a mãe.

Larissa sorriu ao olhar sua filha e segurar seu corpinho pequeno. A menina logo aquietou-se ao contato com o calor do corpo da mãe.

— Minha pequena Maria. — falou emocionada

segurando a mãozinha pequena. — Maria Luíza.

O rostinho corado e os olhos azuis como os do pai. Os fios de cabelos ralos também eram louros como os do pai e da mãe.

Logo após o nascimento da pequena princesa de Sunset Valley, Lincoln foi avisado e adentrou o quarto eufórico. Sorriu ao ver a cena. Sua esposa agora segurando a filha deles. Caminhou apressadamente até a cama e emocionou-se ao olhar o rostinho pequeno envolto no lençol.

— Você conseguiu. — disse ele emocionado revezando seu olhar entre a filha e a esposa.

— É uma menina, amor. Nossa pequena Maria Luíza. — Larissa falou com a voz fraca, carregada de emoção.

— Ela é linda. — O príncipe deixou um beijo no alto da cabeça de sua filha e sorriu olhando para sua mulher. — Eu amo você.

— Eu também amo você. — Ela sorriu e as

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas caíam livremente por seu rosto.

A parteira pegou a bebê do colo da mãe e entregou para a criada terminar de limpar e vestir a menina.

— Já enviei um mensageiro para avisar seus pais, está bem? — Lincoln acariciou os cabelos de Larissa e deixou um beijo em sua testa.

Foi quando ia sair do quarto que se deu conta de que Meredith estava ali, seus olhos pareciam estar fixos em um ponto qualquer, o olhar desfocado, como se estivesse paralisada em transe.

— O que faz aqui? — ele perguntou de forma rígida.

— Meu amor, ela me ajudou. É a madrastra de Clara, não é? — Larissa falou e Meredith assentiu.

— Ainda não respondeu minha pergunta. O que faz aqui e como entrou? — Lincoln insistiu.

E então, a rainha olhou para Lincoln, as palavras

PERIGOSAS ACHERON

pareciam entaladas em sua garganta e tudo o que ela conseguiu foi olhar para Larissa, que parecia também esperar por uma resposta.

Quando finalmente a rainha abriu a boca, a porta do quarto foi aberta e dessa vez eram a rainha Deisy e seu marido, rei Frederick.

A criada já havia trocado o lençol da cama que antes estava sujo de sangue, Larissa estava descansado, mas ainda acordada.

— Oh, nasceu? — perguntou a sogra.

E então, a criada levou a pequena bebê envolta em uma manta.

— Oh! Parece muito com você, filho. — disse o rei e o filho sorriu orgulhoso.

— É linda, parabéns minha filha. — Deisy abraçou Larissa emocionada, depois olhou para a mulher que estava próximo a elas. — Meredith? Oh, eu não sabia que estava aqui. Vou mandar que sirvam um chá para nós na sala. — Elas se

cumprimentaram.

Logo depois todos foram para a sala de estar, afinal, Larissa agora precisava descansar um pouco.

Meredith aproveitou para ter alguns minutos à sós com a duquesa e a bebê.

— Posso segurá-la um pouco? — pediu com certo receio, mesmo que Larissa não entendesse o motivo de tudo aquilo, ela assentiu.

Meredith segurou a menina nos braços e não conteve o sorriso.

— Ela se parece com você. Parece bastante, me lembra quando você nasceu. — A rainha disse olhando para a menina, no entanto, Larissa contorceu o rosto.

— Como sabe que ela se parece comigo quando nasci? Por acaso me conheceu ainda bebê? — uma onda de perguntas surgiu em sua cabeça.

— Eu conheço você antes mesmo de vir ao

PERIGOSAS ACHERON

mundo. — Agora Meredith olhava diretamente nos olhos dela.

— Está me assustando. — A mulher engoliu seco, fitando os olhos castanhos penetrantes bem à sua frente.

— Larissa, minha querida. Eu sou sua mãe. — Confessou de uma vez antes que não tivesse mais coragem.

CAPÍTULO 73



— Não! Isso não é verdade. Minha mãe é a Katherine.

Larissa falou e o medo tomou conta de si, o medo de que sua vida tivesse sido uma mentira durante toda sua existência até então.

— Eu sei, Katherine cuidou de você e foi sua mãe desde que você nasceu, mas eu sou sua mãe biológica. Eu esperei tanto por esse momento, para que pudesse lhe chamar de minha filha.

Meredith tocou o rosto de Larissa, porém, ela se esquivou.

— Por que está inventando tudo isso? Me dê minha filha. — A duquesa tomou a bebê dos braços de Meredith. — Vá embora! Eu não preciso de outra mãe, eu já tenho uma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Larissa, minha filha. Escute-me por favor! Eu lhe imploro por tudo o que é mais sagrado. Pelo amor que sente por sua filha, deixe-me contar a verdade.

— Não! — gritou. — Eu não preciso de nada disso, não quero ouvir nada. Vá embora, por favor!

A pequena princesa recém-nascida assustou-se e começou a chorar. Lincoln ouviu os gritos de sua mulher e prontamente foi até o quarto ver o que estava acontecendo.

— O que está fazendo? Por que ainda está aqui? Saiba que não é bem-vinda aqui e eu acho melhor que não perturbe minha esposa e minha filha. — Lincoln enfrentou a rainha.

— Larissa é minha filha e eu tenho o direito de lhe contar a verdade.

Os olhos de Lincoln saltaram de surpresa, aquela era uma notícia que ele jamais esperava receber.

PERIGOSAS ACHERON

— E Katherine? O que ela é então? — foi a primeira pergunta que saiu de sua boca.

— Foi apenas uma pessoa de bom coração que apareceu em meu caminho e cuidou de Larissa.

As lágrimas nos olhos da jovem formaram-se rapidamente e o príncipe pegou sua filha em seus braços, embalando seu sono.

— Não foi culpa minha, só eu sei o quanto sofri, o quanto foi difícil entregar minha própria filha. Imagine se você tivesse que entregar sua bebê para uma mulher que você mal conhecia e tivesse que passar sua vida longe dela.

Agora as lágrimas escorriam pelos olhos de Meredith enquanto ela falava. Era a primeira vez que chorava na frente de alguém. Sua postura era sempre elegante, firme e rígida perante todos, guardou aquele segredo durante anos e agora era a hora de contar toda a verdade. Mediante o silêncio de ambos, a rainha de Isla Vista continuou.

— Eu fiquei grávida antes de me casar com

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin. Quando contei ao meu namorado sobre a gravidez, ele me abandonou, sumiu do mapa. Fiquei sem saber o que fazer da minha vida, meu pai era um homem muito rude, extremamente ruim e éramos muito pobres. Ele era violento, batia na minha mãe e eu nem poderia imaginar o que ele faria comigo se descobrisse que eu esperava um filho e pior, seria mãe solteira. — Ela secava as lágrimas enquanto falava. — Escondi a gravidez durante alguns meses, usava espartilhos para apertar a barriga, mas minhas roupas com o passar do tempo já não serviam mais. Eu tive que fugir de casa, deixei apenas uma carta para minha mãe. Fugi sem rumo, fiz uma trouxa com algumas roupas, água, um pedaço de pão e embarquei num navio.

Para Meredith, era como se estivesse revivendo todo o seu passado terrível que esteve enterrado nos lugares mais dolorosos de sua mente.

— Usei o pouco dinheiro que roubei de meu pai, para viajar. Fui até Rose Valley e lá fiquei sem ter onde mesmo dormir. Encontrei Katherine e pedi misericórdia a ela, eu estava com fome, com sede, ela me acolheu, me levou para a casa dela, me

abrigou e me deu alimento.

Meredith fez uma pausa relembrando os dias difíceis que viveu. Lincoln e Larissa permaneciam estáticos com todas aquelas revelações.

— Elliot, o marido dela que é seu pai de criação, concordou que eu ficasse lá até você nascer. E eles me ajudaram, fiquei poucos dias lá, você nasceu, eu não tinha para onde ir, também não podia voltar para Isla Vista com você. — Ela olhava para Larissa. — O que seria de você, um bebê inocente e indefeso, eu não tinha nem onde cair morta. Então, Katherine me contou que não podia ter filhos, era um desejo dela muito grande ser mãe, mas ela era estéril. Eu não vi outra saída, ela e Elliot tinham boas condições de vida, eu deixei você com eles. Aquele foi o pior dia da minha vida.

As lágrimas caíam livremente pelo rosto bem maquiado que agora estava completamente borrado. Larissa também chorava descontroladamente e era amparada por Lincoln, que estava simplesmente sem acreditar em tudo o que ouvia, e pior, ele sabia que seu irmão, Luan, já

havia se deitado uma única vez com aquela que agora acabava de descobrir que ela era a mãe de sua esposa.

— Por que nunca me procurou? Eu cresci pensando que duas pessoas eram meu pai e minha mãe, agora do nada você joga toda a verdade em cima de mim e ainda quer que eu aceite isso? Eu não posso. — Larissa falou, secando as lágrimas.

— Eu tentei, mas eu não podia. O acordo consistia em entregar você para que fosse filha deles, Katherine e Elliot me deram uma quantia em dinheiro para que eu voltasse à Isla Vista e reencontrasse a minha mãe. Assim eu fiz, mas quando retornei para casa, minha mãe estava morta. — Os olhos de Meredith estavam desfocados como se estivesse revivendo aquela cena terrível. — Minha mãe estava caída no chão toda ensanguentada, meu pai matou minha mãe por minha culpa, porque fugi de casa. Ele quis me bater, eu corri e consegui fugir dele, corri para a cozinha e fiquei escondida atrás da porta, quando ele entrou, eu dei uma facada nele pelas costas. Eu matei meu pai, senão ele ia me matar.

A rainha fechou os olhos e suspirou profundamente relembrando.

Mediante o silêncio, ela prosseguiu.

— Eu já não suportava mais aquela vida, já não tinha mais minha filha em meus braços, nem minha mãe, meu pai não fazia diferença alguma, ele era um monstro. O pouco dinheiro que Elliot me ofereceu foi acabando, todas as moças da minha idade se casavam, as princesas tinham seus príncipes e eu era apenas uma pobre coitada órfã e longe da minha filha.

Larissa e Lincoln estavam boquiabertos com tudo aquilo.

— Que homem iria me querer? Eu não tinha nem onde cair morta. Usei o último dinheiro para ir atrás de seu verdadeiro pai e o encontrei. Ele era casado e a mulher dele era uma bruxa. Ela disse que se eu não os deixasse em paz, ela me lançaria uma maldição, ela prometeu e cumpriu. Fiz coisas horríveis, sei que eu não mereço o seu perdão, mas

quero que saiba, que você é a única pessoa que eu amei em toda a minha vida. Eu trouxe esse sapatinho, era seu. Foi a única lembrança sua que eu guardei durante esses anos. — Meredith abriu a bolsa revelando o sapatinho de lã amarelo e o colocando na palma da mão de Larissa. — Fique com ele.

A duquesa já havia voltado a chorar e o choro só aumentou ao pegar o pequeno objeto de sua infância.

— Eu preciso ir, já anoiteceu. Benjamin e eu precisamos acertar as coisas. Agora já não posso esconder mais nada dele também. Se você quiser algum dia falar comigo, eu estarei pronta para lhe receber de braços abertos. Só lhe peço uma coisa: cuide de sua filha e não a troque por nada e nem ninguém.

— Eu nunca faria isso. Seria capaz de dar a minha vida em troca dela. — Larissa falou encarando Meredith.

— Eu tenho certeza que sim. Me perdoe.

PERIGOSAS NACIONAIS

A rainha se levantou e alcançou a porta, deu uma última olhada para sua filha e finalmente saiu.

— Meredith? O que houve? Por que está chorando? Fique para jantar conosco. — Rainha Deisy insistiu em vão, Meredith saiu sem ao menos pronunciar alguma palavra.

O rei e a rainha de Sunset Valley ficaram completamente pasmos ao ouvir toda a história que Lincoln acabara de contar-lhes. Àquela altura, ninguém mais conseguia pensar em nada coerente a se fazer.

Ninguém praticamente dormiu naquela noite, principalmente Larissa e Lincoln. Maria Luíza era um bebê tranquilo, mas não era ela quem tirava o sono de sua mãe, mas sim a nuvem negra em seus pensamentos que combinavam perfeitamente com o clima do lado de fora do castelo. Uma tempestade caía, como se o céu fosse desabar a qualquer instante. Lincoln confortava sua esposa enquanto ela segurava a filha deles nos braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na manhã seguinte, rei Frederick pediu que avisassem Luan e Clara na fazenda sobre o nascimento do bebê. Logo que Greg avisou Luan, o príncipe e a princesa partiram de volta para Sunset Valley e quando chegaram, estranharam o silêncio e as expressões tristes nos rostos de todos.

— Aconteceu algo com Larissa ou com o bebê?
— Clara perguntou receosa.

— Elas estão bem, minha querida. —Deisy respondeu.

— Achei que estariam felizes com o nascimento da menina, então por que essa cara de velório? — Luan perguntou.

— Vão conhecer a sobrinha de vocês, depois Lincoln poderá contar tudo. — respondeu o rei.

Luan e Clara se entreolharam confusos, mas assim fizeram e foram ver a recém-nascida.

Mal sabiam que nunca imaginariam o que estava por vir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 74



— Oh, Deus!

Foi o que Clara conseguiu proferir depois de ter ouvido tudo o que Lincoln havia lhe contado. Luan estava paralisado como se fosse a coisa mais absurda que já tivesse ouvido em sua vida.

Imagina se ele soubesse toda a loucura do cristal.

— Larissa, eu sinto muito, agora sei que Meredith é sua mãe, mas ela já fez tantas maldades. Ela me maltratava muito quando eu era apenas uma menina e até hoje eu sei que ela não me suporta, mas confesso que estou com dó depois de ouvir tudo isso. Penso se fosse eu grávida e abandonada.

Clara disse passando as mãos pelo ventre. Luan estava ao lado dela e passou o braço ao redor de seu ombro, fazendo um carinho e logo depois, deixou

um beijo no alto de sua cabeça.

— O que fará agora? — Luan perguntou.

— Eu não sei, não consigo pensar em nada. Meus pais devem estar chegando a qualquer momento, meu sogro pediu que o mensageiro ontem fosse avisar sobre o nascimento de minha filha, imagino que eles já estejam chegando, a viagem é longa. — respondeu Larissa.

Luan e Clara deixaram que ela descansasse e foram para o quarto do casal.

— Sabe, amor... — Clara falou enquanto repousava a cabeça no peito de Luan. — Acredito que Meredith tirou a vida de minha mãe.

— Será? A troco de que, afinal? — Luan acariciava os cabelos dela enquanto conversavam.

— Eu não sei, mas não sai da minha cabeça que foi ela. A bruxa que meu pai relatou na carta que escreveu para mim contando como foi a morte de minha mãe. — Ela apressou-se em levantar e

alcançou a carta dentro de um pequeno baú. Em seguida, entregou a Luan.

— Eu sinto muito por isso. Imagino como deve ter sido difícil para você ter crescido sem sua mãe. — disse Luan após ler a carta que rei Benjamin havia escrito.

— Foi mais difícil do que você pode pensar. Faz ideia de como é viver com os pensamentos de como as coisas seriam diferentes se minha mãe estivesse comigo? Meu pai sempre disse que ela era linda, a jovem mais linda de todo o reino. — Ela falou com os olhos brilhando. — E de fato era. As pinturas no castelo de meu pai podem comprovar.

— Todos conhecem a história da rainha Sherlley. Seu pai e sua mãe eram muito felizes, você foi o fruto do amor verdadeiro.

Luan sorriu enxugando uma lágrima que corria pelo rosto de Clara.

— Sim, assim como o nosso bebê será.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu e juntou seus lábios em um beijo carinhoso, lento e tranquilo.

— Você já passou por muitas coisas ruins, mas prometo que nada mais irá te fazer sofrer, porque eu não irei deixar, está bem? Eu sempre irei proteger você e o nosso filho, custe o que custar.

Luan segurava os dois lados do rosto da esposa e olhava diretamente nas duas esferas azuis à sua frente.

— Você é o amor da minha vida. — Ela sorriu e o abraçou. — Eu não te trocaria por ninguém, jamais. — disse ainda o abraçando e Luan a apertou ainda mais em seus braços, como se fosse uma promessa de que estariam sempre juntos e nada seria capaz de separá-los.

Minutos depois, ouviram gritos vindos do quarto de Larissa e Lincoln, saíram apressados para ver o que acontecia, as empregadas estavam com os ouvidos colados na porta e tentaram disfarçar ao ver Luan e Clara.

PERIGOSAS ACHERON

Pelas vozes, era fácil identificar quem estava do lado de dentro do quarto: Larissa, Lincoln, e seus pais, Katherine e Elliot. Aquela seria uma conversa difícil, mas desejavam que no fim tudo se acertasse.

Em Isla Vista, rei Benjamin não sabia mais o que pensar. Meredith havia saído na tarde anterior e ainda não havia retornado. Colocou os guardas para a encontrarem, mas não obtiveram êxito.

Ele estava em sua sala, perdido em seus pensamentos. Gostava de Meredith, achava que ela sempre foi uma boa esposa, o tratava bem, mas não era o mesmo tipo de sentimento que teve por Sherlley no passado. Não havia um dia que não sentisse saudade do seu grande amor. Da mãe das suas filhas.

Ouviu a porta se abrir e quando olhou, viu Meredith entrar e ela estava completamente irreconhecível. Seus longos cabelos negros estavam soltos, não usava seus trajes luxuosos, pelo contrário, usava roupas simples.

— Ben, precisamos conversar. — disse ela ao

aproximar-se.

Rei Benjamin permaneceu por alguns segundos estático mediante a mulher à sua frente.

— O que aconteceu? Por que está usando essa roupa? E as suas joias... Foi assaltada? — perguntou aproximando-se da esposa.

— Não, não é nada disso. Eu só quero que me veja assim, sem todo o luxo e as joias... Ben, você é um bom homem e eu não mereço nada que venha de você. — Meredith falou olhando diretamente nos olhos dele. Os lindos olhos azuis de Benjamin.

— Meu amor, o que aconteceu? Por que está dizendo isso?

— Não me chame assim, por favor. Eu não sou digna do seu amor e nem da sua compaixão, por isso eu preciso lhe contar toda a verdade. Eu sei que vai doer, mas você merece saber a verdade. — Ela disse e ele sentou-se.

Meredith estava de frente para Benjamin, ela

PERIGOSAS ACHERON

sabia por onde começar. Contaria primeiro toda a história de Larissa, depois contaria a pior parte, talvez.

— Por que escondeu isso de mim? Poderíamos ter trazido a menina de volta. Meredith, falta de condições não foi.

O rei ficou bravo, pela primeira vez Meredith via seu marido se revoltar, porque agora ele não estava mais sob seu feitiço.

— Eu sei, mas não se quebra um acordo assim de uma hora para a outra. Eu sabia que nada estava faltando para Larissa, isso me tranquilizava.

— Eu sinto muito, por tudo isso...

— Ben, não sinta. Eu garanto que irá me odiar quando ouvir o restante da história. — disse ela e os olhos dele saltaram imediatamente.

Agora já sabia de todo o sofrimento que Meredith havia passado, o que mais poderia ser pior do que aquilo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— A mulher do verdadeiro pai de Larissa, ela me transformou numa velha horrorosa, porque assim, nenhum homem se interessaria por mim. Me transformei numa mulher assustadora e ela me disse que eu só voltaria ao normal, se roubasse a beleza da mais bela jovem do reino. Era Sherlley.

— Não!!! — Benjamin gritou.

O jovem e formoso rei levantou-se já imaginando as revelações que viriam a seguir.

— Sim, eu matei Sherlley. — Confessou. — Era a única forma de ter minha beleza de volta. Sherlley possuía um cristal mágico, o cristal dos desejos e eu fiz um pedido que arruinou minha vida. Desejei que eu tivesse poder para mudar qualquer coisa, que eu tivesse poder para ter todos os homens aos meus pés. E o desejo se tornou realidade. Eu conquistei você e eu consegui que você fizesse tudo o que eu desejava, mas não satisfeita, eu traí você inúmeras vezes. Eu sei que nunca irá me perdoar.

PERIGOSAS ACHERON

As lágrimas nublavam os olhos de ambos.

— Eu não quero ouvir mais nada! — Benjamin gritou novamente, a expressão decepcionada era evidente em seu rosto e as lágrimas caíam livremente. — Por que eu nunca percebi isso? Você tirou a minha esposa de mim! Era você?

— Sim, era eu. Eu fiz coisas horríveis porque o poder me dominou. Deixei ser dominada pela luxúria, pela ambição, por tudo o que eu não tinha e passei a ter depois de me casar com você e me tornar rainha. Você nunca percebeu nada porque estava sob o meu feitiço. Eu sou mais uma das almas aprisionadas no cristal, com a diferença que ele não pode me matar, porque isso é o que eu mais desejo todos os dias.

Meredith confessou todas suas verdades obscuras.

— Você é um demônio! — rei Benjamin agora podia ver tudo com clareza.

— Não, eu juro que não era, mas eu talvez tenha

PERIGOSAS NACIONAIS

me tornado isso realmente. Eu me arrependo de todo mal que fiz a você, por ter destruído sua família. Benjamin, você é um bom homem, é um rei sábio, sei que não mereço o seu perdão por tudo o que fiz. Por isso eu vim me despedir.

Os olhos castanhos doeram quando viram a tristeza, decepção e mágoa estampados no rosto de Benjamin. O rei de Isla Vista era dono de uma beleza estonteante. Parecia uma divindade.

— Você será um homem livre e essa será a única forma que eu tenho de me redimir. A única forma que eu tenho de ser livre da maldição do cristal.

— Eu não acredito nisso! — disse ele.

— Pois então pergunte a sua filha. O colar com o camafeu... Dentro dele estava o cristal dos desejos que pertencia à Sherlley. Tenho certeza que ela pode lhe contar, quanto a mim, eu já não aguento mais. Irei embora, os deixarei livres, será um sacrifício de coração aberto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meredith falou e Benjamin a olhava ainda sem acreditar em tudo o que acabara de ouvir. Parecia até um pesadelo, mas era realidade, e ela estava ali diante dele dizendo tudo aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 75

 **R**ei Benjamin estava sem acreditar em tudo o que havia acabado de ouvir. Sua esposa não era quem ele pensava ser, foi capaz de tirar a vida de sua amada rainha Sherlley, o fez sofrer por perder o amor de sua vida, sua filha foi criada sem a mãe, tudo graças a mulher com quem ele havia se casado.

Era justo que a perdoasse?

Até que ponto poderia relevar as atitudes dela?

A mulher que ele havia escolhido para ser sua companheira, era exatamente a autora do maior sofrimento que já havia vivenciado.

Traições e mentiras... Havia sido manipulado por ela durante todo aquele tempo. Foi até mesmo convencido por ela a ficar longe de Clara durante

alguns anos na sua infância.

Como pôde ser tão cego?

Como nunca desconfiou de sua personalidade duvidosa? Só havia uma resposta.

Feitiço.

Era óbvio que ele estava enfeitiçado por Meredith, isso explicava o porquê de ele fazer todas as vontades da mulher. E explicava também a falta de carinho com Clara e Emanuely, porque Meredith havia deixado sua filha, talvez por esse mesmo motivo maltratava as enteadas.

Meredith merecia morrer.

Meredith merecia ser enforcada em praça pública perante todo o reino de Isla Vista.

A rainha má estava no quarto arrumando suas malas, na verdade não era justo que levasse nada, no entanto, levaria apenas o necessário, como algumas roupas e sapatos. Estava disposta a partir,

mas na verdade não tinha ainda um destino em sua mente, mas sabia que deveria deixar o castelo imediatamente. Não seria nada honesto de sua parte continuar vivendo sob o mesmo teto que seu marido, aliás, agora já poderia ter a certeza de que ele não queria mais sua presença ali.

Enquanto fazia suas malas, Meredith pensava em tudo o que viveu, em Larissa, Sherlley, Clara e Emanuely. Antes de finalmente partir, ainda precisava fazer algo para se redimir, por mais que soubesse que não a perdoariam, no entanto, ainda havia algo que era preciso fazer.

Aquele não era um dos dias mais bonitos e ensolarados, o céu sobre Sunset Valley estava um tanto acinzentado e não parecia querer melhorar.

Tudo deveria estar maravilhoso para Luan e Clara, e para ele, em sua grande maioria estava mesmo, mas Clara ainda era frequentemente perturbada pelo cristal que guardava consigo. Ele definitivamente não queria mais ficar escondido no fundo de uma gaveta e já fazia alguns dias que havia começado a emanar sua luz estranha e invadir

os sonhos dela outra vez.

Foi quando Meredith procurou por ela e disse que a melhor coisa a se fazer era livrar-se do cristal de uma vez por todas. Clara tinha passado por todo o processo e conseguido sobreviver graças ao sacrifício de Julian. O cristal não tinha mais direito nenhum sobre sua alma, graças a ele também.

Meredith achou que talvez Clara fosse a pessoa certa para destruí-lo, ou pelo menos acabar com aquilo e garantir que o cristal nunca mais fosse encontrado por ninguém.

Aquilo gerou uma discussão tremenda, Meredith alegava estar querendo ajudar, Clara sabia que o cristal era uma maldição, mas ela não confiava plenamente na madrastra. Por fim, resolveu acatar o que Meredith dizia.

Encontrava-se à beira de um alto abismo em Sunset Valley, no lugar favorito de Luan. Clara segurava o cristal firmemente entre os dedos. Já havia sonhado com isso, porém dessa vez, nada a impediria de ir até o fim, até porque, a pedra não

poderia mais manipular sua vida da forma como já havia feito antes.

Clara aproximou-se da beirada, sentindo o vento bater contra os seus cabelos, finalmente podendo enxergar o mar revoltoso que estava metros abaixo e as ondas que batiam contra as pedras.

— Você nunca mais irá machucar ninguém. — disse baixo e aquilo lhe remeteu mais uma vez ao sonho que teve no passado quando estava naquela vida estranha.

Não se permitiu pensar muito naquilo, porque não queria que nada fosse capaz de assustá-la ou fazer com que ela desistisse. Já havia chegado até a beira do abismo literalmente, o cristal de superfície fria escorregou de sua mão assim que ela abriu os dedos e permitiu aquilo, então iniciou uma longa queda livre.

Antes mesmo de chegar ao nível do mar, a pedra foi acertada e engolida por uma onda mais alta, o que fez com que Clara imaginasse satisfeita como devia ter quebrado em mil pedaços cor-de-rosa

quando bateu contra as pedras.

A sensação de paz e tranquilidade a invadiu, fazendo com que ela sentisse que poderia até flutuar se quisesse, de tão leve que se encontrava agora.

Após a princesa jogar o cristal do alto do precipício, houve uma ventania, como se fosse o anúncio de que uma grande tempestade estava por vir.

— Clara! — Luan gritou indo até ela, mas o vento forte parecia dificultar o encontro de ambos.

Meredith sabia que com o cristal destruído, estaria destruindo a si própria, afinal, ela era a sua guardiã. No entanto, ainda assim não poupou ajuda à Clara e consequentemente a Benjamin e todos os outros.

De repente, um clarão muito forte foi visto no céu, as nuvens escuras se dissiparam, como se estivessem dando lugar ao brilho intenso que se formava no firmamento. Luan, Clara e Meredith

PERIGOSAS NACIONAIS

assistiam aquela cena atemorizados, Clara já começava a achar que foi um terrível erro ter confiado em Meredith e que destruir o cristal não havia sido uma ideia inteligente. Só pensava que não queria morrer naquele momento, pelo menos não sem antes dar à luz ao seu bebê e de Luan.

Meredith achava que toda aquela luz era a morte chegando para ela, no entanto, o forte brilho que descia do céu, era uma Estrela Cadente. Quando tocou a superfície, o chão estremeceu e um portal se abriu.

— Oh, Deus!

Clara estava assustada, se abrigava nos braços de Luan, que a protegia, enquanto Meredith estava a uma distância de ambos.

O portal emanava uma luz branca muito forte, seu brilho era quase insuportável de se olhar. E de repente, algo saiu de dentro dele.

Era Jasper, o unicórnio de Clara.

PERIGOSAS ACHERON

— Jasper?!

Clara ficou confusa olhando para Luan. Seus olhos ainda estavam sobressaltados e foi quando alguém com vestes brancas usando uma coroa saiu de dentro do portal logo em seguida. Era uma mulher, agora era possível ver claramente.

Quando os olhos de Clara fixaram na mulher à sua frente, ela não sabia por que, mas uma emoção forte tomou conta de si, não era possível que a mulher diante dela era quem pensava ser.

— Clara?

A voz suave sussurrou e seus lábios curvaram-se em um enorme sorriso.

— Mãe?

A expressão surpresa deu lugar a um sorriso e os olhos marejaram instantaneamente. Ela se desvencilhou dos braços de Luan e correu ao encontro de sua mãe, rainha Sherlley, que a esperava de braços abertos.

— Minha filha! Minha linda filha! — dizia ela ao abraçar-lhe.

As lágrimas corriam livremente pelos olhos de Clara enquanto soluçava contra seu peito. Alguns segundos depois, quando se afastou para olhar sua mãe, Clara percebeu que uma lágrima estava parada no rosto de Sherlley, como se tivesse ficado congelada ali.

— Mamãe! Seu rosto é como eu me lembro. És ainda mais bonita do que em todas as pinturas. — disse ela tocando os dois lados do rosto enquanto analisava cada pequeno detalhe. Os olhos, o sorriso, cada linha de sua face. — Você voltou para mim!

— Sim, meu amor. Eu voltei, eu estou de volta para você. Onde está seu pai? — perguntou a rainha.

— Está em Isla Vista. Oh, imagino quando ele lhe ver! — o sorriso de Clara se alargou.

Era uma cena linda entre mãe e filha, Luan estava mais para trás, não queria atrapalhar o momento das duas. Apenas acompanhava tudo emocionado.

— Mãe, este é meu marido, Luan. — disse Clara virando na direção dele.

Luan caminhou até as duas e segurou as mãos de Clara, mas curvou-se reverenciando sua sogra, a rainha.

— É uma grande satisfação conhecê-lo, rapaz. — disse ela.

— Fico feliz com sua volta, Majestade. Agora sei de onde minha esposa herdou tanta beleza. — respondeu Luan, o que fez Clara acertar-lhe uma cotovelada na costela.

No fim, estavam sorrindo juntos.

Mas só então lembraram-se da presença de Meredith, quando ouviram um gemido de dor. Ela estava caída no chão, sua expressão era de

sofrimento, Luan ameaçou ir ajudá-la, mas foi contido pela esposa.

— Pretende ajudá-la? Passei todos esses anos da minha vida longe da minha mãe, tudo isso graças à Meredith e ainda acha que ela merece ajuda? — Clara falou com Luan.

— Querida, eu sei que Meredith não merece perdão, — rainha Sherlley iniciou — sei que foi ela quem me tirou de você, da sua irmã e de seu pai. Mas ela foi capaz de deixar a bondade entrar em seu coração quando mesmo sabendo que morreria, ajudou-lhe a me trazer de volta. A maldição foi quebrada graças a ela também. — explicou Sherlley. — Sei que perdoar é algo difícil, especialmente perdoar alguém que nos fez tanto mal, porém, é um ato nobre e só pessoas de bom coração podem fazer isso. Nunca devemos pagar o mal com mal, mas sim, vencer o mal com o bem.

CAPÍTULO 76



"Nunca devemos pagar o mal com mal, mas sim, vencer o mal com o bem."

As palavras de Sherlley fizeram Clara refletir. Já havia perdoado Luan no passado, quando ele se deitou com Meredith. Depois foi capaz de tomar a bebida envenenada no lugar dele. Por que era difícil perdoar, mesmo tendo um bom coração?

— Eu sei que irei morrer. Eu peço que me perdoem. Eu lhe peço perdão, Clara. Perdão, alteza. Perdão, Sherlley. Perdão, majestade. — Meredith falou com a voz afetada.

Clara respirou fundo e olhou para sua mãe.

— Eu lhe perdoo, Meredith. Obrigada por ter de certa forma ajudado a trazer minha mãe de volta.

Isso não tem preço.

— Me perdoe, rainha Sherlley. Eu quis tomar o seu lugar, mas fracassei. Seu lugar é ao lado de Benjamin, ele nunca deixou de ama-la, nem em um só dia. Sei que irei morrer, são apenas os meus últimos minutos de vida, mas preciso ver Benjamin, preciso de seu perdão. — disse ela enquanto se encolhia no chão.

— Tudo bem. Luan, será que pode levá-la? — A rainha perguntou e ele afirmou balançando a cabeça.

O príncipe abaixou-se e pegou Meredith em seus braços. Aquele gesto o fez lembrar quando pela primeira e única vez teve aquela mulher em seus braços. Mas concentrou-se em dispersar aqueles pensamentos, jamais cometeria tal erro novamente, suas atitudes impensadas não voltariam a dominá-lo.

Os erros que cometera lhe fizeram ver como havia mudado desde que conhecera o amor verdadeiro. Desde que havia entregado seu coração

PERIGOSAS NACIONAIS

para sua princesa e ela lhe fizera enxergar que só o amor é capaz de transformar.

O príncipe colocou Meredith na carruagem, juntamente com Clara e Sherlley. Partiriam para Isla Vista o quanto antes.

No caminho, Clara não cansava de admirar a beleza e sabedoria de sua mãe. Aproveitou para tirar dúvidas que permaneciam em sua mente.

Rainha Sherlley sabia sobre a maldição do cristal?

Como aquela pedra tinha ido parar nas mãos da rainha?

Não. Ela não sabia.

Rainha Sherlley não sabia explicar a origem daquela joia. Desde sempre teve aquele colar do camafeu com formato de cristal que dentro escondia o Cristal dos Desejos.

A origem do cristal era um mistério.

PERIGOSAS ACHERON

Conseguiram chegar no menor tempo possível de viagem. Quando Luan adentrou o castelo com Meredith em seus braços, rei Benjamin contorceu o rosto como se não tivesse acreditando naquela cena.

— O que ela faz aqui? — perguntou intrigado.

— Papai, Meredith está morrendo... Precisam conversar um pouco antes dela... partir. — Clara respondeu.

O rei ainda mostrou um pouco de resistência, no entanto, acabou cedendo. Luan subiu as escadas com ela e a colocou sobre a cama. Deixou que Meredith e Benjamin ficassem a sós durante alguns instantes.

Sherlley ainda não havia aparecido para o marido, preferiu esperar um pouco, pois não sabia como seria sua reação, embora estivesse nervosa e ansiosa para reencontrar o amor de sua vida.

Meredith estava deitada, rei Benjamin sentado

PERIGOSAS ACHERON

numa poltrona de frente para ela.

— Ben, perdoe-me por ter bagunçado sua vida. Eu apenas queria uma vida melhor..., mas não soube aproveitar nada do que eu poderia. Tive você durante anos e não o mereci, não fiz por merecer o seu carinho e a sua atenção. — Ela fechou os olhos respirando com dificuldade como se estivesse em busca de ar. — Eu nunca serei digna de seus sentimentos, da sua bondade e do seu amor. O povo de Isla Vista é um povo feliz por tê-lo como rei, sei que ajuda os mais necessitados e nem em um milhão de anos eu seria capaz de me redimir por todas as maldades que cometi. Te peço perdão para que eu vá em paz.

— Eu lhe perdoo. — Ele assentiu com as lágrimas percorrendo seu rosto bonito. — Nossa vida é tão frágil, não é mesmo? Como uma folha ao vento que se soprada vai para longe sem saber exatamente para onde ir... — ele piscou algumas vezes porque as lágrimas embaçavam seus olhos. — Todos merecem uma segunda chance, não é mesmo? Eu lhe perdoo, mas não posso mais ficar com você, não depois de tudo o que fez...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, não quero nada além do seu perdão.

— Eu lhe perdoo.

Benjamin segurou uma das mãos dela, estava fria e suas pálpebras fecharam-se lentamente.

Meredith estava em lugar onde tudo ao redor era branco, ali estava Júlia e ela caminhava em sua direção.

— Com a destruição do cristal, agora todos nós estamos livres. Você sabia que morreria, mas ainda assim não poupou ajuda, trazendo a rainha Sherlley de volta, e isso mostra que você não teve interesses pessoais, foi um sacrifício de coração aberto e agora estará livre para seguir sua vida, sem o cristal, sem a maldição e sem ferir as pessoas à sua volta. Vá em paz, Meredith. — disse a menina.

E como se estivesse prestes a dar o último suspiro, Meredith acordou assustada e ofegante, com o peito arfando em busca de ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não estava morta, estava ali de frente para Benjamin e ele tinha o rosto vermelho e os olhos marejados. Clara e Luan estavam um pouco mais afastados e ficaram surpresos quando ela ergueu o tronco bruscamente, sentando-se na cama.

— Eu vi Júlia. — Foi a primeira coisa a dizer. Tanto Benjamin quanto Luan ficaram sem entender, no entanto, Clara sabia exatamente de quem se tratava. — Ela disse que com o sacrifício de coração aberto, eu estou livre, eu não poupei ajuda mesmo sabendo que eu morreria com a queda do cristal e...

— Do que está falando? — o rei a interrompeu.

— Tem uma pessoa que vossa majestade precisa ver. — respondeu ela.

E então, Clara saiu do cômodo, voltando segundos depois. Seu pai estava confuso e foi quando Clara deu espaço para sua mãe passar, que rei Benjamin pensava que só poderia estar sonhando.

PERIGOSAS ACHERON

Sherlley estava viva ali diante dele.

O reencontro entre rainha Sherlley e rei Benjamin não poderia ter sido diferente; ambos cheios de lágrimas de surpresa, felicidade, amor e saudade.

Após cinco anos separados, não havia como não se emocionar e agora pretendiam recuperar todo o tempo perdido. Sherlley se emocionou muito quando viu sua caçula Emanuelly. A menina era tão linda quanto Clara, era a cópia fiel da irmã mais velha quando criança.

A cabecinha da menina deve ter ficado uma bagunça, porque não se lembrava de sua mãe, mas sabia como ela era, porque Clara sempre contava sobre a mãe. Rei Benjamin também sempre mantinha as memórias de sua esposa bem vivas, contando à sua caçula sobre como Sherlley era uma mulher maravilhosa.

E agora, tanto Clara quanto Emanuelly só queriam estar na companhia da mãe e recuperar todo o tempo perdido.

Os dias passaram, Meredith partiu, mas não sem antes despedir-se de sua filha. Foi Larissa quem teve a iniciativa de procurar pela mãe, embora fosse até mesmo estranho para ela ter outra figura materna a não ser Katherine, que foi quem havia lhe criado. No entanto, não havia outra alternativa a seguir, a não ser perdoar. Sim, perdoar Meredith, Katherine e Elliot por terem guardado esse segredo durante anos.

A pequena Maria Luíza continuava encantando a todos, rei Frederick e rainha Deisy estavam radiantes com a netinha, e para Lincoln e Larissa não era diferente.

— Eu a amo tanto, é tão bom e ao mesmo tempo assustador, saber que somos inteiramente responsáveis por ela. — disse Lincoln enquanto segurava a menina em seus braços, embalando seu sono.

— Sim, realmente é. — Larissa sorriu concordando. — Você leva jeito com criança, meu amor.

— Estou aprendendo. — Ele sorriu colocando a filha no berço e depois caminhou até a esposa que estava sentada na cama do casal. — Me desculpe por não ter reagido da melhor forma no início quando você engravidou e...

— Shhh! — Larissa pôs o dedo sobre os lábios dele, impedindo que continuasse sua fala. — Eu amo você desde o início e sempre soube que seria um ótimo pai.

— Talvez eu não tenha sido tão bom quanto você merece, mas desde que nos casamos, eu venho me esforçando o máximo para lhe fazer feliz. — Ele falou passando uma mecha de cabelo dela para trás, para que pudesse tocar melhor o seu rosto e em seguida, juntou seus lábios.

— E está conseguindo. Eu amo você. — Ela sorriu.

— Também amo você. — disse ele entre o beijo juntando mais seus corpos enquanto se beijavam com fervor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei... eu ainda estou de resguardo, esqueceu? Não podemos ficar de saliência. — Larissa disse sorrindo após romper o beijo.

— Hmm, essa é a parte ruim de ter um bebê. — Ele resmungou afastando-se um pouco.

— Diz isso porque não foi você quem pariu. — Ela não se conteve e riu do próprio comentário. — Tomarei um banho agora, tenho que aproveitar enquanto nossa filha está dormindo.

— Eu posso ajudar minha esposa no banho, o que acha? — Lincoln sugeriu.

— Sei o tipo de ajuda que quer. — Ela sorriu.

Em Brookhaven, Miranda estava no castelo de Julian, Luan e Clara haviam passado por lá mais cedo e agora os pombinhos desfrutavam da companhia um do outro.

— Ei, o que está fazendo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Miranda ria observando Julian ameaçando entrar na água, provavelmente gelada do rio.

— Irei me refrescar um pouco. Venha comigo.
— Ele estendeu a mão para ela.

— Eu não! Esse rio é fundo e pode ter algum tipo de bicho lá embaixo. Não vou. — Ela falou fazendo Julian rir.

— Miranda, meu amor, confie um pouco mais em mim. Fique calma, está bem? — disse ele estendendo a mão para ela.

— Eu deveria ter ido embora com a Clara e o Luan. — disse ela.

— Se quiser ir embora, eu te levo e se quiser ficar, as portas estão sempre abertas para você. Eu não sei porque você nunca quer passar a noite aqui. Saiba que está sempre convidada para ficar.

— Ai que fofo! Mas eu não fico porque não gosto de deixar minha avó sozinha, você sabe disso, Julian.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem. — Ele se aproximou um pouco mais dela. — Mas e quando nos casarmos? Quero que sua avó venha morar aqui conosco.

— Eu devo ter feito algo muito bom para merecer você. — Ela sorriu.

— Você fez mesmo. — Julian também sorriu. — Você me encontrou.

— Agradeça à Clara. Foi ela quem me trouxe até você.

— Eu serei eternamente grato. — Julian sorriu mais uma vez antes de beijar sua amada.

Luan e Clara estavam em Sunset Valley, após terem voltado de Brookhaven, passaram a manhã com os amigos Miranda e Julian.

— Amanhã irei encontrar minha mãe, tudo bem? — disse Clara.

— Sim. — Luan assentiu, mas estava sério.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, o que houve? Está tão calado.

Os dois estavam no quarto onde futuramente seria do bebê do casal. Quarto este que foi de Luan quando criança.

— Não é nada.

— É sim e pode me dizer. Eu conheço você, meu amor. — Ela segurou as mãos dele. — Está com ciúmes porque agora tenho minha mãe, não é isso?

Luan riu fraco antes de responder.

— É que agora com sua mãe de volta, eu temo que uma hora dessas você vá e não volte mais. Sei lá, que talvez queira morar em Isla Vista, voltar para o castelo onde você nasceu e cresceu. E aí eu fico aqui, abandonando, chupando dedo, jogado às moscas...

— Tão dramático esse meu marido! O que tem de lindo, tem de dramático. Pare com isso, seu

bobo. — ela sorriu apertando as mãos dele. — Eu nunca irei abandonar você. Eu te amo muito e já não consigo ficar um dia sequer longe de você.

— Mesmo? — Luan sorriu, fitando os olhos bonitos da esposa.

— Claro que sim. Por mais que eu ame muito minha mãe, eu posso vê-la sempre, mas meu lugar agora é com você e nosso filho que chegará daqui a um tempo. — Clara disse sorrindo.

— Eu amo vocês. Amo demais com todas as minhas forças. A chegada do nosso bebê é tudo o que eu mais anseio.

— E eu preciso de você tanto quanto o ar para respirar.

Os dois sorriram e Clara emocionou-se eliminando a distância entre os corpos, agora estavam envolvidos em um abraço, os três. Luan, Clara e o bebê ainda no ventre.

Aquela era a tradução da felicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO



*Um dia a estrela vai brilhar
E o sonho vai virar realidade
E leve o tempo que levar
Eu sei que eu encontrarei a felicidade
A luz do arco-íris
Me fez ver
Que o amor
Dos meus sonhos
Tinha que ser você*

Além do Arco-íris - Luiza Possi

O tempo pareceu voar e logo chegou o dia do casamento de Julian e Miranda.

— Amiga, estou tão feliz por você! Nem acredito que irá se casar. — disse Clara enquanto olhava a noiva terminando de se aprontar.

— Nem eu mesma acredito. — disse sorrindo.
— A parte mais difícil foi convencer minha avó a mudar para Brookhaven. Ah, e ela não quis vender a loja, mesmo Julian insistindo que ela não precisa mais trabalhar. — Miranda falou enquanto terminava de ajeitar o vestido.

— Por que esse vestido está tão justo assim na cintura, hein? — Clara perguntou desconfiada.

— Tudo bem. — Ela suspirou. — Eu estou grávida, mas não conte ao Julian. Contarei para ele hoje na festa.

— Ah, meu Deus! Que notícia maravilhosa! Estou ainda mais feliz por vocês. — Clara abraçou a melhor amiga.

Estava feliz com um barrigão enorme e logo sua amiga também teria um bebê. Aquela não era uma notícia maravilhosa?

O casamento foi emocionante do início ao fim. Os pais de Julian, no início mostraram um pouco de resistência mediante a nora, pelo fato dela ser

PERIGOSAS NACIONAIS

plebeia, mas aos poucos cederam e viram que era uma boa pessoa. Mas o motivo ainda maior de aceitarem o casamento, era que Julian era completamente apaixonado por ela e o sentimento era recíproco da parte da noiva.

Julian era o noivo mais emocionado já visto, Miranda usava um vestido rodado vermelho, estava linda e emocionada também. Sua beleza era estonteante, parecia ter nascido para ser uma princesa de fato. Agora estava prestes a tornar-se a duquesa de Brookhaven.

Luan e Clara passavam a maior parte do tempo na fazenda em Isla Vista, porque assim estariam perto dos pais dela e também perto dos amigos, Julian e Miranda, agora recém-casados. A esposa do príncipe de Brookhaven se dava muito bem com os moradores do castelo, Helena, Luis e Júlia. Aliás, Júlia havia se tornado uma grande amiga de Clara, assim como naquela vida estranha criada pelo cristal. A menina estava muito ansiosa e animada para o nascimento do bebê de Luan e Clara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os meses passaram e Luan estava cada vez mais ansioso para a chegada de seu herdeiro. Seu pai, rei Frederick, ficava um pouco enciumado devido ao filho primogênito passar mais tempo na fazenda em Isla Vista, do que em seu reino em Sunset Valley.

Rainha Deisy estava sentindo-se cada vez mais nostálgica à medida que via seus filhos amadurecendo. Agora ambos casados, tendo responsabilidades, auxiliando nas necessidades do reino e o melhor de tudo: felizes.

Rainha Sherlley e Rei Benjamin se casaram novamente e foi um grande baile para todo o reino. Inclusive os reinos vizinhos foram convidados. Não era todo dia que se tem a chance de ter de volta o amor de sua vida, então ambos não poderiam estar mais do que felizes. Também ganhariam um neto muito em breve, Clara já exibia um barrigão e Luan estava cada dia mais orgulhoso por isso.

Estavam na fazenda, que agora havia passado por uma reforma. A casa no alto da colina havia ganhado mais três quartos, sendo assim, quando as famílias quisessem, poderiam ficar por lá.

PERIGOSAS ACHERON

Clara havia acabado de acordar, Luan não estava na cama. Caminhou com dificuldade até a varanda do quarto e avistou o marido sentado à beira do lago, como se estivesse viajando em seus pensamentos. Ela sorriu acariciando o ventre avantajado, mal conseguia ver seus próprios pés. Sentiu uma dor forte e sentiu a bolsa romper, ela entrou em aflição chamando por Luan.

Ele prontamente correu indo até o andar de cima, ajudando a esposa a acomodar-se na cama.

— Respira, meu amor. — Luan disse a ela, mas ele mesmo parecia nem saber mais como respirava.

— Ahhhh! Luan, não vou conseguir! — ela exclamou sentindo as contrações.

— Consegue sim, amor. Parece que ele não vai demorar a nascer, eu mesmo terei que fazer o parto. Vai ficar tudo bem, faz força, vai ficar tudo bem. — Luan flexionou os joelhos dela, olhando por debaixo da camisola. Já conseguia ver algo saindo ali debaixo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Melhor chamar alguém, ah meu Deus! Como isso dói! — Clara disse ofegante.

— Não tem ninguém que possa ajudar, somente Greg. Nem morto eu o deixaria ou qualquer outro homem ver você quase nua e muito menos olhar suas partes íntimas. — Luan respondeu.

— Você me faz rir até numa hora de dor.

Clara tremia com as contrações, já sentia seu corpo amolecer, nem mesmo as dores terríveis que sentiu quando o cristal se quebrou na outra vida, se comparava a dor de trazer seu bebê ao mundo.

— Está vindo! Isso, força, força, eu já consigo ver a cabeça dele. Vai amor! Um pouco mais, você está conseguindo!

Nem mesmo Luan sabia como estava tendo forças para incentivar sua mulher, ele estava nervoso, emocionado e ansioso ao mesmo tempo. Estava a ponto de desmaiar de tão nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo parecia distante quando ouviram o choro forte do filho ou filha. As lágrimas nos rostos de ambos embaçavam suas vistas.

— É menino! É um garotão lindo, amor!

Luan pegou o filho nos braços cheio de sangue, entregando-o no colo de Clara.

Ela segurou o rostinho corado do bebê e sentiu a sensação gostosa e familiar de ter seu filho em seus braços.

— Por favor, me diga que não estou sonhando.
— ela sussurrou sem forças, estava pálida e fraca, porém extremamente feliz e realizada.

— Você não está, minha princesa. Ele é tão perfeito. Eu te amo. — Luan disse sorrindo e beijando a esposa.

— Ele é tão lindo, é a sua cara.

Clara dizia chorando enquanto analisava a pequena criatura em seus braços, a coisa mais linda

PERIGOSAS NACIONAIS

e inocente, com traços pequenos e perfeitos, era um menino lindo de cabelos escuros iguais aos de Luan, todos os traços lembravam o pai.

— Agora meu amor, você, eu e ele somos uma família.

Luan sorriu e as lágrimas de emoção não paravam de escorrer por seu rosto.

— Somos. — ela sorriu segurando a mãozinha pequena do bebê.

— Quero que se chame Bernardo, porque significa forte e valente como um urso. Nosso filho será o príncipe mais forte de todos os reinos. E ele é grandão como eu. — disse orgulhoso. — Eu amo vocês.

— Eu também amo vocês. Meus meninos, Luan e Bernardo.

Logo as famílias foram avisadas, Clara e Bernardo receberam muitas visitas e presentes. Já havia um quarto todo decorado para o herdeiro.

PERIGOSAS ACHERON

Após alguns dias, viajaram para Sunset Valley, era o dia de apresentar príncipe Bernardo para o reino. Os portões do grande castelo foram abertos e a família toda estava presente na sacada diante de todo o povo.

— Olhe para Lincoln, aposto que está enciumado porque eu tenho um filho homem e ele não. — Luan cochichou com Clara e ela riu.

— Achei que já tivessem parado com essas picuinhas.

— Paramos mesmo, mas que ele deve estar enciumado, isso é verdade.

— Lincoln e Larissa podem ter outros filhos, então não conte vantagem antes do tempo. — Ela piscou para o marido e ele sorriu.

— Lincoln não é meu irmão. Já viu como ele é louro de olhos azuis?

— Não diga bobagens. — Clara sussurrou. —

Pelo que sei, seu pai era meio louro antes de ficar grisalho. E os olhos de sua mãe são esverdeados.

— Eu estava apenas brincando. — Luan sorriu.

— Acho bom mesmo, porque se minha sogra ouvir isso, é bem capaz que o coloque de castigo lendo o código de conduta do reino.

— Já parei. — O príncipe sorriu.

Algum tempo depois, Miranda deu à luz a gêmeos. Um menino e uma menina. Julian não poderia estar mais do que radiante, deslumbrado e perfeitamente feliz com sua família. Miranda continuava com aquele jeito meio doido, mal poderia imaginar que loucura seria cuidar de gêmeos, mas estava radiante. Amava seu marido e seus filhos e sabia também que sempre poderia contar com a ajuda de sua avó, Helena e Júlia que agora eram todos uma só família.

A notícia que pegou todos de surpresa, foi a gravidez da rainha Sherlley. Ela e Benjamin foram pais mais uma vez e agora, era um lindo menino,

louro de olhos azuis como Clara e Emanuely. Príncipe Arthur, de Isla Vista. A pequena princesinha Emanuely estava radiante brincando com o bebê como quem brinca com uma boneca.

Depois de Meredith ter se despedido de todos e conseguido perdão, ninguém nunca mais ouviu falar na mulher.

Luan e Clara estavam diante do mais lindo e mais colorido arco-íris, como se fosse uma promessa de que sempre algo bom poderia acontecer. Ficaram trocando olhares, não havia como negar que os olhares se cruzavam desejando um ao outro. E foi nesse mesmo instante que Luan aproximou seus lábios aos dela, completando com um beijo que iniciou calmo, mas Clara entrelaçou suas mãos pela nuca de Luan e o que era para ser um beijo simples, tornou-se urgente e insaciável enquanto suas línguas disputavam uma a outra.

Acontecia sempre uma explosão de sentimentos quando os dois estavam juntos.

— Diga que eu posso fazê-la feliz para sempre,

diga que posso passar a eternidade ao seu lado, Clara. — Luan falou baixo, acariciando o rosto de Clara.

— Sim, você pode. E isso é tudo o que eu mais quero, meu príncipe. Luan.

E como em todos os contos de fadas, eles viveram felizes para sempre.

No entanto, o que ninguém poderia imaginar, era que no fundo do oceano em Sunset Valley, encontrava-se um cristal esbranquiçado com traços fortes cor-de-rosa que se estendiam por todo o seu interior, caindo pela superfície como se fossem Estrelas Cadentes que caíam do céu, mas nunca tocavam o chão.

O Cristal Dos Desejos.

RECADO DA AUTORA



Estou muito feliz por você ter lido Estrelas Cadentes e lhe agradeço por ter chegado até aqui, espero que você também tenha gostado.

Continue a leitura abaixo, que irá encontrar o conto exclusivo As Estrelas Nos Guiarão de Volta, um conto da rainha Sherlley e do rei Benjamin. Espero que goste!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

LÍVIA MAYER

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AS ESTRELAS NOS GUIARÃO DE VOLTA

Um Conto do Livro

Estrelas Cadentes: O Cristal Dos
Desejos

Primeira edição: novembro de
2018



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

COPYRIGHT © 2018

Todos os direitos reservados à Livia
Mayer

Revisão: Ana Beatriz

Capa: Deisy Monteiro

Vetores: Freepik

Nenhuma parte deste e-book pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de uma resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes,
PERIGOSAS ACHERON

personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

DEDICATÓRIA



À Sherlley Dutra, que foi quem teve
a brilhante ideia do conto e se tornou a
rainha protagonista.

És muito especial, majestade!

À você que acompanhou Estrelas
Cadentes até aqui.

SINOPSE



Sherlley e Benjamin apaixonaram-se perdidamente no instante em que seus olhos se conectaram. Os olhares cruzaram-se revelando palavras e sentimentos inexplicáveis. Não teria problema um príncipe e uma princesa se casando, não fosse o fato do jovem e formoso príncipe de Isla Vista já estar comprometido com outra.

Sherlley e Benjamin vivem um amor proibido, uma paixão avassaladora os domina, e quando ambos acreditavam que nada seria capaz de impedi-los de

viver o Amor Verdadeiro, uma terrível maldição separa rainha Sherlley de seu amado rei e suas duas filhas.

O que o rei e a rainha não sabiam, era que sua filha primogênita, Clara, seria a pessoa capaz de quebrar a maldição. Agora, com o feitiço quebrado, as estrelas os guiarão de volta.

UM



*Posso tentar te esquecer
Mas você sempre será
A onda que me arrasta
Que me leva pro teu mar
Me perco nos teus olhos
E mergulho sem pensar
Se voltarei...*

Você Sempre Será - Marjorie Estiano

A maioria das pessoas dizem não acreditar em amor à primeira vista. Bom, eu posso dizer com todas as palavras, que ele existe. Benjamin e eu somos a prova viva.

Desde que meus olhos encontraram os azuis de Benjamin, eu tive a certeza que ele era o amor da minha vida. O tão sonhado e esperado Amor

Verdadeiro.

Quando avistei pela primeira vez, aqueles olhos azuis feito o céu sem nuvens num dia de verão, ali enxerguei o homem dos meus sonhos. Pude ver através de suas íris o quanto poderíamos construir algo muito bom em um futuro promissor.

Uma vez ouvi dizer que o amor verdadeiro não é fácil, mas devemos lutar por ele. Porque quando o encontramos, ele nunca poderá ser substituído. Posso dizer com todas as letras que este pensamento é verdadeiro. É uma afirmativa concreta. Eu jamais trocaria meu rei por nenhum outro.

Eu tinha dezoito anos quando me apaixonei perdidamente, e por uma incrível sorte, fui correspondida. Benjamin era dois anos mais velho que eu, e lembro-me até hoje de seu rosto de menino, que com o passar dos anos não mudou muito.

Meus pais e eu fomos convidados para o baile real em Isla Vista, em comemoração ao aniversário de casamento do rei e da rainha.

Morávamos em Spring Flowers, um reino que ficava um pouco distante, onde cada canto do lugar era cercado de flores, assim como o nome sugere.

Meus pais eram o rei e a rainha de Spring Flowers, e eu, a princesa. Meu irmão James era o príncipe sucessor do trono, na falta de meu pai, ele controlava tudo.

Mamãe e papai diziam que eu já estava na idade de me casar, e que o baile em Isla Vista seria uma ótima oportunidade para conhecer alguns candidatos, e que possivelmente algum deles poderia ser meu futuro marido.

Não posso dizer que eu estava muito animada para a festa, no entanto, escolhi um vestido de baile à altura da ocasião. Meu vestido era o mais lindo que eu já tive a oportunidade de vestir; o tecido fluído num lindo tom de lilás e na barra pequenas flores cor-de-rosa arrematavam o visual delicado e romântico. Meus cabelos acobreados estavam soltos e ondulados, emoldurando meu rosto, e minha tiara de ouro branco com pequenas turmalinas estava no topo, dando-me um ar angelical. Quando a criada terminou de me arrumar, me olhei no espelho e gostei do resultado. Eu estava definitivamente bonita como a ocasião pedia. Coloquei o colar no pescoço, um colar que tinha um camafeu no pingente em formato de cristal. Ele era vazado e transparecia um brilho

incrível que vinha do seu interior. Lembro-me de que aquele colar sempre esteve na minha caixa de joias e não me recordo de quando ou onde ele havia aparecido.

Quando cheguei à Isla Vista na carruagem com minha família, meus pais estavam conversando com os conhecidos do reino. Aproveitei para olhar em volta e caminhei até uma porta dupla que estava aberta. Sempre fui curiosa e adorava observar a noite. Vi um rapaz de costas, parado observando o céu. O céu de Isla Vista naquela noite de temperatura agradável era como um manto negro pontilhado de estrelas. A coisa mais linda de se observar.

— É bonito. — comentei baixo, enquanto estava na sacada ao lado do rapaz de cabelos castanhos, lisos na altura dos ombros.

Ele olhou-me e no mesmo instante senti meu coração disparado. Me perdi em seus olhos azuis, observando-me com curiosidade, como se estivesse desvendando meus pensamentos. Suas vestes eram compostas por blazer e calça de tecido encorpado, que lhe caíam muito bem, principalmente por ser um tom de vermelho escuro. Escarlata.

— A noite está realmente muito bonita. — O

PERIGOSAS ACHERON

desconhecido e incrivelmente belo sorriu, mostrando que conseguia ficar ainda mais bonito do que eu pensei que pudesse.

Sorri tímida, sentindo meu rosto corar e meu coração batendo assustadoramente depressa. O rapaz tirou os olhos de mim apenas para tornar a olhar as estrelas durante mínimos segundos, voltando a me olhar com mais intensidade.

— Não lembro de ter tido o prazer de conhecê-la antes... — ele parecia confuso, com um sorriso sugestivo em seus lábios rosados.

Céus! Que homem lindo!

— Sherlley, de Spring Flowers. — Fechei meus olhos brevemente enquanto me curvava perante ele.

Era um príncipe, estava óbvio, ainda mais pela coroa em seus cabelos brilhantes.

— Um nome muito bonito e diferente, alteza. — Ele sorriu mais uma vez, chamando minha atenção para seus lábios rosados. — Benjamin de Isla Vista.

Oh, céus! Então aquele era o príncipe Benjamin. Era ele o filho do rei e da rainha que estavam completando aniversário de matrimônio.

Meu coração agitou-se em meu peito quando Benjamin segurou minha mão e deixou um beijo breve, sem desgrudar seus olhos dos meus.

Conversamos por pouco tempo, falamos sobre música, literatura e poesia; acabei descobrindo que tínhamos gostos em comum. Benjamin além de príncipe, era também cavaleiro e fiquei bem animada ao ouvir suas histórias. Descobri também que ele era divertido, alguém que eu poderia passar o tempo todo conversando e ainda assim sempre teríamos assunto.

Me perdi em seus olhos, eu poderia olhar o dia todo para ele, ainda assim, não me cansaria nem por um segundo.

Estávamos sorrindo enquanto Benjamin me contava uma de suas aventuras de adolescente, quando resolveu acampar nas montanhas em pleno inverno, até sermos interrompidos por uma garota bonita, que julguei como uma princesa também. Seus cabelos eram longos assim como os meus, a diferença é que eram extremamente lisos e negros. Seus olhos eram amendoados, tão escuros quanto os cabelos e ela tinha traços orientais.

— Meu amor, eu estava lhe procurando. — disse a garota.

Benjamin engoliu forte, porque seu pomo-de-adão mexeu-se rapidamente sob o pescoço. O príncipe olhou-me como se pedisse desculpas

silenciosas, apenas com o olhar.

Ali todas as minhas esperanças se esvaíram.

Benjamin era alguém comprometido, e aquilo ficou ainda mais explícito quando ele pediu licença antes dos dois saírem de mãos dadas.

— Quem é ela? — pude ouvi-la perguntar.

— Uma princesa de outro reino. — Benjamin respondeu, lançando-me mais um olhar antes que estivesse longe o bastante para que nossos olhos não pudessem enxergar um ao outro com clareza.

Céus! Eu estava apaixonada?

Estava.

Sim. Eu estava apaixonada por alguém que muito provavelmente era comprometido. Alguém que nunca seria meu.

Voltei para o grande salão do castelo onde todos estavam. Papai veio até mim, acompanhado de mamãe e um senhor bem velho.

— Sherlley, minha filha, este é o barão Martim. — Papai disse apontando para o velho que muito facilmente poderia se passar por meu avô.

O velhote encarou-me com um olhar que não me agradou nem um pouco, pelo contrário, seu olhar era perverso e intrigante. Me senti enojada no mesmo minuto.

— É um prazer conhece-la, alteza. — o barão curvou-se segurando minha mão, levando-a aos seus lábios cobertos por uma barba grisalha.

Sorri da forma mais desanimada que eu conseguia. Se eu bem conhecia meus pais, eles estavam tentando me empurrar para aquele homem. O barão tirou-me para dançar, deixando-me sem escolha.

Conforme nos movimentávamos a passos lentos de valsa, avistei o príncipe Benjamin dançando com aquela que com certeza era sua amada. A morena de olhos puxados olhava para o noivo com admiração, como se ele fosse o homem mais bonito daquela festa; e de fato ele era.

Eu estava impactada com sua presença imponente, como um lorde. Pelo que pude conhecer naqueles poucos minutos de conversa, percebi que ele era alguém muito inteligente, divertido, honesto e bonito demais.

Minha mãe me chamou para ir embora. Eu ainda mantinha meus olhos em Benjamin, que estava parado, como um cavalheiro, como um lorde imponente em seu traje escarlate.

Conforme nos distanciávamos, ele ficava pequeno, mas ainda estávamos olhando um para o

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, até que sua imagem não passasse de um borrão tão pequeno.

Eu guardei Benjamin onde ninguém nunca poderá tirá-lo de mim. No fundo dos meus olhos, dentro de minha memória, no meu mais profundo íntimo. Pensando se algum dia eu teria o contentamento de vê-lo outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

DOIS



*De tanto não parar a gente chegou lá
Do outro lado da montanha onde tudo começou
Quando sua voz falou
Pra onde você quiser eu vou
Largo tudo
Se a gente se casar domingo
Na praia, no sol, no mar
Ou num navio a navegar*

Pra Sonhar - Marcelo Jeneci

O olhar de Sherlley não saía da minha mente. Seu rosto perfeito, seu corpo curvilíneo sob o vestido de tecido esvoaçante... Aquela mulher estava mexendo com a minha cabeça e eu não podia deixar aquilo acontecer, eu era comprometido; Melissa era minha noiva, e eu devia respeito e fidelidade a ela.

A decoração do amplo quarto era realmente

impecável. Cada objeto e cada móvel estava onde devia estar, em perfeita harmonia. Toda a decoração estava extremamente atrelada à minha personalidade. Ainda assim, deitado em minha cama confortável, sem camisa, usando nada mais do que a roupa de baixo, eu me sentia como se não estivesse ali. Como se eu fosse um estranho em meu próprio quarto.

Porque meus pensamentos direcionavam-se apenas a ela. O nome exótico e lindamente pronunciável não deixava meus pensamentos.

Sherlley.

Experimentei dizer seu nome em voz alta repetidas vezes e sorri feito um garoto bobo apaixonado, pela forma como cada letra deslizava em minha língua com facilidade, como quem experimenta o sabor doce e agradável de algo que gosta muito.

Aquela fora a mulher mais linda que meus olhos tiveram a oportunidade de contemplar. Eu estava terrivelmente apaixonado por ela.

Como aquilo era possível? Alguém que eu havia acabado de conhecer horas atrás.

No entanto, infelizmente, tudo isso não passava apenas de pequenas fechas de minha imaginação.

Era como se meu subconsciente fosse o arco e as flechas lançadas fossem esses reflexos de irreabilidade, que me tiravam do mundo real por alguns segundos, me envolvendo naquela história fantasiosa sem fim. Era como se fosse uma tentativa de fugir da realidade, talvez o resultado não fosse tão exitoso, mas ao menos eu estava tentando.

Quando Melissa e eu ficamos noivos, eu não vi problema algum, afinal, ela era bonita, simpática, uma princesa. Mas com o passar do tempo, fui vendo que eu estava preso a algo que nem de longe era amor. Passávamos algum tempo juntos, cavalgando pelos jardins do castelo, ou na biblioteca lendo romances. Melissa não gostava de ler. Na verdade, não me lembro de nada que ela realmente goste de fazer. Quer dizer, ela gostava de ficar no quarto deitada comigo. Disso ela gostava muito. O que era errado, afinal, só devíamos ter qualquer tipo de contato mais íntimo após o casamento, como mandava a tradição. Mas Melissa não era nada tradicional.

Eu sempre tive um sentimento normal por ela, não tínhamos muitas afinidades, era apenas um noivado qualquer. Duas pessoas solteiras que se

casariam em breve.

Mas de que isso valia?

Para essa pergunta, a resposta era simples.

Nada.

Absolutamente nada valia a pena. Não depois de ter conhecido a mulher que fez meu coração bater mais forte.

Eu precisava encontrá-la. Precisava dizer a ela que eu estava apaixonado. Naquele momento ninguém mais importava. Nem meus pais, nem o reino, nem nada. Desde que meus olhos enxergaram os de Sherlley me apaixonei perdidamente por ela e soube que ela era o grande amor da minha vida.

Não importava, ainda que eu tivesse que fugir, nada importava, a não ser o amor dela.

Tomei um pouco de água no cantil que estava sobre a mesa de cabeceira, vesti minha camisa, saí devagar do meu quarto, querendo não fazer barulho. A última coisa que desejava no momento era encontrar minha noiva. Abri a porta tentando fazer o mínimo de barulho possível, desci as escadas rapidamente e dei um suspiro aliviado por não ter dado de cara com ninguém. A madrugada estava avançada e eu não sabia o que seria capaz

de fazer se visse Melissa em minha frente naquele momento, então era melhor evitá-la o máximo possível.

Eu precisava ir atrás da mulher que eu estranhamente amava em segredo.

O tempo era um só.

Selei o cavalo e parti rumo à Spring Flowers. Eu estava me sentindo um louco, mas qual era a graça de viver a vida sem aventuras? Sem correr riscos? Eu estava no auge dos meus vinte anos de idade, e até hoje não me arrependo do que fiz.

Horas depois eu estava ofegante diante do castelo com o jardim mais florido já visto. Eu estava sendo um louco. Os pais de Sherlley eram amigos dos meus pais. Até aí tudo bem. Mas eu era comprometido. Isso era um grande problema, não era?

Consegui passar pelos guardas que pareciam bastante sonolentos àquela hora da madrugada. O medo percorria todas as minhas células, no entanto, eu não ia desistir, não depois de ter chegado tão perto. Eu precisava vê-la novamente, precisava ter certeza de que eu era correspondido.

Consegui escalar uma das janelas, que estava coberta apenas pela cortina branca. Por uma

incrível sorte lá estava ela, deitada em sua cama. De longe consegui ver seus cabelos num lindo tom de cobre espalhados pelo travesseiro.

Com um pequeno assovio, consegui chamar sua atenção. Sherlley virou o rosto em minha direção e um belo sorriso brotou em seu rosto. Estava linda, com uma camisola longa e branca, que destacava a cor de seus cabelos.

Majestosa era o melhor adjetivo para descrevê-la à medida que o vento batia em seu rosto e seus cabelos cor de cobre esvoaçavam conforme ela caminhava em minha direção, deixando aquele momento ainda mais perfeito, que parecia até mesmo um sonho.

— Ficou louco? — Sherlley disse sorridente.

— Tenho certeza que sim. — Nossos olhos se encontraram, demonstrando toda a vontade que tínhamos de ficar juntos sem mais nada que importasse.

Sherlley puxou minha mão direita, levando-me para dentro de seu quarto. Então, conduziu-me até o banheiro onde estava uma banheira grande de pedras.

Quando ficamos um de frente para o outro, tive a audácia de envolver meus braços em torno dela,

dando-lhe a chance de escapar, mas ela não recuou.

— O que veio fazer aqui?

Ela sabia, era claro que ela sabia.

— Eu já perdi as contas de quantas vezes seu rosto apareceu em minha mente só nessa noite.

Eu olhava fundo dentro de seus olhos cor de avelã, imaginando como seria estar dentro dela, sem deixar seu corpo se afastar até que estivéssemos exaustos de tanto fazer amor.

Sherlley correspondeu o olhar, ela estava tão perto... O rosto dela estava tão próximo do meu. Tão próximo, que de algum modo eu podia sentir a respiração quente dela em minha face. Discretamente desci o olhar para os lábios rosados que tanto desejava e observei cada pequeno detalhe que para mim parecia perfeito. Cada sarda que pontilhava seu nariz, o queixo, as bochechas, o pescoço. Os fios de cabelos acobreados levemente bagunçados.

Minha respiração começou a ficar acelerada e não pude mais me conter. Era agora ou nunca, eu não podia mais esconder meus sentimentos dela. Aproximei-me ainda mais até que meus lábios encostassem nos lábios macios, esperando que ela fosse afastar-se. Felizmente, para a minha surpresa,

ela não o fez. Iniciei um beijo lento, minha língua pediu passagem e ela aos poucos cedeu. Apertei a cintura dela ainda mais contra meu corpo e eliminei qualquer espaço que pudesse existir entre nós.

Aquele momento foi realmente mágico, a muito tempo eu não me sentia daquela forma, e agora tinha a completa certeza de que tudo estava valendo a pena. Sherlley era a mulher da minha vida.

O beijo foi cessando devagar, à medida que o ar foi faltando em nossos pulmões. Afastei-me alguns centímetros e a olhei sorrindo, no entanto, os olhos de Sherlley transmitiam confusão.

— Me desculpe... — ela sussurrou ameaçando sair de meu abraço, mas eu ainda segurava lhe firmemente.

— O que houve? — perguntei passando uma das mãos pelo rosto dela.

— Eu não sei... Isso não deveria ter acontecido, Benjamin. — Seus olhos estavam em qualquer lugar, menos em mim. — Eu acho melhor você ir embora.

— Sherlley... — segurei delicadamente o queixo dela, fazendo com que me olhasse. — Estou completamente apaixonado por você. — Confessei de uma vez esperando uma resposta, mas ela

continuou em silêncio, então continuei. — Eu prometo que não toco mais em você se não quiser. Eu espero pelo tempo que for, apenas não se afaste de mim, por favor. — Tive receio de tê-la assustado, de ter agido rápido demais. — Me prometa que irá me deixar visitá-la.

— Benjamin, eu não sei o que dizer. — Ela estava visivelmente confusa, talvez com medo de se entregar. — Eu tenho medo que isso acabe estragando a nossa amizade que acabamos de construir.

— Eu sou capaz de qualquer coisa por você, Sherlley. — Segurei seu rosto com as duas mãos, e fiz um leve carinho em seu rosto. — Sente alguma por mim? Nem que seja ao menos um por cento do que sinto por você?

— É claro que sinto. — Ela sorriu como se a resposta fosse óbvia. — Mas eu não sei se estou preparada.

No mesmo instante fiquei cabisbaixo. Achei que ela me quisesse tanto quanto eu a desejava.

— Você promete que vai ser paciente comigo? E promete que mesmo que aconteça qualquer coisa ainda será meu amigo? — indagou com um pequeno sorriso no rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sherlley...

Antes que eu continuasse, ela aproximou seus lábios aos meus, iniciando um beijo inocente. Abracei sua cintura e comecei a girar seu corpo em meus braços. Naquele momento eu estava me sentindo o homem mais feliz de todos os reinos. Separamos nossos lábios em meio a sorrisos, e coloquei-a de volta no chão. Amava o sorriso dela. Segurei seu rosto com as duas mãos e olhei no fundo daqueles olhos que amei no mesmo instante que vi.

— Eu também não suportaria te perder, Benjamin. Eu faria tudo por você.

— Casa comigo, Sherlley. — falei, olhando dentro de seus olhos.

— Ficou louco, homem? — ela sorriu, seu sorriso era lindo e já estava se tornando o meu favorito.

— Podemos largar tudo, fugir... Se prometer que se casará comigo eu largo tudo. Tudo por você, por nós. — disse, e era verdade.

Eu largaria tudo se preciso fosse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TRÊS



*Te envio poemas de meu punho e letra
Te envio canções pra que você entenda
Não estamos juntos mais tenho certeza
Assim eu espero que nunca se esqueça
Que o meu coração está em suas mãos*

*Sexto Sentido (Em Suas Mãos) - Marco &
Mario part. Janaynna Targino*

Benjamin e eu começamos a nos comunicar por cartas entregues pelo pombo-correio. Eu amava escrever cartas para ele, passava o dia na biblioteca do castelo lendo e escrevendo. Já não conseguia mais esconder os suspiros e sorrisos apaixonados; até mesmo as criadas perceberam o quanto eu estava mais alegre ultimamente. No entanto, não contei a

ninguém. Ninguém poderia saber do meu segredo.

Numa das cartas, Benjamin contou que tinha conversado com sua noiva e romperam o compromisso. Segundo ele, Melissa não aceitou o término, mas ela nada poderia fazer. Mas seu pai sim.

O pai de Benjamin ficou bravo, e fê-lo ficar de castigo sem sair do quarto. Ainda bem que ele conseguia continuar me escrevendo. Sua letra era bonita e bem desenhada, combinava perfeitamente com ele e com sua personalidade que aos poucos eu estava conhecendo.

— Sherlley!

Escondi o pergaminho embaixo do travesseiro quando vi que mamãe estava se aproximando. Era noite e eu estava lendo a última carta que meu amado me enviara.

— Temos visita para o jantar. — disse minha mãe, caminhando em minha direção. — Coloque um pouco mais de perfume.

Com toda aquela exigência, já era de se esperar quem iria jantar conosco. Só de pensar me dava nojo.

Barão Martim.

Sim, o homem vivia me cortejando e não sei

onde meus pais estavam com a cabeça por fazerem gosto que tivéssemos algo. Não haveria problema sobre o fato de que eu arranjasse um marido, mas não poderia ser alguém um pouco mais jovem? Por que um velho daquele? Era extremamente ridículo aquilo.

Eu não queria e não iria me casar com o velho Martim. O homem era viúvo, e eu, uma donzela. Nunca que eu iria me deitar com ele. Não iria mesmo.

Terminei de me perfumar — contra a minha vontade — e fui para a sala de jantar. Papai conversava com o Barão, e assim que pôs os olhos em mim, o velhote pareceu animado.

— Como vai, alteza? — cumprimentou-me curvando o corpo, beijando minha mão em seguida.

Eu gostaria de dizer a ele que eu estava muito bem antes dele chegar, e agora, já não podia dizer o mesmo.

— Já estive melhor. — Contentei-me em responder somente aquilo, recebendo um olhar repreendedor vindo de meu pai. Tive que segurar o riso preso na garganta.

O jantar foi exaustivo simplesmente por ter que ficar aturando todos conversando entre si,

escutando a voz irritantemente horrível do barão. E como se não fosse o suficiente, o homem teve a audácia de encostar suas mãos sujas em meu vestido por debaixo da mesa. Mas não deixei por isso mesmo, pelo contrário, pisei em seu pé com meus sapatos de salto. Foi engraçado vê-lo disfarçar a expressão de dor enquanto provava o vinho.

Após o jantar, minha criada me ajudou a trocar de roupa, aproveitei quando ela deixou o quarto, e enviei a carta que eu havia passado o dia escrevendo para Benjamin.

Imaginei como ele iria reagir quando estivesse lendo, e a visão em minha mente foi bastante animadora. Imaginei meu querido príncipe sentado em sua cama, ou talvez deitado enquanto lia a carta. Em meio a pensamentos, suspiros e sorrisos, adormeci e sonhei com ele.

No dia seguinte, ao ler sua nova carta, meu sorriso aumentou de forma imediata. Benjamin queria me ver. Sua proposta era tentadora e ao mesmo tempo perigosa. O formoso príncipe de Isla Vista havia proposto que eu o encontrasse a dois quarteirões de meu castelo. Com o simples pensamento e a possibilidade de vê-lo outra vez,

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir seu toque em meu cabelo, e sentir novamente seus lábios nos meus, eu já me derretia de amores.

Encontrar-me com Benjamim era tudo o que eu desejava.

Ao cair da noite, quando todo o reino de Spring Flowers estava adormecido, e só podia se ouvir o som dos grilos nas árvores, pulei a janela do meu quarto, me sentindo uma aventureira. Nunca fui de fugir ou fazer coisas desse tipo, mas eu gostava dessa nova Sherlley. Gostava do que Benjamin provocava em mim. Eu queria correr riscos com ele. Queria sair, desbravar novos sentimentos, novas emoções, onde não fosse apenas ficar trancafiada dentro do castelo ou comparecendo a eventos da realeza.

Eu queria aventura.

Adrenalina.

A lua estava lá no alto em seu completo esplendor. As estrelas lhe cercavam como súditos oferecem reverência à sua majestade. Eu pensava em Benjamin, em toda aquela loucura de estar saindo às escondidas na alta madrugada. E foi quando me peguei sorrindo sem querer, que ouvi um assovio.

Ele estava ali.

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin estava lindo do mesmo jeito que eu me lembrava. Seus cabelos sedosos estavam penteados para trás, seu rosto estava luminoso, como se estive feliz.

Benjamin me abraçou, um forte abraço, ao mesmo tempo cheio de carinho. Meu coração acelerou, e confesso que fiquei um pouco assustada quando entendi o que estava acontecendo, quando vi o olhar de desejo que Benjamin me lançava. Senti sua respiração completamente descompassada. Sorri e envolvi meus braços em volta do pescoço dele, começando um leve carinho em sua nuca, imediatamente lhe provocando leves arrepios.

— Não sabe o quanto gosto disso. — Benjamin disse baixo, sua voz quase como um sussurro.

Não demorou para juntarmos nossos lábios e iniciar um beijo intenso. Se continuássemos ali, eu sabia bem o que ia acontecer.

Benjamin era habilidoso, seus lábios tinham um gosto próprio, seu beijo era uma das maravilhas da Terra. Suas mãos desceram pelos meus quadris protegidos pelo vestido, apertando com força. Eu já estava ficando excitada demais com todo aquele novo contato, também precisava dele como ele

precisava de mim.

Benjamin me conduziu ao seu cavalo branco, ajudando-me a montar, em seguida, acomodando-se por trás de mim, e conduzindo-nos não sei para onde.

Eu estava assustada e ao mesmo tempo ansiosa. Céus, eu estava incorrigivelmente apaixonada por aquele homem e tudo o que ansiava era seu corpo junto ao meu, por mais que eu tivesse receios.

Benjamin parou o cavalo no alto de uma colina. A vista era a coisa mais linda, podíamos contemplar todo o reino de Spring Flowers, que era muito apreciável. Ele não hesitou nem por um segundo e buscou meus lábios novamente, conduzindo-nos para sentar debaixo de uma árvore frondosa. Suas folhagens quase tocavam o gramado, escondendo-nos parcialmente. Benjamin me conduziu para sentar em seu colo, movimentando-me lentamente. Aquela nova forma de contato me fez acender, queimar feito uma chama recém-descoberta. Uma chama que queimava nós dois.

Eu não pude deixar de sorrir quando ele separou nossos lábios para sussurrar meu nome com sua linda voz, que era como a mais bela canção para os

meus ouvidos. Sua voz estava rouca, provavelmente pelas sensações que estava sentindo.

Em um movimento rápido, Benjamin tirou-me de seu colo e me deitou sobre o gramado, logo em seguida, colocando seu corpo robusto sobre o meu, com os braços apoiados ao redor da minha cintura, como se estivesse me encurralando.

Já fazia um tempo que eu sonhava com aquele momento, esperava aquela atitude dele, e agora esse momento havia chegado e eu não podia estar mais feliz.

— Você tem certeza que quer ir até o fim? — Benjamin perguntou, olhando-me nos olhos, aquele enorme oceano azul que me fazia querer mergulhar infinitamente.

Sorri com sua atitude. Ele queria a autorização quando eu estivesse pronta, mas ele ainda não havia se dado conta que eu havia dado o sinal verde fazia tempo. Desde quando começamos a nos comunicar por cartas, eu o queria. Aliás, desde o momento em que o vi eu o desejei. Com todo o meu coração, meu corpo e minha alma.

Benjamin não pôde conter um imenso sorriso em seus lábios rosados, talvez ele estivesse tão ansioso quanto eu estava. Deslizei meus dedos

sobre sua barba malfeita, causando cócegas em minha palma.

— Todos os dias eu penso em você, Benjamin.
— Eu amava dizer o nome dele em voz alta. —
Agora eu sei que o que sentimos um pelo outro é bem mais que amizade, agora eu sei que isso é amor entre homem e mulher.

Olhei em seus olhos, eles estavam sorrindo. Sim, seus olhos sorriam assim como seus lábios.

— Eu estou completamente apaixonada por você sim, eu tenho certeza que quero fazer amor com você.

— Eu nem acredito que isso está acontecendo.
— Benjamin disse, sem diminuir o sorriso. — Será minha mulher, Sherlley. — Seus dedos grossos acariciavam meus cabelos enquanto nossos olhos se encontravam e nossos corpos colidiam ainda cobertos pelas roupas. — És o amor da minha vida, eu não tenho dúvidas.

— Sua. Só sua. — Afirmei.

— Eu te amo. — As palavras escaparam de seus lábios antes de possuir minha boca novamente, sem dar-me espaço para dizer mais nada.

Depois disso não houve mais calma, estávamos apressados para nos amar. Seus dedos ásperos

fizeram questão de tirar cada peça de roupa minha; primeiro o vestido, depois o corpete e as roupas de baixo. Benjamin jogou meu vestido para longe e contemplou meu corpo durante alguns instantes. Meus seios fartos, minha pele clara, e sorriu de forma maliciosa, com o desejo transbordando em cada expressão em seu rosto bonito. Ele parecia que estava hipnotizado e isso estava me deixando envergonhada, por isso corei violentamente. Senti meu rosto tão quente como se eu estivesse diante de uma fogueira.

Era a primeira vez que eu estava nua diante de um homem. Era a primeira vez que eu iria fazer amor. Era a primeira vez que eu estava apaixonada, e eu desejava que ele fosse o meu primeiro e único, porque já não havia mais espaço para nenhum outro em meu coração.

Benjamin ocupava todo o espaço em meu interior. Era tudo dele e de ninguém mais.

QUATRO



*De joelhos, eu pedirei uma
Última chance para uma última dança
Porque com você, eu resistiria a
Todo o inferno para segurar sua mão
Eu daria tudo
Eu daria tudo por nós
Dou qualquer coisa, mas eu não vou desistir
Porque você sabe, você sabe, você sabe
Que eu te amo*

Far Away – Nickelback

Sherlley encarava meu corpo
seminu ao seu dispor bem à
sua frente, pronto para lhe oferecer prazer e obter o
mesmo em troca.

Eu estava hipnotizado com a beleza daquela

mulher. Ela sorriu tímida quando me despi, levando suas mãos ao meu corpo, para que me conhecesse, para que soubesse que eu era seu, completamente seu.

Puxei seu rosto, colando rapidamente seus lábios nos meus enquanto suas mãos trêmulas passeavam pelo meu peitoral, fazendo-me arrepiar sob seu toque.

Quando o beijo cessou, levei minha boca até os fartos seios e distribuí beijos pela região, depois descí ainda mais, tocando seu ventre. Abri suas pernas com cuidado, estimulando-a para que me recebesse, fazendo-a suspirar pesadamente. Ela era quente e estava mais do que pronta para me receber. Quando meus lábios tocaram sua intimidade, penetrando-a com a língua, Sherlley gemeu alto o meu nome. Sorri satisfeito por saber que ela estava gostando.

— Eu quero que tenha seu primeiro prazer comigo dentro de vossa alteza. — Sussurrei rouco, já louco para possuí-la.

Encaixei meu corpo perfeitamente sobre o dela, apertando-a em meus braços e em seguida beijei-lhe os lábios, fazendo-a gemer de forma manhosa entre o beijo.

— Está pronta? — perguntei olhando em seus olhos esverdeados como as colinas de Spring Flowers.

Sherlley apenas assentiu, fazendo-me sorrir.

Com cuidado, penetrei em seu corpo profundamente, iniciando movimentos precisos. Minha princesa agarrou-se ainda mais ao meu corpo e mordeu meu ombro, numa tentativa frustrada de conter seus gemidos, porque aposto que não queria acordar todo o reino. Mas eu não estava me importando se poderíamos ser pegos, acelerei ainda mais os movimentos, e por incrível que pareça, consegui ir mais fundo. Como resposta, obtive um gemido alto daquela que eu estava amando, que dessa vez não conseguiu se controlar diante das minhas investidas.

Depois de mais algumas estocadas, ela chegou ao ápice, porque senti-a apertando-se ao meu redor, desmanchando-se sob meu corpo. Continuei ainda um pouco mais atingindo também meu limite e derramando-me dentro dela.

Deixei meu corpo cair por cima do dela e encaixei meu rosto na curva do pescoço de Sherlley. Ela envolveu meu corpo com seus braços e me apertou forte, nesse momento eu estava me

sentindo o homem mais feliz do mundo. Esse momento foi como a consagração de que nós dois fomos feitos um para o outro e não tínhamos como negar esse fato ou simplesmente fugir. Sem medo do futuro, e de tudo o que deveríamos enfrentar para ficarmos juntos. No entanto, esse sentimento era muito forte e eu tinha a plena certeza de que não conseguiríamos permanecer muito tempo longe. Nos entregamos mutuamente a esse sentimento avassalador, porque eu sentia que era verdadeiro, e com toda a certeza, eu iria até o fim do mundo.

Quando retornei à Isla Vista, e comuniquei aos meus pais que eu iria me casar com Sherlley, eles disseram que eu estava louco. Não porque eu queria me casar, mas porque fazia pouco tempo que eu havia rompido o noivado com Melissa. Ela ainda continuava em meu encalço, mas eu não caía em sua lábia, eu estava agora comprometido com a minha Sherlley, ela era definitivamente a dona do meu coração.

Papai disse que se eu quisesse passar por cima de suas ordens, eu deveria deixar o castelo imediatamente, porque em suas palavras, “não criei

filho meu para me desobedecer, e não esqueça que sou seu pai, e acima de tudo, sou rei de Isla Vista. Estás sobre o meu domínio.” Mamãe não se opôs, afinal, quem poderia ir contra a palavra do rei?

Eu não queria, e não iria abaixar a cabeça, não deixaria que decidissem o meu destino. Eu não iria romper a minha promessa. Eu iria me casar com Sherlley, meus pais querendo ou não.

Eu continuava trocando cartas com a minha amada, ela contava sobre seus dias, fazíamos juras de amor e eu prometi que iria vê-la o mais breve possível. E cumpri. Fui à Spring Flowers pedir a mão da minha doce e amada princesa. Seus pais disseram que já a havia prometido ao barão Martim. O velho barão era muito conhecido na região, viúvo e estupidamente rico. Com certeza o rei e a rainha de Spring Flowers estavam querendo um aliado. E, o barão Martim, era essa pessoa.

Fui embora sendo praticamente enxotado como um qualquer. Busquei refúgio em Sunset Valley, no castelo do meu amigo, rei Frederick. Ele estava recém-casado, e sua esposa Deisy, era muito agradável, uma dama perfeita para o meu amigo. Felizmente, rei Frederick não me negou abrigo, ele era um homem bom e íntegro. Seu reino era

próspero, e as pessoas o devotavam fidelidade e lealdade.

Quando pensei que viveria em paz com minha amada, em paz parcialmente, porque teríamos que continuar nos encontrando às escondidas. Passávamos a maior parte do tempo separados, apenas nos comunicando através da escrita, mas ainda assim, com os corações quentes e cheios de amor.

Eu estava pendurado na sacada do castelo de Sherlley, correndo o risco de ser pego, mas ainda assim, eu estava ali para ver minha amada, já não suportava mais de tanta saudade. contei a ela que eu estava morando em Sunset Valley temporariamente. Eu queria que ela fosse comigo, ou então fugiríamos para qualquer outro lugar mais distante. Foi quando a terrível notícia de que uma peste havia chegado à Isla Vista, o meu reino.

Parti para o meu reino natal desesperado, temendo que algo pudesse ter ocorrido aos meus pais e aos meus entes queridos.

Meus pais estavam mortos. A doença era incrivelmente contagiosa. Uma coisa terrível. Pensei se algo tivesse me acontecido, se por uma infelicidade do destino eu tivesse contraído também

a doença. Senti-me desolado, fora de mim, e o pior, eu teria que assumir o trono. Eu era filho único. No auge dos meus vinte anos de idade eu estaria me tornando rei de Isla Vista. Uma responsabilidade tremenda sobre os meus ombros.

Eu não tive escolha, e teria que assumir o controle do reino, teria que ser forte pelo meu povo. Eu assumiria minhas responsabilidades, em nome do povo, em nome do povo bom e feliz de Isla Vista.

A única coisa que eu poderia fazer era rezar para que Sherlley aceitasse ser minha rainha, para que ela se casasse comigo e fosse minha ajudadora, minha companheira.

Fui novamente à Spring Flowers, depois da minha nomeação. Ainda assim, os pais de minha Sherlley disseram que se ela se casasse comigo, poderia se considerar órfã. Se ela saísse pelas portas de Spring Flowers, ela não iria voltar nunca mais.

Era claro que eu não iria contra a palavra do rei e da rainha que deveriam ser meus sogros. Foi difícil ver Sherlley com o rosto banhando em lágrimas de despedida. Ali eu teria que deixar o meu amor. Teria que ser forte o bastante para abrir

PERIGOSAS NACIONAIS

mão dos meus sentimentos e agir com a razão e não com o coração.

Semanas se passaram, quando recebi uma carta de minha amada, com a notícia que me fez chorar como uma criança.

Sherlley estava grávida, esperando um filho meu. Céus, eu estava radiante, disposto a entrar naquele castelo e enfrentar seus pais, tirá-la de lá e nunca mais sair do seu lado. Ela esperava um filho meu. Um filho nosso. O fruto do nosso amor. Uma criança que seria o nosso elo eterno.

Eu não iria desistir da mulher que eu amava. Não iria desistir do nosso filho.

Nunca. Jamais.

PERIGOSAS ACHERON

CINCO



*Eu poderia viver com o seu fantasma se você
disser que é o máximo que receberei
Escuridão para a luz desloca-se do dia para a
noite para ficar perto de você
E ainda aqui estou afundando como areia em
seu mar*

Send Me the Moon - Sara Bareilles

Sherlley estava de casamento marcado com o barão Martin. Fiquei sabendo porque as notícias corriam rapidamente pelos reinos. Ela enviou-me uma carta pedindo socorro, pedindo que eu fizesse alguma coisa para que ela não se casasse com aquele homem. Me vesti com uma roupa de guarda real, assim eu teria mais facilidade para me infiltrar no

castelo de Spring Flowers.

Encontrei Sherlley chorando dolorosamente em seu leito. Seus cabelos acobreados e macios como plumas estavam espalhados ao redor de seu rosto. Os cílios espessos e perfeitos, como uma pintura criada pelo melhor artista de todos os reinos do universo. Me aproximei com cuidado para não a assustar, estava linda vestida de noiva. Eu não iria permitir que outro homem ocupasse meu lugar em sua vida, não iria permitir que fosse tocada se não fosse por mim. Não iria deixar que a mulher que eu amava sofresse em um casamento infeliz com um velho aproveitador.

— Benjamin... — seus lindos olhos estavam tristonhos, tão tristes como eu nunca tinha visto antes.

— Pegue algumas roupas e pertences importantes. Venha comigo e nos casaremos em Isla Vista. Será amada pelo meu povo, todo o reino se curvará perante a mulher mais bela de todos os reinos. — disse, enquanto secava as lágrimas insistentes que caíam de seus olhos e percorriam seu rosto macio.

— Eu irei, com você irei a qualquer lugar, meu amor.

Beijei seus lábios calmamente antes de sairmos escondidos.

Um grande pensador chamado Johann Goethe, em um dia comum como qualquer outro de sua rotina disse uma singela, mas significativa frase: "É o homem mais feliz, seja ele rei ou camponês, aquele que encontra paz em seu lar."

Essa frase representava perfeitamente todos os pensamentos e teorias que rondavam minha mente naquele momento. Não havia lugar melhor que estar ali, com minha esposa proferindo juras de amor e promessas de fidelidade, cumplicidade e lealdade até o fim de nossa existência.

Por outro lado, um Provérbio Chinês afirma com veemência uma teoria que diz: "Cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para se fazer um lar."

Meu lar estava começando agora, na sacada de nosso castelo, nosso porque agora tudo o que era meu também pertencia a ela. Não somente os bens materiais, mas acima de tudo, meu coração.

Ali, na sacada de nosso castelo enquanto acenávamos para as pessoas que se empoleiravam sobre as outras para nos ver, sob aplausos e

felicitações, um sentimento inexorável dominava nossos corações. Sim, porque eu sabia que ela se sentia da mesma forma. Eu sabia que ela estava feliz, em seu ventre crescia o nosso presente de Deus.

Eu imaginava se seria uma menina tão bela quanto a mãe. Ou um garotinho tão bonito quanto. Não importava, o que realmente era importante, era que agora estávamos juntos. Casados e felizes.

Quando nossa princesa chegou, foi a maior felicidade da minha vida. Tão pequena, delicada e a pele alva, que chegava até a ser rosada. Demos-lhe o nome de Clara. Combinava com ela. Meu amigo, rei Frederick, também era pai. Seu filho, Luan, tinha acabado de completar um ano de vida. Brincamos dizendo que nossos filhos se casariam quando estivessem na idade. Sherlley e, Deisy, a esposa de Frederick, se tornaram amigas. Conversavam e trocavam experiências sobre a maternidade sempre que se encontravam.

Clara tinha os meus olhos, mas dividia opiniões entre parecida com a mãe e com o pai. Na minha opinião, ela não se parecia com ninguém. Tinha sua beleza própria e única.

— Estou tão feliz que nem consigo traduzir em

palavras. — Sherlley disse, enquanto amamentava nossa princesa.

— Eu me sinto da mesma forma, meu amor. Irei sempre proteger minhas duas princesas. — Confessei, inclinando-me para deixar um beijo casto em sua testa, em seguida, fazendo o mesmo com nossa filha.

Nada iria destruir a nossa felicidade.

Para a minha surpresa, meus sogros foram visitar minha esposa e nossa filha. Ficaram encantados quando conheceram a neta. Minha Sherlley estava feliz, e se ela estava feliz, eu estava também.

Minha esposa e minha filha eram as pessoas mais importantes da minha vida. Nossa menina cresceu tão depressa, e um dia, Frederick e sua esposa, Deisy, vieram nos visitar; selamos um acordo de que quando Luan, o filho primogênito do casal, atingisse a maioridade, se casaria com minha filha, Clara.

Sherlley e eu estávamos orgulhosos porque a nossa princesa crescia, adorava ler e se interessava desde pequena pelos assuntos de nosso reino. Ela tinha personalidade, garra, apesar de ser delicada, era forte, e com certeza futuramente seria uma

PERIGOSAS NACIONAIS

ótima rainha. Ela era o nosso talismã.

O reino de Isla Vista enfrentou grandes dificuldades, embora eu fosse justo e governasse dando o melhor de mim, houve tempos em que pensei que não seria capaz de vencer aquela batalha. Doenças, fome, guerras. Mas com minha esposa e minha filha ao meu lado, enfrentamos todas as dificuldades de cabeça erguida.

— Tudo ficará bem, papai. — Minha menina encorajou-me enquanto segurava minha mão. Sua mãozinha tão pequena e delicada, e eu jamais poderia imaginar que aquelas mesmas mãos seriam as que me ajudariam a prosseguir quando algo terrível viesse nos assolar.

Quando rompemos todos os nossos inimigos, alguns anos depois, minha rainha me concedeu a honra de ser pai mais uma vez. A chegada de Emanuely foi para brindar os nossos dias com paz e felicidade. Clara já estava com quinze anos de idade quando ganhou uma irmã. E ela era tão linda como nossa primogênita. Os fios de cabelos louros e ralinhos, os olhos azuis, e a pele tão bonita quanto a da mãe.

Elas eram os meus tesouros. Eu me sentia o homem mais feliz de todo o universo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando estávamos no auge de nossa paz e felicidade plena, no dia do cortejo, estávamos eu com minha esposa e nossa filha recém-nascida na carruagem aberta desfilando pelas ruas de nosso reino. Os guardas reais montados elegantemente em seus cavalos, em uma comitiva. Os sorrisos estampavam os rostos dos camponeses, trabalhadores de nosso povo. O mesmo sorriso estava em meus lábios e nos de minha esposa.

Assisti a cena como se não fosse algo real, como se fosse um sonho ou o pior pesadelo, como se eu não estivesse ali no chão vendo tudo aquilo com os olhos que Deus me deu. Uma bruxa que não consegui ver o rosto, porque usava uma capa preta com capuz, lançou algo em nossa direção, como um raio azul, atingindo minha esposa. Tudo foi rápido demais, estávamos na carruagem quando minha Sherlley caiu ao meu lado sem que eu tivesse tempo de segurá-la, mas ainda estava acordada. Não houveram palavras trocadas, ela tentava dizer algo, mas não conseguia, não era forte o bastante e eu estava em choque, não conseguia nem abrir a boca. As lágrimas de desespero quase me cegaram, mas eu ainda podia ver o rosto de Sherlley, o rosto de minha amada esposa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contorcendo-se de dor, implorando por um ar que não chegava mais aos seus pulmões. Ela salvou a vida da nossa pequena bebê quando a maldição foi lançada. Clara não estava lá, estava tendo aulas de piano. Graças ao bom Deus ela não estava lá. Uma multidão formou-se rapidamente em volta de nossa rainha e eu não vi o que aconteceu com a bruxa, ela não estava mais ali, não consegui identificar seu rosto. Ela desapareceu completamente. Tentaram me tirar de perto de Sherlley, mas eu não deixei que fizessem aquilo, até porque, ela usava suas últimas forças para segurar firme em um dos meus braços e tocar meu rosto com a outra mão. Eu carregava Emanuely em meus braços, e a queria ali. Quando os olhos de minha mulher se fecharam lentamente, como os de alguém que está cansado demais para lutar contra o sono, eu sabia que não se abririam mais.

Não tive forças para ir ao velório, eu estava quebrado. Despedaçado. Me sentindo o pior de todos os homens do universo, porque eu não consegui fazer nada para impedir a partida de minha esposa.

Ela...

Sherlley...

PERIGOSAS ACHERON

O grande amor de minha vida.

Meu Deus, como sentia a falta dela...

Após longos dias de luto, eu sabia que precisava seguir em frente. Pelo reino de Isla Vista, mas, principalmente, por Clara e Emanuely.

O azul forte e bonito que coloria o céu de Isla Vista parecia ter virado negro e abominável como em um passe de mágica. Aquilo nem sequer poderia ser chamado de céu, parecia mais um buraco negro que estava cada vez mais próximo, e agora estava prestes a me engolir. E para ser sincero, ser engolido por um buraco negro não parecia uma má ideia naquele momento.

Uma mulher, muito bonita por sinal, que eu nunca tinha visto antes, apareceu misteriosamente em meu castelo. Eu não saberia explicar o que aconteceu, mas me senti encantado por aquela mulher de pele morena, longos cabelos negros e olhos castanhos misteriosos. Sua presença era marcante assim como seu nome. Meredith.

Nos casamos rapidamente, nem eu mesmo entendia o porquê de ter me sentido atraído por ela. Eu tentava amar Meredith como um dia amei Sherlley, mas eu não conseguia. Eu já havia me

conformado que nunca amaria alguém como amei minha primeira esposa.

O rosto de Sherlley veio em minha mente, uma lágrima escorreu pelo meu rosto e eu estava prestes a chorar como uma criança, todavia, eu tinha que ser forte. Por mais que os anos estivessem passado, ela estava sempre presente em minha mente e em meu coração.

Para sempre.

SEIS



*Então abra os olhos e veja
O modo que os nossos horizontes se encontram
E todas as luzes vão te guiar
Pela noite comigo
E sei que essas cicatrizes irão sangrar
Mas os nossos corações acreditam
Todas essas estrelas vão nos guiar para casa*

All Of The Stars - Ed Sheeran

Um sono...
Um sono leve e
tranquilo...

Ah, como é bom fugir do mundo real e
mergulhar no mundo dos sonhos...

Dançar sobre as nuvens macias feito algodão...

Se distrair com as inúmeras espécies de pássaros

PERIGOSAS NACIONAIS

e apenas se encantar com a diversidade de borboletas multicoloridas...

Voar, voar, voar...

...até o fim do mundo.

Espera!

Algo estranho estava acontecendo...

O que poderia ser?

O ar...

O ar estava começando a me faltar!

Meus pulmões não iriam aguentar por muito tempo...

O que estava acontecendo?

A realidade!

Sim, o mundo real estava me chamando e eu não iria poder fugir.

Pânico!

— Morfeu! Não me deixe ir! — Gritei, debatendo-me nas nuvens, como se estivesse me afogando.

Eu precisava de oxigênio.

Só havia uma solução para me salvar e era a que mais temia.

A solução era deixar a Estrela Cadente.

Estive presa dentro da Estrela Cadente durante anos, longe de meu rei, de minhas filhas.

PERIGOSAS ACHERON

Céus, o que eu faria agora quando voltasse à realidade?

Meus pés desceram sob as nuvens, o brilho intenso no firmamento era visível. O portal emanava uma luz branca muito forte, seu brilho era quase insuportável de se olhar.

Meu vestido longo de tecido fluído e esvoaçante tocou o chão, causando-me uma sensação estranhamente boa.

Vi uma linda jovem de cabelos louros e olhos azuis como eu me recordava. Minha filha estava ali, minha Clara.

Eu estava de volta. Não era um sonho.

Descobri que a bruxa malvada que havia tirado-me de minha família, era a mulher que havia se casado com meu marido. No entanto, Meredith, tivera uma grande participação no meu retorno.

Aquele cristal que estava dentro do meu colar de camafeu, era um cristal mágico. O Cristal dos Desejos. Felizmente eu nunca havia feito um pedido a ele, mas se houvesse a oportunidade, eu teria desejado que nada de mal pudesse nos atingir.

O reencontro com meu rei foi emocionante, eu queria beijar cada centímetro de seu formoso rosto. Céus! Como eu havia sentido falta dele! Benjamin

continuava lindo. Tão lindo como eu me lembrava.

Minha pequena Emanuely tão perfeita, muito parecida com sua irmã. Clara estava casada com Luan, o príncipe que lhe fora prometido ainda na infância. Era visível como ambos se amavam. Estava escrito em seus olhos, e formavam um lindo casal, e o melhor, minha filha estava grávida. Eu seria avó, dava para acreditar?

Perdoei Meredith por todo mal que a mulher havia nos causado, deixando-a livre para viver seu destino sem nos importunar. Porque o perdão foi libertador. Meu coração estava livre de todo sentimento ruim que pudesse existir, porque ele estava preenchido de amor.

Benjamin e eu nos casamos novamente, e fomos pegos de surpresa quando inesperadamente fiquei grávida. Meu pequeno bebê era tão lourinho quanto suas irmãs. Nosso príncipe Arthur. Nossa família estava completa e eu sabia, que toda aquela felicidade ainda era apenas o início. O início de uma nova fase em nossas vidas, que recuperaríamos todo o tempo perdido. Que o nosso amor seria fortalecido ainda mais com o tempo.

E a certeza, de que sempre As Estrelas nos Guiarão de Volta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE A AUTORA



LÍVIA MAYER

Lívia Mayer nasceu no Rio de Janeiro em 24 de dezembro de 1988. Lívia é cristã, ama ler e escrever; essas são algumas das coisas que mais ama fazer na vida. Romântica por natureza, gosta de escrever desde a infância quando já fazia minilivros nos tempos de escola.

Estrelas Cadentes: O Cristal dos Desejos é seu terceiro livro publicado na Amazon. Respire, e, Nick: Sobrevivendo são as duas outras obras publicadas na plataforma.

No momento a autora está trabalhando no romance, No Sangue, futuramente também disponível na Amazon.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

OBRIGADA POR LER



Quero começar agradecendo muito a você por ter acompanhado até aqui esta história que eu amei escrever e espero que você também tenha gostado.

Estrelas Cadentes eu escrevi há dois anos atrás, e ela estava meio esquecida, e sempre tinha uma coisa me incomodando para que eu começasse uma revisão, a história precisava de alguns ajustes, mas eu achava que seria um trabalho enorme e eu nunca ia conseguir finalizar. E para a minha surpresa, consegui tudo rápido demais.

Tudo isso graças a você que está aí do outro lado da tela lendo isso aqui.

Meu mais sincero MUITO OBRIGADA!

Deixe uma avaliação para que eu possa saber sua opinião sobre Estrelas Cadentes, e se possível, também sobre este pequeno conto sobre rei Benjamin e rainha Sherlley. Sua opinião e sua avaliação é importante para o meu crescimento como autora. Seu comentário me deixa muito feliz. Mais uma vez, obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Deus te abençoe!

Contato:



[@autoraliviamayer](https://www.instagram.com/autoraliviamayer)

e-mail:

liviaamayer@outlook.com

Livia Mayer